1955

MAIO - N.456

U SEI TUDO



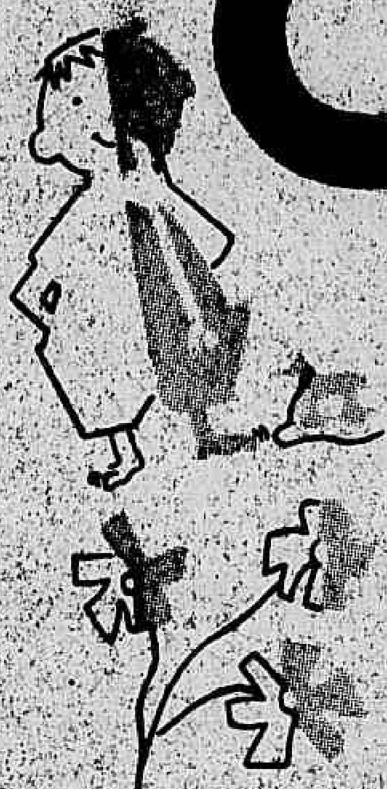
NOVO MAPA-MUNDI DAS ENFERMIDADES ★ DOENTE DO CORAÇÃO — DOENTE DA AORTA! ★ ORA, DEIXE DE FUMAR ★ PLANOS ABSURDOS DA II GUERRA MUNDIAL ★ QUASE DEVORADO PELAS FORMIGAS

7 CRUZEIROS



Dia **8** de maio

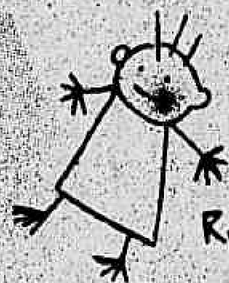
DIA DAS MÃES













Homenagem da **insinuante**

A Sapataria mais querida da Cidade • Carioca 46 - 48 — Sete de Setembro 199 - 201

QUE ACHA O LEITOR?

AQUI nos dirigimos aos nossos leitores (os velhos amigos de trinta e sete anos e os últimos que conseguimos conquistar) a fim de realizar entre os mesmos uma "enquête" para saber aquilo que mais apreciam em EU SEI TUDO, o que gostariam de ver alterado, aumentado ou simplesmente cortado, enfim pedir que nos indiquem como gostariam de ter cada mês, esta publicação. Para ajudar, vamos apontar alguns detalhes técnicos e aguardar a resposta dos nossos bons amigos, que deverá ser pelo Correio e dirigida à Redação do EU SEI TUDO (INQUÉRITO). Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

ROMANCES

O leitor prefere que continuem sendo publicados dois romances, com oito páginas cada um, ou apenas um romance, com dezesseis páginas?

Que tipo de romance prefere? De amor, aventuras, policial, fantasioso, alegre, trágico...?

De autor nacional ou estrangeiro? (Sublinhar a sua preferência).

CONTOS

Prefere que continuem sendo publicados quatro ou cinco, por edição, ou em número muito menor, porém com histórias mais desenvolvidas. (Sublinhar o que prefere).

Que genero prefere, em matéria de contos? — Amor, policial, misterioso, alegre, trágico? (Sublinhar o que prefere).

Que autores prefere? Franceses, inglêses, norte-americanos, espanhóis, italianos... ou nacionais? (Sublinhar os de sua preferência).

CIÊNCIA

No vasto campo da ciência, que mais aprecia? Astronomia, Medicina, Matemática, Geografia, Cirurgia, Viagens, Arqueologia? (Sublinhar a sua preferência).

SEÇÕES

Quais as que prefere em EU SEI TUDO?

☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....

Quais as que gostaria de ver incluídas em nossas páginas?

☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....

QUAIS OS ASSUNTOS QUE MAIS LHE AGRADARAM NO PRESENTE NÚMERO?

☐ .... ☐ .... ☐ ....
☐ .... ☐ .... ☐ ....

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino trato do GRANDE HOTEL PRATA em ÁGUAS DA PRATA.



Diária para solteiro desde .... Cr$ 190,00
Diária para casal desde .... Cr$ 350,00



Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel — telefones: 20-29-4 — Águas da Prata — Estado de São Paulo.



Água Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.



Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Cometa — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.



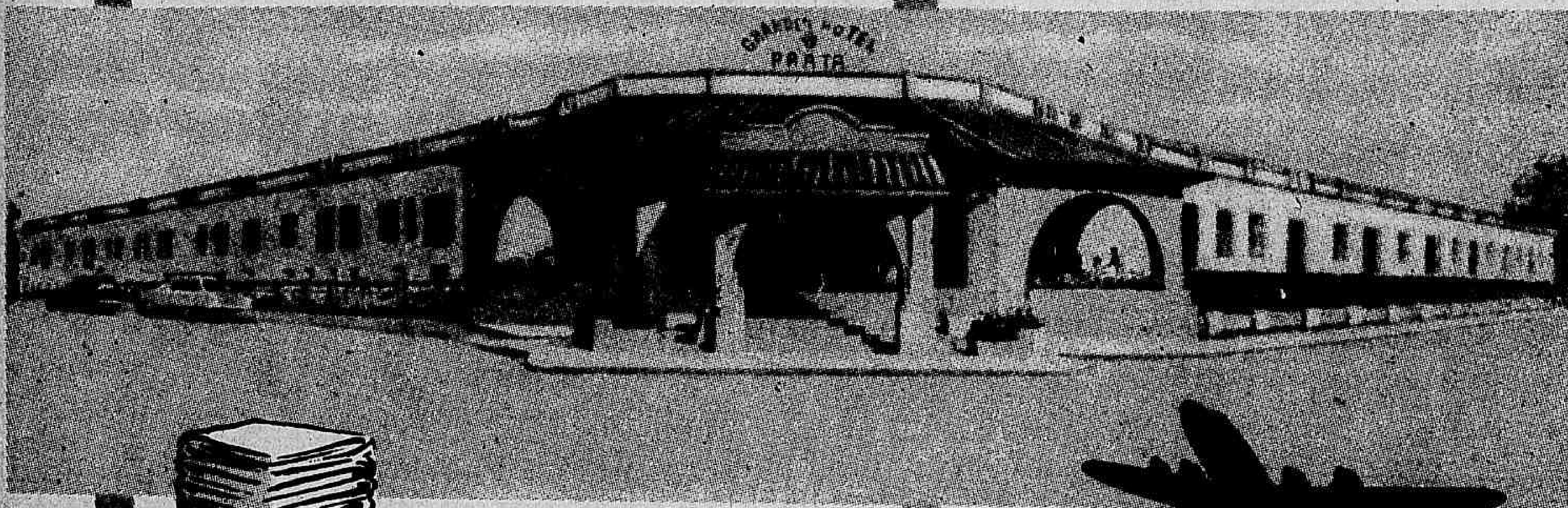
EXCELENTE BAR

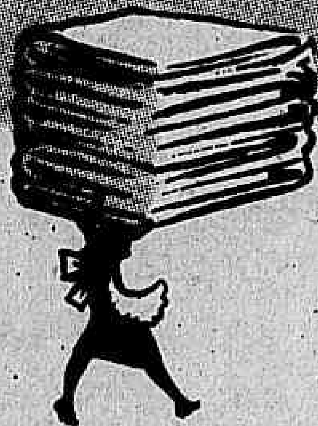


AMPLA VARANDA



SALAO DE REFEIÇÕES

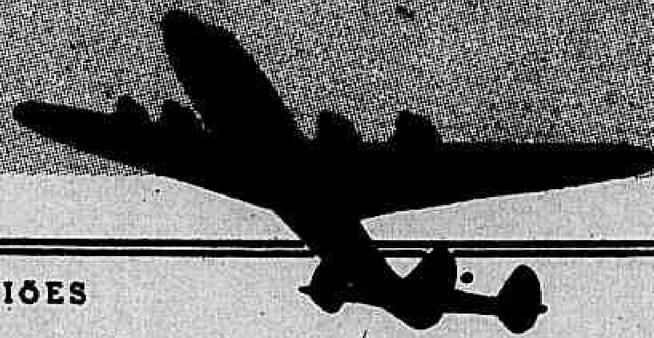




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito; redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: — L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em São Paulo: — Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 7,00. Número atrasado — Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

O MISTÉRIO DAS AVES FALADORAS



BLACKIE, O PÁSSARO-DETETIVE, AJUDA ELLERY A SOLVER UM DOS MAIS ESTRANHOS CASOS DE SUA CARREIRA.

Novela de ELLERY QUEEN ★ Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

OS amigos dos pássaros não terão a mínima dificuldade em recordar "o caso da velha sra. Andrus", que deixou um milhão de dólares para trinta e oito aves faladoras. O que, no entanto, nem mesmo os amigos das aves talvez saibam é que Ellery Queen se viu às voltas com o mesmo, empolgando-se e realizando vôos de raciocínio dos mais brilhantes nas histórias dos seus relatórios. Isto, devemos admitir, com a assistência do único pássaro-detetive de que se tem notícia.



A sra. Andrus era uma velhinha solitária que sobrevivera aos parentes e amigos de sua geração e que, por causa do velho corpo cansado e doente, estava condenada a viver numa cadeira de rodas.

Suas únicas relações com a raça humana eram o seu médico, o seu advogado e a sua dama-de-companhia. O dr. Cooke, por exemplo, era homem desprovido de todo e qualquer encanto, assim como uma banana passada. O advogado De Rose, que o médico recomendara para cuidar dos bens da sra. Andrus — já que ela não podia fazê-lo pessoalmente — era um tipo esportivo, sempre corado de sol e com uma voz tonitroante, que doía nos ouvidos da pobre sra.; a dama de companhia, miss Baggott, também apresentada pelo médico, era uma mulher de feições duras e de gentileza duvidosa, mas que a sra. Andrus tolerava

por ser devotada no cuidado para com as aves. Estas aves eram verdadeiras aves-falantes da Índia do sul — inteligentes, ariscas e divertidas; criaturas de penugem amarelo-e-negra, de asas bem desenvolvidas e vozes fortes. Algumas chegavam a conhecer um vocabulário de mais de cem palavras!

A sra. Andrus achava-as divertidas, considerando as aves um grande consôlo para a sua solidão e também companhia muito mais agradável do que a de miss Baggott.

Chamava-as "suas dependentes" e, como tal, preocupava-se com o que sucederia às aves quando ela própria desaparecesse.

Daí a atitude lógica que tomou, tratando de garantir-lhes o futuro. A sra. Andrus mandou que o advogado De Rose tomasse providências imediatas a fim de que fôssem garantidos fundos para o sustento e cuidados necessários dessas aves.

O advogado dr. De Rose e o médico dr. Cooke concordaram em administrar os bens, enquanto miss Baggott ficaria como tutora. Quando o último pássaro falante desaparecesse, o que restasse da fortuna seria doado a fins de caridade. Nesse meio tempo a sra. Andrus sacava apenas o necessário para a própria subsistência. O advogado pagava as suas contas e administrava os seus bens e quanto ao resto, com a companhia das aves faladoras, ela estava satisfeita.

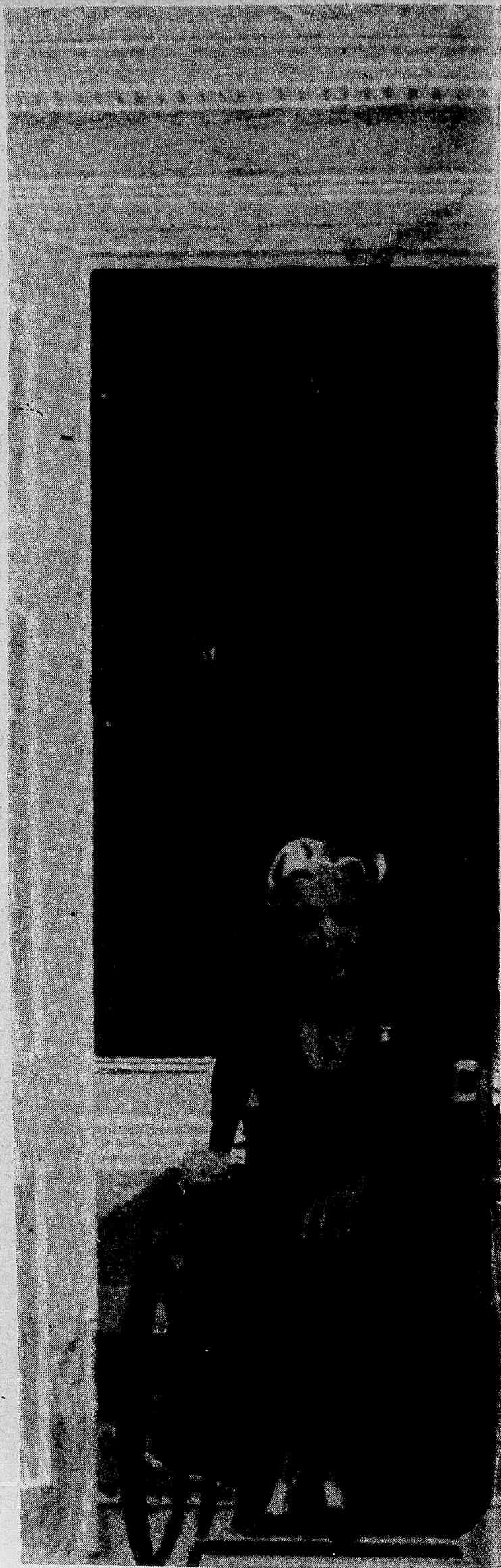
De sua cadeira de rodas, a milionária encarou os três conspiradores: — "Êsse jôgo acabou!" — disse ela.

A única falha dos seus queridos companheiros alados era para a sra. Andrus a sua incapacidade para jogar **bridge** — talvez o único outro interêsse da sua vida em declínio. Para esta diversão ela dependia do advogado De Rose, do dr. Cooke e de miss Baggott para completar o número de jogadores necessários.

Assim, nas noites em que os homens dispunham de tempo para completar o **quarteto**, a senhora impelia a cadeira de rodas até à mesa de jôgo de onde jogavam longas partidas na base de um décimo de centavo o "ponto".

Aquelas noites de **bridge** completavam as suas modestas aspirações de felicidade.

Porém, na sua última noite de vida a sra. Andrus não estava feliz. Seu rosto, em geral risonho e afável, tinha uma expressão ameaçadora quando ela apareceu na sua cadeira de





rodas na porta da sala. Miss Baggott relanceou um olhar aflito para os lados do médico e do advogado.

— Espero que nada esteja correndo mal, sra. Andrus? — falou o dr. Cooke, acenando com a mão onde segurava um charuto. — Não está sentindo aquela dor maçante esta noite, está?

— Sim; e não pode ser sério porque não há nada que uma boa partida de **bridge** não cure, não é mesmo sra. Andrus? — perguntou De Rose com sua voz forte.

— A "partida" — disse a sra. Andrus, sem sair da porta na sua cadeira — terminou!

Por trás dela, no seu quarto, trinta e oito pares de olhos sem piscar fitavam a cena com atenção.

— Ter... Terminou? — repetiu miss Baggott, levantando-se.

— "Alô, boa vida" — falou uma voz rouca vinda do quarto, por trás da senhora Andrus.

— Psiu! Cale-se, Minnie! — ordenou a velha milionária, voltando-se para a ave; depois continuou — Você pensou que eu estava dormindo na hora da sesta, hoje, miss Baggott, mas enganou-se! Ouvi tudo o que disse ao telefone para De Rose e o dr. Cooke. Já não confia nos seus "sócios", miss Baggott? Ou será que êles a estão traindo?

— Sócios? Traindo? De que se trata? — indagou De Rose, com ar de grande espanto.

— Quanto a mim, não tenho a mínima noção do que a senhora está dizendo, sra. Andrus — começou o dr. Cooke.

— Hoje ouvi o bastante para compreender por que o senhor trouxe o advogado De Rose e miss Baggott para a minha companhia. Tenho sido sistemàticamente roubada por vocês três! Tenho sido uma velha idiota! Mas agora isto acabou!...

Ficou corada de cólera e com os braços trêmulos; recuperando as fôrças depois, continuou:

— Primeiro, vocês vão devolver tudo o que roubaram... E têm dez minutos para prestar contas da minha situação financeira!

— Dez minutos? — repetiu o médico, nervoso.

— Sim; dez minutos! Depois veremos o que farei.

— "Diga Ahhhh" — falou uma vozinha rouca, enquanto a sra. Andrus, impelindo a cadeira, voltou para o seu quarto e bateu a porta.

Por alguns minutos os três continuaram sentados à mesa de jôgo, em silêncio.

Afinal, o dr. Cooke falou, com sorriso irônico:

— Muito bem, Baggott; você fêz tôda a confusão; agora conserte os nossos negócios!

— Esta agora é boa! Então, a culpa é minha? Cansei de avisar a vocês dois que não deviam ir com tanta sêde ao pote, que esperassem até ela ir desta para melhor. Agora, só temos uma coisa a fazer... Devolver o dinheiro; assim ela talvez não tome atitude violenta e irremediável contra nós! — disse miss Baggott, falando com voz assustada.

— Opinião acadêmica! — comentou o médico. — A minha parte já foi perdida nas mãos dos "book-makers", e quanto a você, De Rose, do jeito que andam as coisas, deve estar na mesma situação. Alguém tem outra sugestão a fazer?

O advogado apagou o cigarro no cinzeiro à sua frente, esmagando-o com o enorme polegar. Apesar da pele tostada de sol, notava-se que estava lívido quando disse:

— Eu tinha arranjado as coisas de modo a podermos aproveitar esta mina indefinidamente, por anos e anos. Quem reclamaria? As aves?

— Há uma "ave velha" naquele quarto que vai reclamar ao delegado mais próximo! — disse miss Baggott irritada, referindo-se à sra. Andrus.

— E... se ela **não o fizer?**

— Como assim?

— Sim; suponhamos que ela não diga nada — falou lentamente o advogado, embaralhando maquinalmente o maço de cartas. — Suponhamos que esta noite tivéssemos de parar o jôgo, de repente, porque... digamos, a sra. Andrus não estava se sentindo bem. E suponhamos também que o doutor desse a ela, para tomar, umas pílulas sedativas... e ela se retirasse para o quarto, **adormecendo calmamente, atendida por miss Baggott e que eu e o doutor Cooke nos retirássemos.**

(Continua no fim da revista)

ESTRANHOS PROJETOS DA SEGUNDA GRANDE GUERRA

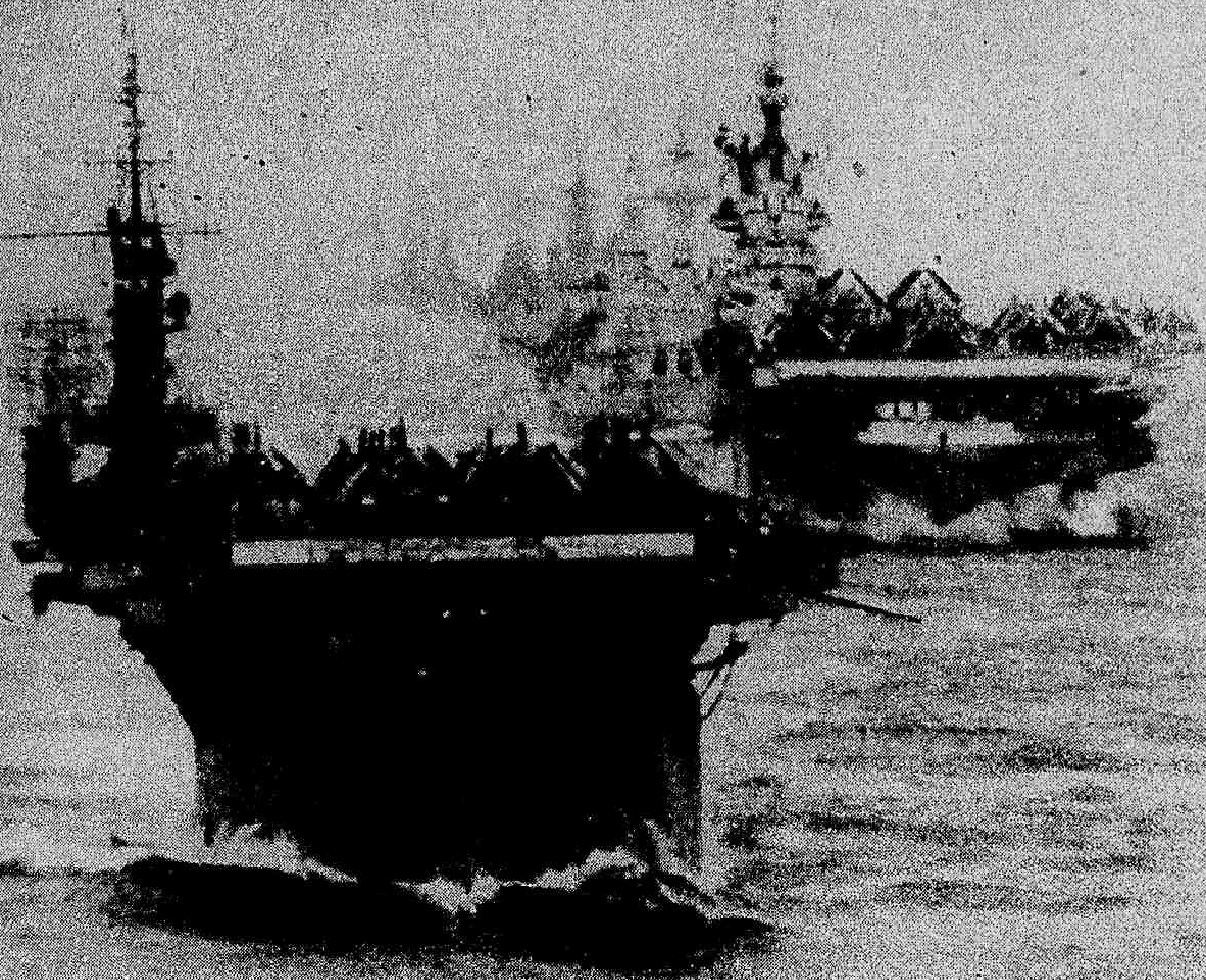
SENSACIONAIS REVELAÇÕES DE UM JORNAL LONDRINO

DURANTE a Segunda Guerra Mundial muitas invenções e pesquisas estranhas ocuparam a mente criadora dos homens. Um inventor teve a revolucionária idéia de um raio de luz que, projetado nos céus, fôsse capaz de capturar qualquer avião por êle atingido. A idéia seria posta em prática por um holofote provido de um botão automático que, uma vez comprimido, **solidificaria o raio de luz** e, destarte, abateria o avião que fôsse por êle visado!

Os meios de solidificar o raio de luz seriam, de acôrdo com o inventor, **mera questão de pesquisas** e aperfeiçoamento



O estreito canal da Mancha foi largo de mais para deter Napoleão e Hitler. No entanto, americanos, inglêses e franceses o cruzaram, quebrando a resistência nazista e invadindo a Europa.



Alguns dos porta-aviões da marinha norte-americana. Representam uma poderosa fôrça ofensiva. Mas nem sempre podem navegar em certas zonas. Também não podem atingir dimensões além de um limite determinado pela técnica, sem o que iria ao fundo. Como resolver o problema?

fàcilmente realizáveis, por quem quer que realmente se interessasse pela idéia!

Assim, foram inúmeras as outras invenções estranhas e absurdas, que surgiram ou foram propaladas durante o decorrer da Segunda Guerra Mundial.

Muitas dessas invenções foram experimentadas durante o último conflito mundial, e resultaram utilíssimas para os Aliados, enquanto que outras fracassaram.

Nenhuma, porém, foi tão bem acolhida como a que o seu autor, Geoffrey Pyke denominou de "Habakkuk"; em homenagem ao profeta que disse:

— "Realizarei em vossos dias um invento em que não acreditareis, por mais que vos seja dito e repetido."

HÁ muito que as guerras vinham sendo feitas com aço e explosivos. Só modernamente passaram a utilizar o alumínio e a eletrônica. A êstes elementos, possìvelmente, será acrescentado outro, inteiramente surpreendente, nas táticas de guerra de todos os tempos: **o gêlo**.

Sim, senhores; o gêlo!

O gêlo é abundante e não submerge. Assim, os estrategistas poderão construir com grandes massas de gêlo, verdadeiros aeroportos sôbre o mar, nos pontos que julgarem mais estratégicos, e daí poderão atacar qualquer ponto territorial visado e com a mais absoluta surprêsa do inimigo.

O aço limita o tamanho dos modernos porta-aviões a algumas dezenas de milhares de toneladas. Com o gêlo poderão impro-



Vários grupos de técnicos estudaram a possibilidade de deslocar gigantescos blocos de gêlo para que flutuassem em águas estratégicas e servissem como enormes campos de pouso para aviões.

visar "porta-aviões" de milhões e milhões de toneladas! E as fontes de gêlo são abundantes, inesgotáveis mesmo. O inimigo poderá ser tomado de surprêsa sem ter tempo para sequer esboçar a defesa.

O gêlo ganhará a guerra!

Em 1943, os cientistas e engenheiros militares, atarefadíssimos com outros tipos de armas modernas, como o radar, propulsão a jato, tanques anfíbios, etc., riram, a princípio, da idéia. Mas deixaram de rir quando Geoffrey Pyke, com o magnetismo da sua personalidade, conseguiu fazer cientistas venerandos e de renome interessados pela sua idéia. Não se tratava de uma idéia tão **maluca** como diziam e nem de um inventor que fôsse apenas um sonhador. Tratava-se de um conhecido realizador e o plano poderia ser, mesmo, revolucionário e pràtico.

Um cientista, depois de estudar a proposta demonstrou que as "ondas-funcionais" dos átomos do hidrogênio, no gêlo, trazem uma íntima relação com as que se apresentam no concreto. Portanto, cientìficamente, era possível tornar o gêlo tão resistente como o cimento armado (não nos esqueçamos de que o concreto, por si só, não é muito consistente, pois a resistência que todos lhe reconhecemos é devida mais aos reforços, às armações de aço). Outro engenheiro, se ofereceu para realizar o primeiro "Habakkuk", dado que já havia construído alguns porta-aviões.

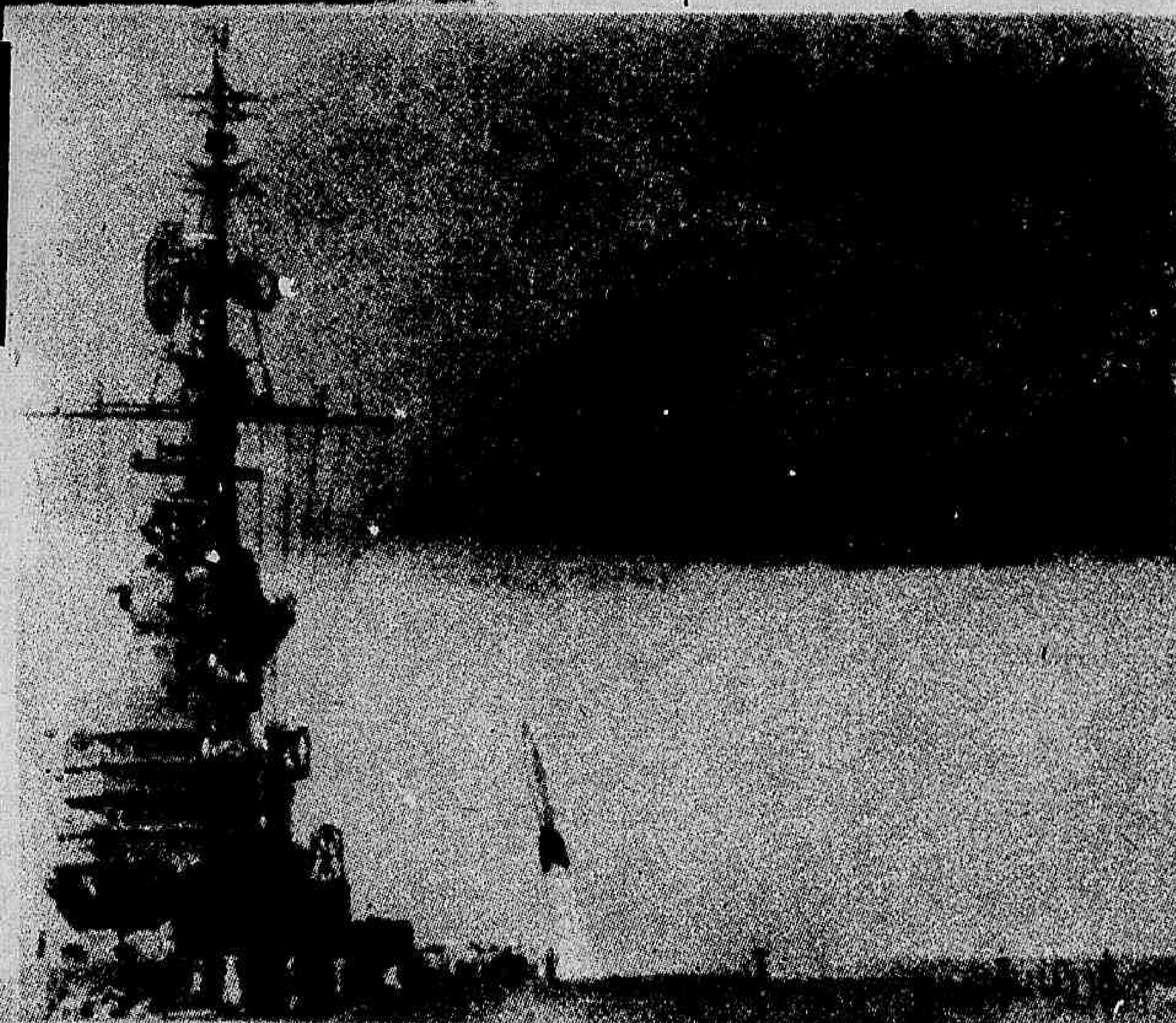


Os navios passaram a ser protegidos por ninhos de metralhadoras e canhoes de tiro rápido, "pom-pom", para conter os ataques aéreos, pois dia a dia a guerra era mais e mais dificil.

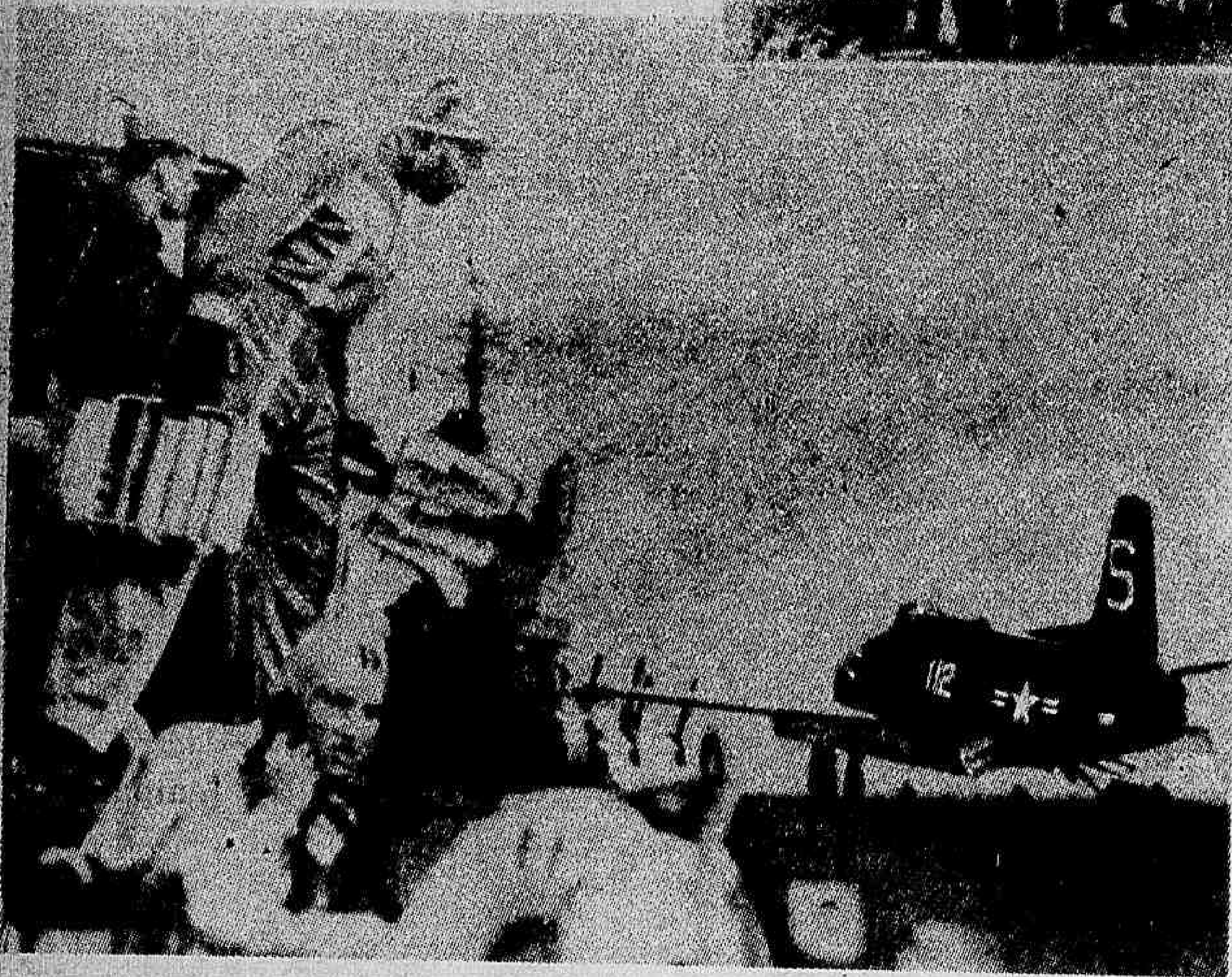
No correr da última grande guerra, os beligerantes, quase dia a dia, descobriram recursos novos de ataque e defesa, na ânsia de ganhar a guerra mais depressa. E surgiu a bomba dirigida

Geoffrey Pyke submeteu êsse candidato à apreciação de lorde Mountbatten, então chefe das "Operações Combinadas" e sob cujo comando se achava o próprio inventor. Mountbatten discutiu o assunto com os chefes de diversos comandos e finalmente decidiram passá-lo ao "Gabinete de Guerra", que o apresentou por sua vez a Winston Churchill. Churchill, que, se não é inventor, é, pelo menos, entusiasta das invenções, escreveu a êsse respeito:

— "Vamos cortar uma enorme prancha de gêlo do Pólo Ártico e arrastá-la até nossas bases. Sôbre ela alojaremos nossos aviões de combate e, depois, faremos flutuar a enorme massa de gêlo até o ponto de ataque". Os adeptos de Geoffrey Pyke estavam triunfantes. O apoio de Winston Churchill valia como uma consagração!



Nos porta-aviões melhoraram o pouso dos aparelhos, o combate aos incêndios e a defesa geral dêsses barcos que custam caro...



Mas, como tôda idéia nova é combatida, os que criticavam o "Habakkuk" começaram a apresentar os mais impertinentes argumentos. Por exemplo: **o gêlo derrete!** Assim, num clima quente, êle se

disolveria! A isso responderam os adeptos do inventor anunciando que estavam desenvolvendo um sistema de refrigeração interna e refôrço por meio de tubulações, compressões, etc.

Parece, entretanto, que outro argumento dos que combatiam o invento está sem resposta até hoje: **o de que o gêlo também se evapora!**

O fato é que os adeptos de Geoffrey Pyke se dispersaram e tudo indica que hajam abandonado a idéia do "Habakkuk", um dos muitos outros espantosos planos da Segunda Grande Guerra e que, aparentemente, não vingou.

Mas quem sabe se não ressurgirá como arma de guerra decisiva num nôvo conflito mundial?

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

UMA das tortas mais comuns nos Estados Unidos é a do tipo denominado "Chiffon pio", nome aliás bem sugestivo, pois indica a delicadeza do doce.

Tôdas as tortas de "chiffon" têm duas coisas em comum: a receita sempre leva gelatina e o recheio, que é colocado numa capa já assada, é sempre esfriado num refrigerador elétrico.

Graças ao Instituto de Economia Doméstica G.E. posso hoje oferecer às minhas leitoras duas receitas de tortas "chiffon", a primeira de chocolate e a outra de laranja.

TORTA "CHIFFON" DE CHOCOLATE

1 colher de gelatina sem sabor; ¾ de xícara de água; 57 gramas de chocolate; 3 ovos; 1 xícara de açúcar; ¼ de colhorinha de sal; 1 colherinha de essência de baunilha; 1 capa de empada de cêrca de 23 centímetros de diâmetro; ½ xícara de creme.

Coloca-se a gelatina em ¼ de xícara de água, durante cinco minutos. Misture-se meia xícara de água com o chocolate, numa caçarola de um litro. Cozinha-se a fogo brando, mexendo constantemente até que o chocolate se tenha derretido e adquira uma consistência espêssa e uniforme. Baixa-se o fogo e ajunta-se a gelatina, mexendo-se até dissolver.

Separa-se a gema da clara dos ovos. As gemas devem ser batidas ligeiramente e misturadas com ½ xícara de açúcar, sal e baunilha, ajuntando-se essa mistura ao chocolate e mexendo-se bem. Deixa-se esfriar, até que adquira consistência espêssa.

As claras devem ser colocadas num recipiente de tamanho médio e batidas até que fiquem brilhantes e duras, mas não sêcas. Mistura-se com as claras a outra meia xícara de açúcar, uma colher de cada vez, enquanto se bate a mistura. Em seguida, mistura-se com a massa de chocolate.

Coloca-se o recheio na capa de empada e deixa-se esfriar no refrigerador, até endurecer. Pouco antes de servir-se, cobre-se com creme batido.

TORTA "CHIFFON" DE LARANJA

¼ de xícara de água fria; 1 colher de gelatina (sem sabor); 4 ovos; 1 xícara de açúcar; ½ colherinha de sal; ½ xícara de caldo de laranja; 1 colherinha de caldo de limão; 1 colherinha de casca de laranja picada; 1 capa de pastel de cêrca de 23 centímetros de diâmetro; ½ xícara de creme.

Coloca-se a gelatina na água fria, mexe-se ligeiramente e deixa-se de lado. Ponha-se a gema dos ovos num recipiente pequeno, batendo-se até que se torne amarelo-claro. Ajunta-se ½ xícara de açúcar e sal e mistura-se bem. Ajunta-se o caldo da laranja e o caldo do limão, gradativamente, e mistura-se.

Coloca-se a mistura numa caçarola de um litro, levando-se a fogo médio, mexendo-se constantemente, até que comece a engrossar (cêrca de dois minutos). Baixa-se o fogo e continue mexendo constantemente, até que a mistura tome a consistência de uma torta de nata (cêrca de 4 minutos). Junta-se a gema à casca de laranja assim como a gelatina e mexa-se, até que a gelatina se dissolva. Esfrie-se no refrigerador, até que a massa fique bem espêssa, mas não dura. Coloca-se a clara de ôvo num recipiente de tamanho médio, batendo-se até que fique dura, mas não sêca. Junta-se a meia xícara de açúcar, uma colher de cada vez, enquanto se bate, até que a clara fique bem dura. Junta-se a mistura da gema, batendo-se até que fique bem misturado.

Coloca-se o recheio na capa de empada e deixa-se esfriar no refrigerador, até ficar bem firme. Pouco antes de servir-se, cobre-se com creme batido.



MA

NOVELA..DE

H. BEIM

AS velas, com sua luz hesitante, iluminavam suavemente os quatro rostos que rodeavam a mesa.

"— Que grupo de família mais encantador — disse Janice, para si mesma, amargamente. Depois fitou o homem sentado à sua frente, simpático, elegante e aparentando 28 anos, sentindo vontade de dizer-lhe: "Oh, querido! Não pode imaginar como são as coisas. Estamos representando uma espécie de comédia... para você. E o fazemos porque você vai pedir que eu me case com você... E nem pode imaginar a vontade que tenho de sair quanto antes desta casa!"

Janice nunca esqueceria os momentos passados ao lado do pai. Pescavam, almoçavam em restaurantes, sempre juntos. Um dia, porém, apareceu Phyllis em sua vida.

Phyllis disse qualquer coisa nesse justo instante; alguma coisa que interrompeu o fio dos pensamentos de Janice. Ao ouvir a voz de sua madrasta, Janice lhe dirigiu um olhar carregado de ódio. Phyllis, a madrasta, era uma mulher ainda moça, bonita; mais que bonita: formosa. Estava sentada junto de Janice. Momentos depois, a jovem tratou de dominar suas emoções. Esta era a primeira visita de Andy à sua casa. Entretanto, ela não havia falado ao rapaz dos ódios que

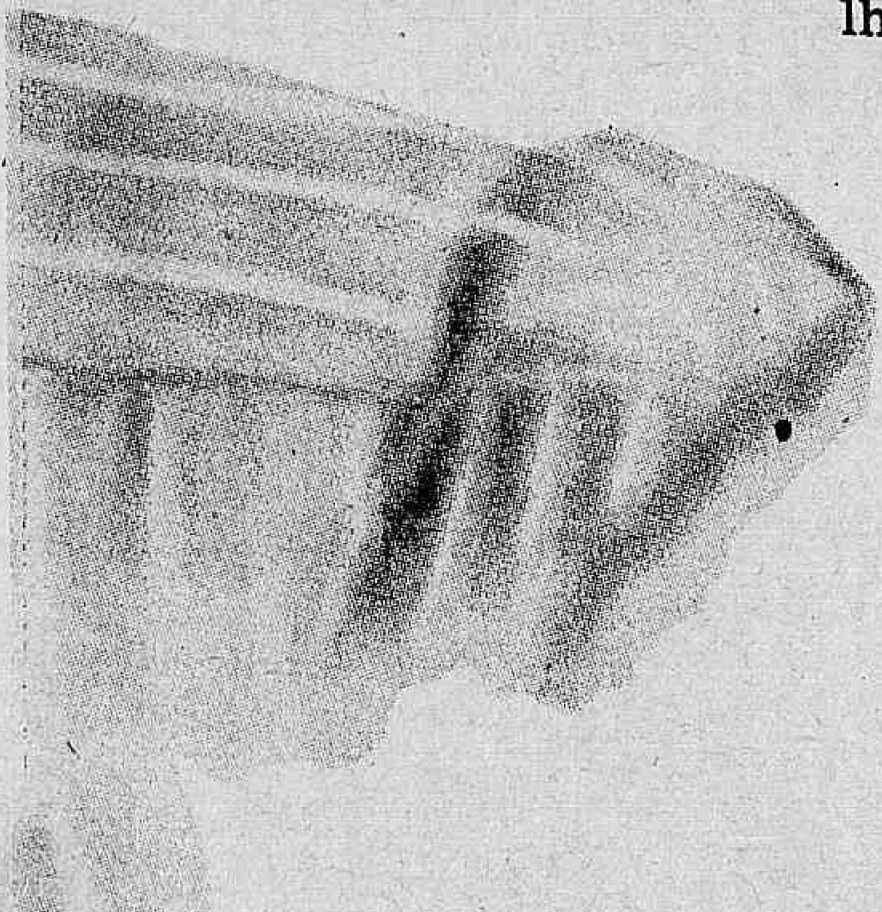
DRASTA



reinavam no seio da família. Porém, tão logo pudesse estar a sós com êle, contaria tudo. Então, Andy compreenderia quanto ela havia sofrido; saberia porque era tão importante ela sair quanto antes da casa de seu pai.

— Se vocês pretendem ir ao cinema, meninos — disse mansamente e risonho o pai de Janice — ... não se prendam por nossa causa. Vão de uma vez, porque assim não regressarão tarde.

Pai adorado! Tão bom, tão compreensivo e, no entanto, tão cego! — Vamos indo, Andy? — sugeriu ela, pondo-se de pé. — Vou preparar-me e desço logo! — Janice correu para seu quarto, satisfeita de poder afastar-se dali, onde estava com os nervos em tensão. Talvez Andy nada tivesse notado, porém tôda a cena, para ela, tinha sido uma prolongada agonia. Ao sentar-se diante do espelho de seu toucador, os olhos de Janice se tornaram mais brilhantes. Não lhe parecia possível que fizesse tão pouco tempo que conhecia Andy Peters. E mais impossível lhe parecia ter gostado tanto dêle à primeira vista.



No exato instante em que o viu, moço, alto e elegante, de sorriso simpático e olhar em cujos olhos escuros parecia haver uma sombra de tragédia, o coração de Janice havia batido desordenadamente, dizendo-lhe que êsse era o homem por que estivera esperando desde menina, desde que lêra aquêle conto infantil em que se falava de uma princesinha prisioneira de uma madrasta cruel e que, finalmente, era salva por um príncipe encantado...

Talvez Andy apenas sorrisse, quando ela lhe contasse tudo; no entanto, era importante que seu futuro espôso soubesse como ela mesma odiava a Phyllis, sua madrasta. Ainda recordava a primeira vez em que se encontrara com Phyllis. Tinha, então, sete anos de idade. As fotografias dêsse tempo a mostravam como uma menina encantadora, de longos cachos dourados e uma expressão solene no rosto.. Em sua infância, realmente, tinha sido feliz. Ela e seu pai tinham continuado vivendo na casa grande, depois da morte de sua mãe. A velha e fiel sra. Reynolds, a governanta, havia cuidado dos dois, dela e do pai, assim como da casa.

Janice nunca esqueceria os momentos passados ao lado do pai. Saíam para nadar juntos, passear de iate... sempre juntos. Às vêzes, o pai lia para ela os contos de um formoso livro, junto da lareira, antes de que ela subisse, para dormir. O pai lhe ensinara a jogar base-ball como qualquer menino e quase sempre a levava a New York, para comprar-lhe roupas novas. Ah! Essas viagens a New York! Terminadas as compras iam almoçar num restaurante, experiência excitante para uma garôta da sua idade. E depois iam ao famoso "Hippodrome".

Depois, o pai tinha feito aquela viagem de negócios a Chicago, de onde lhe enviou o seguinte telegrama: "Inesperado prolongamento permanência aqui. Tenho surprêsa para você. Chego têrça tarde."

Quando regressou... Phyllis vinha com êle. Janice ainda sentia um intenso frio no coração ao recordar aquêle primeiro momento de encontro com sua madrasta. Jamais poderia esquecer a formosa mulher, dizendo com voz lindamente modulada: — "Então... É essa a sua filhinha... nossa filhinha? Não tardaremos a ser boas amigas, não é mesmo, queridinha? Tem que chamar-me de "mamãe", sim?

O perfume de gardênias, usado por Phyllis naquela oportunidade quase a sufocara, quando a envolveu em seus braços... Oh! Como odiava aquêle dia!

Lembrou-se também dos presentes dados por Phyllis; os brinquedos tolos e os livros que, para ela, eram muito infantis. Aceitou tudo, agradecendo de uma maneira fria, inexpressiva.

E nunca chamou a intrusa de "mamãe".

— A pobrezinha só pode ter uma única mãe — disse um dia a formosa mulher. — Compreendo que não queira chamar-me assim. Por isso, deixaremos que me chame, simplesmente, "Tia Phyllis".

Phyllis não gostou da maneira como a casa estava mobilada e decorada.

— Roy, querido! Vamos dar a esta casa grande um ar mais alegre!

E assim, tudo: móveis, cortinas, tapêtes, tudo foi mudado ao gôsto dela. E desde então a casa grande deixou de ser o lar para Janice.

Quanto às viagens a New York, deixaram de ter o velho encanto. Agora, sempre havia Phyllis, a terceira pessoa, a **invasora...**

No inverno seguinte, Janice foi enviada para um colégio, como interna e lá ficou.

— Janice é uma menina reservada — disse Phyllis, um dia. — Há de lucrar muito se viver um certo tempo com outras meninas.

E a partir de então Janice compreendeu que era ela — e não Phyllis — a intrusa.

Durante todos os anos que se seguiram, no colégio, nos acampamentos de verão, com as coleguinhas, durante as férias e, mais tarde, de volta ao colégio, planejou mil maneiras diferentes de poder separar-se de sua família — porque com sua família estava Phyllis.

Uma vez ocorreu-lhe fazer-se enfermeira da Cruz Vermelha, pensando que quando morresse, em algum campo de batalha, todos se arrependeriam pela maneira como a haviam tratado.

Isso foi nos tempos da escola primária. Depois, no curso secundário, pensou converter-se em uma espécie de magnata dos negócios; viveria só e teria um luxuoso apartamento. No dia em que se celebrava a colação de grau, com o término dos estudos, um rapaz chamado Teddy Walsh propôs que se casasse com êle. Porém ela não aceitou. Ainda estava presente em sua mente as palavras do livro de contos... "Um dia surgiu um formoso príncipe..." E Teddy não era, para ela, o príncipe encantador... Êsse verão, Phyllis tratou de aproximar-se dela de uma maneira inteligente: pediu-lhe que a ajudasse nos trabalhos de casa. Porém Janice recusou e aproveitou a oportunidade para descarregar parte do ódio acumulado em seu coração, dizendo:

— Sei que a senhora me odeia. Por isso vou tratar de sair desta casa o mais depressa que puder.

E Phyllis exclamou:

— Oh, Janice! É possível que eu tenha fracassado tão completamente com você?

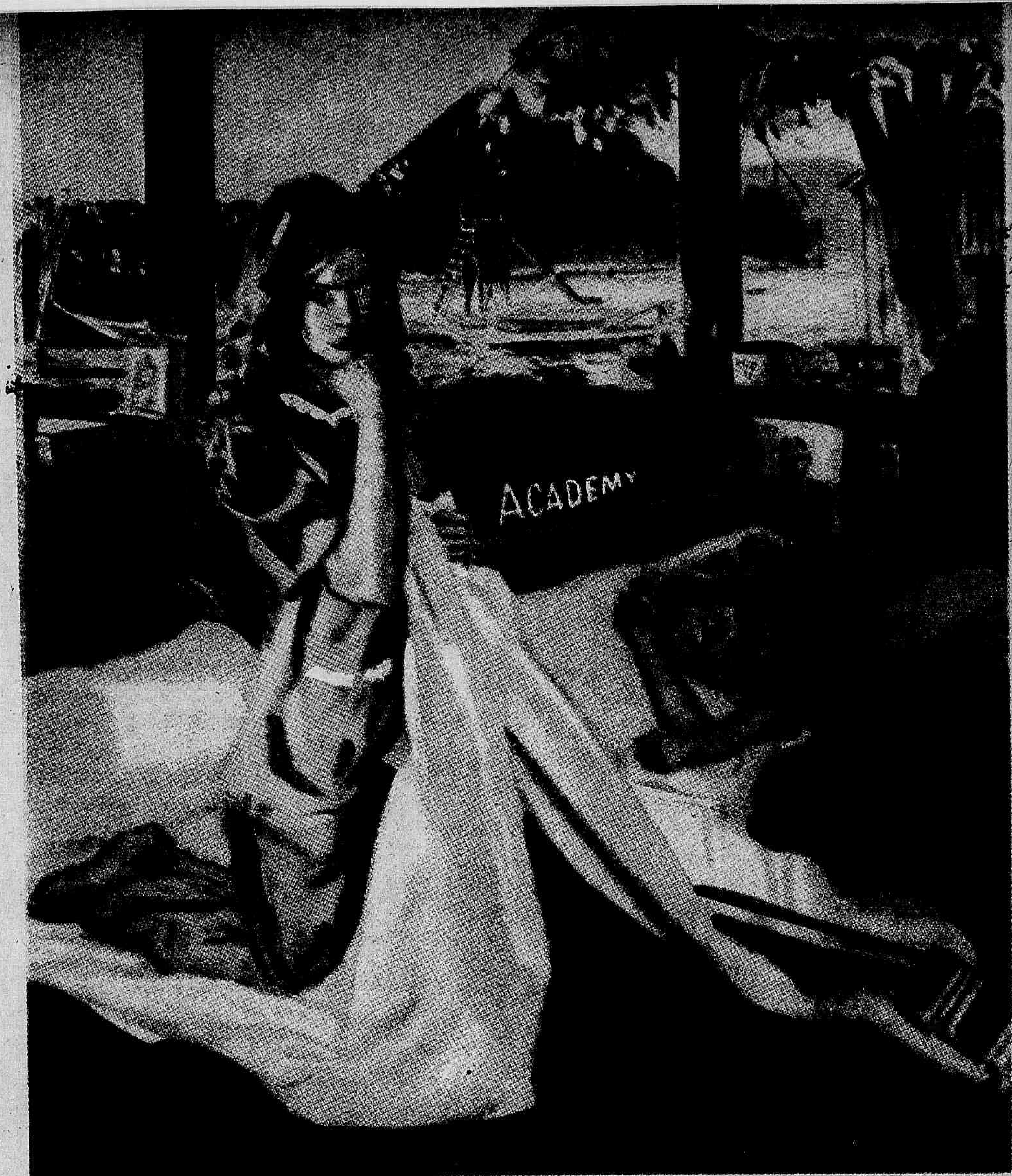
Se Phyllis não tivesse dito estas palavras em tom tão melodramático, é possível que Janice tivesse acreditado. Ao contrário, pensou que era hábito dela mudar o sentido das coisas, fazendo como se ela própria fôsse a vítima.

Mas de que valia mexer nas velhas cinzas? Além do mais, agora havia Andy. Andy a quem amava e que ia arrancá-la, finalmente, daquela casa. Tinha a certeza de que êle a amava. E estava mais do que segura de que saberia compreendê-la, quando ela lhe contasse tudo.

Quando Janice desceu, já Andy estava esperando, de pé, no "hall". Seu olhar se levantou para contemplá-la admirativamente e Phyllis, parada junto da porta de entrada, com um braço apoiado no ombro de Roy, disse:

— Espero que você não traga a nossa Janice muito tarde, Andy...?

Janice estêve para dizer: "Não procure representar o papel de mãe solícita... Não fica bem... em você! Além do mais, dentro de poucos minutos êle saberá exatamente o que eu sinto e penso a respeito de **minha madrasta**."



Porém o mais importante era sair dali, quanto antes.

Fora estava nevando e Andy propôs:

— Realmente... você quer mesmo ir a um cinema, Janice? Eu preferia que nos sentássemos para conversar, em algum lugar...

— Oh! Eu também prefiro, Andy! — exclamou ela. — Tenho tantas coisas para dizer...

— Eu também tenho — disse êle, com um leve sorriso, logo esmagado por um ar de amargura e timidez. E logo acrescentou:

Nos anos que se seguiram, no colégio e nos acampamentos, com as colegas, planejou mil maneiras diferentes de poder separar-se de sua família, porque com sua família vivia Phyllis...

— Por que não vamos até minha casa? Tenho lá uma governanta, que poderá fazer um cafèzinho para nós... É perto daqui... Além disso, gostaria que visse uma coisa...

— Os seus últimos desenhos? — disse ela, sorrindo, enquanto chamavam um táxi.

Os olhos de Andy buscaram os dela, enquanto se acomodavam no assento do táxi; depois êle tornou a falar:

— Não; trata-se de outra coisa... Uma coisa que você não pode imaginar.

Fitaram-se em silêncio. Depois êle a tomou ternamente em seus braços, beijando-a no rosto.

O táxi parou diante de um edifício muito alto. Andy a conduziu ao interior, onde subiram, no elevador, até ao andar onde estava situado o apartamento.

— Eu queria que você viesse aqui, antes de marcarmos a data do nosso casamento — disse Andy, apertando um comutador e iluminando o salão.

Janice olhou em redor, admirando o bom-gôsto e o luxo do mobiliário.

Sentaram-se. E Andy, com voz velada por uma estranha emoção, continuou:



— Quero que você saiba, Janice, que aqui viveu, em outro tempo, uma mulher. Fomos muito felizes, ela e eu. Porém, essa felicidade nada tem que ver com a que nos espera, agora, a você e a mim... Quero dizer, querida, que fui casado. Minha mulher faleceu há dois anos. Fiquei quase louco, sentindo-me tremendamente desgraçado com a morte dela, e acreditei que jamais poderia tornar a ser feliz... até que encontrei você. E pensei que se realmente havia alguém capaz de nos fazer felizes, a Suzana e a mim, era você, só você!

— Suzana?

Andy, aprisionando uma das mãos de Janice, obrigou-a a levantar-se, a atravessar o salão e, finalmente, abriu uma porta:

— Suzana é minha filhinha. Você gostará dela, Janice, se me ama realmente... porque todos dizem que Suzana é como eu...

Com estas palavras, Andy acendeu um pequeno **abat-jour**, que projetava uma luz muito fraca.

Janice viu uma menina adormecida, num pequenino leito branco; uma menina gorduchinha, loura, parecida com Andy.

— Eu não pude falar a respeito disso, antes, Janice — prosseguiu Andy. — Queria, primeiro, ter certeza de que nos amávamos de fato. Vim a saber que você era... que tinha uma madrasta... e então me decidi, sabendo que você, mais que outra qualquer, ia compreender, dado que já havia tido essa experiência.

Andy estava olhando para sua filhinha. Em seus olhos brilhava uma luz que Janice nunca vira nêles.

Após uma longa pausa, Andy acrescentou, com fervor:

— Tenho a certeza de que Suzana vai gostar muito de você, Janice. Tenho absoluta certeza disso. E até vai chamar você de "mamãe"...

Aqui parou, vendo que os olhos de Janice estavam cheios de lágrimas. Alarmado, exclamou:

— Janice! Você está chorando, querida! Chorando!

Sim. Em seus olhos havia lágrimas. Porém, desta vez, não eram lágrimas para ela própria. Eram, em parte, por essa criaturinha a quem ela ia tratar com tôdas as suas fôrças, para que fôsse inteiramente feliz. Porém, mais que tudo, eram para outra pessoa. Para uma pessoa a quem odiara injustamente; uma pessoa cuja existência havia amargurado sem motivo; que lhe havia aberto os braços e oferecido o coração, que ela jamais quis aceitar...

E seu coração, pesado de arrependimento, clamava perdão:

— Oh, Phyllis, Phyllis!...



UMA QUE NÃO ESQUECE

AUDREY Hepburn, em sua viagem de retôrno da Holanda, depois de visitar a Grécia, recusou fazer escala em Munich, onde seus admiradores lhe haviam preparado especial recepção.

Jurei jamais pisar terra da Alemanha! — explicou.

Isto porque, filha de mãe holandesa, Audrey suportou durante quatro anos a ocupação nazista.



DWIGHT D. Eisenhower, que aprendeu a voar em 1939, é o primeiro presidente dos EE.UU. a possuir uma licença para dirigir avião.



CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS



O NOVO MAPA-MUNDI DAS ENFERMIDADES

UMA ENFERMIDADE MISTERIOSA — Uma das enfermidades mais misteriosas, conhecidas pela ciência médica é a esclerose múltipla. A pessoa vítima (típica) dessa mortal enfermidade pode amanhecer, qualquer dia, com um pé entumecido, sentindo o formigamento de uma cãibra. Tal sensação pode durar uns dias ou algumas semanas. Depois desaparece completamente.

Sem que a vítima o saiba, as fibras isoladoras, que rodeiam os nervos foram atacadas — possìvelmente por um vírus desconhecido — e quando essa sensação de entumecimento volta a aparecer, provàvelmente invalidará a pessoa no uso de sua perna... **para sempre**.

A enfermidade progride lentamente, algumas vêzes durante um período de trinta anos. Os nervos que controlam o uso dos braços, das pernas, dos dedos, da língua, se deterioram gradualmente. Entre um e outro ataque, o paciente se surpreende pelas inexplicáveis melhorias que se observam durante o mal. Estas melhorias são seguidas um pouco mais tarde por outro agravamento.

Muitos medicamentos foram experimentados com a intenção de conter a enfermidade, antes de que siga seu curso até à paralisação total. Os cientistas estudaram todos os ensaios químicos, procurando averiguar as causas da esclerose múltipla. Porém, o mal continua sendo desconhecido.



Sir Alexander Fleming, cuja morte, em março último, o mundo inteiro lamentou, porque ao grande cientista inglês deve a humanidade os maravilhosos benefícios da penicilina.

Recentemente, algo sucedeu por casualidade trazendo aos médicos novas esperanças de que seja possível encontrar a cura para essa enfermidade.

A um enfêrmo de esclerose-múltipla (que além do mais — sofria de chagas, produzidas por sua longa permanência no leito) foi administrada a droga **isoniazida**, com a esperança de que melhorassem as chagas. A **isoniazida**, embora empregada principalmente como agente antituberculoso, provou ser de bom efeito contra males parecidos.

No entanto, para surprêsa dos médicos, os efeitos mais notáveis da isoniazida não foram melhorando as chagas do enfêrmo, mas relativamente aos sintomas da esclerose múltipla!

De fato, o paciente começou a falar com maior clareza. Evidentemente, os nervos que controlavam a língua e os lábios, antes de paralisados pela esclerose múltipla, ficaram parcialmente restabelecidos. Os médicos obtiveram maior quantidade de

O CORPO HUMANO COMO TEMA — UMA ENFERMIDADE MISTERIOSA — MAIS VALE EVITAR QUE CURAR — AS GRANDES ALTERAÇÕES NO MAPA-MUNDI DAS ENFERMIDADES.

que possam afirmar que a **isoniazida**, **na realidade, ajuda nestes males.**

A esclerose múltipla é tão imprevista que centenas de casos devem ser tratados e muitos anos transcorrerão antes de que os benefícios desta droga possam ser comprovados.

Enquanto isso, nos laboratórios farmacêuticos, os cientistas trabalham, criando novos compostos (embora já existam muitos) similares à **isoniazida** e que possam ser eficazes contra êste mal que lesiona os nervos. E' como os cientistas já conhecem muita coisa a respeito da **isoniazida**, isto os ajudará a encontrar uma pista segura até descobrir a causa da esclerose múltipla. Quando tal suceder, as vítimas desta misteriosa enfermidade terão motivos para esperar que **um dia** — não distante — possam ser curados completamente de tão terrível enfermidade.



droga e começaram a administrá-la diàriamente a trinta dos pacientes de esclerose mais afetados pela enfermidade. Dêsses trinta pacientes, três não foram aliviados, porém os vinte e sete restantes melhoraram de maneira notável. Alguns puderam levantar-se e caminhar novamente, com a ajuda de uma bengala. Outros puderam falar inteligìvelmente pela primeira vez, desde muitos meses. Os que se achavam na primeira fase da enfermidade alcançaram uma normalidade quase completa!

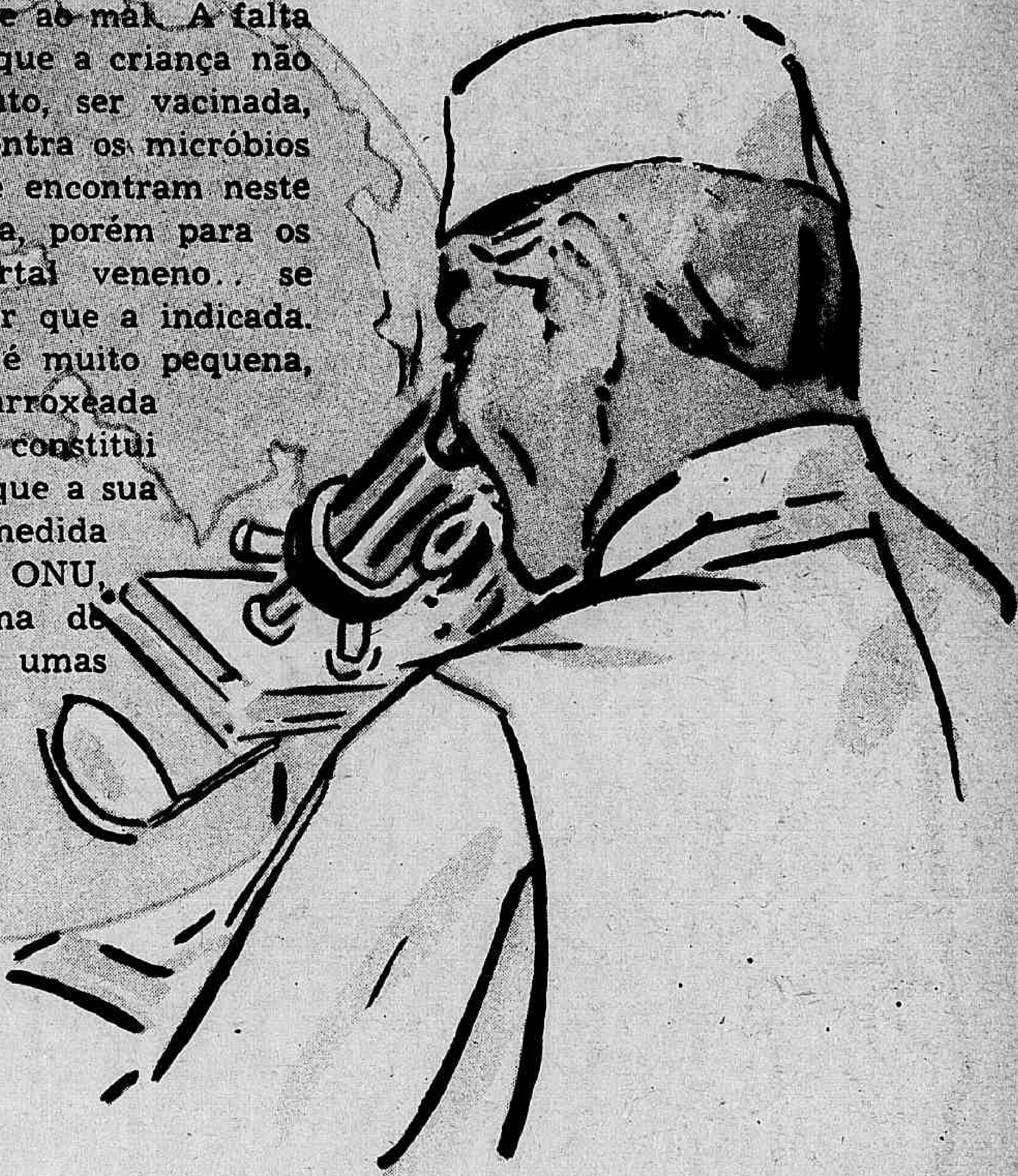
Mesmo assim, os médicos se mostraram céticos, pois em ocasiões anteriores haviam sofrido desenganos. Começaram a suprimir a droga a alguns pacientes, observando de imediato que os infelizes pioravam. Quando, porém, voltavam a administrar a **isoniazida** os mesmos melhoravam sensìvelmente. Apesar de tudo, os médicos sabem que passarão muitos anos antes de

MAIS VALE EVITAR QUE CURAR — A medida inicial para proteger noventa milhões de crianças (mais que as populações combinadas do Brasil, Argentina, Chile e Equador) contra os ataques da tuberculose foi completada pelas dependências da ONU. E isto pôde ser conseguido com menos de xícara e meia (trezentas e vinte e seis gramas) de uma substância chamada PPD, empregada para descobrir a enfermidade.

A PPD é um derivado proteínico purificado em forma de pó côr de creme e que, apesar de seu aspecto inofensivo, pode ser tremendamente mortífero. Sendo mal empregado, apenas uma "pitadinha" pode matar um milhar de crianças! No entanto, dissolvido de forma adequada, essa mesma pitadinha de PPD é suficiente para efetuar em dois milhões de crianças uma prova reveladora da tuberculose.

Esta substância, verdadeira "chave de vida ou morte", não cura a tuberculose, mas seu emprêgo representa o primeiro passo para a prevenção da mortal enfermidade. A prova, chamada comumente **da tuberculina,** consiste em injetar uma quan-

tidade pequeníssima de PPD justamente sob a pele. Se há reação, isto indica que a criança estêve atacada pela tuberculose e desenvolveu, por si mesma, a necessária imunidade ao mal. A falta de reação, ao contrário, denota que a criança não está imune e que deve, portanto, ser vacinada, a fim de ter melhor proteção contra os micróbios da enfermidade. Para os que se encontram neste último caso, a PPD é inofensiva, porém para os imunes pode resultar um mortal veneno.. se empregada em quantidade maior que a indicada. Esta última, como já dissemos, é muito pequena, e apenas causa uma mancha arroxeada na pele. A preparação de PPD constitui um processo tão longo e difícil que a sua produção mundial pode ser medida por colherinha. Aos grupos da ONU, que levam a cabo o programa de contrôle da tuberculose, restam umas vinte e oito gramas de PPD, e agora trabalham para preparar apenas o conteúdo de uma xícara comum!



Pode ser que isso não pareça muito, porém os cientistas da ONU esperam que seja suficiente "para encurtar de dez anos o prazo que há de mediar entre a incidência atual da tuberculose e a derrota final da enfermidade".

A PPD é preparada à base do próprio micróbio da tuberculose, sendo uma das várias substâncias desenvolvidas desde que a idéia de utilizar êsse germe tuberculoso para combater a citada enfermidade foi proposta há mais de sessenta anos. A técnica atual para descobrir a presença ou ausência do mal mediante PPD e vacinar os imunes foi desenvolvida na Escandinávia durante a década de 1920.

Em 1945, quando a tuberculose ameaçou as zonas da Europa devastadas pela guerra, a Cruz Vermelha Escandinava praticou provas e vacinas em milhões de crianças. Desde então, o "Fundo Internacional de Socorro à Infância" e a "Organização Mundial da Saúde" se encarregaram de continuar a luta.

Embora o grupo escandinavo tenha demonstrado que é possível proteger as crianças de nações inteiras, as autoridades das Nações Unidas sabiam que a tuberculose constituía, como de fato constitui, um problema mundial e, em conseqüência, fixaram como meta imediata a proteção universal. E, sòmente em 1954, os médicos fizeram essa prova em cêrca de trinta e um milhões de crianças, na Ásia!

Tais campanhas, na opinião do doutor Johannes Holm, chefe da Seção de Tuberculose da "Organização Mundial da Saúde", puderam reduzir grandemente os casos de tuberculose, doença que hoje acaba com uma vida cada sete segundos, a um número não superior que os de varíola ou peste, males que em um tempo foram muito mais ameaçadores que é hoje a primeira.

As autoridades do "Fundo Internacional de Socorro à Infância" desembolsaram, até à presente data, quase sete milhões de dólares em sua guerra contra a tuberculose. Por sua parte, os países ajudados pelos grupos antituberculosos das Nações Unidas contribuíram com pessoal e materiais à sua disposição. Tôda vez que alguém adoece de tuberculose, os médicos dispõem



de medicamentos modernos para combater o mal, porém o caminho para a cura é longo e difícil. Desta maneira, bem podemos dar graças à PPD, que contribui para prevenir o mal, dado que, modificando o conhecido ditado, diremos que, neste caso, mais vale evitar que curar...

AS GRANDES MUDANÇAS DO MAPA-MUNDI DAS ENFERMIDADES — Se examinarmos o mais recente mapa topográfico da Terra — isto é: um que mostrasse as características físicas de sua superfície — e o comparássemos com outro, traçado há cinqüenta anos, notaríamos apenas ligeiras mudanças. No primeiro, por exemplo, apreciaríamos mais detalhadamente o contôrno do continente antártico e a topografia da África revelaria os novos conhecimentos adquiridos sôbre o mesmo continente. Mas, em geral, os dois mapas dariam a impressão de uma igualdade quase absoluta.

Dois mapas políticos — um traçado em 1905 e outro em 1955 — já se pareceriam menos, pois que o segundo mostraria as mudanças conseqüentes das guerras e dos vários reajustamentos fronteiriços, ocorridos durante o passado meio século. Porém, ainda pareceriam muito menos dois mapas correspondentes à distribuição mundial das

enfermidades infecciosas. A poliomielite, por exemplo, era quase desconhecida, há cinqüenta anos, na Ásia, na África e na Austrália. Hoje, no entanto, êste terrível açoite da infância ataca todos os anos nos citados continentes.

Um mapa-médico de 1905 indicaria que outra enfermidade temível, a febre amarela, era mal muito extenso e freqüente na América Central. Hoje, ao contrário, está quase completamente dominada nessa região. A que devemos mudanças tão notáveis da distribuição mundial das enfermidades infecciosas?

Em grande parte ao próprio homem.

Bem pode ser dito que o exemplo mais destacado do papel desempenhado pelo homem nesse sentido, consista no êxito sensacional alcançado pela vacina de Eduardo Jenner contra a varíola.

É difícil imaginar quão freqüente e extensa era, há uns dois séculos, esta infecção desfiguradora e quase sempre mortal. Ben Jonson, famoso autor teatral do século XVII, anelava encontrar "uma mulher, uma só ao menos, com a pele não arruinada pelas marcas deixadas pela varíola". E, no entanto, ao fim de poucas décadas de haver Jenner iniciado suas vacinações, em 1796, a varíola era sistemática e sucessivamente varrida da terra, país após país!

Exemplo mais recente de como pôde o homem modificar a distribuição geográfica da enfermidade está nos êxitos das medidas sanitárias e da medicina preventiva, com relação ao extermínio dos mosquitos portadores do impaludismo e da febre amarela.

Com a derrota de ambas enfermidades, vastas extensões de terras hostis e selvagens tornaram-se habitáveis.

A êsses e outros progressos científicos, como o descobrimento de poderosos lementos farmacêuticos anti- infecciosos devidos, em sua grande maioria as mudanças favoráveis experimentadas pelo mapa-mundi das enfermidades.

Não obstante e embora a muitos cause estranheza, o progresso científico também facilitou, em certos casos, a propagação das enfermidades.

Os meios atuais de transporte, por exemplo, permitem a uma pessoa viajar centenas de quilômetros em poucas horas, a tal ponto que algumas enfermidades demoram mais em incubar-se do que o empregado por uma pessoa em dar a volta ao mundo em avião. Isto significa que o passageiro de um avião, se foi infectado por alguma doença perigosa, bem pode não experimentar os sintomas do mal até chegar a outro país ou outro continente.

Por exemplo, há poucos anos, um homem que havia contraído a varíola imediatamente antes de subir para um ônibus, no México, nenhuma manifestação do mal apresentou antes de alcançar seu ponto de destino, a cidade de New York, a três mil e duzentos quilômetros de distância. Êsse homem morreu e, temendo que se desenvolvesse uma mortífera epidemia na maior metrópole do mundo, as autoridades vacinaram pela segunda vez, milhares de pessoas.

E como sabem que, hoje, as epidemias podem viajar mais depressa, a "Organização Mundial da Saúde", dependência das mais humanitárias das Nações Unidas, estabeleceu um completo sistema de comprovação e comunicações, de modo que em quase tôdas as partes do mundo é possível que as epidemias sejam ràpidamente descobertas, observadas e combatidas antes de que possam enraizar e ganhar fôrça.

Com medidas como essa milhares de vidas são salvas e o mapa-mundi das enfermidades está sendo constantemente modificado — para melhor.



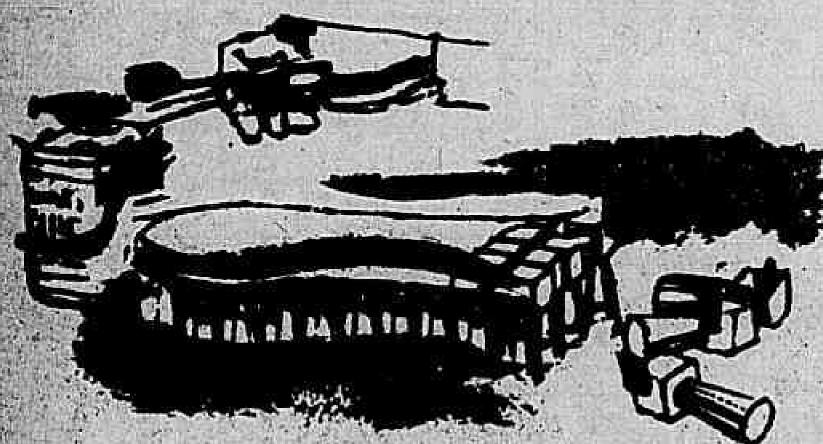
Jenner vacinando seu próprio filho.

EU SEI TUDO 25 38º Ano — Nº 12 — Maio — 1955



ECONOMIA DOMÉSTICA

SE PRECISA passar a ferro as calças de um terno, que vai usar na manhã seguinte, coloquem a calça estirada e bem dobrada sôbre os vincos próprios, numa mesa ou tampo



de cômoda e sôbre ela pousem livros grandes e pesados. Na falta desta, uma tábua servirá, desde que cubra inteiramente a peça que se deseja "passar". Sôbre a tábua coloquem objetos pesados. Na manhã seguinte, a peça de roupa estará em perfeitas condições, como se tivesse sido passada a ferro quente.

★

QUANDO desejar pintar os degraus de uma escada interna e de muito uso, sem prejudicar a subida e a descida das pessoas de casa, quando sobem para os dormitórios ou descem para o térreo, trate de pintar, primeiro, um degrau sim outro não. Espere que a pintura seque completamente e só então pinte os degraus restantes.

★

DE VELHA ESCÔVA é possível tirar vantagem, desde que se separem com uma pequena serra os "gomos", segundo indica o clichê. Assim, teremos boa quantidade de pequenos pincéis de variadíssimo uso, podendo prestar-se para a goma, a limpeza de floreados dos móveis, onde o pano de limpeza não atinge, passar graxa nos sapatos, etc.

★

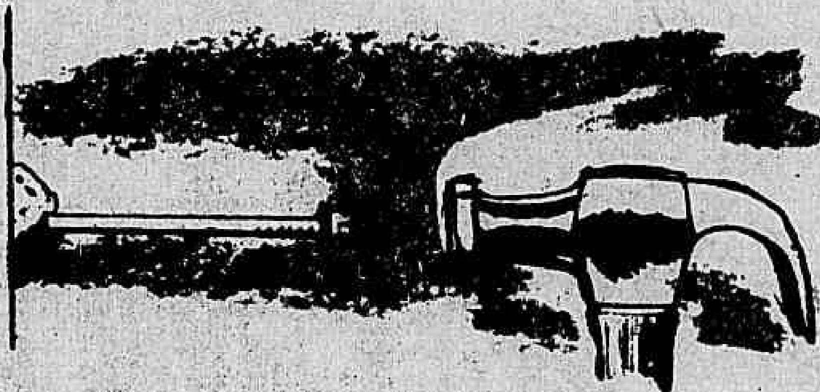
QUANDO tiver que bater um prego com uma só mão, use o seguinte recurso. Fixe o prego na posição desejada com um pouco de massa de pedreiro, dê as primeiras pancadas, retire a massa e acabe de bater o prego.

★

SE DESEJA aplainar corretamente e fàcilmente uma peça de madeira muito rija, trate, primeiro, de umedecê-la com água fria. Assim a plaina correrá sem esfôrço, apressando o trabalho e não fatigando o operador.

★

QUALQUER amador pode assentar tijolos com a mesma perfeição de um bom profissional, mesmo sem a prática dêste último. Sempre que terminar uma car-



reira deverá limpar as juntas com água embebida numa esponja de borracha, que fará a água não apenas lavar os excessos como penetrar nessas juntas, dando ao cimento mais unidade e um aspecto liso e gradável.

CORTISONA PARA AS VÍTIMAS DA APOPLEXIA

A cortisona, famosa droga que acalma as dores dos artríticos, poderá, dentro em pouco, livrar muitas vítimas da apoplexia de uma vida de torturas.

Três médicos do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos têm realizado experiências nesse sentido, verificando que nove de cada doze pacientes reagem com resultados "surpreendentes". A reação favorável ao tratamento vem sempre dos enfermos cuja apoplexia foi provocada por coagulação do sangue e não por derrames cerebrais.

A cortisona é ministrada por via oral ou injeções, por espaço de três semanas. A melhora mais espetacular ocorre nas primeiras 24 horas. Se o paciente se beneficia com o medicamento, os sintomas de paralisia começam a desaparecer e a dificuldade de dicção diminui ràpidamente. As pessoas que se encontravam dominadas por apatia mental se tornam interessados em se tratar e curar.

Para verificar o efeito do tratamento, o mesmo foi suspenso, algumas vêzes. A paralisia voltou imediatamente.

Quando se voltou a aplicar a cortisona, o paciente melhorou.

O medicamento, segundo parece, produz resultados mais acentuados nos enfermos mais graves.

★

UM HOMEM EGOÍSTA

SEGUNDO Zsa Zsa Gabor: — "Um homem que não se ocupa comigo."

O TESOURO DOS PIRATAS

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA GALERA MISTERIOSA — UMA SENTENÇA MEMORÁVEL DA CÔRTE DE JUSTIÇA DE DUBLIN

A fantástica história da galera denominada "Ouzel", que em inglês quer dizer **melro**, o pássaro que mereceu um poema de Guerra Junqueira, será narrada nas linhas que se seguem.

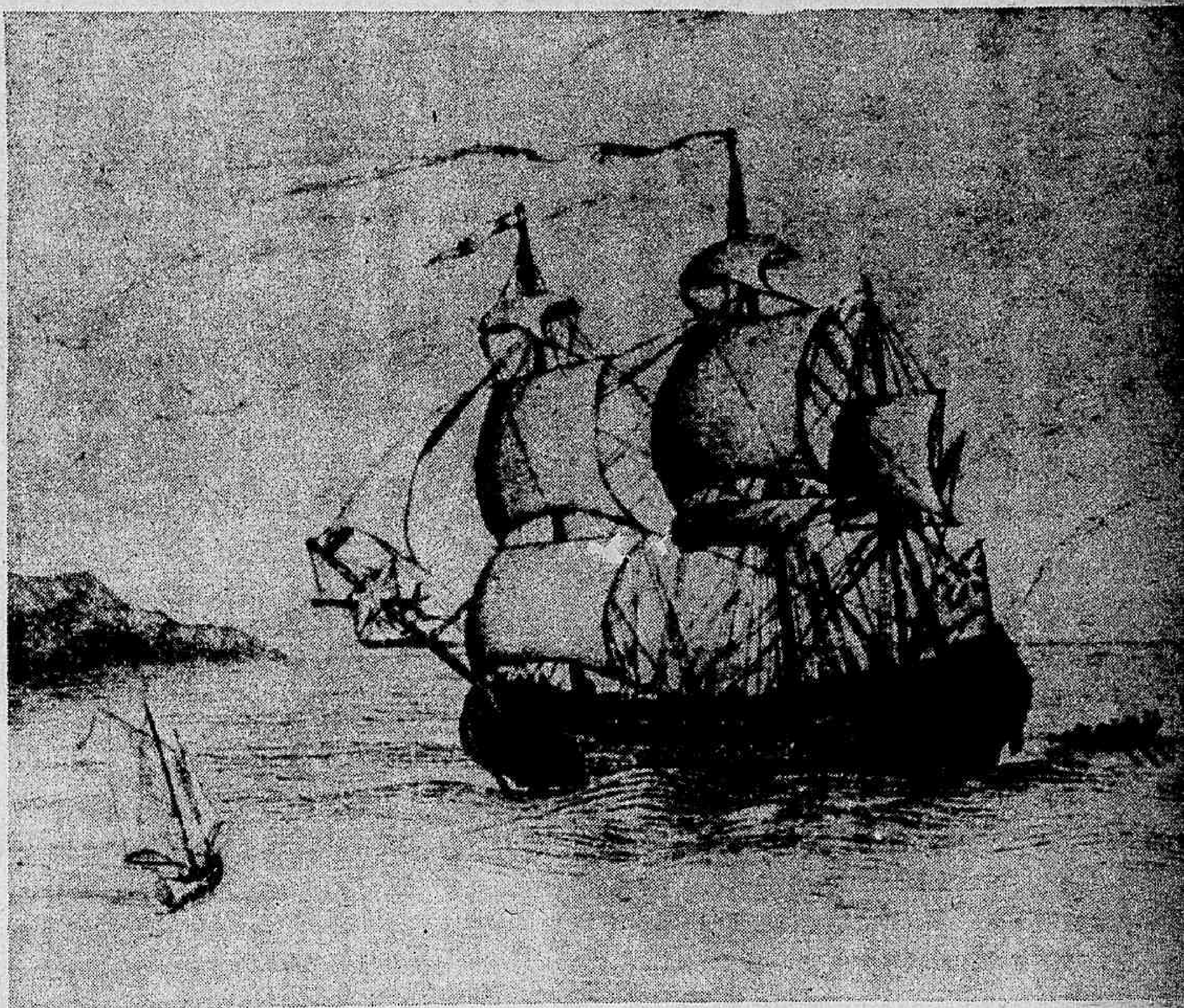
No outono de 1695, o capitão Eoghan Massey, de Waterford, assumiu pela primeira vez o comando da galera "Ouzel", de propriedade de uma firma de embarcadores — Ferris, Twigg & Cash, partindo rumo a Smirna, à procura de frete.

A bordo da galera a atividade era intensa. Sob a voz de comando, os tripulantes corriam daqui para ali, e, uma vez levantada a âncora, os remadores começaram a faina, cantando as suas canções típicas. A "Ouzel" deixou o pôrto de Dublin, deslisando vagarosamente sôbre as águas, rumo aos portos do Oriente. Porém, as mais estranhas aventuras aguardavam o navio durante a viagem.

Nos primeiros dias nada de extraordinário aconteceu, até que dez dos tripulantes adoeceram misteriosamente, todos de uma vez, fato êste que obrigou o capitão Massey a procurar o primeiro pôrto para cuidar dos mesmos e procurar engajar novos elementos para preencher as baixas. Conseguiu dez homens de tez bronzeada, verdadeiros mouros, que se lhe apresentaram e, como de nada suspeitasse, contratou-os.

Assim, novamente partiu a "Ouzel", tendo feito uma boa viagem durante a primeira noite. Ao amanhecer, porém, o capitão Massey divisou no horizonte um "brigue" que, pelas suas características e bandeira, não deixava dúvida de que se tratava de piratas. Ordens foram dadas para que a embarcação velejasse o mais ràpidamente possível.

A despeito disso, a outra vinha em seu encalço e tudo indicava que ela era mais veloz. Para complicar a situação, ocorreu um princípio de incêndio na "Ouzel", o que levou algum tempo para ser debelado. O capitão Massey, vendo que a nau dos piratas se aproximava cada vez mais, resolveu tomar a iniciativa, com a esperança de fazer abortar o assalto e mandou abrir fogo. Os piratas responderam o fogo e começou a batalha.



A galera "Ouzel". Por seu aspecto uma linda nave mercante. Entretanto, sua história é uma coisa simplesmente pavorosa.

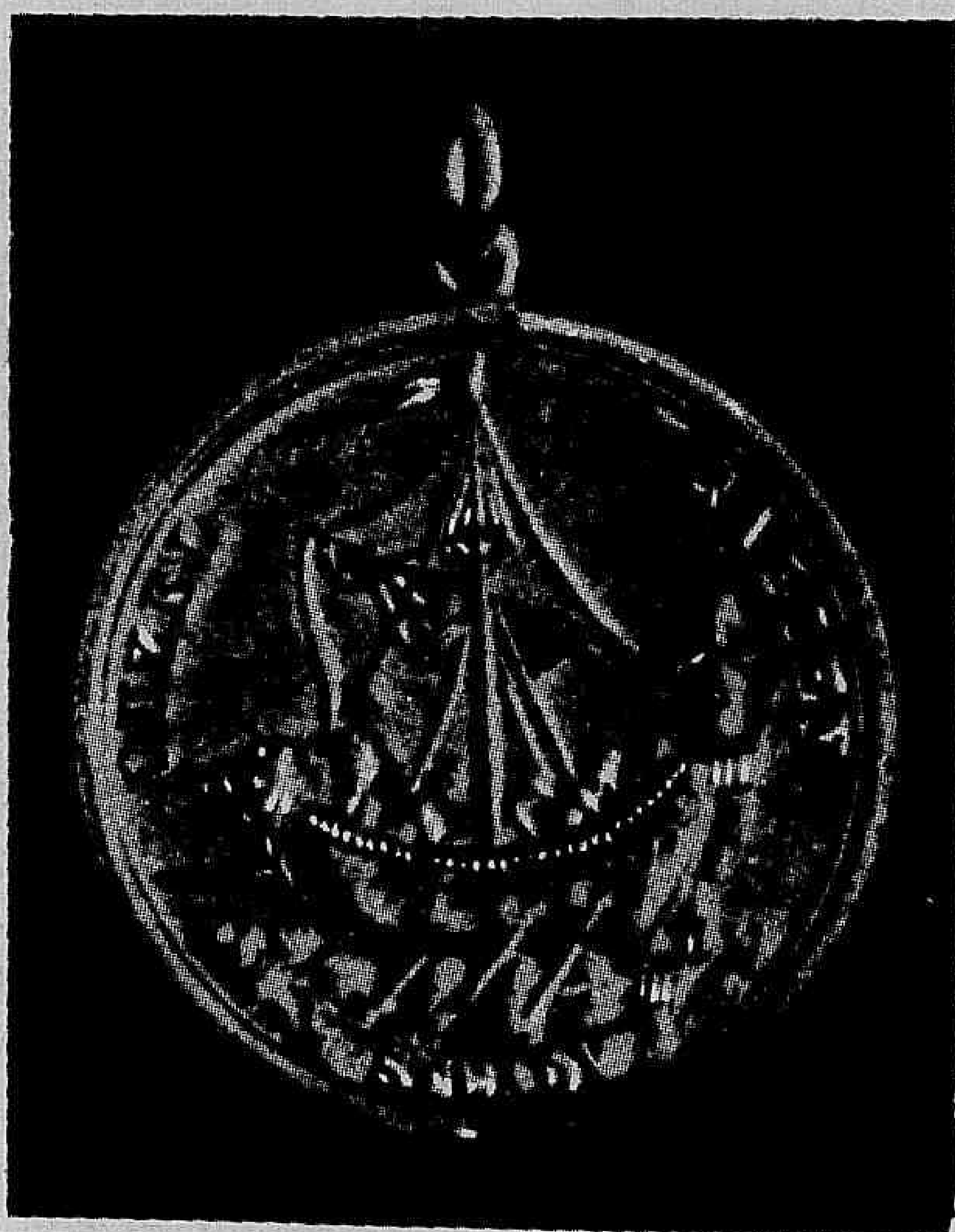
Logo descobriu o capitão Massey, no curso da luta, que os dez mouros que contratara para substituir seus marinheiros

enfermos eram piratas disfarçados e que, do seu próprio navio, estavam a dar sinais informativos aos seus comparsas da nau inimiga.

A verdade foi que não tardou a "Ouzel" ser abordada pelos piratas e nada mais puderam fazer o capitão Massey e os seus homens. Renderam-se, depois de uma tremenda luta corpo a corpo, a bordo da "Ouzel".

Enquanto isso, a nau dos piratas começou a afundar, pois tinha sido sèriamente danificada pelos tiros dos canhões da "Ouzel", manobrada pelo capitão Massey e seus tripulantes, em atrevidas e hábeis evoluções. Os piratas passaram, então, a ocupar a "Ouzel" e a utilizá-la como seu navio de assalto a outras embarcações indefesas, e nela passaram a recolher o produto dos seus saques. Na costa da África, os bandidos tinham uma prisão secreta, onde jogaram o capitão Massey e seus marinheiros, que ali estavam destinados a ficar até sabia Deus quando.

Enquanto os prisioneiros suavam na prisão sem jamais abandonar a idéia da fuga, os piratas continuavam os assaltos em alto-mar, navegando na "Ouzel" e nela acumulando um imenso tesouro.



Uma medalha foi cunhada para comemorar as aventuras dessa galera.

Uma noite estavam os carcereiros cochilando e a "Ouzel", tendo regressado de mais uma viagem de pirataria, se achava ancorada no pôrto por êles escolhido na costa imensa. Os seus tripulantes estavam, quase todos, em terra, embriagados e celebrando o êxito dos seus últimos atos de pirataria. Pondo, finalmente, em execução um plano há muito combinado o capitão Massey e seus marinheiros conseguiram escapar da prisão, enquanto dormiam os guardas, e, empunhando as próprias armas do inimigo, escalaram a "Ouzel" na calada da noite, surpreendendo os poucos marinheiros que se achavam a bordo e assenhoreando-se do velho barco.

Assim, pôde êle e seus bravos comandados irlandeses regressar ao pôrto de Dublin com seus bravos marinheiros irlandeses, levando de volta a bom pôrto a "Ouzel", em cujo porão havia um imenso tesouro, constante de ouro, objetos de arte, sêdas raras e outras mercadorias do mais alto preço, fruto da sanha criminosa dos piratas.

Em 1700, cinco anos depois dêsse ato heróico, a "Ouzel" aportou em Dublin, para surprêsa geral. De fato, muita gente havia dado o navio como naufragado ou definitivamente apreendido pelos piratas.

O capitão Massey desceu de bordo e atravessou a multidão, que logo se aglomerou no cais, cheia de curiosidade, dirigindo-se ao escritório da firma "Ferris, Twigg & Cash", que era a legítima proprietária da "Ouzel" ali narrando, com a maior fidelidade, tudo o que ocorrera desde a sua partida.

Um sério problema adveio do salvamento da "Ouzel". A firma Ferris, Twigg & Cash já havia recebido a indenização de seguro pela suposta perda da embarcação. Agora, porém, a mesma acabava de regressar, trazendo em seu porão um tesouro fabuloso!

A quem pertenciam tais riquezas?

O caso rolou na justiça durante cêrca de cinco anos aguardando a decisão dos tribunais. Parecia difícil chegar-se a uma sentença justa, considerando que em 1700 não havia nenhum caso precedente que se assemelhasse, pelo menos, ao que se debatia. Na Grã-Bretanha não havia leis escritas nesse sentido. Os juízes, para julgar, tinham que encontrar uma base na jurisprudência, que é formada pelas decisões anteriores sôbre casos idênticos. Era um direito tradicional. No caso então

vertente havia uma combinação de atos de pirataria com atos de comércio **perfeitamente legais!**

A sentença final da Côrte de Justiça de Dublin foi das mais interessantes.

Os juízes negaram, tanto à firma possuidora do navio como aos seguradores, qualquer direito ao tesouro acumulado pelos piratas, embora utilizando para isso um navio que tinha por objetivo atos de comércio.

De acôrdo com a sentença prolatada, tal tesouro foi contabilizado num banco oficial como "um fundo para atender às necessidades dos comerciantes reconhecidamente pobres ou empobrecidos pelos "azares das guerras".

A justiça decidiu, assim, em favor de uma classe, para o bem de uma coletividade, decisão essa das mais meritórias.

Os piratas que amealharam tantas riquezas pretendendo utilizá-las, talvez, de maneira mais torpe, jamais suspeitaram de que aquêle ouro seria empregado de maneira tão nobre e justa, como realmente o foi.



PENSAMENTO

Para fazer esquecer as nossas faltas aos olhos do mundo, são precisas torrentes de sangue; mas, junto de Deus, basta uma lágrima.

Chateaubriand

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS



APRESSANDO-SE para noticiar o grande incêndio, irrompido justamente quando passava diante do prédio atingido pelas chamas, um repórter teve a sorte de descobrir um telefone vago... justamente no prédio vizinho ao do incêndio.

Entrar, pedir a ligação para a redação foi obra de um instante, mas não tão depressa que o fizesse antes da chegada dos bombeiros, esticando as mangueiras, derrubando portas e gritando ordens de combate ao fogo. No meio dessa barulheira, o repórter começou a ditar o noticiário para a redator de plantão no jornal. Disse como o fogo tivera início, quem descobrira o fogo, como êste depressa ganhara fôrça e que prejuízos já causara até aquêle momento.

O redator, porém, do outro lado da linha, não se dava por satisfeito, fazendo mais e mais perguntas. Que altura tinha o prédio? Que continha? Que côr era a da fachada?

Com as chamas já quase alcançando seus calcanhares, o repórter gritou, assustado:

— Os bombeiros estão ordenando que eu me retire! Telefonarei de outro local!

— Espere! Não desligue ainda! — ordenou o redator. — Tenho outra pergunta. Quando pretendem reconstruir o prédio?

— Logo que isto aqui tenha esfriado! — gritou o repórter desligando.

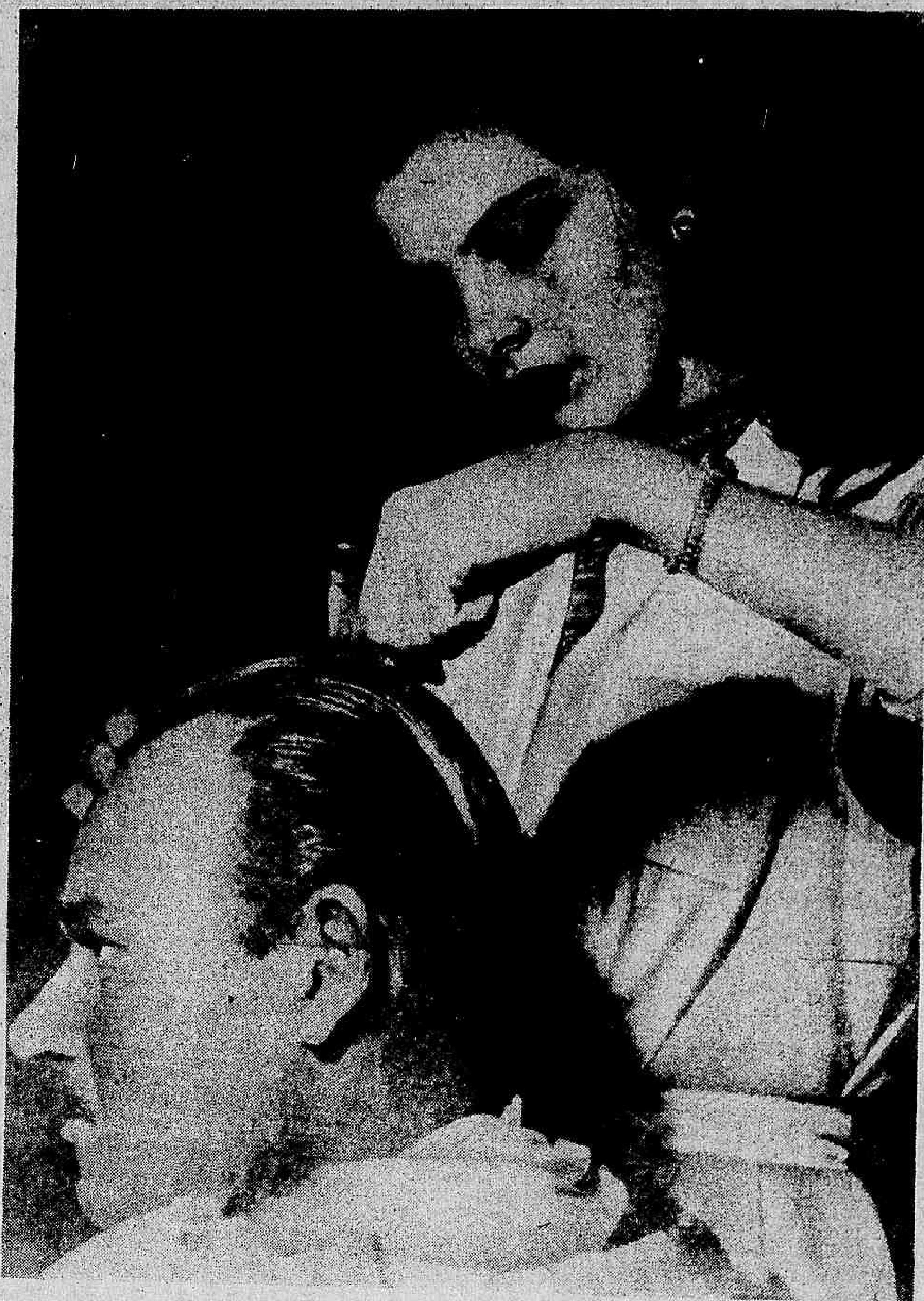


DE MILLE SEMPRE SENSACIONAL

PARA a nova filmagem dos "Dez Mandamentos" (a primeira foi dirigida pelo próprio De Mille, ao tempo do cinema silencioso) o grande diretor reunirá no Egito 30 mil comparsas, o maior número de participantes até hoje reunidô para um só filme. Sòmente para a cena do êxodo dos hebreus, que, guiados por Moisés, deixaram o Egito, serão empregadas 20 mil pessoas e 15 mil animais. Êsse filme, que será o quadragésimo da longa carreira de De Mille, custará oito milhões de dólares e será lançado para os aplausos do público em 1956.

A "BARBEIRA" RENUNCIOU AO CINEMA





GRAÇAS à fotografia acima, publicada num jornal de Modena, Itália, onde reside, Mara Bettelli conheceu um breve momento de celebridade. Chamada a Roma por uma emprêsa cinematográfica, foi submetida a testes e após aparecer em alguns filmes de curta metragem, foi-lhe oferecido importante papel numa película dramática.

Desgostosa, porém, com o ambiente em que era agora obrigada a viver, Mara tudo abandonou, desprezando contrato e fortuna, para retornar à pequenina aldeia de San Damaso, onde retomou seu trabalho de "barbeira", para satisfação de seus clientes, já saudosos de suas mãos delicadas.

Na foto ao lado a linda Mara atendendo a uma cliente da barbearia.

"SEGRÊDO NAVAL"

AGORA se pode contar o caso, embora Ava Gardner e o então seu marido Frank Sinatra devam ter ficado um tanto desapontados, quando souberam a verdade. Tudo se deu devido à viagem de núpcias do casal a Honolulu e à tradição da marinha norte-americana, de acôrdo com a qual nenhuma mulher pode estar a bordo de um submarino, quando êste realize uma travessia. Tal tradição constituiu uma atração irresistível para a encantadora Ava Gardner, como seria para qualquer outra mulher, de desafiar, com sua beleza, as tôlas tradições inventadas pelos homens.

Depois de insinuantes pedidos, a linda atriz conseguiu que o almirante comandante da frota de Hawai permitisse a realização de uma excursão num submarino, para ela e Frank.

O casal entrou no submersível e logo se fecharam as escotilhas, os motores começaram a funcionar e os instrumentos registraram a pressão exercida pelo mar sôbre o submarino em descida. Ouviu-se o ruído da nave, deslocando-se a 100 metros abaixo da superfície das águas. E assim continuou, durante uma hora e meia. Ava Gardner rompera a tradição da Marinha.

A verdade, porém, foi que o submarino não saiu de onde estava e nem sequer submergiu. Os marinheiros se limitaram a produzir os efeitos sonoros de um submersível que se desloca sob as águas. A marinha dos Estados Unidos não se rendera a um sorriso tentador.



A beleza não passa de uma armadilha que a natureza arma à razão.

Levis

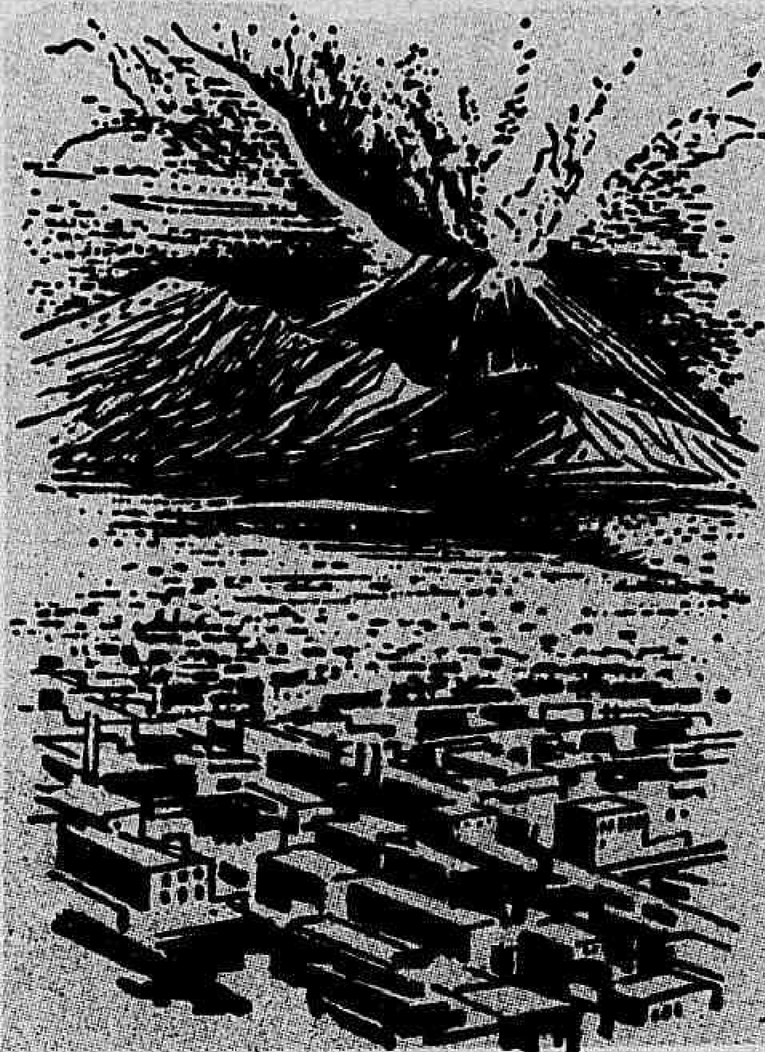
HABITAMOS UMA ESFERA TREMENTE!

AS PULSAÇÕES SECRETAS DO ORBE

Por DE MATTOS PINTO

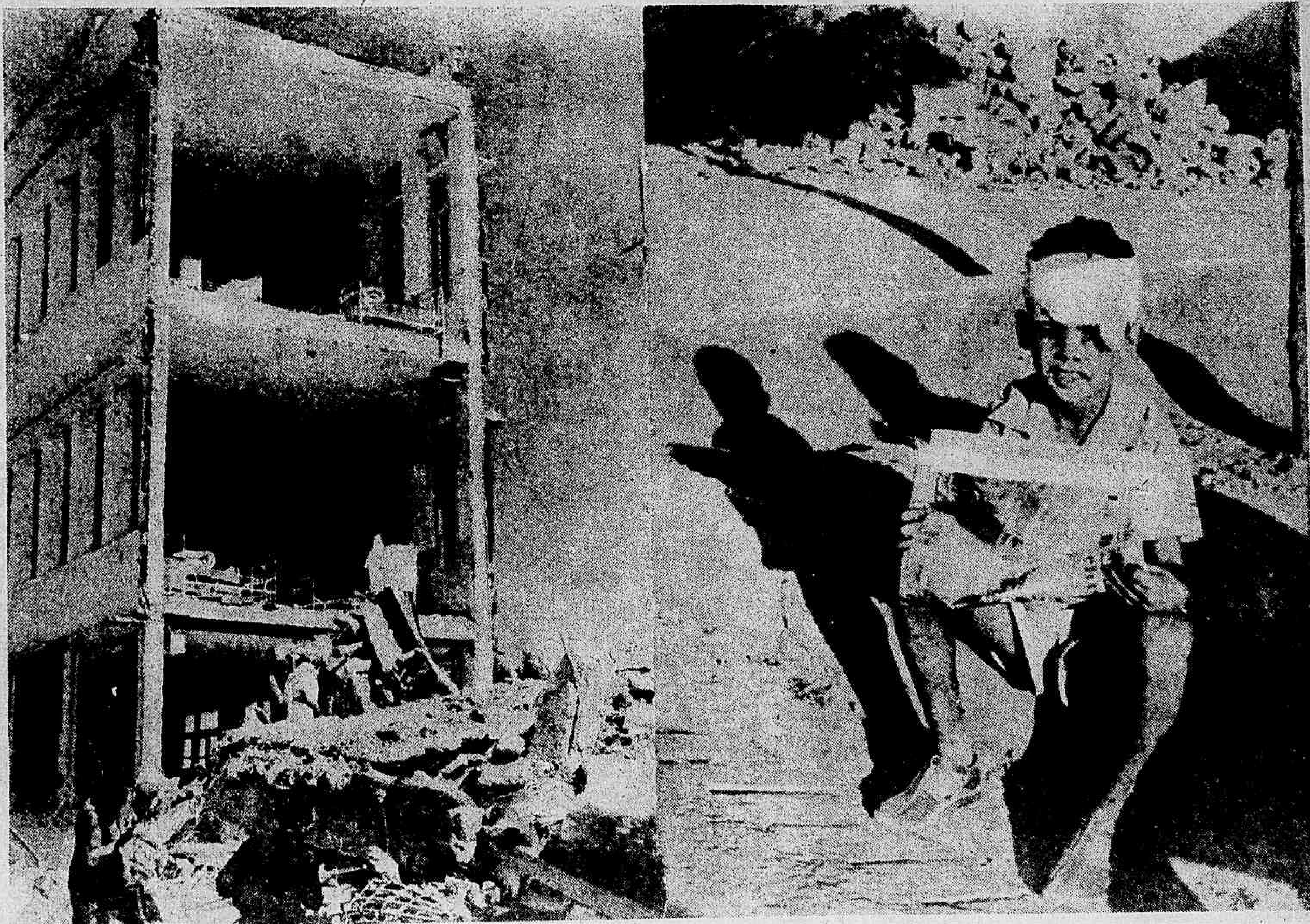
MARAVILHAS DA CIÊNCIA

MILHÕES de sêres humanos se iludem sôbre a estabilidade da arquitetura terrestre, supondo o nosso planêta como um astro definitivamente evoluído sôbre o qual já transcorreram tôdas as mudanças possíveis. E, contemplando a imutabilidade decorativa das paisagens, ficam ainda mais convencidos da solidez do arcabouço geológico, até que fortes comoções destroem as metrópoles modernas.



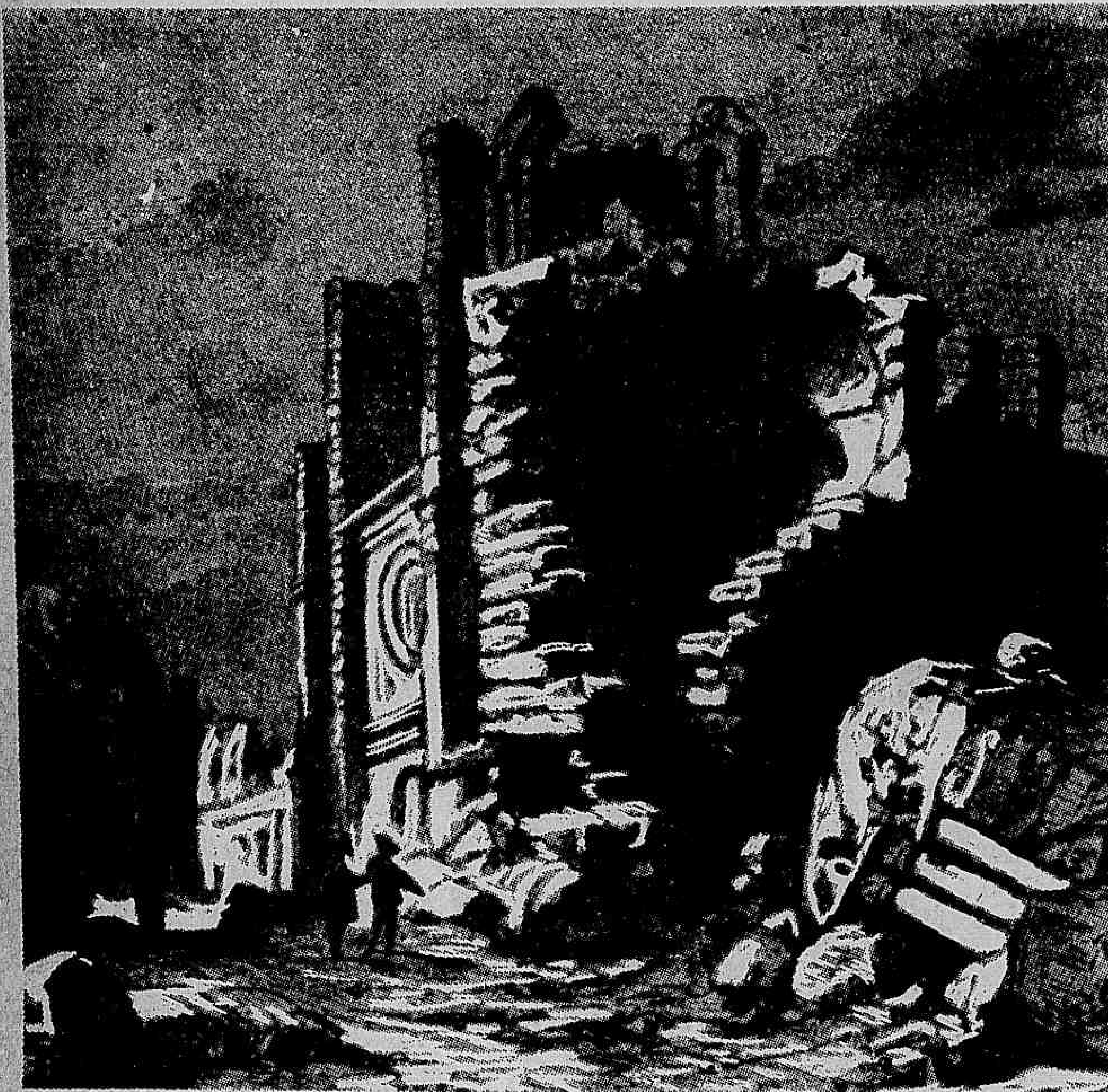
Outros se maravilham com os desabamentos urbanos, como se festejassem novidades espetaculares, esquecidos de outras catástrofes. As recentes convulsões evocam os fenômenos geológicos do passado, não menos demolidores e inopinados, que sempre acompanharam e acompanham o destino da Terra.

Nos últimos anos da vida de Tibério, uma formidável pulsação assolou a Ilha de Capri, como se quisesse anunciar a morte do imperador no estilo apocalíptico dos astrólogos. Nos anos 50, 63 e 79, após o advento do cristianismo, as cidades de Herculano e Pompéia, como grande parte da Itália Meridional, oscilaram sob o furor das ondas sísmicas. O govêrno romano mandara reconstruir as ruas e lo-



Mais de sessenta mil pessoas perderam o seu lar durante as comoções geológicas de nove a onze de setembro do ano de 1954, ocorridas em Orleansville, na Algéria — África do Norte.

gradouros em ruínas, quando outro terremoto sacudiu tôda a cidade de Pompéia, precedendo a primeira erupção histórica do Vesúvio. Na época de Vespasiano, três cidades da Ilha de Chipre se desfizeram



Durante o formidável tremor de terra, que devastou Lisboa em 1755, desmoronou-se a catedral da metrópole portuguêsa.

em poeira sob um estremecimento do solo. Fenômenos geológicos bastante devastadores ondularam a Sicília, nos anos de 373, 448, 100 e 1097 da era atual.

O número de movimentos vibratórios porque passou a Basiléia se eleva consideràvelmente. Entre os notificados pelos institutos científicos, K. Fuchs dava como qúantidade mínima, cêrca de cento e vinte! No terremoto de 18 de outubro de 1356, morreram trezentas pessoas e a Basiléia ficou destruída. Violentos tremores de terra visitaram Aix-la-Chapelle em 823, 830, 1640, 1692, 1755, 1756, 1771, 1773 e 1833, com morticínios e estragos urbanos de tôda ordem. A história da Terra vibra de fenômenos semelhantes, convindo relembrar o monstruoso cataclismo de 1526, no litoral do Mediterrâneo, como cento e cinqüenta mil vítimas, cujo espetáculo exictou os naturalistas da época. A cidade de Lima, capital do Peru, cuja fundação data do século XVI, vem sendo periòdicamente demolida por sucessivos terremotos, em 1585, 1687, 1697, 1699, 1716, 724, 1732, 1734, 1745, 1746, sem mencionar os abalos do século XIX e do século XX. Em 1693, uma pulsação de extraordinária vitalidade sísmica destruiu os alicerces das edificações da Sicília e sob as pedras das casas arrasadas encontraram-se sessenta mil cadáveres!

Em 1755, houve em Lisboa trinta mil sinistros, sendo êsse um dos mais célebres terremotos pela extensão da área geográfica onde percutiram os efeitos das ondas ondulatórias. O solo da Calábria, que se particulariza pela extraordinária violência das suas vibrações telúricas, conta os fenômenos de 1627, 1638, 1783 e 1870, como os mais nefastos.

O mundo físico que habitamos ainda não se imobilizou definitivamente, como se pode deduzir pela leitura dos mapas geográficos e turísticos.

NASCIMENTO DA SISMOLOGIA

A partir do século XVIII, a sismologia expande seus conhecimentos e recolhem-se com mais exatidão as características dos movimentos ondulatórios do orbe. Os abalos modificam o aspecto topográfico do nosso globo, provocando deslocamentos na estrutura da crosta terrestre. Os espasmos internos abrem fendas no solo e rasgaduras hiantes, que se fecham com as enxurradas ou jazem abertas por dezenas de anos.

Em 1783, os habitantes da Calábria viram, com assombro, o solo se rasgar em mais de trinta quilômetros, apresentando fossos de alguns metros de largura, em cujos precipícios perderam a vida homens e animais. Os deslocamentos tectônicos entram na

classe dos sismos horizontais, quando o choque se propaga das camadas inferiores para as camadas de estrutura superior. Assim, no terremoto de 1797, que modificou as margens do Rio Bambam, os cadáveres saltaram além dos sepulcros, sôbre um outeiro de mais de cem metros de altura!

Em 6 de novembro de 1827, a cidade de Bogotá oscilou sob as convulsões geológicas da Terra, cujas ondas sísmicas alcançaram a extensão de mil quatrocentos e oitenta quilômetros, danificando as ruas de Popoyan. O formidável terremoto, que devastou os países do Mediterrâneo, no dia 12 de outubro de 1836, distendeu-se pela Sicília, evoluiu pela Itália Meridional, passou através das regiões da Dalmácia, revolveu vasta área da Grécia e do Egito, envolveu a Síria no seu raio de ação e terminou no centro da Ásia Menor! No Chile, durante o fenômeno sísmico de 1837, um mastro cravado a dez metros de profundidade, prêso ao solo por hastes de ferro projetou-se no espaço pelas impulsões das ondas telúricas.

Freqüentemente, os tremores de terra horizontais se confundem com os terremotos de efeitos ondulatórios. Processam-se efeitos de aspectos contraditórios, dependendo das camadas sedimentares. A catástrofe geológica de 1755, cuja fúria arrasou Lisboa, abrangeu a assombrosa extensão de trinta e nove milhões, trezentos e setenta e cinco mil quilômetros quadrados, equivalente a quatro vêzes o mapa da Europa!

Os exemplos de terremotos percorrendo enormes distâncias repetem-se mais do que pensa o público. A expansão dos conhecimentos sismológicos por tôdas as esferas científicas concentra o interêsse pelas pulsações secretas do nosso orbe.

OS MAIS ESTRANHOS EFEITOS

As fendas do solo em virtude de abalos sísmicos, atravessando zonas geográficas diferentes, trazem ao espírito do geólogo um dos problemas mais interessantes da sismologia. Referimo-nos ao raio de ação atingido pelas várias espécies de terremotos.

A extensão atingível pelos movimentos tectônicos varia muito em razão da composição sedimentar da crosta e do interior. Certos terremotos alcançam áreas de três milhões de quilômetros quadrados, enquanto outros se restringem ao espaço limitado das cidades, onde nascem e morrem. O tremor de 6 de março de 1872 teve como epicentro o subsolo da Alemanha Central, atravessou várias cidades como Berlim e Wiesbaden, Stuggard e Munich, Praga e Breslau, para depois diluir-se completamente. No terremoto de Messina, o



O naturalista alemão Alexander Humboldt dedicou-se às ciências naturais, estudando o vulcanismo e os espasmos sísmicos da Terra, viajando por muitas regiões da Europa e da América.

movimento começou no dia 28 de dezembro de 1873, às cinco horas, vinte e um minutos e quinze segundos. O primeiro sinal do cataclismo, percutiu como um leve abalo da crosta terrestre, que progredia durante dez minutos.

Houve, em seguida, uma pausa de dois minutos; depois novo movimento ondulatório e finalmente desencadeou-se uma das mais impressionantes catástrofes. Enfim, veio a série de pequenos estremecimentos, às cinco horas e quarenta e cinco minutos, às cinco e cinqüenta e às nove e cinco. No dia 29 de dezembro de 1873, outros tremores alarmaram pela tarde os habitantes já aterrorizados. Em 1.º de janeiro de 1874 mais um impulso flagelou vinte vítimas e, nos meses seguintes, os movimentos sísmicos demoliram os restos das ruínas. Considera-se o fenômeno de **natureza horizontal,** quando as ondas sísmicas se propagam "de lado". Na Calábria, a crosta tremia como o oceano encapelado e as árvores sacudidas pelo balanço estendiam seus galhos das suas copas até ao solo. No ano de 1880, o espasmo que agitou a cidade de Agram, produziu efeito dos mais interessantes sôbre uma chaminé de trinta metros de altura, torcendo a sua parte superior. As comoções das camadas terrestres, não obstante a violência dos seus efeitos catastróficos, não persistem muito tempo e, considerando cada vibração de per si, alguns deslocamentos não duram mesmo o período de um segundo. Convém recordar o terremoto de fevereiro de 1887 na Costa Azul e na Riviera Italiana, pela sua brevidade e grandes estragos.



Às vêzes, há desnivelamentos e partes rachadas resvalam umas sôbre as outras. O terremoto do Japão, em 28 de outubro de 1891, referido por Albert Lapparent, espanta como um dos mais estranhos pela raridade dos seus efeitos. A catástrofe abrangeu um território de duzentos e quarenta mil quilômetros. Em virtude do movimento deslocador da onda sísmica, o terremoto removeu as árvores na direção sul. Em 1894, a região da Locrídia recebeu ondulações dêsse gênero, durante horas inteiras. Em alguns fenômenos, o choque e a combinação de ondas telúricas se propagando em diferentes rumos provocam abalos de natureza rotatória com fantásticos efeitos, comentados no correr de dezenas de anos pelos habitantes da região.

Desmentindo tôdas as aparências da estabilidade sísmica do globo, novos espasmos se repetiram por tôda a primeira fase do século XX. No Turquestão, houve movimentos ondulatórios em 4 de janeiro de 1911, em Pamir no dia 18 de fevereiro de 1911, na Oceania em 7 de setembro de 1918, no Mar da China em 16 de dezembro de 1920. Depois disso, como se as fôrças soberanas que presidem a evolução da Terra quisessem inquietar a humanidade, o Chile sofreu enorme abalo em 11 de novembro de 1922.

Duas cidades quase desapareceram, uma ilha surgiu das águas do Oceano Pacífico e pereceram duas mil pessoas! Vigoroso terremoto desmantelou Tóquio em 1926, cidade já bem familiarizada com as pulsações secretas do orbe. A Itália teve cidades e mais cidades pulverizadas, aluídas pelas comoções internas, em 1930. Depois, novas catástrofes confrangeram as populações americanas com as destruições do México.

Como frisava Alexander Humboldt, desde a infância nos habituamos com o contraste entre a mobilidade da água e a estabilidade aparente da superfície terrestre, quando essa firmeza da crosta simplesmente ilude os sentidos como bem sabem os sismologistas. Nunca pode ser prevista a área geográfica dos estremecimentos, mesmo para as vastas perturbações. Mais recentemente, em abril de 1932, depois do nevoeiro provocado pelas cinzas das crateras dos Andes, o solo estremeceu e as sacudidelas se propagaram através da cidades e vales, campos e rios, lagos e montanhas. Nas

zonas de Mendonza, Salta e Córdoba, províncias argentinas, as populações sentiram o solo pulsar como um ser vivo, sob o furor das erupções andinas, enquanto estrondos cavernosos reboavam na intimidade do solo.

Na aldeia de Chicoana, o terra se apresentou inteiramente fendida, numa superfície de muitos quilômetros quadrados, registrando-se, a todo instante, vibrações mais ou menos longas, acompanhadas de estranhas sonoridades sísmicas. Em Quilino e La Rioja, outras aldeias argentinas, os ruídos subterrâneos repercutiram com nitidez e intensidade.

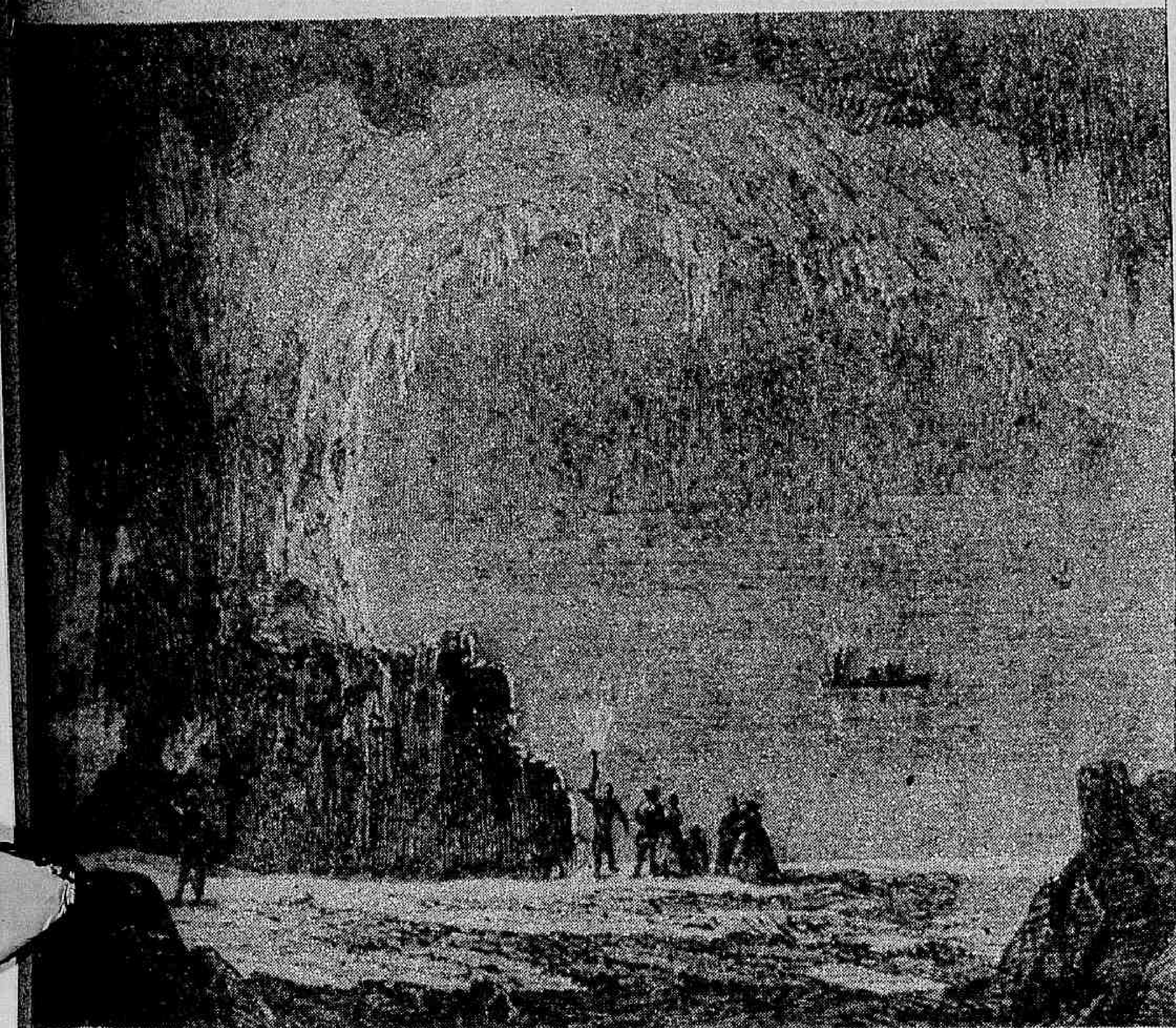
Os frêmitos sísmicos de 1932, oriundos das erupções da Cordilheira dos Andes, também impulsionaram a província de Malargue, ameaçando abismar a cidade. Os movimentos tectônicos estremeceram ainda o solo brasileiro, no Estado do Rio Grande do Sul. Em Santa Vitória do Palmar, os habitantes observaram, no horizonte, volumoso clarão intermitente e sentiram pela madrugada espasmos sacudir a cidade em sono.

No terremoto de 9 de setembro de 1954, que destruiu Orleansville, na Algéria, a terra fendeu-se numa rasgadura de dois metros de profundidade, por três metros de largura. A fenda estendeu-se por doze quilômetros de comprimento.

A vitalidade sísmica do nosso planêta impõe-se como um fato milenar, nada indicando qualquer decrescimento na sua energia. Mais recentemente, em 1933, uma série de impulsos tectônicos envolveu a Europa e a Ásia, devastou Sérvia e Bulgária, Iugoslávia e Macedônia, indo da península balcânica até ao Japão, acompanhada de um ribombar de desmoronanamentos. Depois, os terremotos ondularam o México, desolando aldeias e cidades, flagelando populações espavoridas e causando danos materiais imensos. Em seguida, os sismógrafos do Observatório de Florença registraram outro terremoto, extremamente impetuoso, com epicentro provável a onze mil quilômetros de distância, na direção do Arquipélago de Sonda! Durante algumas horas, os sismógrafos continuaram vibrando à violência das ondas sísmicas. E, pouco depois, a instabilidade sísmica flagelou as populações da Anatólia.

No mais dramático terremoto da atualidade, de 11 a 17 de setembro de 1954, cujos deslocamentos arruinaram a cidade de Orleansville, na Algéria, o "Instituto do Globo", de Argel, assinalou mais de setenta e cinco abalos entre devastadores e leves! Mais de vinte mil habitantes perderam o lar e ficaram nas ruas na expectativa

de nova catástrofe. O tremor principal, cuja propagação se estendeu por uma área de oitenta e oito quilômetros, durou apenas doze segundos, o bastante para demolir metade da cidade. Em casas edificadas nos



A Caverna do Mamute, em Kentucky, nos Estados Unidos, a mais vasta das cavernas do mundo, dá uma idéia dos mistérios internos da Terra, onde há lagos e rios subterrâneos.

Atafss, trinta quilômetros distante de Orleansville, o terremoto fendeu as paredes e expulsou os habitantes para as praças públicas e jardins.

ESTADO DE PERPÉTUO VIBRAMENTO

Nada mais ilusório do que a estabilidade sísmica do globo terrestre, cuja vida se processa de mil modos, tanto no espaço interplanetário, como na superfície e nas camadas internas. Notara K. Fuchs que certos povos consideram as pulsações geológicas como fatos dignos de assombro, porque seus territórios raramente vibram, enquanto outros vivem sob a impressão de periódicas catástrofes.

E K. Fuchs afirma que nem um só dia, nem uma só hora se passa neste mundo terráqueo sem que estremeça o solo e que devemos imaginar tôda a Terra num estado de perpétuo vibramento, seja num ponto, seja noutra área da sua superfície sólida ou aquosa. O planêta em que o gênero humano cultiva os encantos da arte e festeja os prazeres sensoriais da vida, procede como uma esfera bem móbil. A constância dos terremotos, que se repetem em tôdas as regiões, nos mais diversos países, nas planícies e nas montanhas, nas cidades e nos desertos, dá a êsse fenômeno uma atração que se estende do camponês ao sábio, do filósofo ao distraído viajante.

Explica Georges Drioux que a crosta terrestre vive em perpétuo estado de pulsação, vibrando aos abalos quase imperceptíveis, só registrados por delicados aparelhos, que se denominam de microsismos e vibrando aos tremendos espasmos de certa intensidade, que tomam o nome de macrosismos, como as catástrofes históricas de Pompéia, de Lisboa e de São Francisco. Os macrosismos, grande agitação da superfície do nosso globo, não se apresentam com raridade.

Provam os cálculos estatísticos, examinados pelo sismologista britânico John Milne, que os terremotos capazes de ondular grandes áreas, compreendidas entre algumas dezenas e algumas centenas de quilômetros quadrados, devem alcançar cêrca de trinta mil por ano! Os pequenos estremecimentos, os microsismos, mudam de efeito conforme a natureza e subdividem-se em três classes: — verticais, horizontais e giratórios.

Pela teoria de Theodore Jouliet, os espasmos sísmicos engendram duas espécies de ondulações: — as ondas longitudinais e as ondas transversais, que se propagam em diferentes velocidades.

(Cont. no fim da revista)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Os nossos heróis deviam comparecer, como testemunhas, no Tribunal de Justiça do Chatelet, mas não por conta do príncipe de Gonzaga. Peyrolles estava encarregado de lhes fazer deslumbrantes propostas: mil pistolas a cada um, pagas em moeda sonante e adiantadamente, não para êles acusarem Lagardère, mas, apenas, para dizerem que não se encontravam nas proximidades de Caylus, na noite do crime. Segundo Gonzaga, o negócio estava seguro, visto Cocardasse e Passepoil não deverem ter grande empenho em confessar a sua presença ali, nessa noite...

E agora vamos explicar por que motivo o bom Peyrolles não teve tempo de pôr à prova os seus talentos diplomáticos.

Chaverny espreitara por debaixo do

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha.

Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma liteira, que parte para o palácio do príncipe onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali. Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe as revelações que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos, e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica

casaco de Passepoil, enquanto Peyrolles, preocupado em observar os movimentos dos nossos dois heróis, estava de costas para o monte de palha. O marquês piscou um ôlho e fêz sinal aos seus aliados. Êstes aproximaram-se lentamente.

— Não acha que não está certo colocar dois fidalgos num calabouço com um teto dêstes? — disse Cocardasse.

— Ora! — observou Passepoil. — Quanto mais se avança, menos se respeitam as conveniências!

— Camaradas! — suplicou Peyrolles, inquieto ao vê-los aproximarem-se, cada um de seu lado. — Nada de brincadeiras!... Se me obrigam a tirar a espada...

— O quê? Tirar a espada contra nós?...

— Desarmados? — apoiou Cocardasse.

— Isso, nunca!

E continuavam a avançar. No entanto, Peyrolles, antes de chamar — o que lhe prejudicaria e interromperia as negociações — quis juntar o gesto à palavra. Pôs a mão na guarda da espada, dizendo:

— Mas que foi, meus rapazes? Procuraram evadir-se por aquêle buraco, formando escada, e não o conseguiram... Alto! Um passo mais e desembainho a espada!

---

ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado a presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali, houve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flores. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos que acusam o corcunda de possuir artes mágicas. Então, Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. Depois das saudações, o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda leva algum tempo a assinar e finalmente todos lêem: Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viuva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, agora que tudo compreendia, tenta inutilmente defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga trata relatar ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostrasse incrédulo e não escondesse a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Êstes três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o cobarde aliado de Gonzaga penetra na prisão.

Havia, porém, na guarda da espada outra mão além da sua. Era uma mão branca, guarnecida com rendas tôdas rôtas e que pertencia ao marquês de Chaverny. Êste conseguira sair do seu esconderijo e estava de pé, atrás de Peyrolles. A espada do **factotum** fugiu-lhe de entre os dedos e Chaverny, segurando-o pela gola do casaco, colocou-lhe a ponta na garganta, dizendo em voz baixa:

— Mais uma palavra e morres!

Os lábios de Peyrolles espumavam, mas... calou-se. Cocardasse e Passepoil, servindo-se das gravatas, amarraram-no em menos tempo do que é preciso para o escrever, perguntando em seguida ao marquês o que deviam fazer.

— Agora — replicou o interpelado — tu colocas-te à direita e êste nosso amigo à esquerda da porta. Quando os guardas entrarem, lançam-lhes as mãos ao pescoço...

— Aos vossos postos! — O senhor de Peyrolles vai-nos servir de isca! — respondeu o marquês.

Os dois amigos correram para os seus lugares e Chaverny, com a ponta da espada debaixo do queixo de Peyrolles, ordenou que gritasse por socorro. Segundos depois, os guardas precipitavam-se e Passepoil e Cocardasse executaram as ordens recebidas. Ouviu-se um estertor surdo, em seguida os gemidos cessaram. Chaverny fechou a porta do calabouço, tirou das algibeiras do chaveiro um rôlo de cordas e atou os dois homens cuidadosamente.

— Palavra que nunca vi um marquês tão gentil! — disse Cocardasse.

Passepoil juntou as suas felicitações às do seu nobre amigo, mas Chaverny estava com pressa.

— Mãos à obra! — exclamou. — Ainda não estamos nas ruas de Paris! Meus amigos, dispam êsses dois marotos e vistam as roupas dêles!

Cocardasse tomou a personalidade do chaveiro e Passepoil do guarda. Chaverny, por seu turno, enxergara o casaco de Peyrolles.

—Meus rapazes — disse êle, continuando o papel do **factotum** — já me desempenhei da minha missão junto dêstes dois miseráveis. Peço-lhes para me conduzirem até à porta da rua.

— Tenho aparência de guarda? — perguntou Passepoil.

— A ponto de os confundir! — respondeu o marquês.

— E eu — disse Cocardasse, sem procurar esconder a sua humilhação — pareço-me de longe ou de perto com êsse chaveiro?

— Como duas gôtas de água — respondeu o marquês — a caminho, tenho a mensagem para entregar!

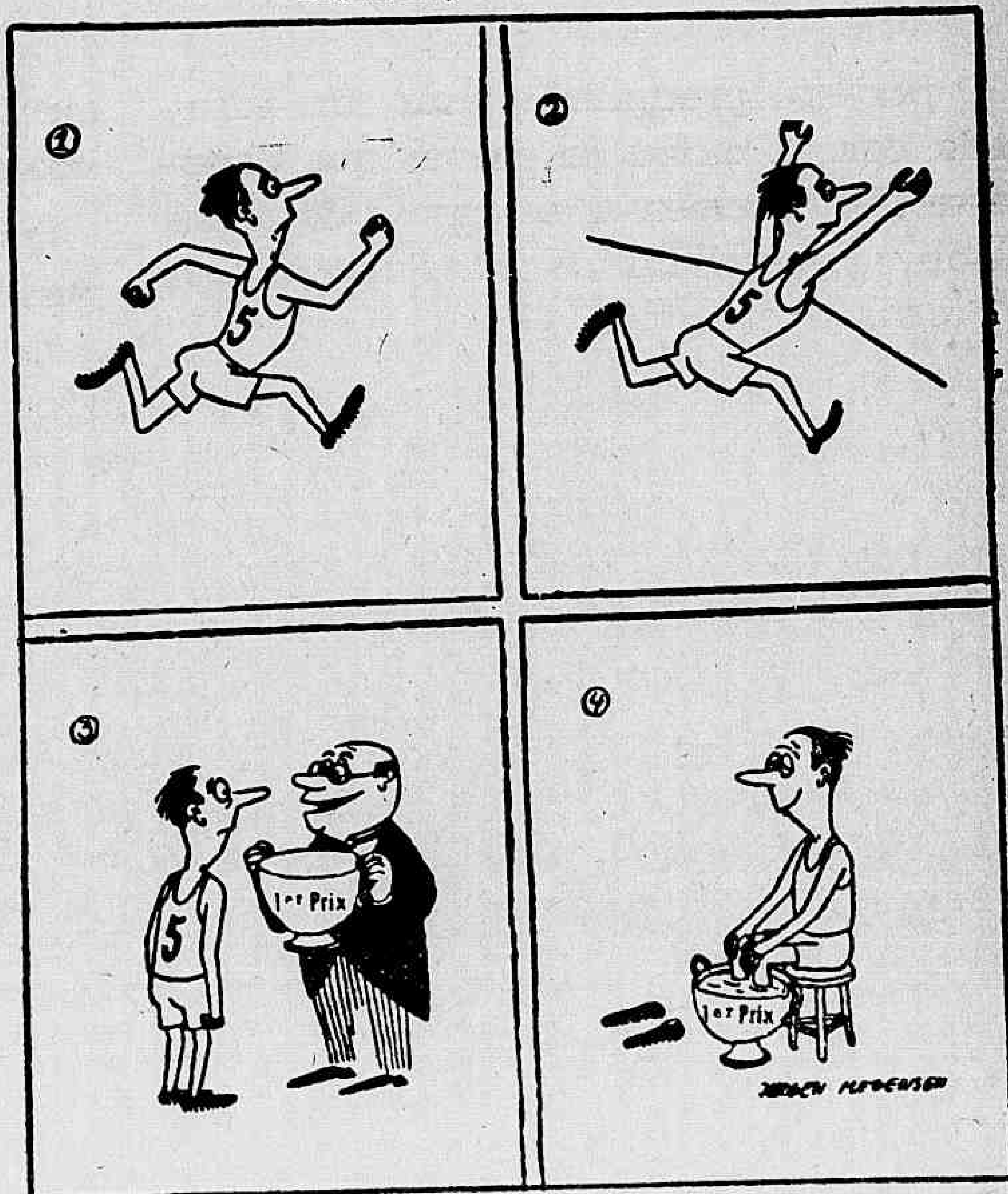
E os três saíram do calabouço, fechando a porta a duas voltas, sem esquecer os respectivos ferrolhos. Peyrolles e os dois guardas lá ficaram sòlidamente amarrados e amordaçados.

A História não diz quais as suas reflexões em tão triste e dolorosa conjetura.. Entretanto, os três prisioneiros atravessaram o primeiro corredor sem serem incomodados: estava vazio.

— A cabeça um pouco mais alta, Cocardasse — disse Chaverny. — Tenho mêdo dos teus danados bigodes!

O marquês enterrou o barrete de lã pelas orelhas do gascão e ensinou-lhe a levar as chaves. Chegaram à porta do pátio da prisão que, tal como os claustros, estava cheio de gente.

Chaverny, com o chapéu puxado para os olhos, foi o primeiro a passar.



— Meu amigo — disse ao poretiro — aqui perto, no número 9, no corredor, parece-me estarem dois perigosos marotos. Tome cuidado!...

O porteiro tirou o boné resmungando. Cocardasse e Passepoil atravessaram o pátio sem novidade. Na sala dos guardas, Chaverny portou-se como um curioso que visita uma prisão. Olhava atentamente para todos os objetos e fêz várias perguntas idiotas, no tom mais sério do mundo. Faltava só atravessar o último pátio, e, já no limiar, Cocardasse ia fazendo cair um criado, que transportava um prato com comida. Onosso herói soltou uma praga formidável, que fêz assustar tôda a gente, e o compadre Passepoil estremeceu até à medula.

— Meu amigo — disse Chaverny tristemente — êste rapaz não tem cara de mau e tu podias deixar de blasfemar!

Cocardasse baixou a cabeça.

— Não conheço êste chaveiro gascão! — resmungou um dos guardas. — Esta gente mete-se por todos os lados!

Nesse momento, o postigo abriu-se para dar passagem a um soberbo faisão assado, prato principal do almôço do senhor marquês de Ségré.

Cocardasse e Passepoil, não podendo moderar a sua impaciência, transpuseram o limiar de um salto.

— Agarrem-nos!... Agarrem-nos!... — exclamou Chaverny.

O porteiro precipitou-se mas caiu fulminado com o molho de chaves que Cocardasse lhe arremessou ao rosto. Os nossos heróis principiaram imediatamente a fuga e desapareceram.

A carruagem que levara Peyrolles ainda se encontrava à porta. Chaverny reconheceu a libré da casa de Gonzaga. Pôs um pé no estribo e continuou a gritar com tôda a fôrça que os apanhassem.

Então, aproveitando a confusão e o tumulto, curvou-se para a outra portinhola e mandou seguir para o palácio a tôda a velocidade.

Logo que a carruagem meteu pela rua de Saint-Denis, o marquês enxugou a fronte e principiou a rir a bandeiras despregadas. O excelente Peyrolles acabava de lhe dar, não só a liberdade, como também a carruagem, para chegar, sem fadiga, ao seu destino!



Estamos de novo naquele mesmo aposento de mobiliário severo e triste onde encontramos pela primeira vez a princesa de Gonzaga na manhã que precedeu o tribunal de família.

Havia muita gente no oratório da princesa, embora fôsse ainda bastante cedo. Em primeiro lugar, uma jovem lindíssima estava deitada num divã e à cabeceira de quem se encontrava a primeira camareira da princesa, a excelente Madalena Giraud, de mãos postas e lágrimas nos olhos.

A pobre criatura acabava de confessar à princesa que o milagroso aviso encontrado no seu livro de orações, na página do **Miserere**, tinha ali sido colocado por ela, de cumplicidade com o corcunda. Em vez de se zangar, Aurora de Caylus abraçou-a. Madalena estava tão feliz como se tivessem encontrado o seu próprio filho.

A princesa encontrava-se no outro extremo do aposento, rodeada por duas mulheres e um rapazinho. Junto dêles encontravam-se as fôlhas dispersas do manuscrito, e a caixinha onde estivera guardado. Aquelas linhas escritas na esperança ardente de um dia serem lidas por mãe desconhecida, mas adorada, acabavam de chegar ao seu destino. A princesa tomara conhecimento delas, o que se notava fàcilmente ao ver-lhe os olhos vermelhos de chorar lágrimas de ternura.

Quanto à forma como a caixa e o gentil passarinho tinham transposto o limiar do palácio de Gonzaga, quase não é preciso explicá-lo.

Uma das mulheres era a honrada Francisca Berrichon, e o rapaz que torcia o boné entre as mãos, com ar malicioso e confuso, era João Maria, o pagem de Aurora, o falador e imprudente que arrastara a avó para fora do seu pôsto, entregando-se às tentações das bisbilhoteiras da rua de Chantre.

A outra mulher encontrava-se um pouco afastada e qualquer dos nossos leitores reconheceria nela o rosto gracioso de dona Cruz, em cujas faces havia naquele momento um traço de verdadeira e profunda

emoção. Francisca Berrichon tinha a palavra:

— Êste não é meu filho — dizia com a sua voz forte, designando João Maria — é o filho do meu infeliz rapaz, do meu filho que morreu na guerra!

— E estavam no serviço de Nevers? — interrogou a princesa.

— Todos os Berrichon, de pais para filhos, desde que o mundo é mundo! Meu marido era o escudeiro do duque Amaury, pai do duque Filipe; o pai de meu marido, que se chamava Guilherme João Nicolau Berrichon...

— E seu filho — interrompeu de novo a princesa — foi quem levou aquela carta ao castelo de Caylus?

— Sim, senhora princesa, foi êle, e Deus bem sabe que durante tôda a sua vida nunca esqueceu essa noite! Encontrara... foi êle quem me contou tôdas estas coisas!... na floresta d'Eens, Marta, sua antiga camareira, que tomou conta da pequenina. Marta reconheceu-o por o ter visto no castelo do nosso jovem duque, quando lá ia levar as suas cartas. Foi Marta quem lhe disse: "Há no castelo de Caylus alguém que descobriu tudo. Se vires a senhora, diz-lhe que tome muito cuidado!"

"Berrichon foi apanhado pelos soldados e liberto pela graça de Deus. Era a primeira vez que via o cavaleiro de Lagardère, de quem tanto se falava. E disse-nos: "É tão lindo como o S. Miguel Arcanjo, da igreja de Tarbes!"

— Sim — murmurou a princesa, meditando — é realmente bonito...

— E valente! — prosseguiu Francisca. — Um verdadeiro leão!

— Um verdadeiro leão! — quis confirmar João Maria.

Mas a avó abriu-lhe muito os olhos e êle calou-se.

— Berrichon, o meu desgraçado filho, contou-nos tudo isto e mais ainda, como o duque de Nevers e êsse Lagardère tinham combinado um encontro para se baterem em duelo e como Lagardère defendeu o senhor de Nevers durante meia hora contra mais de vinte patifes... salvo o devido respeito que devo à senhora princesa!... que se encontravam armados até aos dentes!

Aurora de Caylus fez-lhe sinal para se interromper. Sentia-se fraquejar ante aquelas dolorosas recordações. Os olhos cheios de lágrimas voltaram-se para a capela ardente e murmurou:

— Filipe, meu bem-amado marido, parece-me que ainda foi ontem e no entanto os anos passaram como horas! A ferida da minha alma sangra e não quer curar-se!

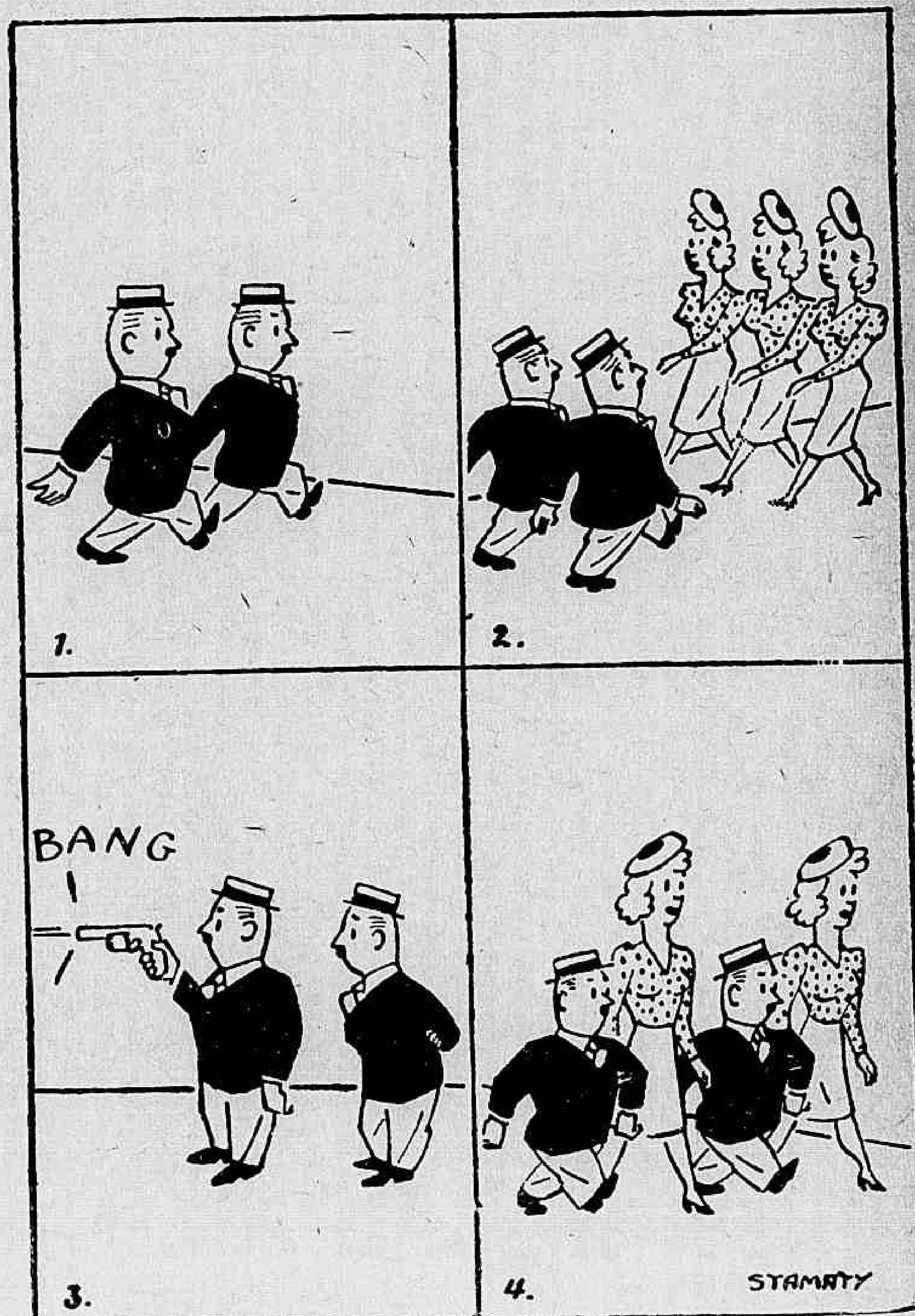
No olhar de dona Cruz viu-se um brilho ardente, como um relâmpago, ao contemplar com admiração tôda a nobreza daquela dor sem fim. É que lhe corria nas veias o sangue ardente que faz bater o coração mais mais depressa e eleva a alma até aos sentimentos heróicos.

Francisca Berrichon meneou a cabeça com ar maternal.

— O tempo é o tempo... — comentou. — Todos nós somos mortais e é preciso encarar as dores do passado com resignação.

Berrichon, dando voltas ao boné, comentou:





— A minha avó tem razão...

— Depois — prosseguiu Francisca — quando o cavaleiro de Lagardère voltou à nossa terra... isto há uns cinco ou seis anos... e me perguntou se eu queria entrar ao serviço da filha do falecido duque, respondi-lhe imediatamente que sim. Por quê? Porque Berrichon, o meu pobre filho, me contara como as coisas se tinham passado. O duque moribundo chamava o cavaleiro pelo seu nome e dissera-lhe: "Irmão! Meu irmão!"...

A princesa comprimiu o peito com as duas mãos.

— E mais ainda — continuou Francisca. — "Serás o pai da minha filha e vingar-me-ás!"... Berrichon nunca mentia, senhora princesa! Além disso, que interêsse êle teria em mentir? Partimos, João Maria e eu. O cavaleiro de Lagardère achava que a menina Aurora já era um tanto crescidinha para viver sòzinha com êle.

— E queria também — interrompeu João Maria — que a menina tivesse um pagem!

Francisca encolheu os ombros, sorrindo.

— Êsse rapaz é um verdadeiro tagarela! — disse. — Peço desculpa, minha nobre senhora!.... Então partimos para Madrid, capital de Espanha. Ah! As lágrimas chegaram-me aos olhos quando vi a pobre menina, isso é verdade! Era o retrato perfeito do nosso jovem amo e senhor! Mas, silêncio! Era preciso calar-me, o senhor cavaleiro não queria que se falasse...

— E durante todo o tempo que estêve com êle... — perguntou a princesa hesitante — com o cavaleiro de Lagardère?...

— Ah! Meu Deus! Minha nobre senhora! — exclamou Francisca, cuja rosto se empurpurou. — Não, isso nunca!... Durante êsse tempo aprendi a estimar o senhor cavaleiro tanto ou mais do que se fôsse da minha família. Se outra pessoa que não fôsse a senhora princesa duvidasse dêle... No entanto, é preciso perdoar-me — interrompeu-se Francisca, fazendo uma vênia — chego a esquecer-me diante de quem estou a falar! É porque êle é um santo, minha nobre senhora... sua filha estava tão bem guardada junto dêle, como o estaria junto da mãe! Tinha por ela um respeito, uma adoração, uma ternura tão grande e tão pura!...

— Faz bem em defender aquêle que não merece ser acusado — pronunciou friamente a princesa — porém dê-me mais pormenores... Minha filha vivia então no seu retiro?...

— Sòzinha, sempre sòzinha, demasiado até, e por isso estava sempre triste. Se me tivessem dado ouvidos.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Aurora de Caylus.

Francisca lançou um olhar rápido para onde se encontrava dona Cruz, sempre imóvel, e disse:

— Uma rapariga que cantava e dançava na Plaza-Santa, não era boa companhia para a herdeira de um duque...

A princesa voltou-se para a cigana e viu-lhe uma lágrima a brilhar nos olhos vivos e ardentes.

— Não tem mais nenhuma censura a fazer a seu amo? — perguntou.

— Censuras? — exclamou a boa Francisca. — Mas isto não era uma censura, ela não ia lá muitas vêzes e eu andava sempre vigilante...

— Está bem — interrompeu a princesa — agradeço-lhe a sua dedicação, e agora pode retirar-se. A partir desta data, Francisca e seu neto ficam ao meu serviço!

— De joelhos! — exclamou a boa criatura, puxando o neto.

A princesa fêz deter êste impulso de reconhecimento e, a um sinal seu, Madalena Giraud levou-os a ambos. Dona Cruz também se dirigiu para a porta.

— Onde vai, Flor? — interrogou a princesa.

Dona Cruz julgou ter ouvido mal.

A princesa, porém, insistiu:

— Não é assim que ela lhe chama?... Venha cá, Flor, quero beijá-la!...

E como a cigana não obedecesse prontamente, a princesa ergueu e tomou-a entre os seus braços. Flor sentia-lhe o rosto cheio de lágrimas...

— Ela adora-a — murmurou a feliz mãe. — Gosta imenso de si, escreveu-o aqui, nestas páginas onde pôs tôda a sua alma! Flor é a cigana, a sua primeira amiga. Mais feliz do que eu, conheceu-a em criança. Era bonita, não?... Oh! Flor, conte-me, diga-me tudo quanto se recordar!

E sem dar tempo para ela responder, prosseguiu com a sua paixão de mãe:

— Tudo quanto ela aprecie, também eu quero amar! Estimo-te, Flor, como minha segunda filha. Beija-me!... Mas, serás capaz de gostar de mim?... Se soubesses como me sinto feliz e como desejava que tôda a gente estivesse satisfeita como eu! Até êsse homem, que me roubou o seu coração, Flor, se ela quiser, sinto que sou capaz de o estimar profundamente!

CORAÇÃO DE MÃE

Dona Cruz sorria por entre as lágrimas. A princesa apertava-a loucamente de encontro ao coração.

— Serás capaz de acreditar, Flor — murmurou — que ainda não ouso beijá-la assim?... Não te zangues... é ela quem te beija a fronte e a face!

E afastou-se sùbitamente, para melhor a contemplar.

— Dançavas nas praças pùblicas e nas ruas, minha filha? — interrogou, com ar sonhador. — Não tens família... Amá-la-ia menos se eu a tivesse encontrado nas mesmas condições?... Meu Deus! Meu Deus! Como a voz da razão se engana! No outro dia, disse: "Se a filha de Nevers tivesse esquecido, por um momento que fôsse, o que deve à sua raça..." Não, é melhor não continuar, gela-se-me o sangue nas veias ao pensar que Deus podia ter-me castigado!... Vamos agradecer a Deus, Flor, minha ciganinha, vem!

E, arrastando-a para o oratório, ajoelhou-se.

— Nevers! Nevers! — exclamou. — Encontrei a nossa filha! Pede a Deus que veja a alegria e o reconhecimento do meu coração!

Naquele instante, com certeza, nem o seu melhor amigo a reconheceria. O sangue tornara a colorir-lhe vivamente as faces. Estava nova e linda; o olhar brilhava e a sua figurinha airosa tremia e palpitava. A voz era meiga, terna, deliciosa.

Por momentos, conservou-se naquele êxtase.

— És cristã, Flor — prosseguiu. — Sim, recordo-me que ela dizia que eras cristã. Oh! Como o nosso Deus é bom! Dá-me as tuas mãos e vê como palpita o meu coração!

— Ah! — exclamou a pobre rapariga. — Se eu também tivesse mãe!...

A princesa tornou a puxá-la para si e perguntou:

— Ela falava-te de mim? Acêrca de que conversavam?... Quando a encontraste ainda era pequenina... Sabes uma coisa? — interrompeu-se, porque a febre dava-lhe a necessidade incessante de falar. — Parece-me que ela tem mêdo de mim... Morria se isso continuasse... Fala-lhe a meu respeito, Flor, minha querida Flor, peço-te!...

— Então não viu naquelas páginas quanto ela a ama? — respondeu Flor, sorrindo por entre as lágrimas.

— Sim... sim... Creio que nunca seria capaz de explicar o que senti ao ler o manuscrito! A minha filha não é triste e grave como eu. Tem a alegria do pai; no entanto, eu, que tanto tenho chorado agora, já fui alegre também... A casa onde nasci era uma prisão... mesmo assim eu ria, cantava e dançava até o dia em que vi aquêle que levaria para o seu túmulo tôda a minha alegria e todos os meus sorrisos.




(Paris Match)

Aurora de Caylus passou ràpidamente a mão pela fronte escaldante.

— Nunca viste uma pobre mulher enlouquecer? — perguntou bruscamente.

Flor olhou-a com ar inquieto.

— Nada receies, minha filha — disse a princesa — mas a felicidade é para mim uma coisa tão nova!... Notaste que minha filha é como eu?... No dia em que chegou o amor, desapareceu-lhe a alegria!... Nas últimas páginas há bastantes vestígios de lágrimas...

E a princesa deu o braço à cigana para voltar ao seu lugar primitivo. A todos os momentos voltava-se para o divã onde Aurora descansava. No entanto, um vago sentimento parecia afastá-la dali...

— Sim, ela ama-me! — prosseguiu. — Mas o sorriso que se debruçava sôbre o seu berço era o dêsse homem! Foi êle quem lhe ensinou as primeiras letras e o nome de Deus!... Oh! Flor, minha querida, nunca lhe digas quanta raiva, quanto ciúme, quanto rancor eu sinto por êle!

— Não é o seu coração que fala... — murmurou Flor.

A princesa apertou-a de encontro ao coração com súbita violência.

— É o meu coração, sim! Não era êle que se fazia criança para brincar com ela? Não era êle quem, ao regressar do trabalho, lhe levava uma guloseima, um brinquedo?... Então isso não pertence à mãe?... Êle bem sabia que procedendo assim me roubava tôda a sua ternura!...

— Oh! — quis interromper a cigana.

— Queres defendê-lo? — exclamou a princesa, olhando-a desconfiada. — És do seu partido?...

E duas lágrimas brilharam-lhe nos olhos fatigados de tanto chorar, enquanto balbuciava entre soluços:

— Oh! Êsse homem!... Sou viúva e só me restava o coração de minha filha!

Dona Cruz ficara muda ante a suprema injustiça do amor maternal. Ela compreendia — ela, uma rapariga filha ardente do prazer — aquela louca que ainda na véspera quisera brincar com o drama da sua vida! A sua alma continha, em germe, todos os amôres apaixonados e ciumentos!

Por fim, dirigindo-se à princesa, segredou-lhe:

— Mas é sua mãe!...

Aurora de Caylus ergueu a cabeça e fitou nela o seu olhar inquieto e sofredor, perguntando:

— Que pretendes dizer com isso?... Queres consolar-me. É um dever amar a mãe, não é verdade? Ah! Mas se minha filha me estimasse apenas por dever, sinto que morreria!

— Releia as páginas onde Aurora fala de si e veja quanta ternura, quanto amor respeitoso!

— Estava a pensar nisso, Flor, meu coração amigo! Há, porém, uma coisa que me impede de reler essas páginas que beijei tão ardentemente! Ela é severa... faz ameaças... Quando chega a pontos de suspeitar que o obstáculo entre ela e o seu protetor é a mãe, as suas palavras tornam-se cortantes como a lâmina de uma espada! Nós lemos isso juntas. Recordas-te do que ela diz?... Fala de mães orgulhosas...

A princesa sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Mas a senhora princesa não pertence a êsse número — disse dona Cruz, que a observava.

— Pertenci — murmurou Aurora de Caylus, escondendo o rosto entre as mãos.

No outro extremo do aposento, Aurora agitou-se no seu leito. Palavras indistintas escapavam-se-lhe dos lábios. A princesa estremeceu. Em seguida, levantou-se e atravessou o quarto na ponta dos pés, fazendo sinal a Flor para a seguir, como se sentisse necessidade de estar acompanhada e ser protegida.

Ajoelhou em frente da filha. Flor conservou-se de pé. A princesa estêve largo tempo a contemplar as feições da filha e abafando os soluços.

— Henrique! Henrique, meu bom amigo! — murmurou Aurora no seu sono.

A princesa empalideceu de tal maneira que dona Cruz tentou ampará-la; porém, foi repelida. Sorrindo com angústia, a princesa disse-lhe:

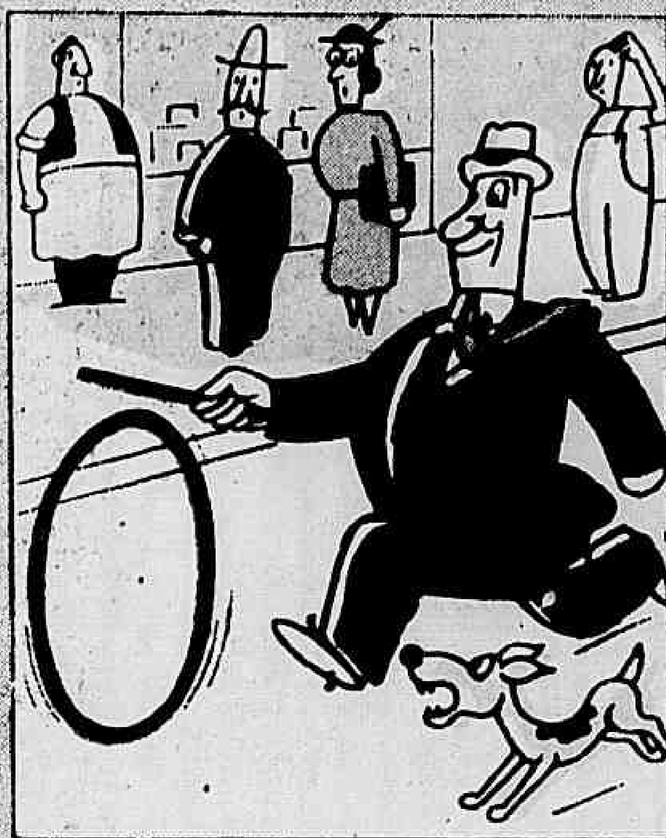
— Hei de habituar-me... talvez noutra ocasião sonhe comigo!...

(Continua no próximo número)

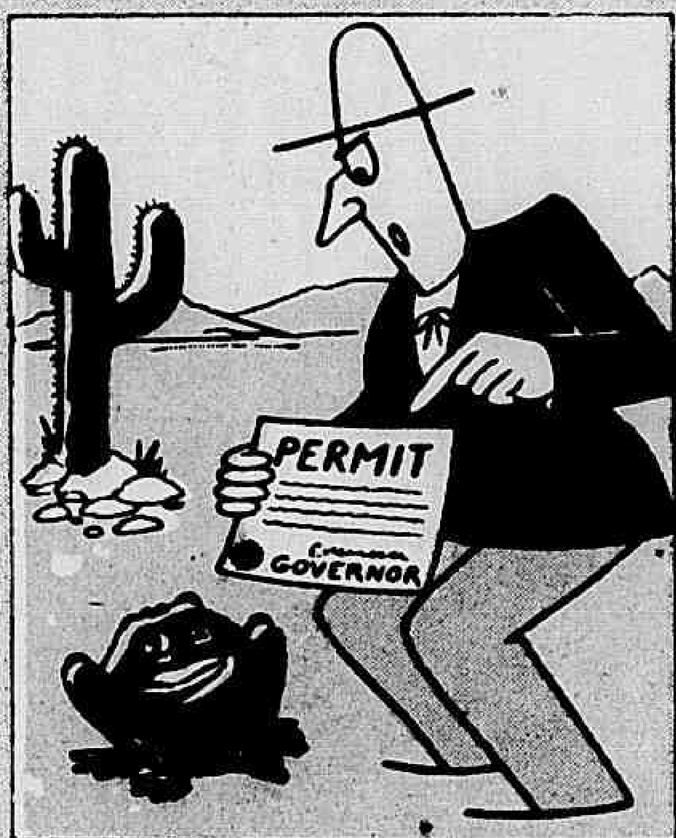
E' A LEI! — Por DICK HYMAN



No Illinois é ilegal usar a cadeira do barbeiro para dormir".



Rolar arcos pelas ruas de Watleins (N. Y,) é proibido por lei.



Nem uma só rã (viva) pode sair do Estado de Novo México — Estados Unidos — sem licença especial do governador.



É absolutamente contra a lei, em Norman (Oklahoma) dirigir automóvel e, ao mesmo tempo, ler historietas para a infância!

DISFARCE

DEPOIS de gozar um breve descanso em uma pequena aldeia de montanha, o grande ator Lucien Guitry preparou seu regresso a Paris. Foi à pequena estação, a fim de saber a hora da saída do trem e comprar a passagem. Não viu fôsse quem fôsse.

Começou a gritar estentòricamente e, mais alguns segundos, surgiu um homenzinho em mangas de camisa, declarando ser o chefe da estação.

— Isso é mentira! — gritou Guitry. — Os chefes de estação sempre vestem uniforme.

O homenzinho se retirou e pouco depois reapareceu metido num uniforme e tendo à cabeça um boné cheio de galões. Guitry, ao avistá-lo, tratou de remediar seu equívoco e disse amàvelmente: "Olá, sr. chefe! Ainda bem que chegou, pois há pouco andava aqui um imbecil, que pretendia fazer-se passar pelo senhor.



DIFERENÇA

UM solteiro sabe que é velho quando seus amigos, em vez de perguntar-lhe "Por que não casas?", lhe dizem "Por que não casaste?"

Quando uma mulher formosa se casa, troca as cortesias de muitos homens pela descortesia de um só.



EXPERIÊNCIA

NUMA reunião de amigos, em que se falava do valor positivo da experiência, J. P. Sartre, o célebre filósofo do existencialismo declarou:

— A experiência é a qualidade que nos permite não recomeçar jamais uma estupidez da mesma maneira.



DEFINIÇÃO

JEAN Cocteau foi um dos grandes amigos de Collette, a escritora francesa desaparecida recentemente. Segundo confissão do célebre escritor os mortos sobrevivem apenas na recordação dos amigos que deixa neste mundo. "O verdadeiro túmulo dos mortos — costuma dizer — não está no cemitério, mas sim no coração dos vivos."

Convenhamos que não se trata de uma longa sobrevivência.



QUE FOME

EM El Paso, Novo México, os ladrões que penetraram no restaurantes "Michael's" tiveram tempo suficiente para arrombar o cofre e dêle retirar todo o dinheiro e, igualmente, apanhar um gordo peru no refrigerador, temperá-lo, assá-lo e comê-lo.



AS AGUAS DO PANTANO PROMETIAM MORTE A QUALQUER EXPLORADOR DESCUIDADO, MAS PARA O DR. WALTERS FOI UM CAMPO DE EXPERIÊNCIA PARA O FUTURO DA FILHA.

Conto de WYATT BLASSINGAME

ERAM quatro no barco. O dr. Walters estava sentado à proa. Logo depois vinha sua filha ao lado de Garry Howell e, na pôpa, McAmes. o guia. Devido ao barulho do motor, pouco se conversava, mas ao olhar para trás o dr. Walters viu que Howell dizia, rindo, qualquer coisa ao ouvido de Louise. O doutor franziu o sobrolho e voltou a sua atenção para a frente.

O pântano de Okefenokee, na linha divisória dos Estados de Flórida com o de Geórgia, era um lugar diferente e terrível. Era como se fôsse um mundo novo para os quatro.

O velho cientista se encontrava ali por duas semanas, mas cada dia havia uma coisa diferente e curiosa, que despertava a sua atenção. As águas eram azul-preta e refletiam na sua superfície, como num espelho, silhueta dos velhos ciprestes, que pareciam outras tantas árvores da floresta, porém plantadas de maneira inversa. De um banco de areia escorregou preguiçosamente, para dentro da água, um jacaré enorme e coleante.

"Era fascinante e horrível!" — pensava o dr. Walters. — "O homem, aqui, não precisa fazer nenhum esfôrço de imaginação para acreditar que a natureza permanece virgem, inexplorada pelo homem, e que ao lado dessa beleza selvagem e primitiva há o mistério do fundo das águas, com a sua lama espêssa. E havia ainda os insetos, os répteis...

O dr. Walters sorriu sêcamente. Foi um riso rápido, que logo morreu. Habitualmente, sua mente não era tão fantasista. Tinha sido a filha quem o habituara a essas divagações, a êsse encantamento pela natureza.

— É terrível — dissera Louise na noite anterior, quando estavam todos sentados em redor da fogueira do acampamento.

— Terrível? — perguntara então o dr. Walters. Que acha você que é terrível, Louise?

— Tudo aquilo! — respondeu a moça, completando a escuridão que descera sôbre o pântano, além. — Não consigo habituar-me!

Garry Howell sorrira, logo comentando:

— Quem gostaria de se habituar a isso?

— Pode parecer tolice minha — acrescentara Louise. — Mas fico pensando em alguém que se perdesse acolá, e se encontrasse só, sem armas, sem nada...

Depois, voltando-se para McAmes, o guia, perguntara:

— Que faria uma pessoa assim perdida numa dessas ilhotas, sem um barco?

— Acho que teria mesmo que permanacer lá...

— Pelo menos não morreria de fome — observara Howell. — Dizem que carne de serpente é muito saborosa...

Levantara-se e a sua figura de rapaz elegante, parecendo mais jovem do que era na realidade, se iluminou com a luz broxoleante da fogueira.

— Vamos, querida — disse para Louise. — Vamos até ao ancoradouro assistir ao nascer da lua.

— Pois não, obrigada — respondera a moça com aquêle seu sorriso fascinante que o pai sempre admirava; mas êste havia sentido, naquela ocasião, uma sensação de desconfôrto ao ver a filha sorrir para Howell daquela maneira sedutora.

Depois, Louise tomara a mão do rapaz nas suas e ambos se haviam afastado na direção do ancoradouro.

— Já estão noivos, doutor? — perguntara McAmes, depois de um momento de silêncio.

— Não.

O dr. Walters compreendera, depois, quanto tinha sido ríspida e enfática a sua voz, ao pronunciar esta negativa.

— **Pelo menos oficialmente ainda não são noivos** — acrescentara, tentando desfazer a expressão do seu enfado. — Por quê?

— Por nada. Perguntei por perguntar. Ela está apaixonada por êle?

O dr. Walters não pudera — como ainda não podia, agora — responder com certeza.

— **Ela** acha que está; pelo menos dizia isso antes de vir para cá.

Nos seus olhos havia uma interrogação.

— McAmes, você é da mesma idade de Garry. Que acha dêle?

— Parece um bom rapaz. É muito rico, eh?

— Sempre teve muito dinheiro. A botânica é para êle um passatempo. Abandonará essa... distração logo que se cansar. Da mesma maneira que abandonará...

O dr. Walters interrompera em tempo o que ia dizendo.

— Êle me disse que o doutor não tinha ficado satisfeito de tê-lo como seu assistente — observara McAmes. — O rapaz, no entanto, parece entender um bocado de orquídeas!

— Garry é bastante inteligente.

Mas não se tratava disso, pensava o doutor com os seus botões. O essencial num homem não é ser brilhante, mas honesto. Honestidade acima de tudo, em tôdas as suas ações! Não tinha nenhuma certeza acêrca de Garry. Êle era inexperiente em tudo; era um **diletante** em ciência, em arte e... em mulheres.

Imediatamente, o dr. Walters recompôs na mente o quadro que observara havia pouco. Sua filha, sentada ao lado da fogueira, dirigindo ao rapaz aquêle fascinante sorriso.

Intimamente, o dr. Walters temia ver sua filha magoada. Por isso mesmo lhe pedira que adiasse qualquer plano de casamento, a fim de que ela e Garry se conhecessem melhor e pudessem ter certeza de que se amavam. Esta, aliás, tinha sido a razão pela qual trouxera Louise naquela viagem em companhia do rapaz, pois quando as pessoas vivem mais em contacto, partilhando as mesmas cruezas, as verdadeiras arestas das suas individualidades começam a surgir.



— Louise entende muito de botânica, não é? — perguntara McAmes do outro lado da fogueira.

— Entende muito. É uma cientista de primeira! Mas não acredito que ela conservará esta profissão. Sua mãe morreu deixando-a com apenas cinco anos de idade. Criei-a no campo ou no laboratório comigo, sempre ao pé de mim. Talvez não tenha agido direito, mas...

Mas quisera sempre poder conservá-la perto de si: era êste o pensamento que completaria as suas reticências. A filha e seu trabalho eram tudo na sua vida.

— Ela me tem ensinado um bocado de coisas sôbre orquídeas — comentava McAmes. — Mostrou-me algumas fotografias, que me deram a idéia de já ter visto algumas. Já sei, por exemplo, que o seu nome científico é "Habenaria habenaria".

O dr. Walters se despedira, recolhendo-se ao seu acampamento. Dentro de alguns minutos pressentira a chegada de Louise ao compartimento contíguo ao seu. Não demorara muito, porém a ouvir o abafado ruído do pranto e dos soluços de Louise.

Levantara-se e fôra até à porta que os separava.

— Louise...

— Sim — respondera a moça.

Êle abrira a porta, encontrando a moça deitada de bruços, procurando controlar a emoção.

— Estou bem, papai — balbuciara a moça ainda soluçante. — Estou apenas sendo exageradamente feminina.

— Trata-se de Garry?

— Está tudo bem, papai.

Enquanto permanecia ali por um momento, ansioso para ajudar a filha, de qualquer modo, chegou a sentir ódio contra Garry.



Mas aquilo tudo acontecera na noite anterior. Agora o dr. Walters estava sentado na proa do barco com os outros atrás de si, deslisando pelo pântano a dentro. Automàticamente observava as orquídeas por que ia passando, mas o seu pensamento estava em Louise. Sabia que não a teria sempre ao seu lado; que um dia a perderia. Pôde observar e acompanhar sem angústia todos os outros namoros da filha. Mas com Garry era diferente. O rapaz era rico, mimado, jovial, mas lhe parecia bàsicamente egoísta e superficial. O casamento não o mudaria. Louise, coitada, era muito dedicada para notar essas coisas.

Na pôpa, o motor acelerou e parou. O barco começou a diminuir a velocidade até parar por completo.



— Onde estamos — perguntou o doutor Walters.

— Calculo que estamos no centro do pântano — respondeu McAmes.

— Havia algumas orquídeas a cêrca de duzentas jardas daqui — disse o doutor Walters para Garry. Você as viu?

— Claro! Eram "Blephariglottis cristata". Já as encontramos aqui, um pouco mais para o sul.

— Oh! — disse o doutor aborrecido e envergonhado.

Como podia Garry Howell prestar atenção às flores por que iam passando e rir para Louise ao mesmo tempo?

Vagarosamente, saíram deslisando o barco por entre o pântano, observando as flores da região, em busca de orquídeas raras, até aportarem numa pequena ilha. Pisaram terra firme e saíram observando em derredor. Havia naquela região espécies distintas de orquídeas do sul e do norte. Era êste o motivo pelo qual o Jardim Botânico de Waterfellow enviara o doutor Walters à região para verificar em que justo limite as espécies de orquídeas nortistas e sulistas proliferavam umas ao lado das outras.

— Cuidado com as serpentes! — alertou McAmes. O doutor está tão abstraído pelas plantas que é capaz de não prestar atenção onde pisa.

— Tenho estudado orquídeas durante muitos anos, mas confesso que é esta a primeira vez que vejo tantas espécies em tamanha profusão.

Realmente, a natureza ali havia sido muito pródiga. Sem sentir, os dois homens se haviam afastado muito e já estavam quase do outro lado da ilha. Ao notar, retrocederam e procuraram o barco no ancoradouro; para seu espanto, não o encontraram no mesmo lugar onde o haviam deixado. Mas ainda havia sinais de que o mesmo ali havia permanecido.

— Talvez Howell e miss Walters estejam passeando nêle, aqui por perto — tranqüilizou McAmes.

O dr. Walters gritou o nome da filha e esta respondeu; sua voz vinha da direita e não muito distante. Estava, evidentemente, em terra! E o barco?

Encontraram-se, os quatro, mas a interrogação continuou: **E o barco?**

— O senhor pensa que estamos perdidos, não é papai? — pilheriou a moça.

— Onde está o barco? — perguntou McAmes.

— Está ali — respondeu Howell. — Ali...

O rapaz deixou de falar espantado, olhando para o lugar onde deixara a embarcação havia poucos minutos.

— Deixei ali — explicou Howell. — Depois que saíram, eu e Louise o retiramos daqui para ir dar uma volta. Mas guardei ali, na volta.

— Que brincadeira é essa?

McAmes já estava começando a ficar impaciente.

— Você baixou a âncora? — perguntou a Howell.

— A âncora? Não me lembro... Eu...



— Oh! Por favor, Policarpo, não saia de foco!

QUASE DEVORADO PELAS FORMIGAS

DRAMA REAL NUMA FLORESTA DA COLÔMBIA POR ROGER WAISBARD.

O fato ocorreu em 1954. O dia? Pouco importa, mesmo porque, no seio da floresta tropical colombiana, onde o fogo do céu queima perpètuamente sôbre o oceano verde das árvores, tão espêssas que os raios do astro não conseguem vará-las, perde-se a noção dos dias, o tempo deixa de ter qualquer significação. Noite e dia o calor é o mesmo, terrível e sufocante.

O fétido do húmus, apodrecido sôbre o solo incerto, torna mais pesado o ar, já por si irrespirável. Os próprios relógios se recusam a trabalhar sem dúvida convencidos da inutilidade dos seus serviços. O sol e a noite, nos trópicos, nascem e morrem na mesma hora, do princípio ao fim do ano.

Mas vamos passar a palavra a Roger Waisbard, que poderá fazer uma descrição mais justa e mais dramática dos acontecimentos.

— Entretanto, eu estava certo de que qualquer coisa acontecia em meu redor. Mas quê? Era apenas um pressentimento, qualquer coisa indefinível...

Em meu redor, na penumbra úmida, os índios Vaupés trabalhavam a borracha em múltiplas fogueiras, vigiados por um mulato de aspecto agressivo. Em redor dêsses homens a floresta chorava! Tôdas as árvores, talhadas pelos homens num ziguezague comunicando entre si, a partir da veia principal e de baixo para cima, choravam a sua seiva leitosa, segundo o têrmo técnico. A colheita prometia ser boa, dependendo apenas as chuvas tropicais não chegarem um pouco mais tarde que no ano precedente.

Um "chiclero", com os pés munidos de esporas de ferro, trepado no tronco de uma enorme **batata,** brandia seu machado com agilidade infatigável. Embora boliviano, o índio não falava espanhol. Só o capataz, mulato, podia servir de intérprete. Porém, tanto os índios quanto o mestiço tinham as feições asiáticas. Rosto redondo, maxilares salientes, olhos sombrios e rasgados horizontalmente, os cabelos como um capacete negro, de fios lisos e luzidios.

Como trabalhadores eram medíocres. Mas, quem aceitaria viver nessa floresta senão aquêles que nela tinham nascido? Quem teria trabalhado melhor nesse clima? Quem, ainda, viveria tranqüilo, vestido com uma simples tanga, apesar dos milhares de insetos venenosos e encarniçados em devorá-los?

Mas, talvez, ao contrário, tenham escolhido a melhor fórmula, porque não apenas eu estava coberto de picadas, mas, ainda por cima, o tecido branco, de **liquiliqui**, colava à minha pele como um cataplasma quente e úmido.

Outra coisa me intrigava: Por que os índios trabalhavam? Não tinham, ali, ao

alcance das mãos, as bananas, as mangas saborosas e maduras quase de um a outro extremo do ano? A caça era boa, a pesca também. Então?

A resposta foi dada pelo mestiço:

— **Para beber.**

E tinha razão. Os homens de pele bronzeada não ligavam a menor importância aos **pesos** penosamente conquistados, mas, sim, à água-ardente que obtinham em troca de moedinhas de prata. Para evitar que êsse álcool de cana embrutecesse totalmente seus trabalhadores, a Companhia apelava para o recurso de 'guardar o salário de cada um'. Quando um "chiclero" desejava fazer uma compra, um empregado da cooperativa o acompanhava, pois o índio, incapaz de contar, seria fatalmente explorado.

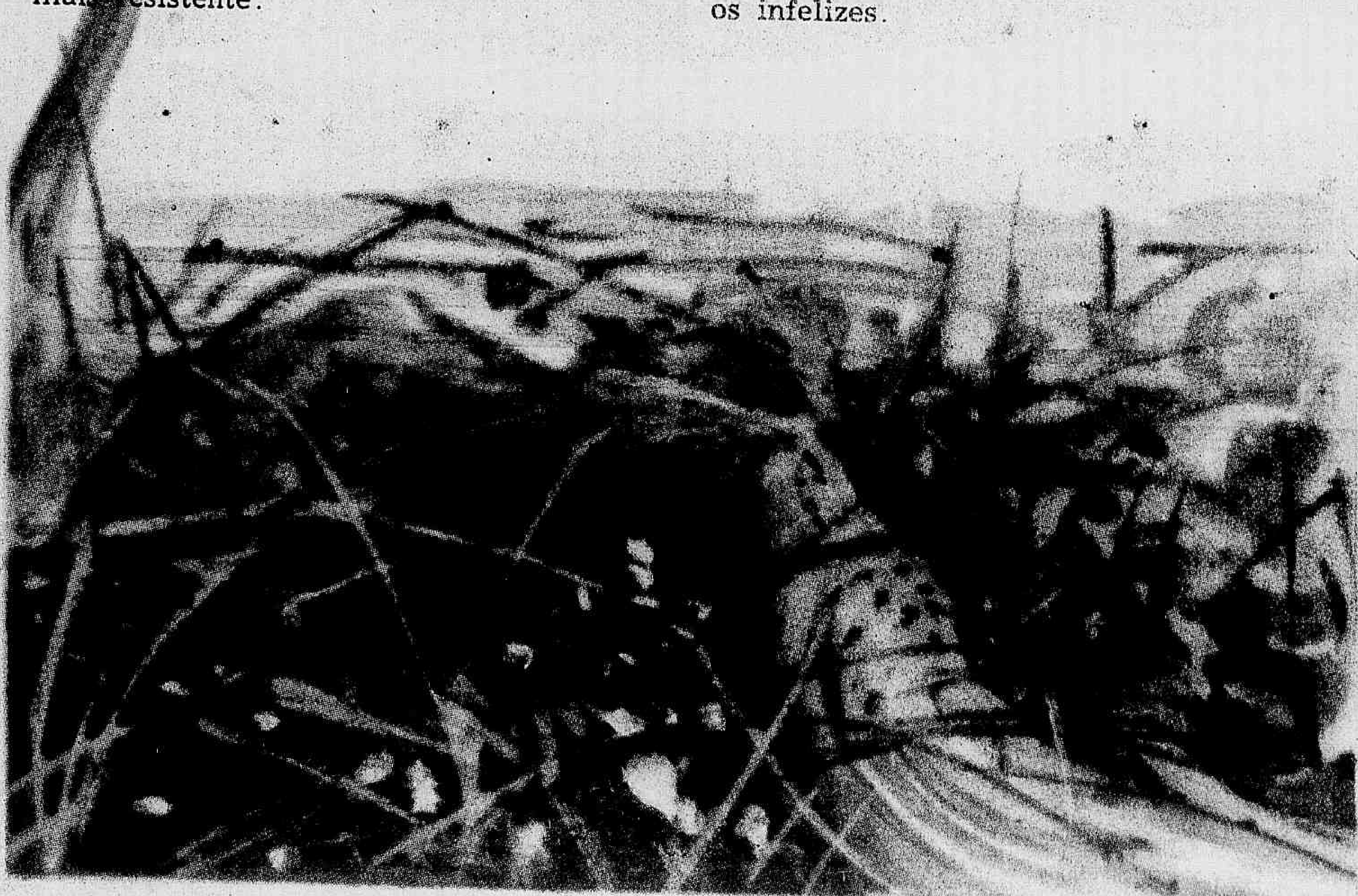
Terminando de sangrar a árvore, o "chiclero" a deixou chorar e, segundo pude calcular, a **lágrima** de uma só árvore produzia cêrca de seis quilos.

A essa altura eu sufocava de calor. Todos os odores de matéria apodrecida, de orquídeas pisadas, de borracha aquecida, eram para mim pior que a estufa em que vivíamos. Felizmente, o trabalho quase terminava. Não pretendia ficar mais que o tempo necessário nessa floresta colombiana, particularmente hostil ao europeu mais resistente.

Logo que a borracha esfriasse, seria embarcada a bordo das primitivas pirogas de tronco escavado. De rio em rio, através dos perigosos **rápidos**, o **chicle** alcançaria Cartágena. Dali, um cargueiro o transportaria aos EE.UU., onde, depois de tratado e perfumado com menta, formaria fitas de vários quilômetros de **chewing-gums.** Para mim as **lágrimas** da árvore se traduziriam em lindas notas de banco, duramente ganhas.

Meu sonho de próxima evasão foi interrompido pela exclamação de surprêsa de um dos "chicleros". Seus companheiros, curvados para a borracha fumegante se haviam erguido, e, apesar do avermelhado-escuro da pele, vi que empalideciam. Todos olhavam para o Rio Papurí. Eu, porém, nada notava de anormal, embora ficasse "em guarda", como os demais.

Qualquer coisa estava para acontecer. **E os homens sabiam!** Por mim, estava informado de que a tribo dos Tatuyos, estabelecida junto das cabeceiras do Cananari não tolerava a intrusão dos brancos em seus domínios. Andavam mesmo hostilizando os trabalhadores, nas derradeiras semanas e eu não havia esquecido, por certo, o desaparecimento de tôda uma turma de "chicleros", apesar das buscas tenazes que havíamos efetuado através da mata, numa desesperada tentativa de salvar os infelizes.



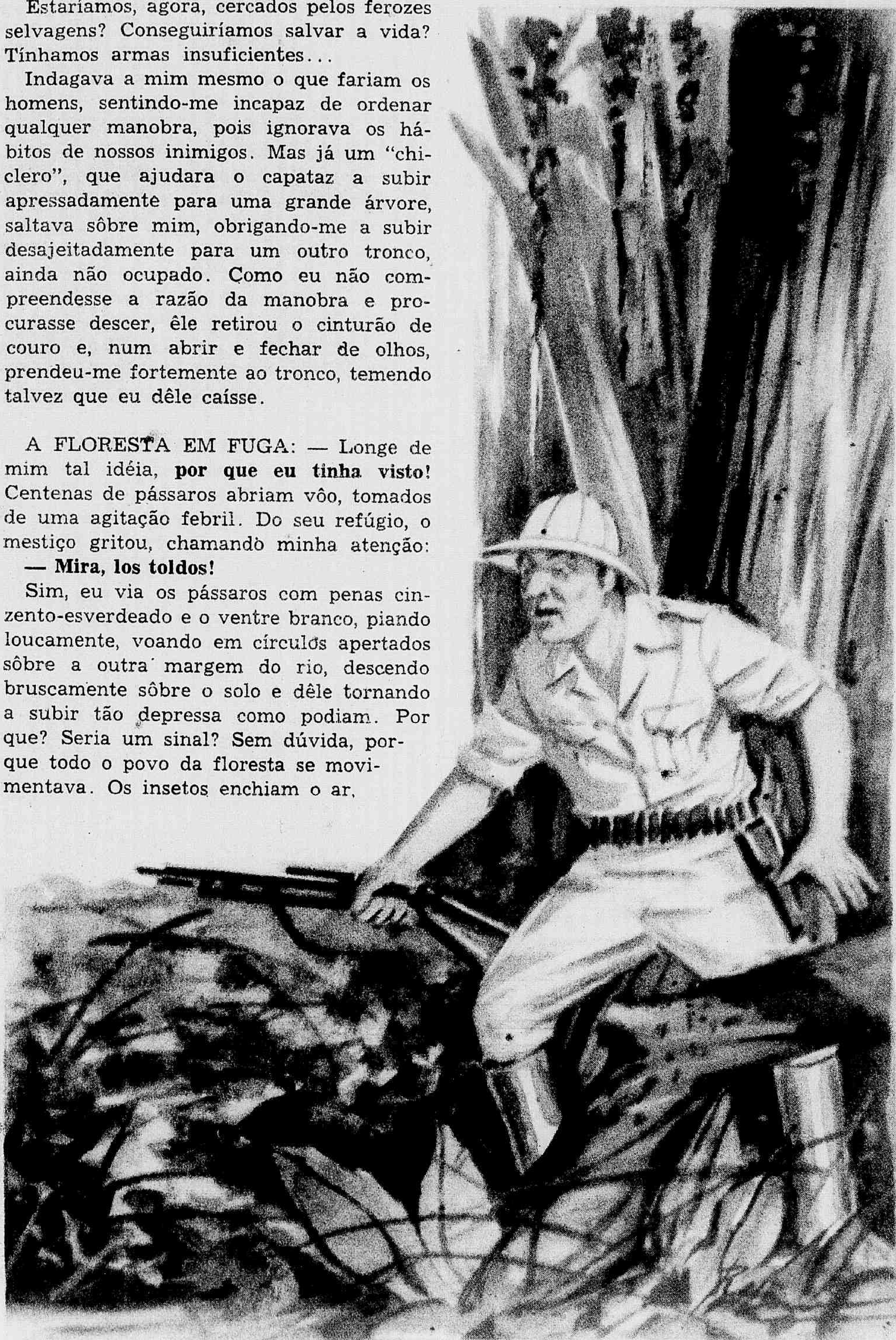
Estaríamos, agora, cercados pelos ferozes selvagens? Conseguiríamos salvar a vida? Tínhamos armas insuficientes...

Indagava a mim mesmo o que fariam os homens, sentindo-me incapaz de ordenar qualquer manobra, pois ignorava os hábitos de nossos inimigos. Mas já um "chiclero", que ajudara o capataz a subir apressadamente para uma grande árvore, saltava sôbre mim, obrigando-me a subir desajeitadamente para um outro tronco, ainda não ocupado. Como eu não compreendesse a razão da manobra e procurasse descer, êle retirou o cinturão de couro e, num abrir e fechar de olhos, prendeu-me fortemente ao tronco, temendo talvez que eu dêle caísse.

A FLORESTA EM FUGA: — Longe de mim tal idéia, **por que eu tinha visto!** Centenas de pássaros abriam vôo, tomados de uma agitação febril. Do seu refúgio, o mestiço gritou, chamando minha atenção:

— Mira, los toldos!

Sim, eu via os pássaros com penas cinzento-esverdeado e o ventre branco, piando loucamente, voando em círculos apertados sôbre a outra margem do rio, descendo bruscamente sôbre o solo e dêle tornando a subir tão depressa como podiam. Por que? Seria um sinal? Sem dúvida, porque todo o povo da floresta se movimentava. Os insetos enchiam o ar,



enquanto pelo chão, pelos troncos, as serpentes se agitavam como bailarinas em transe; também os animais de pêlo, os leopardos, que em geral só se mostravam à noite, os pecaris, as corças de olhos medrosos, todos se atiravam numa mesma direção. Um animal desconhecido, com as patas crivadas de espinhos, apesar da espessura do seu couro, juntou-se a mim, no galho ao qual eu me agarrava desesperadamente. Tinha o pêlo duro e pardo, a língua pontuda e irrequieta...

Ouvi, então, um ruído que se aproximava e vinha do outro lado do rio. Parecia chuva fina, batendo sôbre fôlhas sêcas. Eu estava cada vez mais intrigado, pois não havia nenhum prenúncio de furacão e, embora o teto formado pela ramaria me impedisse de ver o céu, eu julgava impossível que êsse ruído misterioso fôsse o de uma tromba dágua. Vi, nesse momento, o capataz mestiço e o índio, repentinamente amigos, iluminando o solo com a lanterna elétrica. Não vi mais traço de animal em fuga, mas distingui **alguma coisa que se movia sôbre o húmus podre**... Então, repentinamente, compreendi o terrível pânico de homens e animais.

Ali estavam as gigantescas formigas vermelhas!

AS FORMIGAS ANTROPÓFAGAS: — Porém estas, que eu via, eram as "exploradoras" do terreno, para o verdadeiro exército, que marchava à sua retaguarda.

Batalhões inteiros de formigas-soldados vinham atrás dessas "batedoras". À sua passagem nada ficaria com vida!

Mas havia uma coisa que se surpreendia acima de tudo: **Como tinham podido atravessar o rio?** Não tínhamos, sequer, a possibilidade de procurar refúgio na água, ao contrário do que afirmaram outros exploradores relatando que, para fugir às formigas antropófagas, tinham procurado um rio ou um pântano!

Saltei da árvore, para tentar qualquer coisa, mas o mestiço saltou também e me obrigou a voltar para o galho alto.

As exploradoras nos haviam, certamente, descoberto, ou antes: o estranho animal de língua fina, que se postara ao meu lado — e que já agora tinha vários companheiros — e que, segundo vir a saber, era um tamanduá, grande comedor de formigas.

Êstes animais, de fato, já haviam descido da árvore e, manobrando com a língua em tôdas as direções, tragavam esquadrões completos, num abrir e fechar de olhos!

As primeiras formigas bateram em retirada. Meus olhos, já habituados à sombra da mata, viram então a coisa mais estranha, mais incrível de tudo quanto haviam contemplado em mais de dez anos de trópicos: uma bola brilhante, avermelhada, eriçada de minúsculas pinças ameaçadoras, rolava até a outra margem do rio!

As "exploradoras", postadas sôbre as pontas rochosas de nossa margem, empreenderam o trabalho de fazer sinais com as antenas. Porém, as formigas que formavam a bola vermelha não se detiveram. Vararam a rampa arenosa, boiaram na água e assim atravessaram o rio Papuri sem tropeços!

Chegada à nossa margem, a bola se desfez e as formigas, abrindo em leque, cobriram todo o terreno, iniciando o avanço e abrindo caminho às companheiras. Cheios de horror e de assombro, começamos a recuar.

UM QUARTO DE HORA DE VIDA: — Algumas "formigas-generais" as guiavam. Por nossa vez não podíamos avançar, tanto as lianas barravam a passagem, tão logo ultrapassamos a zona explorada. O capataz mestiço, caindo sôbre os joelhos, rogava a todos os santos de seu paraíso tropical. Mas o "chiclero", ao contrário, começou a gritar em seu dialeto uma ordem logo executada pelos outros índios, que empunharam seus machados, começando a abrir uma trincheira, contando desde logo com minha interessada ajuda. Os "chicleros", trabalhando com ardor insuspeitado, arrancavam apressadamente pedaços de troncos podres, lianas e galhos, que atiravam na trincheira. A seguir o **chiclero** fêz-me sinal para atear fogo. Obedeci e logo as chamas se levantaram, vorazes, e a floresta começou a cheirar a borracha queimada. Já era tempo, porque as "estafetas" das formigas guerreiras chegavam ao fôsso.

Um dos silvícolas gritou, desesperadamente: uma formiga conseguira varar o obstáculo e picára-o num pé. Furioso, esmagou o inseto com o calcanhar e pude

verificar que a formiga que assaltara o "chiclero" media quase três centímetros!

Rápidos, seus companheiros arrancaram as próprias tangas e com elas envolveram os pés.

Felizmente, eu estava protegido pelas botas de couro. Um roedor marrom, saído de um buraco, foi imediatamente atacado pelas formigas, que tinham conseguido galgar o fogo **sôbre os cadáveres torrados de suas irmãs**. O animal foi apanhado, arrastado, apesar de sua desesperada resistência, e devorado em poucos segundos.

nós, sempre correndo. Conseguiu, enfim, derramar a pasta de borracha fervente sôbre as formigas'.

Então, 'foi o recuo. As "enfermeiras' vieram colhêr seus feridos, que eram transportados nas pinças terríveis, transformadas em padiola. E a retirada se fêz na direção do rio.

Ali chegadas, escolheram uma pedra bastante larga, como uma mesa, onde se reuniram e tornaram a formar sua espantosa bola, as mais jovens no centro, com as portadoras de provisões e as enfêrmas. E



E o avanço da tropa continuava, enquanto o mestiço rezava e chorava.

O BANHO DA BORRACHA DERRETIDA — O "chiclero" teve que bater no mestiço, que agora gritava como se tivesse enlouquecido. Depois, arrancando minhas botas, saltou sôbre o fôsso inútil, caindo sôbre os batalhões de formigas e começou a correr, enquanto que muitos insetos, presos ao couro das botas, subiam para as suas pernas nuas!

Vi quando o silvícola se apoderou de um caldeirão de borracha em ebulição e que havíamos abandonado no acampamento. Num esfôrço de Titã, voltou para

a esfera rubra e brilhante rolou novamente sôbre as águas, alcançando depressa a outra margem, apesar da correnteza.

O "chiclero" havia perdido os sentidos. Seus braços e seu busto estavam cheios de chagas e queimaduras. Tratei de socorrê-lo, sumàriamente embora, enquanto a noite caía com uma pressa brutal.

Ouvimos morrer, pouco a pouco, o ruído característico das formigas, caminhando sôbre as fôlhas. Estávamos salvos! Tôda a noite, entretanto, os silvícolas estiveram de guarda, munidos de tochas fumegantes, porque as feras, expulsas de seus covis, rondavam o acampamento.

Nada mais restava do drama dantesco, quando o sol voltou a aparecer, na manhã seguinte.

capataz mestiço, já refeito do pavor que o assaltara, ajudou a carregar o infeliz "chiclero", salvador de todos nós e que



Cêrca de dez horas, os canoeiros contratados vieram com os mantimentos para a turma de trabalhadores. Não os deixamos descarregar. As bolas de borracha foram colocadas nas ligeiras embarcações e o

os índios tinham coberto de ungüentos "mágicos". As pirogas se esgueiraram então entre as pedras da rampa e abandonamos a floresta à sorte que lhe reservavam as terríveis formigas vermelhas.

ÊSTE MUNDO LOUCO

SIMPLES BRINCADEIRA — Em Perrysburgo, Ohio, John E. Schellpfeffer, guiando o seu automóvel, lá se foi pela estrada, exibindo um enorme cartaz onde se lia "50 dólares a quem passar adiante do meu carro". Não tardou a que, atrás dêle, pisados de verdade, passassem duas dúzias de automóveis, transformando a estrada numa pista diabólica. John foi prêso e multado em... 50 dólares, apesar de tentar explicar que "apenas estava brincando".

UM CASO DE FAMÍLIA — Em Veneza, Itália, quando dois bandidos mascarados penetraram num grande armazém de comestíveis, Gabriela Botino, caixa do estabelecimento reconheceu num dos assaltantes um seu cunhado, apesar da máscara. Denunciou-o imediatamente à polícia e o assaltante não tardou a ser prêso.

SABIDÃO — Em Los Angeles, a sra. Phyllis Morris queixou-se à polícia de que seu marido, Albert, pagava-lhe regularmente, a pensão semanal de 24 dólares, a que fôra condenado pelo tribunal, em conseqüência do divórcio, mas que estava sempre insistindo com ela para disputar o dinheiro num lance de dados, conseguindo assim levar sempre de volta a bolada.

SANTINHOS! — Em Paris, a polícia prendeu Charles Manelle e Jean Tierot, encontrados no telhado de uma fábrica de camisas, com um sortimento de ferramentas tais como pé-de-cabra, serra, talhadeira, etc. Foram levados para o xadrez, embora Manelle tentasse desculpar-se, afirmando: Palavra de honra! Nós só queríamos **espiar** as pequenas da casa fronteira.

ESTRAGAVA O CENÁRIO — Em Milwaukee, prêso por haver tranqüilamente serrado e derrubado um poste de madeira, que servia à linha telefônica local, Albert Freyberg, de 41 anos, explicou: "Êsse poste arruinava a boa aparência de minha casa. Eu pedi aos operários da companhia que não colocassem o poste naquele local.. Êles não deram ouvidos. Por isso, derrubei-o."



FILHA DO TZAR

EM Berlim, depois do armistício de 1918, os casos de suicídio não eram fora do comum. A fome e o frio faziam muita gente desanimada de viver.

Mas a mulher cujos gritos atraíram a polícia ao canal Landwehr, num dia de fevereiro de 1920, tinha outro motivo bem especial para desejar pôr fim à sua existência. Salva pela polícia, a desconhecida foi recolhida a um hospital da rua Lutzow. Pouco se podia deduzir das suas palavras desconexas e os médicos, diante do seu olhar fixo e esgazeado, da sua obstinada recusa a responder a tôdas as perguntas, resolveram pedir sua transferência para um asilo de alienados.

Durante dois anos permaneceu ela no Hospício de Dalldorf e, sòmente depois de três anos, após sua saída do referido asilo, o mundo teve conhecimento da sua extraordinária história.



A grã-duquesa Anastácia, a mais moça das filhas do Tzar, numa fotografia oficial tirada no mês de dezembro do ano de 1911

A jovem desesperada, que por tanto tempo recusara declinar seu nome ou revelar sua origem, proclamou a sua identidade, provocando com isso uma tempestade de controvérsias e criando uma das mais discutidas e prolongadas demandas judiciais de todos os tempos.

Ela reclamava nada menos que o título de "Sua Alteza Imperial" — e foi taxada, na contestação, como impostora.

Até hoje a sua história ainda não terminou. Apesar de oficialmente declarada morta na Côrte da Inglaterra, a verdade é que ainda vive. É, atual-

Êsse é outro episódio histórico, que não pôde, como tantos outros, ser esclarecido até ao presente. Que ocorreu, realmente, com a família do Tzar? Terá a jovem grã-duquesa escapado ao cruel massacre?

mente, uma mulher de 52 anos de idade, que reside numa aldeia da Floresta Negra, na Alemanha.

Em Londres, Hamburgo, e New York há os que desejam provar que a sua reclamação é justa, e que ela tem direito ao nome e as honrarias de grã-duquesa, como Anastácia Nicolajeveno Romanova!

Ao deixar o Hospício de Dalldorf, em 1922, essa misteriosa personagem foi recolhida à residência de um certo barão Von K., um refugiado russo-alemão, porém ao fim de poucos meses foi tirada de lá **por ordem de um comissário de polícia**.

UMA HISTÓRIA INACREDITÁVEL — O comissário ouvira uma certa informação e, suspeitando das intenções do barão, decidiu amparar a desconhecida oferecendo-lhe estada provisória no seio de sua própria família, residente no campo. Aconteceu então que, pouco a pouco, o comissário pôde tomar conhecimento da história que tanto **interessara** ao inescrupuloso barão.

Profundamente abalado, o espírito da jovem mulher não se cansava de afirmar veementemente uma coisa: ela era a grã-duquesa Anastácia, filha do Tzar da Rússia!

A história, aparentemente fantástica, foi registrada pelo comissário, não obstante a oposição **oficial**.

Depois de longa investigação veio à luz a descrição das terrificantes cenas do bárbaro assassinato de Nicolau II e sua família.

Foi no ano de 1918, na pequena cidade de Ekaterinburg, que procedeu-se ao trágico massacre dos governantes da Santa Rússia; o impiedoso fuzilamento, levado a efeito pelos bolchevistas, eliminou não só a família imperial como todos os que a seguiam naquela hora trágica.

Era meia-noite quando o Czar, a Czarina, Alexis — o herdeiro da coroa — e as quatro filhas, Olga, Tatiana, Maria e Anastácia, foram inopinadamente arrrancados de seus leitos e, juntamente com seu médico, o cozinheiro, o lacaio e o camareiro, foram vítimas de um dos mais cruéis massacres de que se tem notícia! A seguir, a Guarda Vermelha, conduzindo rifles e baionetas, saqueou os armazéns; e os cadáveres, após brutal tratamento, foram conduzidos através da cidade adormecida para uma região êrma, situada a uns doze quilômetros de distância, onde, depois de queimados, tiveram suas cinzas lançadas no poço de uma mina abandonada.

Êsse ato que o mundo estarrecido acreditava ter pôsto fim à família de Nicolau II e marcado o último lance da secular dinastia dos Romanov estava necessitando, pois, de uma revisão histórica. Isto por que, agora, aquela pobre mulher, prostrada pelas terríveis recordações dos horrores porque passara, afirmava insistentemente que a mais jovem das filhas do Czar, de 18 anos de idade, havia escapado ao massacre... e era ela própria: a princesa Anastácia!

Contou ela que havia desmaiado ao ver o pai morto e, como por um ato mágico, ao recobrar a consciência, vira-se conduzida num carro de agricultor rumo à fronteira da Romênia. Salvara-a o polonês Alexander Tchaikowsky, que tinha sido um dos componentes do esquadrão de execução bolchevista, e que, vendo-a ainda mover-se, no solo, teve oportunidade de cobri-la com um cobertor, para em seguida, aproveitando a confusão, subtrair o corpo semimorto à fúria dos matadores. Após curar-lhe os ferimentos das coronhadas e golpes de sabre fugira, durante a noite, com tôda a sua família, em busca da fronteira.

Após mil e um perigos tinham, afinal, chegado a Bucareste, onde a princesa deu à luz uma criança, filho de seu salvador, com quem casou; nos primeiros tempos viveram com o dinheiro obtido mediante a venda de algumas jóias imperiais por ela escondidas nas dobras do vestido.

Como teria chegado a Berlim? Ela mesma contou que, após o fuzilamento de Tchaikovsky, deixou Bucareste, em companhia do cunhado, e tentou reunir-se à princesa Henriqueta de Hesse, sua tia. Entretanto, profundamente deprimida e envergonhada, não sabia o que dizer a sua tia da presença do filho e do casamento com um pobre camponês, ao que fôra forçada pelas contingências da sua extrema desgraça.

Não existia, porém, prova alguma para amparar essa surpreendente história, relatada ao comissário, até que Anastácia pediu que a deixassem livre para receber a visita da princesa Henriqueta e de todos os que haviam conhecido a côrte russa do período pré-revolucionário. As primeiras entre-

vistas foram inefetivas; tudo estava dúbio e inconcluso; o próprio comissário, mais tarde, escreveu a um amigo:

"— **Longe de mim essa idéia de que Anastácia seja uma aventureira; e até creio que ela seja vítima de uma doentia ilusão de que é realmente a filha do Czar... Não obstante estou quase convencido de sua possível origem real.**"

Tôdas as peculiaridades físicas de Anastácia foram logo identificadas como sendo **absolutamente correspondentes às da grã-duquesa;** a côr, a estatura e as cicatrizes do homoplata, do dedo mínimo e da mão, tudo produto de pequenos acidentes ocorridos durante a infância. Pelas fotografias que lhe foram exibidas, reconheceu os membros de sua família, os apartamentos dos vários palácios em que vivera, só se mostrando hesitante para relembrar pequenos detalhes e incidentes que por terem caráter privado e pessoal, era mesmo natural que estivessem fora do seu conhecimento.

Quem, até então, ouvira falar algo do romance secreto de sua irmã Olga com o príncipe Dimitri? Como poderia ela des-



O MASSACRE DE EKATERINBURG — Reconstituição do espantoso e brutal massacre do Tzar Nicolau II e sua família, em Ekaterinburg, em 1918. É aceitável a idéia de haver a princesa Anastácia conseguido escapar com vida a essa cena de horror que os leitores estão vendo?

crever seus folguedos infantis com o pequeno príncipe de Gales (atual duque de Windsor), ou então a maneira brusca com que o pai puxou-lhe os cabelos quando inocentemente perturbou um marinheiro no iate real?

E a familiaridade com que falou dos cisnes negros do lago palaciano, do triciclo mandado construir especialmente para seu irmão inválido, e ainda de seu costume de fazer colares de biscoitos, para depois comê-los, um por um?

Tudo isso, sem dúvida alguma, parecia reanimar em seu espírito patéticas recordações de um doce passado que lhe escapara de maneira tão cruel!



Nicolau II, Tzar de tôdas as Rússias, em companhia de sua espôsa, a Tzarina, poucos anos depois do seu matrimônio.

A GRANDE LACUNA

— Essas confissões influíram profundamente na opinião daqueles que de perto conheciam a faustosa Côrte Imperial. E eram suficientes para fazer esquecer as mudanças físicas e dar por consumadas as explicações psiquiátricas de uma curiosíssima lacuna; é que **Anastácia falava sòmente o alemão, embora com um iniludível acento russo**.

Logo os psiquiatras de então acorreram com uma plausível explanação:

"O aludido comportamento — diziam êles — foi motivado pelo pavoroso choque emocional da visão de sua família assassinada; e, como conseqüência o subconsciente se recusou a operar qualquer associação com os fatos daquele período de sua vida."

A filha do médico da Côrte afirmava que **"incontestàvelmente, ela era a princesa Anastácia"**; e o grão-duque André secundava-a com igual veemência.



Na peça teatral, Anastácia é examinada pelos membros do sindicato, que tentam arrancar o seu grande segrêdo.

Heilen Hayes que, na peça, interpreta a imperatriz viva da Rússia.

Mas os opositores da falada autenticidade apareceram, apontando inconsistências as mais diversas. E explicavam que "ela não passava de uma aventureira assimilada à personalidade da real grã-duquesa Anastácia, num verdadeiro "doublé", e sob um estado de hipnose.

Havia, então, flagrante animosidade com relação à conduta moral da realeza exilada. Mas, quanto a Anastácia, nada lhe podia ser imputado, porquanto, além de demonstrar retraimento em relação à publicidade do caso, dizia-se que ela vivia do dinheiro que o pai depositara nos bancos europeus. Durante os anos de 1927 e 1928, a contro-

1927 e 1928, a contro-

vérsia sôbre o problema da autenticidade ou não da grã-duquesa Anastácia, recrudesceu, chegando as suas últimas conseqüências a um verdadeiro pandemônio de ataques, acusações, denúncias, etc.



À esquerda: a grã-duquesa Anastácia aos quatorze anos de idade. À direita: a sra Tchaikowsky aos 28 anos de idade. Os pontos de semelhança são diversos e impressionam. Mas quem, em sã consciência, pode afirmar com certeza que se trata da mesma pessoa?

No outono de 1928, tinha-se a impressão de que tudo marchava para uma completa elucidação quando dois grão-duques, duas grã-duquesas e mais doze membros da família real assinaram uma declaração na qual se recusavam a reconhecer a pretensa autenticidade.

A PRIMA AMERICANA — Enquanto isso, Anastácia desconhecia inteiramente a campanha de descrença que lhe moviam, pois, meses antes, partira para os Estados Unidos a convite da outrora princesa Xênia e agora cidadã americana, com o nome de mrs. W. B. Leeds. Mrs. Leeds considerava Anastácia como a priminha com quem havia brincado muitas e muitas vêzes, em S. Petersburgo, e ofereceu-lhe abrigo permanente na sua mansão de Oyster Bay, Long Island. Na América, a pretendente recuperou depressa a saúde e parecia estar inteiramente indiferente que se lhe reconhecesse ou não como a grã-duquesa.

A princípio, mrs. Leeds estava disposta a empenhar tôda a sua fortuna, a fim de positivar o reconhecimento; porém, alguns meses depois, anunciou que Anastácia não mais enfrentaria a batalha legal, tanto pela reivindicação do título quanto pela inte-

(Continua no fim da revista)

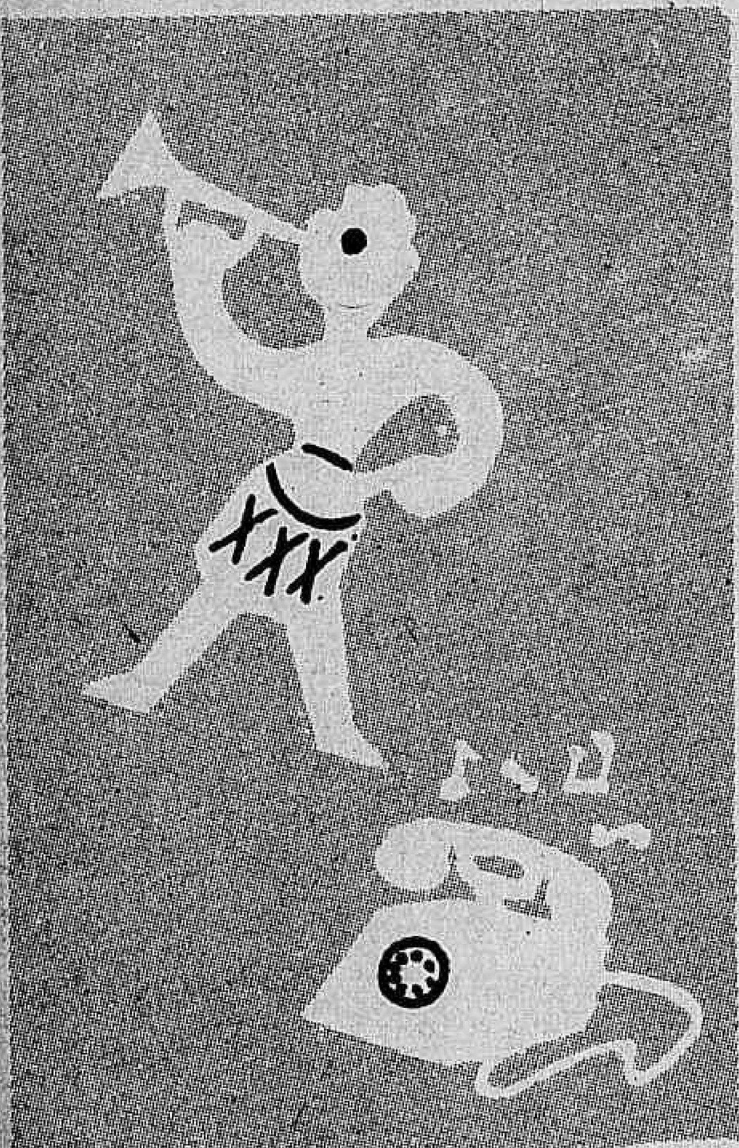
LUTEM CONTRA O RUÍDO, MAS

HÁ alguns anos as grandes cidades começaram a tomar medidas contra os ruídos inúteis da rua, cabendo essa louvável iniciativa a Paris, graças ao então prefeito, sr. Chiappe.

Como infelizmente sabemos, os mais típicos e irritantes são os de certas casas comerciais que põem seus aparelhos de rádio a tôda fôrça, e os dos condutores de automóveis e caminhões, que abusam do direito de ter buzina e enchem as ruas de alaridos com ou sem motivo.

Haverá coisa mais condenável de que o **chauffeur** que, numa fila, paralisada pelo sinal vermelho, calca a buzina tão logo surge a luz amarela, na ânsia de **empurrar** os que lhe estão à frente? Poderá haver coisa mais estúpida e condenável?

A verdade é que esta luta das municipalidades visa igualmente atenuar os **ruídos excepcionais**, diurnos ou noturnos, como os das usinas, fábricas, serrarias, oficinas mecânicas, ferreiros, funileiros, etc, e, nas casas residenciais, os abusos com instrumentos como pistões, trombetas, saxofones, flautas e outros.



Houve mesmo época em que as escolas dêsse gênero de instrumentos eram obrigatòriamente relegadas aos terrenos vazios da periferia porque, mesmo durante o dia é justo pensar nos que trabalham à noite e, por isso mesmo, têm o direito de recuperar suas fôrças, dormindo um pouco mais, pela manhã ou repousando à tarde.

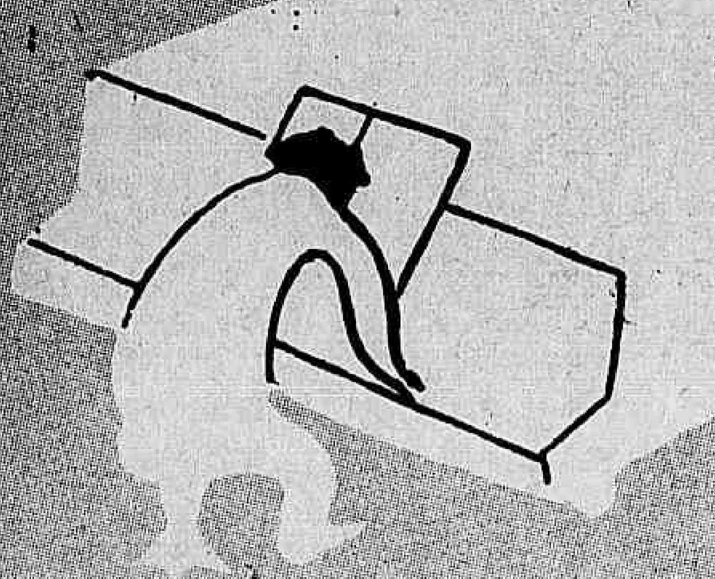
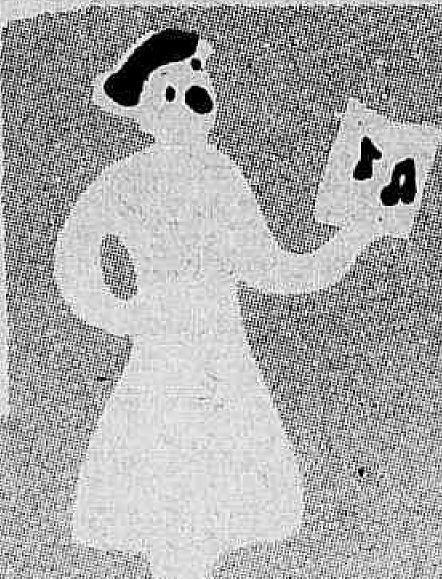
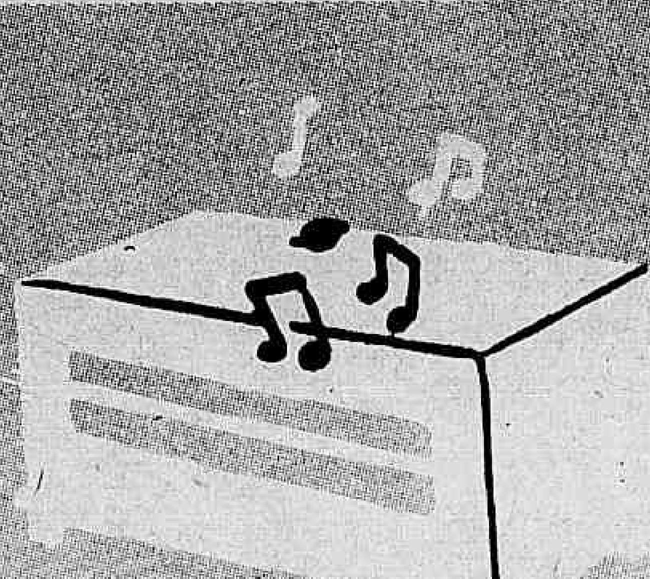
Para êsses, no correr do último conflito mundial foi adotado, nos Estados Unidos, um meio de proteção muito interessante e eficaz, o qual devia ter sido imitado por todos e continuado em vigor por tôda a eternidade.

Como todos sabem, o tremendo esfôrço de guerra que permitiu à grande nação do norte armar-se poderosamente, em poucos meses, e ainda fornecer material bélico de todos os tipos, além de roupas e alimentos, a todos os demais beligerantes aliados e até mesmo aos neutros, exigiu que dezenas de milhares de pessoas, de ambos os sexos, trabalhassem madrugada a dentro, pois as fábricas não paravam, revezando-se as turmas de técnicos e operários numa proeza que assombrou o mundo e arrefeceu a esperança dos adversários num desfecho mais favorável da contenda.

Para que êsses trabalhadores pudessem recuperar as fôrças e continuar servindo ao país e aos que defendiam a liberdade, as municipalidades mandaram confeccionar pequenas tabuletas em que se lia:

"Eu Trabalho Quando Você Dorme".

Foi isso o suficiente para que o público compreendesse que onde havia tal tabuleta residia alguém que precisava de silêncio, para repousar. E nesses trechos de rua, a partir do primeiro dia dessa iniciativa, as buzinas emudeceram, as crianças deixaram

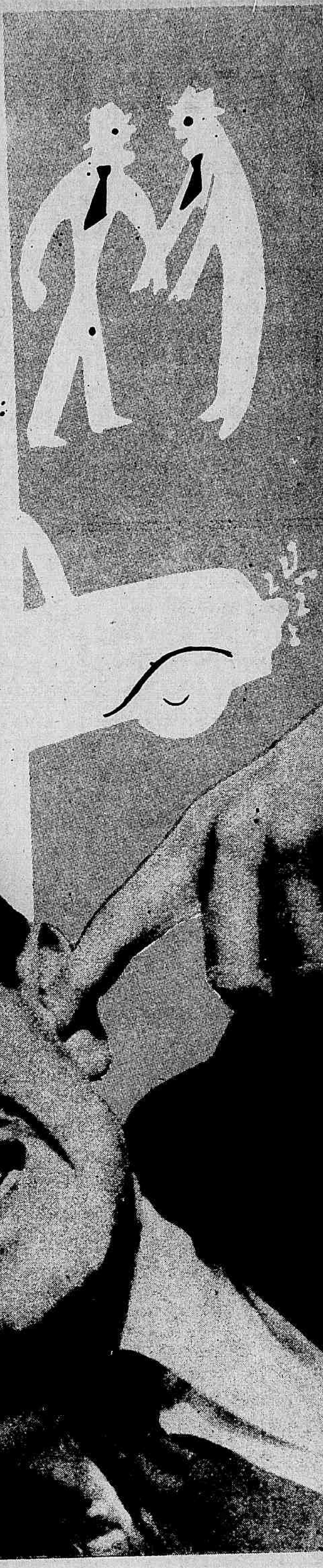

NÃO CONTRA A VIDA

de passar com seus carrinhos, patins ou qualquer outro brinquedo ruidoso. Havia um silêncio quase completo e algumas pessoas chegavam a passar pela calçada, pisando na ponta dos pés!

TODOS PODEM AJUDAR, SEM ABUSAR... — Como lembrou, recentemente, o dr. Toulouse, de Paris, "**se um indivíduo se habitua a dormir com barulho em seu redor, isso só é conseguido ao preço de uma fadiga nervosa prejudicial.**"

E, querem uma prova? Aí estão os sobressaltos do indivíduo, mesmo profundamente adormecido, quando estrondos violentos — o têrmo é literalmente correto, pois que se trata de vibrações do ar — vão ferir o seu tímpano ou ainda as desordens graves, provocadas durante a guerra, pelo mugido das sereias alertadoras dos raides aéreos.

Em Paris, a partir de 1950, a municipalidade elaborou várias medidas entre as quais destacamos a que diz:



"Evitar todo ruído inútil, em geral e nos apartamentos em particular, de 22 às 7 hrs." E teve o apoio incondicional da imprensa, do rádio e também da população. Para os esquecidos, as estações emissoras avisam, invariàvelmente, tôdas as noites: **"São 22 horas. Queira diminuir o volume do seu rádio".** Mas, infelizmente, há regulamentos... como os fósforos, isto é: que não podem ser postos em tôdas as mãos. Porque... **onde começa um ruído inútil?...**

Devemos pensar em certas pessoas, de uma intolerância doentia e que arrastam seus vizinhos aos tribunais, porque dêles separadas por fragilíssima parede, ou vem — ou pretendem ouvir — os ruídos do soalho, a vizinha mexendo-se na cama, o vizinho saindo para o trabalho, a torneira pingando, a descarga do sanitário, um cochicho, uma janela que é fechada ou aberta, um chamado telefônico urgente, em suma: **todos os ruídos normais e inevitáveis quando um apartamento está ocupado!** E ainda devemos felicitar as autoridades que, na maioria das vêzes, não dão ouvidos a tais queixas, ficando quando muito "de ôlho" na **reclamante** — pois em geral são mulheres as que mais reclamam.

Devem os habitantes ser agrupados por afinidade, segundo os ruídos que fazem?

Ao contrário, é evidente que, mais importunos ainda que êsses "reclamadores", são os descuidados ou, por que não dizer: mal educados. Por exemplo: o artista lírico não há muito condenado pelo tribunal e que voltava sempre para casa, cantando como se estivesse ainda no palco. Depois, no quarto, abria o piano e exercitava mais um pouco a garganta, arrastando cadeira, piano, etc. Um tipo assim perturba realmente o sono dos seus infelizes vizinhos.

Não há muito, com o intuito de combater o ruído excessivo, um técnico norte-americano sugeriu a idéia de fabricar edifícios de apartamento à prova de som. Seus habitantes não ouviriam os ruídos próprios da rua, nem mesmo o que ocorresse no apartamento vizinho, embora ali fossem disparados tiros de revólver ou fôsse executada por orquestra completa uma ópera de Wagner!

PROTEÇÕES RAZOÁVEIS, QUE PODEMOS UTILIZAR — Mesmo em teoria, devemos aceitar o viver em casas ou apartamentos transformados em **tôrres-de-silêncio**, quando os ruídos das ruas ou das estradas continuam inevitáveis?

Abusar das precauções contra o ruído é um êrro da mesma ordem do que consiste em só beber água fervida, a pretexto de evitar a febre tifóide. E sabe o leitor por quê? Porque com isso o indivíduo sensibiliza seu organismo até torná-lo frágil e incapaz de defender-se contra os ataques dos diferentes agentes infecciosos.

Quando muito, podemos espalhar sôbre uma parede sonora, alguns quadros que servirão de trincheira suficiente para os **sons-parasitas**. Finalmente, em vez de soníferos (muitas vêzes apontados como remédios contra o ruído e que não passam, entretanto, de recursos artificiais de fabricar o sono e, por isso mesmo, sempre mais ou menos nocivos) convém dar preferência às bolas de cêra vendidas nas casas especializadas nesses artigos, que renovam e valorizam a velha lenda de Ulisses, evitando aos seus companheiros o canto das sereias.

Evitar o ruído não significa evitar **todo** ruído, o que é, felizmente, impossível **e pouco desejável**.

É PRECISO RECORDAR QUE NÃO HA QUEM INVEJE A SITUAÇÃO DOS SURDOS — Sua enfermidade os torna quase sempre desconfiados, neurastênicos e, a despeito do que muita gente acredita, muito mais desanimados de viver que os cegos.

Um eminente cardiólogo contemporâneo, o dr. P. C. Lian, da Academia de Medicina de Paris, criou uma "associação fraternal dos cardíacos", que permite a uma categoria de doentes crônicos uma atividade bem adaptada a seus meios físicos.

Pela mesma razão, os enfermos do sistema nervoso, que vivem neste mundo supermecanizado, devem ser melhor orientados se, a pretexto de perturbações de tranqüilidade (existentes apenas no seu cérebro doentio) — passam a ser, por sua vez, verdadeiros "estraga-prazeres", policiando a alegria dos seus vizinhos, querendo que não cantem, usem o rádio, recebam visitas, vivam, enfim, como pessoas normais e sadias. E se as autoridades merecem aplausos quando tomam medidas sensatas contra o ruído, não devem, entretanto, esquecer de agir com a mesma sensatez contra os maníacos inimigos do ruído.



ORA! DEIXE DE FUMAR!

MUITAS pessoas que fumam desejariam ver-se livres do vício do fumo. Êsses fumantes acreditam (ou suspeitam) que o hábito de fumar lhes é prejudicial. Mas continuam a devorar várias dezenas de cigarros por dia, intimamente convencidos de que não podem deixar de fazê-lo.

Esta é, por certo, uma das situações mais interessantes, já do inteiro conhecimento dos psicólogos e particularmente interessante, por que muitos fumantes inveterados conseguem dominar-se fàcilmente, enquanto que outros não o conseguem, apesar dos mais ingentes e honestos esforços nesse sentido.

Recentemente, alguns psicólogos têm pesquisado o problema de maneira mais constante e minuciosa. Segundo tais pesquisas, realizadas entre mais de 600 estudantes de ambos os sexos, mais de 70% são fumantes viciados e que dêste mal se confessam "incuráveis". Isto é: **fumam, a despeito da sua firme convicção de que tal hábito lhes é prejudicial**. Se repetirmos a mesmo experiência entre os fumantes **em geral**, certamente a porcentagem encontrada entre êsses estudantes seria mais elevada ainda.

O que causa espanto é que muitas pessoas continuam fumando só porque **já se convenceram**, intimamente, de que **nada podem fazer contra isso!**

Não está ainda suficientemente explicada à massa popular que **os hábitos se aprendem**. Nenhum vício ataca as suas vítimas **insidiosamente**, como os micróbios. Ao contrário, as pessoas é que se dão o trabalho de **aprender** os seus hábitos, **deliberadamente**. Daí, exclusivamente, resultam as conseqüências tristes, lógicas e inevitáveis: um hábito, **que se aprende para satisfazer a uma necessidade**, torna-se, por sua vez, uma necessidade.

Esta conclusão é verdadeira não sòmente em relação ao vício de fumar como abrange ainda todos os setores da atividade humana.

Aprendemos a trabalhar a fim de ganhar a vida. Muitos conseguem tanto êxito que não precisam mais de trabalhar para viver, **mas não abandonam a sua faina**, embora

já tenham meios para repousar, pelo simples fato de que **estão habituados ao trabalho**. Há mulheres que aprenderam a costurar porque tiveram necessidade de fazer, em dado momento, os seus próprios vestidos. Depois continuam a costurar **só porque estão habituadas**.

Considerando que os hábitos são **deliberadamente aprendidos**, é possível determinar e compreender a **sua natureza e a sua causa** ou **causas**.

Há sempre motivos para o uso excessivo do fumo, além do desejo físico de tragar a nicotina. Para sair vitorioso dêsse empenho, o tratamento do abuso do fumo deve começar pelo esclarecimento dos motivos que o determinam.

As últimas pesquisas levadas a cabo neste sentido provam claramente que os adolescentes começam a fumar, em primeiro lugar, **porque desejam parecer mais adultos**, querem **deixar de ser crianças**, querem, enfim, ser **gente grande**!

Assim, os meninos começam a fumar para fugir a uma condição que os desagrada e adquirir uma situação que os enche de orgulho. Acontece, porém, que a natureza humana aqui se revela. Quando um menino aprende a fumar pelos motivos acima, começa a gostar do seu novo hábito. Um cigarro passa a significar um **complemento indispensável** de um sem número de atividades rotineiras. Por exemplo, depois de tomar uma xícara de café há quem não resista a um cigarro.

Aqui o indivíduo já é um fumante involuntário. Não fuma sòmente **quando** quer. O próprio hábito se impõe em certos momentos da vida diária.

Acreditamos que qualquer fumante saberá reconhecer que tais conclusões são verdadeiras, pois a sua própria experiência o convencerá disso. Mas é interessante notar a reação dos outros às mesmas verdades. Por exemplo, um psicólogo fêz a seguinte pergunta:

— Qual foi o primeiro motivo para você começar a fumar?

As respostas foram várias:

a) "Para parecer com outros".
b) "Pressão social".
c) "Quase todo mundo fumava".
d) "Por questão de estética".
e) "Os amigos e todos, em casa, fumavam."

Setenta e cinco por cento dos fumantes gostariam de fumar menos, embora poucos são os que desejam **realmente** deixar de fumar **de todo**.

As razões apresentadas para fumar menos variam:

a) "Gostaria de controlar o meu hábito de fumar".
b) "Os cigarros custam caro".
c) "Tenho dor de garganta".
d) "A resistência a resfriados é baixa".
e) "Para pôr à prova a minha fôrça de vontade".
f) "Tusso de mais."
g) "A minha dor de garganta e o meu namorado me pediram que parasse de fumar".



Da verdade que **os hábitos se aprendem** se conclui que os mesmos podem ser "desaprendidos" ou "esquecidos". Aqui está o ponto capital da questão. Pode o fumante escolher um momento na sua vida em que não tenha nenhuma tensão nervosa ou preocupação. Muitos colegiais fracassaram na sua tentativa para deixar de fumar **só porque não souberam escolher o momento asado**: quiseram cortar o há-

bito de fumar abruptamente, por ocasião dos exames, época em que a sua tensão nervosa e a sua preocupação não poderiam prescindir de tal hábito.

Portanto, o fumante deve escolher uma ocasião em sua vida em que tenha menos preocupação e menos excitados estejam os seus nervos. Deve ir, aos poucos, diminuindo o número de cigarros que vinham sendo fumados diàriamente e adotando novos hábitos saudáveis, que lhe possam, psicològicamente, dar a mesma satisfação.



Mas aqui está o ponto capital do método a seguir para deixar de fumar.

Muitas pessoas, embora diminuam o número de cigarros diàrios, não conseguem livrar-se do vício. É que o importante, aqui, não é **fumar menos** ùnicamente. O que mais importa é o **auto-contrôle** do fumante!

O racionamento não deve limitar-se ao número de cigarros, devemos, antes, abranger também **o tempo**!

O fumante tem que ir **diminuindo as horas em que deva fumar** e estabelecendo prèviamente **quando fumará** o primeiro cigarro do dia.

Se começar a fumar o primeiro cigarro às dez horas da manhã e persistir nisso até conseguir o seu auto-domínio, nesta primeira etapa, êle estará apto a estabelecer, ao se levantar, outra hora para o início das suas atividades como fumante.

E desta vez estabelecerá 11 horas. Assim vai êle adquirindo o seu auto-domínio de etapa em etapa, até chegar o momento em que, se quiser, poderá muito bem passar um dia sem fumar; e, muitas vêzes, poderá mesmo acontecer que, no fim de um dia inteiro de trabalho e preocupações, êle diga ao se deitar:

— "Que graça! Hoje nem sequem me lembrei de fumar um cigarro."

★ ★

TUDO SE EXPLICA

QUE QUER DIZER "ABÚLICO"? — **Abúlico é, em Filosofia e Medicina, o que faz relação com a "abulia", o que participa de suas qualidades. A "abulia", na psicologia contemporânea, é um dos estados anormais, "de anomalias e enfermidades da vontade". Os distintivos de uma vontade perfeita são dois: unidade e energia, combinada com prudência. A êste segundo grupo se opõem duas anomalias: por excesso, que é um estado impulsivo, o qual, chegando ao seu paroxismo, constitui a "loucura impulsiva" e a "loucura moral" e, segundo, por defeito, que é a "abulia". A "abulia" se caracteriza pelos seguintes fenômenos: os órgãos do movimento estão intactos, a inteligência lúcida, o juízo são, o indivíduo sabe o que quer, conhece os meios que deve usar, porém "não sabe decidir-se a agir".**

As formas da "abulia" são variadíssimas. Esta paralisia da vontade é um dos efeitos que produz o abuso do ópio e outras drogas, segundo De Quincey — que fêz em si mesmo a experiência. O abuso de comer carne de tôdas as classes, como também os embutidos e o álcool produzem em muitíssimos casos a "abulia". Sôbre isso podemos citar também a Ribot: "As Enfermidades da Vontade"; a Pierre Janet: "Neurose e Idéias Fixas"; a Mausdley: "Patologia do Espírito"; a monsenhor Mercier: "Psicologia", além de outros. A palavra "abulia" é nova, razão pela qual não é estranho que não a tenham os dicionários de mais de vinte anos. Os Frenópatas entendem por "abulia" a carência ou diminuição da vontade; defeito de intensidade das reações psicomotoras. Sintoma freqüente nas loucuras de forma depressiva, no histerismo, nas loucuras por falta de desenvolvimento e nas demências. Para conseguir ter unidade e energia combinada com prudência é indispensável cultivar magnetismo físico, mental e nêrvoso. Assim se evitam totalmente os efeitos do "abúlico". Abúlico, portanto, quer dizer "privado de vontade". Em francês há a palavra "aboulie", significando "redução ou ausência completa da vontade num indivíduo que está em estado de pensar e de executar um ato, porém perdeu o poder de decisão. Etimologia do grego "a", privativa, e "boulé", vontade.

★

Não há amor que resista a vinte e quatro horas de filosofia. — **C. Castelo Branco**

1.000 QUILOS

NA PONTA DÊSTE FIO

Os milhares de pescadores brasileiros talvez ignorem que existem no mundo 2950 campeões de pesca a linha, especializados na captura de peixes marinhos, cujo pêso varia entre 100 e 500 quilos.

Na América do Norte se reúnem os mais famosos pescadores, entre os quais o escritor Ernest Hemingway, que ainda em junho de 1953 pescou um atum pesando 245 quilos, após seis horas de luta. Êsse peixe, voracíssimo atira-se à isca (desde um "bouquet" de plumas amarelas ou simples barba-de-milho).

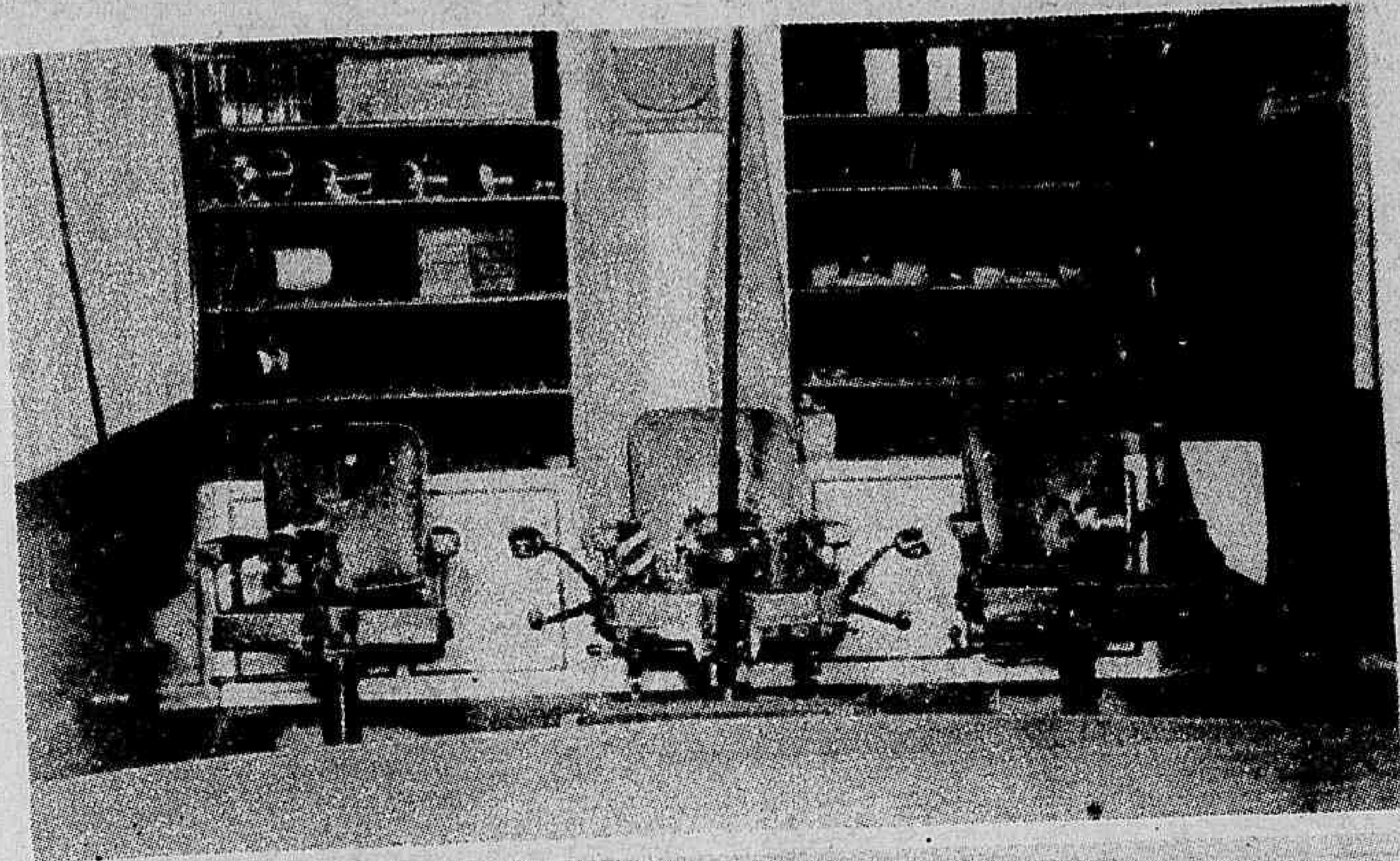
Mas logo que é **fisgado** dispara a correr como um trem expresso, levando 300 metros de linha e o tempo de luta depende da fôrça do pescador e do peixe.

No caderno de Michel Terner, um dos campeões mundiais, lê-se: "11 dias de pesca: 26 atuns, 2.763 quilos. Tempo de luta: quatrocentos e seis minutos."

Hemingway declarara que o melhor pescador é o que sabe **convencer** o peixe. Pena é que tal pescaria esteja reservada aos ricos, pois que o preço das linhas, dos voltaretes, do aluguer de uma lancha, sobe a cifras astronômicas.

Pescado com linha, como uma cocoroca. Êsse atum (vermelho) pesava 810 quilos. O branco é menor, não passando dos 10 a 30 quilos. À direita, o anzol, outro herói da proeza.

UM M/M DE DIÂMERO! — (Tamanho natural) é de acron, novo material que permite pescar os maiores peixes com linha de diâmetro inferior as de linho. Isto representa grande vantagem para o enrolamento das bobinas.



UMA POLTRONA QUE VALE UMA FORTUNA — Essa poltrona giratória, do tipo "barbeiro" é um acessório importante nesse tipo de pescaria. O encôsto e o suporte para os pés são reguláveis, havendo ainda um suporte para o caniço. Nos EE.UU. os modelos de luxo alcançam o preço de 2 mil dólares (180 mil cruzeiros). Um molinete chega a custar 1.000 dólares. Segundo uma estatística nos Estados Unidos são dispendidos mais de 1 bilhão de cruzeiros.

O sinal da vitória: Esta silhueta do atum surge destacada no céu, cada vez que um pescador vence uma batalha com o monstro. Porém só vale a pesca se o pescador lutou sòzinho contra o peixe. Os ajudantes só intervêm quando o peixe foi trazido para uma distância de menos de 5 m do barco.



Êste é o recordista da resistência, pesa 425 k e resistiu 63 horas. Os leitores podem ver que a linha chegou a rasgar a bôca do peixe, que se esforçava por fugir.



Últimos instantes de uma luta tenaz, que durou sessenta e três horas!



POR QUE

vamente proibitiva para êsses rudes combates, tornou a subir a escadinha do ringue e dançar uns poucos "rounds" antes de que Joe Beckett o estirasse na lona, desacordado e com um cartão para o hospital mais próximo. Assim também aconteceu com Jack Dempsey e outros mais...

Por quê? Por que, realmente, teimam em voltar? Não sabem, êles próprios, muitas vêzes, mas a verdade é que voltam. E depois, quando são "obrigados a desistir" desaparecem de todo, quando poderiam ter deixado melhor impressão de sua retirada.

Por que insistem em querer lutar até o fim, apesar dos anos e do declínio das suas condições físicas e técnicas?

Porque desconhecem o justo limite entre o apogeu da sua carreira e o seu declínio. O número dêsses teimosos que conheceram o êrro muito tarde é muito grande. Nunca são lembrados porque, em geral, não foram campeões pêso-pesado e o público pensa apenas nos campeões de todos os pesos, desprezando os demais. Mas a lista não caberia nestas

Retrato do maior campeão de todos os tempos — tirado depois de sua desesperada tentativa para voltar ao ringue.

A resposta está escrita em tinta côr de sangue, na lona dos ringues. A história do boxing está pontilhada de famosos e dramáticos desastres. Aí aconteceu com Jim Jeffries, que tentou voltar com o físico recondicionado, bom aspecto, sorriso para arquibancada... para ser literalmente moído pelo poderoso negro Jack Johnson, seis anos após haver descalçado as luvas como um campeão invicto.

E o mesmo podemos dizer de Tommy Burns, que aos 39 anos, uma idade positi-

páginas. Recordemos, entretanto, Tony Canzonere, que muitos fãs recordam com tristeza... Depois de ser varrido do rigue, após a tremenda surra que lhe foi aplicada por Barney Ross.

O, sim! Não era assim tão velho. Apenas 28 anos. No entanto, cinco anos antes, os responsáveis pelos combates em Madison Square Garden, o mais famoso estadium para lutas de boxe, nos Estados Unidos, já lhe haviam apresentado as despedidas, mandando-o de volta para casa, após perder

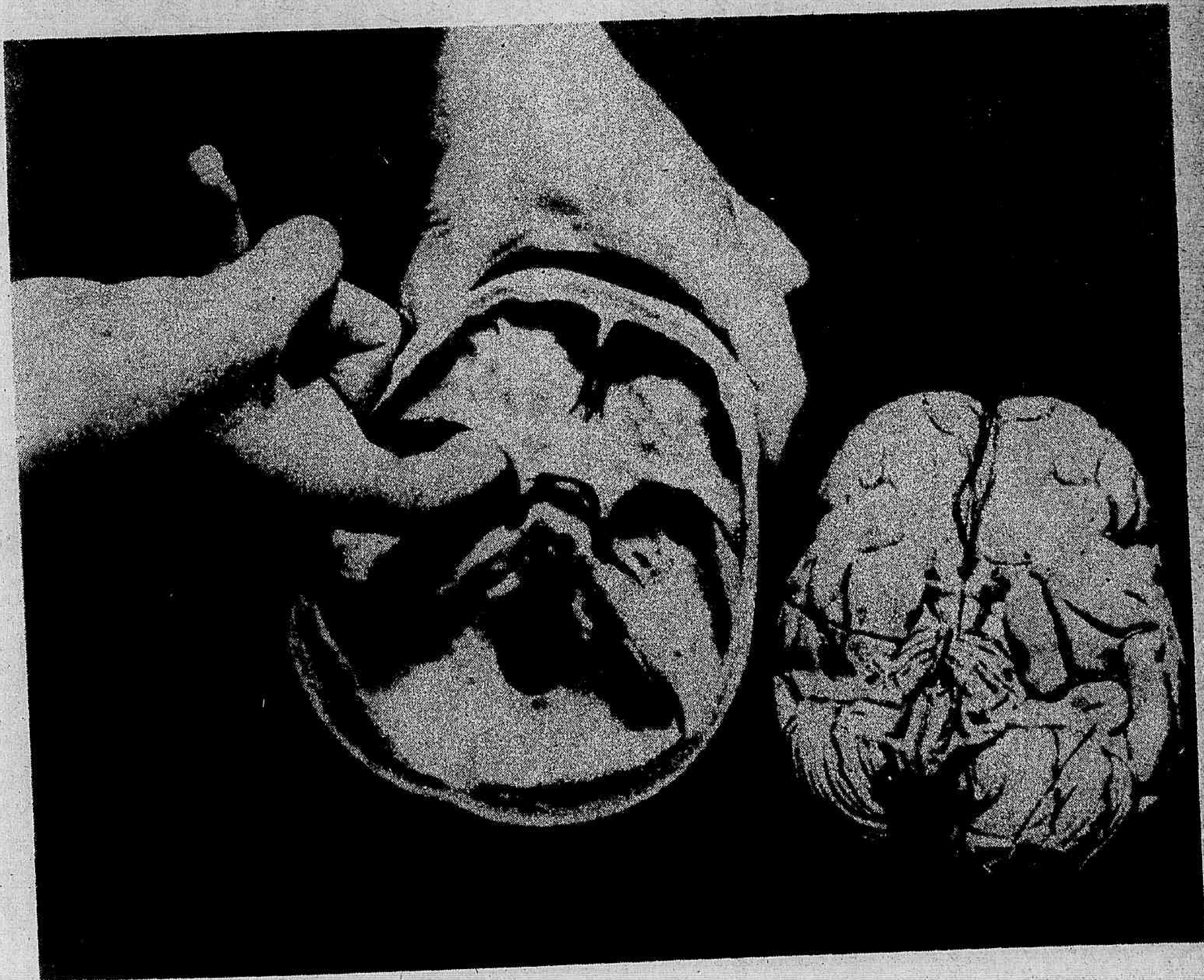
TEIMAM EM VOLTAR ?

Que fôrça misteriosa impele muitos veteranos a voltar... para ser surrados? Custa-lhes abandonar a carreira quando ainda se julgam capazes de recomeçá-la? O justo limite entre o apogeu e o declínio.

o título mundial dos leves para André Routis, jovem francês que atravessara o Atlântico decidido a ser o campeão do mundo. Apenas para dar uma chance ao "pobre Tony", que andava triste, muito mal de finanças, Barney Ross consentiu em cruzar luvas com êle, dois meses antes do seu eclipse final. E êsse memorável combate bem poderia ter sido uma grande lição para os profissionais. Canzonere recuperou o título, vencendo a luta após exibir tôda a sua elegância como dançarino-mor dos ringues e senhor de um sôco com a fôrça de um pistão.

Isso foi uma exceção e, além do mais, Canzonere teve que deixar novamente o título vago após êsse combate, que lhe custou a perda das últimas resistências físicas, terminando por viver como um entrevado, numa cadeira de rodas.

Poderíamos falar também de Ortiz e Escobar, Pep e Saddler, Amber e Ross e Mc Larnin... Também êles voltaram — porque sempre voltam. O mais maravi-



O alvo preferido pela luva é a zona mais perigosa. Quando atingem o osso frontal, os lóbulos do cérebro recebem o impacto e se comprimem contra as arestas cortantes das beiras esfenoidais.



OUTRO QUE NÃO DEVIA TER VOLTADO — Archie Kemp lutava para recuperar o título de campeão australiano dos leves. Lutou desesperadamente 10 rounds, mas caiu, após terrível castigo no 11.º. Nove horas mais tarde, falecia em conseqüência de hemorragia cerebral.

lhoso caso, entre todos, foi o de Nel Tarleton, cognominado o "beija-flor humano", tal a velocidade com que se movia num ringue. Com denôdo e firmeza abriu caminho até ao título britânico, em 1931. **Dezessete anos depois** — leram bem? — dezessete anos depois, tendo nesse tempo todo perdido seus títulos e deixado o ringue mais de cinco vêzes, abandonou as luvas definitivamente, quando mais uma vez ostentava o título de campeão britânico. Tinha aprendido e acabou fazendo o que devia ser feito. Porém êsse é um caso excepcional.

Quando começa o declínio o lutador deve abandonar o ringue e não — como infelizmente sempre ocorre — continuar teimando em calçar as luvas de couro. Como resultado perdem a primeira categoria e ficam escondidos nos ginásios, apanhando pequenos contratos, perdendo o brio, apanhando de rapazolas ou acabando por servir simplesmente de "sparrings" para os socos jovens e violentos dos que estão subindo.

Que conseguem com isso? A morte mais rápida e às vêzes a loucura, os distúrbios psíquicos, como resultado de centenas de ligeiras hemorragias cerebrais, que sempre provocam uma série dramática de distúrbios patológicos. Uma perna que fraqueja, um braço que treme sem explicação aparente. A própria voz é espêssa e difícil, arrastada, exigindo esforços, concentração exagerada e a conseqüente fadiga. Há, ainda, uma instabilidade emocional. O veterano que teima em trocar murros chora sem qualquer razão, como uma mulher, ou ri como um lunático. Também pode tornar-se um indivíduo perigoso, que se irrita ao máximo pela menor razão, transformando-se em elemento indesejável, até acabar numa clínica de loucos. Tudo porque não se resigna a deixar o ringue sòmente para os outros. A própria memória — mesmo a memória dos fatos recentes — torna-se confusa e algumas semanas após os primeiros sintomas, não havendo tratamento imediato e adequado, as próprias visões perdem todo o sentido da realidade, passando o indivíduo a viver em outro mundo.

Tunney, o vencedor de Dempsey, soube sair em tempo. Já Raymond Bousquet não compreendeu essa necessidade. Uma tarde a polícia o foi encontrar, apertando a própria garganta, num acesso de loucura, diante da jovem mulher a quem acabara de assassinar num momento de ciúme.

Kid Lewis provou fartamente que tinha recebido o maior castigo em tôda a sua vida que qualquer outro lutador: não conseguiu raciocinar, talvez, melhor que uma criança de cinco anos! Mas ao menos não acabou enforcado pelo carrasco, como aconteceu com Bousquet.

Por tudo isso as autoridades decidiram dar melhor proteção aos jovens que agora iniciam a carreira de lutador. Na Inglaterra, o British Board chamou a si tôdas as responsabilidades. Para tanto convocou a sua primeira Comissão Médica, a fim de consultá-la relativamente à salvaguarda física e mental do profissional do boxing.

Depois de cuidadoso estudo ficou apurado que tais fracassos fragorosos eram devidos,

simplesmente, à falta de preparo físico ou psicológico dos lutadores.

Planos foram elaborados no sentido de que cada lutador fôsse periòdicamente examinado por médicos competentes, que aliassem às suas habilidades clínicas um perfeito conhecimento da técnica do boxe.

Nos países onde tal esporte se acha mais desenvolvido, as entidades que dêle se ocupam acabam de criar uma Comissão Médica, que tem sob sua responsabilidade o bem-estar, o preparo físico e psicológico dos lutadores. Nos exames periódicos que realiza, essa comissão de médicos elabora um relatório completo das condições gerais de cada "boxer", tais como visão perfeita, coração e sistema respiratório em boa forma, sem esquecer o seu sistema nervoso e estado psíquico.

Se o profissional fôr encontrado em perfeitas condições para uma luta será então emitido um "certificado", que será o seu título de **habilitação** para uma peleja. Só com um dêsses "certificados de boa forma" poderá um profissional pisar o tablado.

Atualmente, a tendência é dar, cada vez mais, importância maior a êsses cuidados, ou melhor: a essa assistência técnico-médica.

Tanto mais importância se poderá dar aos planos acima esboçados quando se considerar outros ângulos além do preparo técnico, físico, psicológico e moral dos contendores. Pode-se, por exemplo, aduzir que muitos lutadores famosos entram no ringue para uma luta tendo em vista mais o lado comercial de tôda a história.

Quando em certas circunstâncias de sua vida precisam de dinheiro recorrem à possibilidade de promover certos encontros no ringue, pois contam com um público certo. Sabem que o êxito de bilheteria vai ser grande. É dinheiro, bom dinheiro, embora percam a peleja.

Em muitos casos tudo é devido a uma apertura financeira momentânea, e êles vêem numa luta improvisada a sua salvação econômica.

Lançam o desafio e, se aceito, lá se vão os dois para o ringue. Muitos contam para aquela luta ùnicamente com o prestígio do seu nome nos meios esportivos.

MESA DE GRANDE UTILIDADE



OS amadores que gostam de fabricar em casa pequenas peças de madeira ou consertar diferentes objetos, mas não possuem mesa própria, poderão apelar para o recurso que o clichê apresenta. Uma simples tábua com dois suportes feitos com pedaços de velho pneu de automóvel e que encaixa nos joelhos. Assim executará seus trabalhos sem estragar a mobília da casa, riscando o tampo das mesas do mobiliário.

Outro ponto que não pode deixar de ser considerado é o da influência de certos "managers", que têm uma "comissão" porcentual sôbre as rendas dos lutadores.

São êstes alguns dos aspectos que talvez possam explicar os motivos pelos quais muitos campeões invictos são arrastados ao tablado obstinadamente até que um dia perdem o seu título e a sua fama, numa luta desastrosa.

Muitos campeões saem do ringue **invictos** e, depois de muito tempo, resolvem voltar a lutar por um ou mais de um dos motivos apontados. Como resultado disso são derrotados e assim escrevem o epitáfio da sua carreira.

As diretrizes da Comissão Médica de que falamos são no sentido de desaconselhar, em regra geral, a volta dêsses campeões invictos, depois de muitos anos de abandono completo da prática do boxe, dando-lhes assim uma **aposentadoria compulsória**.

Novela de
OCTAVUS
ROY COHEN

QUE FARIAM

OHN Waring contemplou pela janela de seu quarto de hotel a morte rápida do dia, naquele triste fim de tarde. Ali estava, acabrunhado por uma solidão que êle próprio criara.

Muito lá em baixo podia ver uma estreita rua de New York, marcada por pequeninos charcos, que a chuva havia formado sôbre o pavimento. Uma multidão trepidante se comprimia e empurrava nas largas calçadas e por vêzes quatro ou cinco pessoas se aventuravam entre o tráfego dos veículos reluzentes, com a cabeça e o guarda-chuva inclinados para a frente, a fim de melhor resistir ao impacto do vento. Alguns sòzinhos, outros em companhia, muito unidos e tropeçantes. Afinal, quem era essa gente e para onde teimava em se dirigir? Para John isso não tinha qualquer importância. Pior ainda. A só visão dessa gente intensificava o amargor de sua solidão.

E agora, prestes a empreender uma viagem, a partir dali, sabia que da janela de algum outro desolado hotel contemplaria o desfile de outros milhares de formigas humanas, cada uma seguindo, porém, o seu próprio caminho. E sabia que sua solidão seria ainda muito mais penosa, multiplicada enormemente, porque se encontraria em



VOCÊS?

país estranho. Rio! Quão romântico lhe havia soado êsse nome alguns anos antes! Como se entusiasmara com a narrativa de amigos que lá haviam estado!

Neste mesmo instante, enquanto New York tremia, sob o açôite de um frio inclemente, gozaria lá na América do Sul de encantadores dias soleados e de frescas tardes douradas. Porém, agora, John fugia para o sul, não em busca de um romance, mas para escapar dêle.

O sacrifício é sempre amargo — raciocinou. Ali estava, sem alguém que o ouvisse e compreendesse; quatro paredes nuas num quarto impessoal, num hotel... e mil milhas de distância entre êle e a criatura adorada, que com êle partiria sem vacilar, caso lhe propusesse; a mulher cuja felicidade êle assegurava com a sua renúncia.

John sabia que Mary o amava. E sabia com profundo convencimento que êle a adorava. Mas não ignorava, também, infelizmente, que ela seria mais feliz com o outro homem, não apenas porque se tratava de um rapaz excelente, decente e capaz, mas ainda porque David poderia proporcionar-lhe as coisas que ela sempre havia desejado... e merecido: um lar luxuoso, automóveis, viagens, jóias, vestidos de Paris...

Impulsivamente, sentou-se à mesa...

ENORME contraste entre tudo isso, e o que êle, John Waring, podia oferecer, além de uma devoção sem reservas: um magro salário, esperanças para o futuro e, no momento, não apenas ausência de coisas formosas, senão uma vida pobre. Lutara valentemente na tentativa de resolver o problema e por fim conseguiu transferência para o Rio, porque sabia que a sua permanência ali, tão perto de Mary, permitiria que a fôrça do seu amor vencesse a de suas outras considerações. Compreendia que uma vez desaparecido êle do cenário ela aprenderia a apreciar o que David representava, por si mesmo e o que lhe oferecia.

Até então, Mary jamais conhecera o prazer do luxo. Como espôsa de David gozaria as delícias de um iate de luxo e de um grande hotel. Os vestidos e as jóias da Rue de la Paix seriam dela logo que desejasse tais coisas.

John se afastava, deixando inarticulada a proposta de casamento que ela aguardava.

•

AGORA, porém, cinco dias antes de sua partida, quando tôda New York estava cinzenta, úmida e triste, o sacrifício que êle mesmo escolhera lhe parecia cruelmente injusto. Pensou que não era razoável que êle renunciasse ao maior dos prêmios que a vida pode oferecer e, num repente, impulsivamente, sentou-se à mesa, procurou um caderninho de papéis telegráficos e escreveu o endereço de Mary:

•

"NÃO POSSO IR SEM VOCÊ. SABENDO POUCO POSSO OFERECER, TERIA CORAGEM ACOMPANHAR-ME? O NAVIO SAI HOBOKEN DEZ DA MANHÃ PRÓXIMA SEXTA-FEIRA. SE ACREDITA PODE FAZER ÊSTE SACRIFÍCIO, MANDE VISAR PASSAPORTE E ENCONTRE-SE COMIGO BORDO. PENSEI PODER RESISTIR PORÉM TUDO FOI MAIS FORTE MINHA VONTADE. TODO MEU AMOR. — JOHN."

Uma vez redigido o telegrama, não se atreveu a despachá-lo sem refletir detidamente. Decidiu aguardar até à manhã seguinte, a fim de saber se outra noite angustiada e outro amanhecer cinzento o decidia a prosseguir adiante com seu sacrifício. Deixando o telegrama numa gaveta da escrivaninha, saiu de casa.

CAMINHOU muitas horas e pensou em milhares de coisas durante todo êsse tempo. Voltou para o hotel às três da

manhã, mental e fisicamente exausto. Às nove horas levantou-se, alimentou-se muito bem, leu os jornais e foi tomar um prolongado banho frio. Então, já vestido e confortado por um raiozinho de sol que filtrava pela janela, compreendeu que não faltariam energias para sacrificar-se... por Mary!

Fêz suas malas e abandonou o hotel. Os últimos dias pretendia passar em Boston, onde uma família amiga o aguardava com a esperança de poder aliviar um pouco seu desgôsto com a amável hospitalidade que sempre lhe dispensava.

Sexta-feira, pela manhã, voltou a New York, dirigindo-se diretamente para Hoboken. Lá estava, luzindo ao sol, o navio que o levaria para longe do amor, para uma solidão provàvelmente eterna.

Qualquer coisa fraquejou repentinamente dentro dêle, que sentiu as pálpebras quentes e úmidas. Mas estava contente... pelo que ajudava a melhorar a sorte de Mary.

CHEGOU ao cais e após apresentar suas credenciais de passageiro, subiu apressadamente a escada, sem olhar sequer para o oficial de bordo, que o saudava amàvelmente. Chegado ao alto seguiu o "steward", que carregava suas valises... e só viu Mary quando esta se postou à frente dêle, em seu caminho, com os braços abertos...

Os de John a enlaçaram e seus lábios buscaram os delas, ambos alheios à presença de estranhos, agradecendo apenas, do fundo da alma, a realização de tal milagre. Êle a apertou contra o peito para afogar os soluços dela e para esconder, também, os próprios olhos cheios de lágrimas, lágrimas que sempre surgem após uma emoção muito grande, embora esta seja de felicidade.

Aquela seria sua viagem de núpcias...



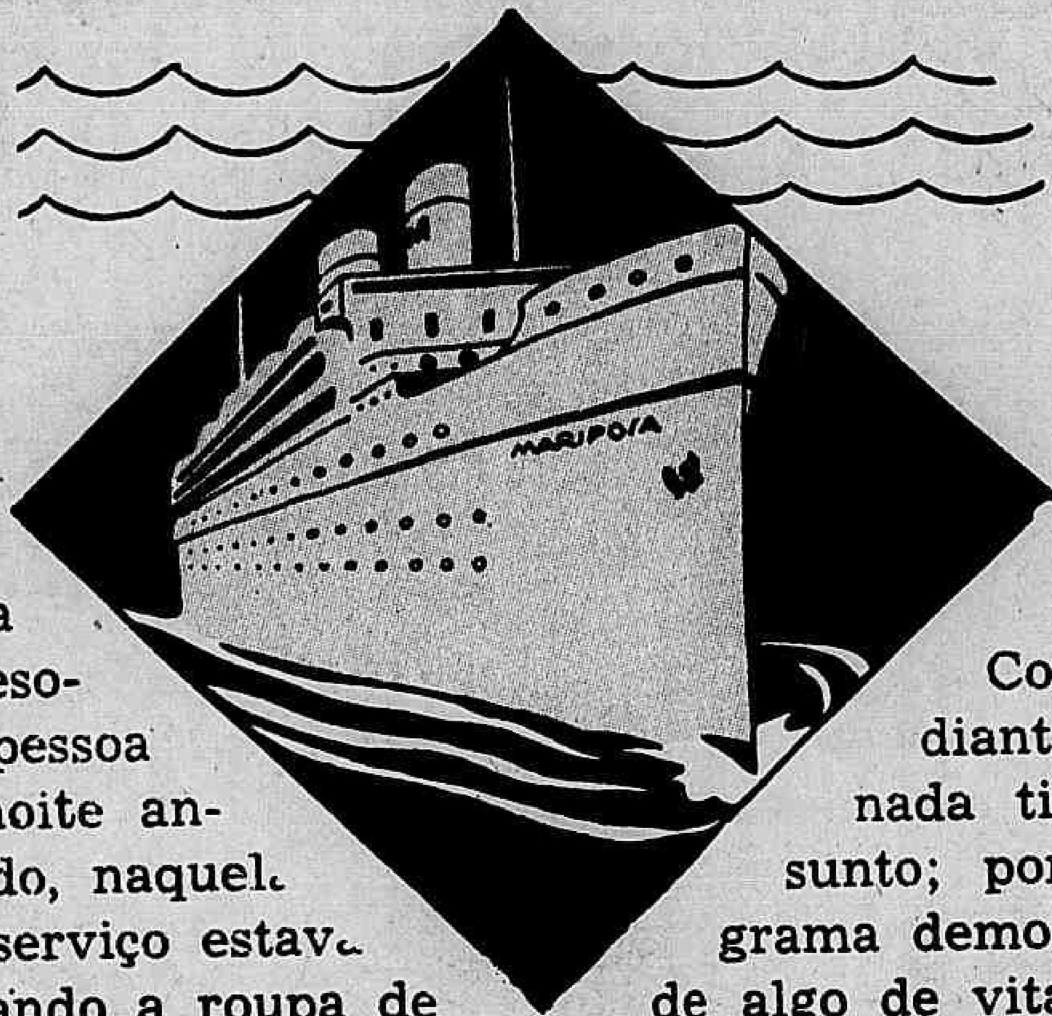
John se afastava deixando inarticulada a proposta de casamento que ela há muito aguardava...

NO salão de fumar do Clube Atlético Atlanta, três homens conversavam.

Um dêles, de aspecto respeitável, alto, esguio, com cêrca de quarenta anos de idade, aproximou repentinamente, um pouco mais sua poltrona, aproximando-se dos outros dois e, assumindo um tom confidencial disse:

— Tenho uma coisa notável que gostaria de contar a vocês... É que qualquer coisa me preocupa e... gostaria de saber o que opinam a respeito

Há cinco ou seis dias estou em New York, como vocês sabem... Cheguei cedo, cêrca de nove e meia da manhã e tratei de conseguir quarto no hotel. O que me foi designado não estava ainda completamente desocupado... Isto é: a pessoa que o ocupara até à noite anterior partira muito cedo, naquela manhã e o pessoal do serviço estava fazendo limpeza e trocando a roupa de cama, etc. Duas horas depois, porém, o quarto foi pôsto à minha disposição. Logo sentei-me à escrivaninha, afim de enviar um telegrama para minha senhora... E aí está a coisa! Logo na primeira página



do caderno encontrei um telegrama escrito por alguém, que se assinara John, para uma mulher residente em Columbus, no Ohio. Estava tudo escrito, assinado, pronto para ser enviado e... Confesso que me senti diante de um dilema. Eu nada tinha que ver com o assunto; porém os têrmos do telegrama demonstravam que se tratava de algo de vital importância. Qualquer coisa me impeliu e tornando a vestir o paletó, desci ao saguão do hotel e despachei êsse telegrama. Mas, desde então estou preocupado com o que fiz...

"— Que fariam vocês?"

★ ★

VIAGEM FRUSTRADA

UM sr. Rads, que num cabaré parisiense, faz, segundo "Paris-Match", um espetáculo mais psicológico que ocultista, conta o seguinte: 'Um físico inventa um aparelho com o qual é possível viajar através do tempo. Em sua primeira experiência decide confrontar a veracidade histórica dos que a escrevem. Para isso retrocede, provido do equipamento necessário, isto é: uniforme e armas, até à batalha de Waterloo. Tem a oportunidade de aproximar-se de Napoleão e então cruza por sua mente uma idéia diabólica: matar o imperador e mudar dessa forma o curso da história. Decidido a cumprir seu propósito aponta e atira, porém um soldado que passava ao seu lado, desvia a ponta da arma fazendo o atirador errar e... matar seu próprio tataravô. O físico jamais voltou dessa sua 1.ª viagem.

PEIXE COM PELÚCIA



JOANE Bosli, de San Francisco, capturou no lago Iceberg do Montana êste raríssimo exemplar de peixe, cuja pele apresentava escamas macias como a verdadeira pelúcia. O pêlo dêsse peixe é simplesmente extraordinário e os naturalistas não sabem explicar a sua razão. Miss Bosli, depois disso, está diàriamente nas águas dêsse lago, com a esperança de conseguir pescar outros exemplares, pois pretende com êles mandar confeccionar um casaco que, além de belíssimo, será único no mundo e, portanto, não terá preço.

REPRESÁLIAS

UM dia em que Sara Bernhardt se decidiu a abandonar seu teatro para ir ver a representação de "Fedra", que era apresentada na "Comedie Française", verificou que o esfôrço que havia feito não tinha sido merecido, pois os atores lhe pareceram bastante medíocres, principalmente a atriz que desempenha seu papel de Fedra. Ao sair, a grande artista viu uma grande quantidade de pessoas parada à porta do teatro.

— Que faz tôda essa gente? — perguntou Sara Bernhardt.

Explicaram-lhe que aguardavam a saída dos atores.

— Ah! — disse ela. — Com certeza pretendem matá-los.



A nossa alma rende-se muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos. — **Padre Antônio Vieira**

[redacted] DA IDADE DE "BRÔTO"

HÁ uma idade difícil para os sêres humanos. Quando, deixando de ser crianças, não lograram ainda ser homens ou mulheres. É o que se convencionou chamar, entre nós "brotinho".

É um instante de vacilação, que pode durar um, dois, três anos, segundo a personalidade do protagonista, porém pelo qual todos têm que passar, queiram ou não. Essa desorientação, essa dúvida, não apenas gravita sôbre êles, mas, também, entre os que os rodeiam, que ficam sem saber a que altura moral e intelectual devem manter as conversações em sua presença.



Essa época recebe, nos Estados Unidos, o nome de "teenager", ou seja: a idade dos que estão entre os doze e os dezesseis anos. Porém, ali, ao contrário do que ocorre em outras terras, principalmente a Europa, êsse é um momento definido e concreto, porque a sociedade norte-americana, que já respeita a criança, quando a vê chegar ao curso ginasial, faz mais que respeitá-la: extasia-se com ela. Estudos incessantes são amparados com ponderações e conselhos para êsse momento da vida dos norte-americanos e cada um de seus atos é pesado e admirado, porque se trata da geração que vai fazer a América de amanhã.

Não é raro que os deputados e governadores dos Estados recebam a visita dêsses núcleos juvenis que recebem aulas práticas de democracia onde ouvem ensinamentos e também são ouvidos atentamente sempre que têm qualquer opinião ou idéia a revelar.

De fato, os clubes juvenis discutem os problemas mais complexos da economia e da política internacional e suas conclusões, dirigidas às autoridades estaduais e inclusive ao chefe da nação, são recebidas com respeito e publicadas nos jornais.

Nos EE. UU. não existe a conhecida frase: "Você é muito criança para cuidar dêsses assuntos."

Além disso, grande parte da admiração que os adultos norte-americanos têm pelos jovens é devida à alegria e despreocupação que essas reuniões provocam, apesar do seu cunho político-social. A "hig school" que, em têrmos gerais, corresponde ao nosso "científico", oferece aos norte-americanos, talvez, a última oportunidade de respirar bem fundo e tomar fôlego... antes de atirar-se no mais selvagem da luta pela existência, que caracteriza aos norte-americanos que trabalham. E em cada empregado de escritório ou funcionário público que a caminho do seu emprêgo cruza com um grupo de garotos e garôtas de saia curta e livros debaixo do braço, há um sorriso cheio de nostalgia e admiração. Essa sim que era vida!

A adolescência norte-americana, para um europeu especialmente, tem uma curiosa característica. A liberdade de maneiras no

que se refere a beijar. Se alguém quiser provocar um dilúvio de gargalhadas, nos Estados Unidos, não tem mais que perguntar a uma mocinha de uns vinte anos — decente, é claro — se pode recordar quantos rapazinhos beijou em sua vida.

Isto porque, desde os doze anos, senão antes, brinca com seus camaradas do outro sexo de dois divertimentos típicos. Um é o intitulado "Correios" ou "Post Office" e que consiste em que uma das meninas designada pela sorte chama a um menino da reunião, dizendo-lhe que tem uma carta para êle. O garôto assim chamado vai à sala contígua, onde é beijado aparatosamente na bôca.

Assim, passa êle a ser o "carteiro" e, por sua vez, chama outra garôta do seu agrado. O segrêdo da brincadeira estriba na obrigação de mostrar uma preferência que acabe com a timidez que sentem muitos jovens norte-americanos diante do sexo contrário, apesar da familiaridade em que vivem desde a primeira infância.

A êsse "jôgo" se une o da garrafa rolante, que substitui a chamada pessoal e um tanto comprometedora pela sorte na forma de uma garrafa que, colocada horizontalmente no solo, rola até designar a pessoa que deve ser beijada; esta vez, entretanto, à vista de todos, havendo naturalmente protestos dos espectadores, quando o beijo se prolonga exageradamente, porém só porque ficam de fora e se aborrecem.

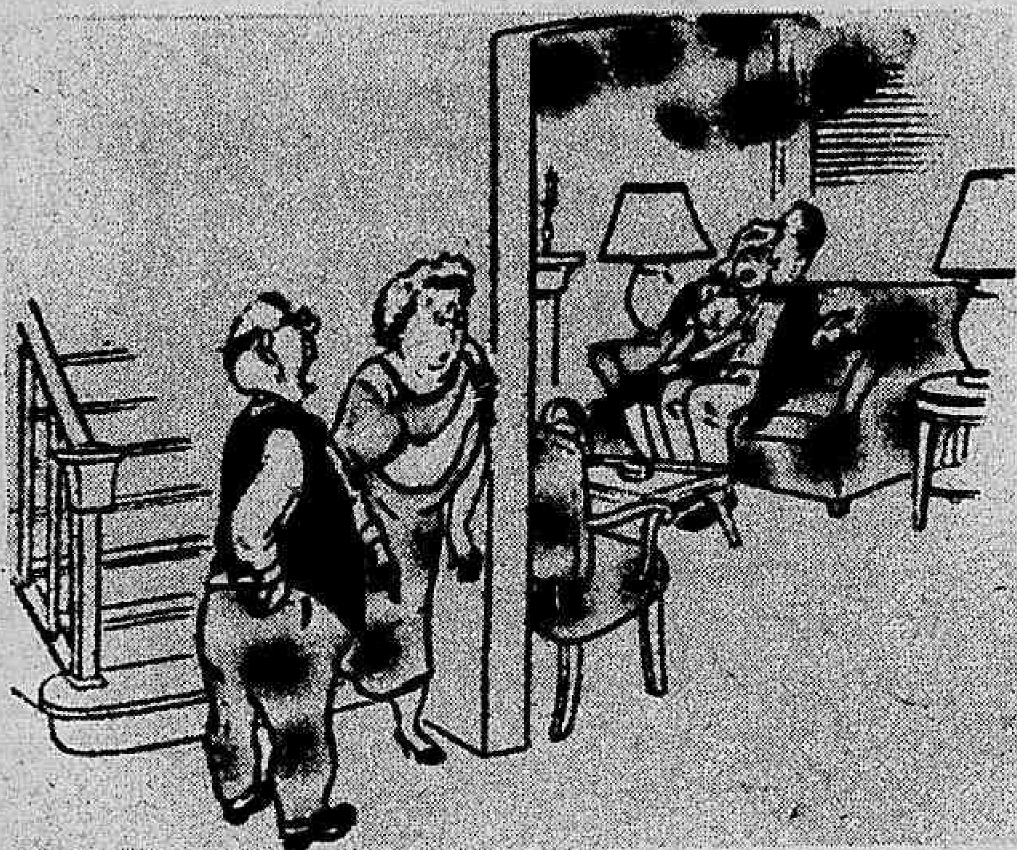
Na imensa maioria das famílias norte-americanas — à parte os núcleos rìgidamente puritanos — êstes jogos são tolerados para combater o "fantasma" a que nos referimos antes e que tem o nome de "inibição".

A psicologia, que explicou detida e repetidamente aos pais o perigo do isolamento como o da excessiva coação interna, faz que as famílias vejam com pluralidade de ângulos essas atividades dos filhos.

Porém também acreditam que não deve haver exagêro nesse aspecto de sociabilidade. E quando um professor de um instituto de Maryland, mr. Pond, impôs como



parte do curso para seus alunos de doze anos o jogo do "Correios", foi obrigado a pedir demissão. Defendeu-se declarando que considerava o beijo parte essencial da educação das crianças de doze anos, que,



— Acho bom ficarmos "de ôlho" nesse rapaz. A "casa de sonho" que está descrevendo para nossa filha é muito parecida com esta aqui!

para bem enfrentar a vida, precisam saber controlar os próprios impulsos.

Êste problema do beijo, que, na opinião de um famoso colunista norte-americano, "é mais popular que o pinguepongue", foi estudado de todos os pontos de vista e, naturalmente, também, pelo médico. Contestando um pouco a todos os curiosos do mundo, que se assombravam de que no país da higiene levada a extremos, dessem tão ligeira importância à união de uns lábios com outros, o dr. Bryan, bacteriólogo de um instituto de Baltimore, chegou às seguintes conclusões: Primeira. Durante um beijo passam de bôca para bôca de duas a duzentas e cinqüenta colônias de germes; porém 95 por cento são inofensivos. Segunda. Um beijo longo transmite o dôbro do número de micróbios de um beijo curto. Terceira. O baton para os lábios constituo um elemento protetor, porque contém um antisséptico.

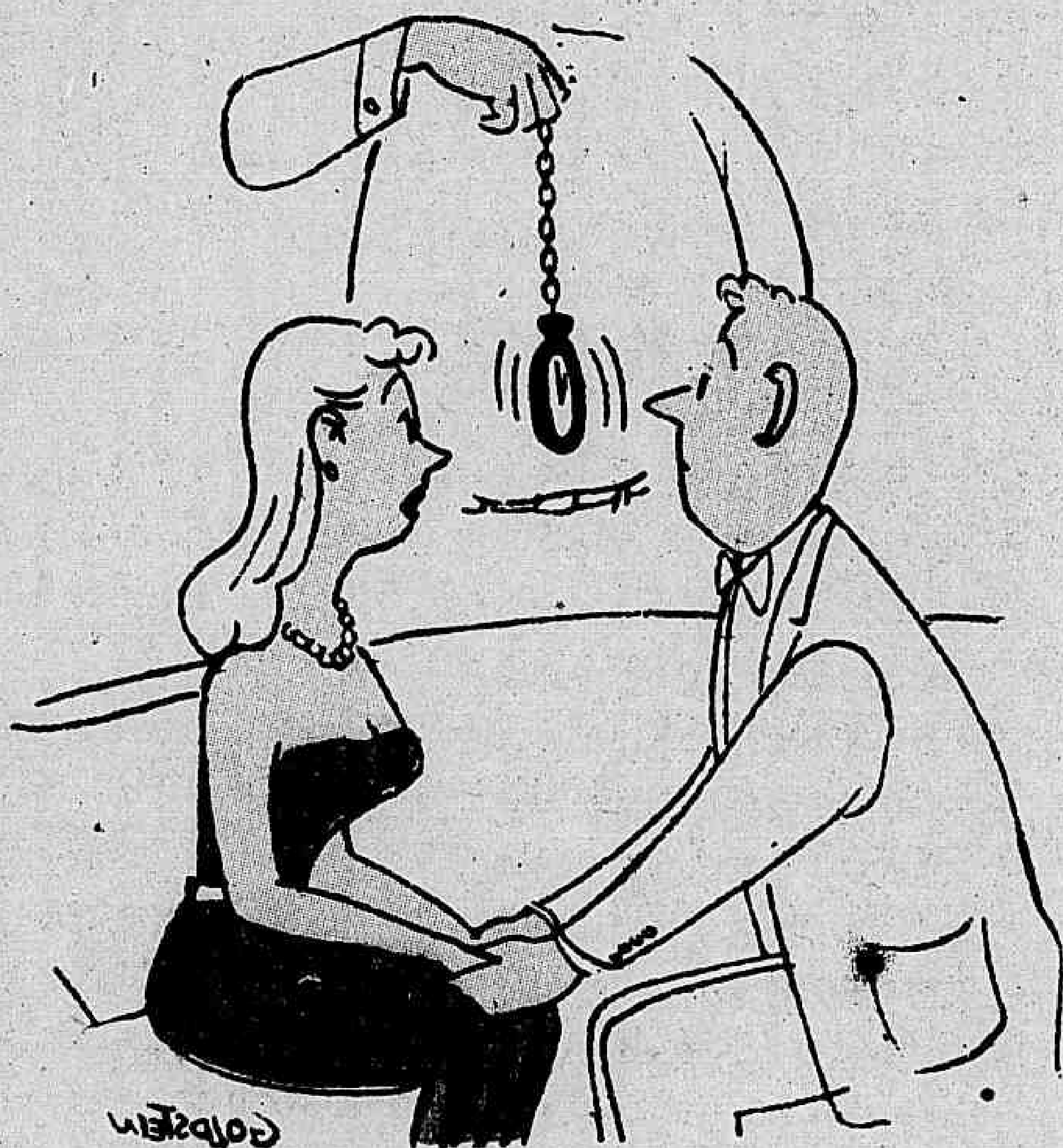
O resumo de suas investigações — segundo relata o "Time Magazine" — termina com palavras confortadoras:

"— Dado que o homem é uma criatura social, deve esperar riscos em seus contactos sociais."

"A única escapatória a esta regra é converter-se em um ermitão ou em um maçador. Beijar constitui um agradável passatempo e pode ser inofensivo, se lábios e bôca têm um tratamento higiênico normal."

Naturalmente, os garotos e garôtas dos Estados Unidos não esperaram o beneplácito do médico para sua diversão favorita. O normal nas saídas e passeios dessa mocidade é trocar beijos, pelo menos ao segundo dia de conhecimento e familiaridade e se alguns agrupamentos femininos estudantis prestam juramento para não deixar-se beijar senão depois do terceiro dia é apenas um problema do orgulho e nada mais.

Dois mundos antagônicos, o europeu do século XIX e o norte-americano de hoje se esbarram entre risadas quando um professor espanhol tentou explicar a suas alunas norte-americanas o desespêro de Espronceda e seu ceticismo. Quando relatava o episódio de Jarifa, que em redor dos lábios tinha as marcas de outros beijos, verificou que essa comprovação que tão melancólico deixou o grande poeta ibérico provocou o riso irresistível em tôdas as mocinhas presentes. Qualquer delas, de ótima família e costumes excelentes, havia dado mais beijos, num fim-de-semana que a pobre Jarifa em tôda a sua vida de



cortesã. E nenhum norte-americano ousaria tomar-lhe satisfações, sob pena de provocar a zombaria de tôda a nação.

Importa, entretanto, destacar: êsse fato não pressupõe absolutamente uma ulterior

conseqüência moral. Justamente, por ser um costume, representa em si mesmo um valor que não tem nada de prólogo e termina onde começou. Perguntarão os leitores: Uma mocinha, acostumada à liberdade e ao beijo, que tem como freio para sua conduta? A religião? A moral?

Poderíamos dizer que os dois valores têm uma grande fôrça nos Estados Unidos, porém, a principal barreira, a mais forte de tôdas é o orgulho. É preciso não esquecer que falamos de um país de imigração; isto é: um país onde os homens foram sempre mais numerosos que as mulheres — nos últimos anos a proporção tende a equilibrar-se — e onde a luta a tiros, que os filmes do Oeste nos oferecem, pelo amor



— Mamãe, posso ocupar o telefone esta noite?

de uma mulher, não deixa de ser um símbolo; exagerado, sim, nessa forma, porém não no fundo, do que ocorre em tôda a história norte-americana.

As primeiras mulheres conquistaram o respeito de seus maridos, primeiro sendo poucas e, por isso mesmo, mais desejáveis. Depois, provando ser boas e heróicas nos penosos anos da colonização; finalmente, dadas as circunstâncias sociais da industrialização, trabalhando duramente em seus lares, dia e noite.

Tudo isso faz que sejam admiradas e respeitadas pelos homens. Uma mulher que se entregue fàcilmente é, pois, qualquer coisa que não tem sentido histórico. A mulher escolhe, decide. O homem aceita, resignado, convencido. Êsse orgulho nato é avivado pelas mães, que transmitem a seus filhos, além das verdades religiosas ou morais, a idéia do "seuf control", como expressão de uma natureza digna.



— Como se atreve a convidar-me para sair a esta hora? Pensa que... Espere! Espere! Não desligue! Estava só comentando...

— Não te envergonhes jamais de ti mesma — é o conselho. — Mantenha-te



— Quando um rapaz me convida para uma festa, digo que já tenho outro convite e depois deixo que me "convença".

em teu lugar, em tua posição, em tua hora."

A educação feminina — falamos da familiar — está marcada, além disso, por um sentido do horário, muito curioso para

o estrangeiro, particularmente se é europeu. As trevas da noite produzem com o tempo, no norte-americano de hoje, o mesmo falso receio que sentiriam seus avós quando acampavam em território que podia ser de inimigos. Não desejaríamos exagerar na explicação de costumes por atavismos; porém, a não ser assim, é muito difícil de explicar por que uma mocinha norte-americana de hoje considera normal receber um amiguinho em seu apartamento às seis da tarde e lhe pareça feio fazê-lo às nove da noite. No segundo caso — afirma — os vizinhos comentam. O pecado que tem que ir necessàriamente envôlto nas sombras da noite é um pecado por si mesmo bastante ingênuo... — dirá o visitante dêsse admirável país.

— Que quer? — responderá a mocinha norte-americana. — É o costume, que manda aqui como em qualquer outro país, como soberano absoluto...

O mesmo ocorre nas residências universitárias femininas. O horário tem uma certa ductilidade, segundo as idades, porém é sempre férreo.

Três minutos antes das nove e meia, as mocinhas estão no salão do andar térreo, no mais extremoso de seus beijos de despedida de seus "boy friends"; quando o relógio anuncia nove horas, já estão sós, em sua residência, e a saída até às sete da manhã está severamente proibida. Nas sextas e sábados é permitido chegar às 24 horas ou mesmo à 1 (depende do colégio em que estejam); o atraso de um quarto de hora pode significar uma semana de "campus", isto é: proibição de sair do recinto universitário; isto significa, pràticamente, voltar para casa às cinco e meia, após a última aula. Chegar tarde três ou quatro vêzes provoca uma carta à família ou mesmo uma expulsão. Se uma garôta alega que tem permissão de seus pais para passar a noite fora de casa, esta lhe é concedida pelo colégio, porém, no dia seguinte tem que assinar um cartão postal, dirigido à família, em que explica onde estêve. Êsse cartão é enviado pela direção do colégio à residência dos pais da aluna.

Dessa severa e parcial vigilância é fácil ter conhecimento conversando com as famílias norte-americanas. Um jornalista europeu voltava, com um grupo numeroso das cataratas do Niagara para Búfalo e a palestra deslizou para o regime de clausura da filha de uma das senhoras.

— Não lhe parece, senhora, que é um pouco absurdo?

— Não; é até muito lógico. As mocinhas não devem estar fora de casa em horas avançadas. É um problema de moral e de bom-gôsto.

— Mas não acredita que o mal pode ser praticado em qualquer hora, mesmo às seis da tarde?

— Evidente. Porém há menos ocasiões. A essa hora as pessoas em geral trabalham, não se divertem. E, principalmente, ninguém bebe. A segurança que tenho na boa conduta de minha filha está baseada no sentido de sua própria responsabilidade, que tratei de inculcar em sua mente. Ela sabe o que deve e pode fazer e não precisa de outro vigilante senão sua própria consciência. Porém, se vem a perdê-la por motivo do álcool é coisa muito diferente.

Quando uma família norte-americana diz à sua filha que deseja que volte às vinte e quatro horas e não às duas da madrugada, é porque sabe que à primeira hora se volta do cinema ou de alguma festinha, porém de madrugada deve ter andado bebendo. E isso é muito mau.

E aqui temos outro grande problema norte-americano, do qual falaremos mais extensamente. É suficiente, aqui, aplicado ao fator feminino, que, enquanto as meninas desde muito cedo fumam com conhecimento e resignação de suas mães, o que possam beber será muito mal visto. Os castigos para as mocinhas que voltam tarde são duplicados se confessam que empregou êsses minutos de atraso, dez que sejam, bebendo qualquer porção de álcool num clube estudantil.

O cuidado pela psicologia das mocinhas continua, naturalmente, no colégio interno. Ali cada cem meninotas dependem de uma "dona de casa", que é uma senhora viúva ou uma professôra jovem, de bons costumes, que se encarrega de atendê-las e aconselhá-las em seus problemas. Tôda a educação norte-americana procura evitar que uma mocinha "having troubles", que poderíamos traduzir em essência, encon-

(Continua no fim da revista)

DOENTE DO CORAÇÃO É, QUASE SEMPRE, UM DOENTE DA AORTA

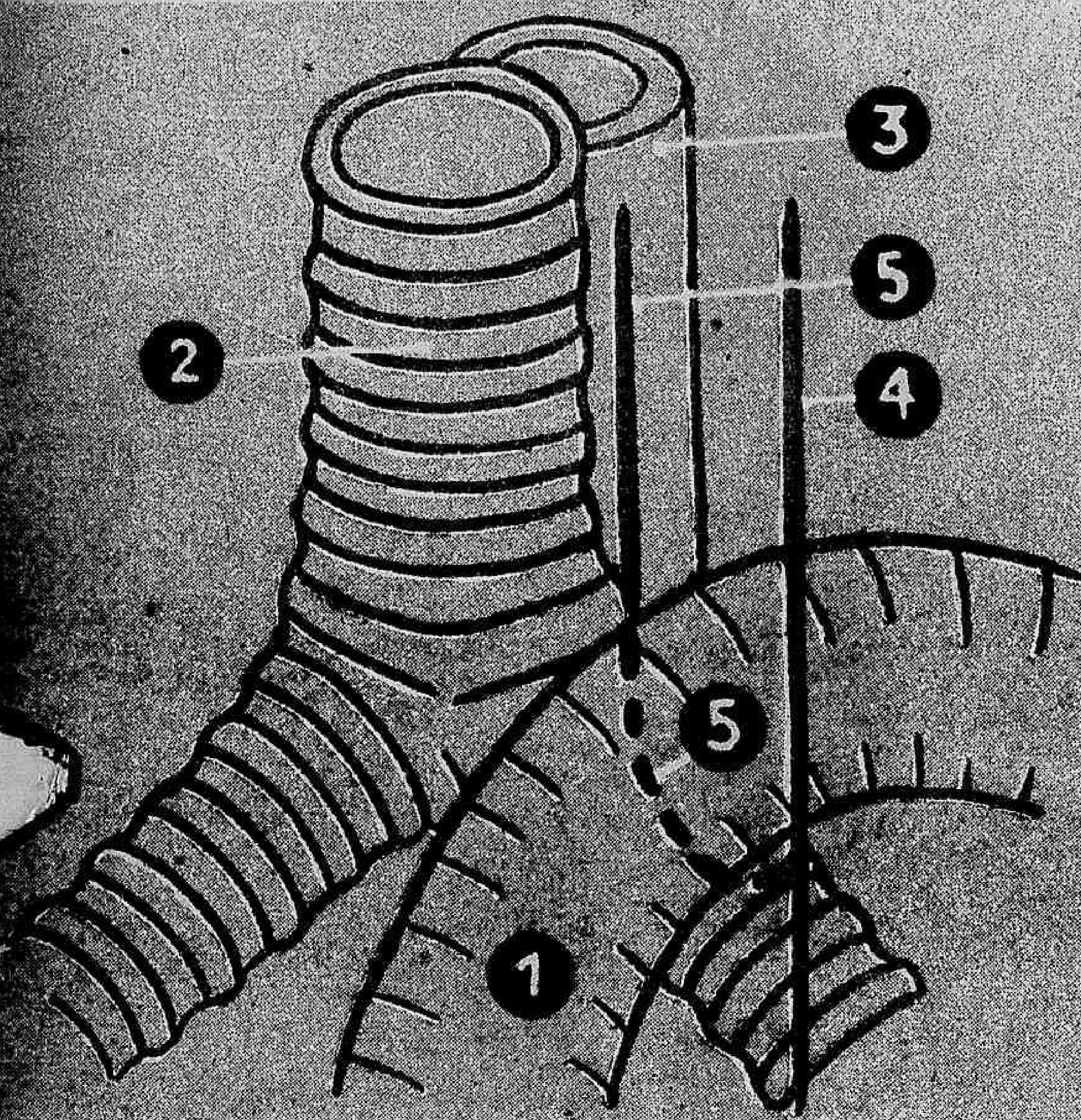
MUITAS vêzes, depois de um exame médico, o paciente se inquieta com a afirmação um tanto sibilina do facultativo: — "O senhor tem a aorta dilatada". Essa anomalia da aorta, que o médico entreviu na radioscopia é muito freqüente; de fato são numerosas as enfermidades da aorta e são elas que vamos passar em revista.

As doenças da aorta são, muitas vêzes, confundidas com as doenças do coração; esta confusão se explica pelo fato da proximidade em que se encontram aorta e coração. Recordemos, primeiro, em resumo, a anatomia e o papel fisiológico da aorta: nasce ela na parte superior do ventrículo esquerdo; primeiro, situada justamente sôbre o coração, na parte anterior do espaço que separa os dois pulmões, a aorta vai, por meio de grande curva, ganhar a face anterior da coluna vertebral; essa curva, chamada "alça da aorta", enlaça em sua concavidade a traquéia e o esôfago. Isto explica certas tosses, certas dificuldades de engolir, que são às vêzes os primeiros sinais de certas enfermidades aórticas. A aorta leva do coração (ventrículo esquerdo) o sangue arterial oxigenado pela passagem nos pulmões. Por suas diferentes ramificações, vai irrigar de sangue oxigenado o corpo inteiro. Insistiremos, sobretudo, nos dois primeiros ramos da aorta, pouco importantes por seu volume, capitais por seu destino: as artérias coronárias, que vão alimentar o próprio coração. Veremos, adiante, com que freqüência a enfermidade se traduz pelo enfraquecimento de um coração que não é suficientemente vascularisado. Um último ponto de anatomia: as duas válvulas aórticas que separam o ventrículo esquerdo e a aorta, têm uma forma "em ninho de pombo". Eis o seu mecanismo: durante a contração ven-

FAÇAM esta experiência: Encham d'água um barrilete, tendo na parte superior uma torneira, à qual se aplica um dispositivo em «V» dando ligação a dois tubos do mesmo diâmetro e do mesmo comprimento, um de vidro, outro de borracha. Abram a torneira e o líquido correrá em jato contínuo de igual quantidade num tubo como no outro. Abram e fechem, depois, ritmicamente a torneira; a água escorrerá de maneira contínua e com abundância constante pelo tubo elástico, enquanto correrá de maneira intermitente pelo tubo de vidro. O coração funciona como essa torneira, que se abre e fecha alternativamente. Se a aorta é como um tubo elástico, transformará o jato intermitente do coração numa corrente sanguínea regular. Mas, se estiver endurecida, «esclerosada», ficará rígida como o tubo de vidro e a circulação do sangue se fará «aos saltos», como é fácil de se compreender.

tricular, o sangue é violentamente expulso para a aorta e afasta as válvulas que se aplicam contra as paredes aórticas. Durante a fase seguinte, de repouso, em que o ventrículo se enche do sangue vindo da aurícula, o sangue lançado na aorta tende a voltar ao ventrículo e, nessas circunstâncias, reaproxima as válvulas aórticas que vão obturar a passagem, aplicando-se uma contra a outra. Êsse encontro brutal das três válvulas aórticas provoca um ruído claro, rápido: é o segundo ruído do coração (o primeiro é causado pela oclusão da válvula mitral e é o mais grave, mais "surdo".

Podemos comparar a diferença dos dois ruídos pela diferença da onomatopéia: "Pum-Ta...". Já estamos, agora, em condições de compreender o mecanismo da maior parte das doenças da aorta.



O esquema acima permite compreender por que as perturbações da aorta, que está em conexão com numerosos outros órgãos, podem manifestar-se com sintomas que nada tenham a ver (aparentemente) com as perturbações circulatórias. Comprimindo a traquéia-artéria (2), a alça da aorta (1), curva descrita à esquerda e por trás do coração descendo por essa artéria e, a seguir, pela frente da coluna vertebral, pode provocar uma tosse de aparência mais ou menos banal. Comprimindo o esôfago (3), provoca uma dificuldade de deglutição mais ou menos acentuada O esmagamento do nervo do laringe pneumogástrico (4) e do nervo recorrente (5), (ramo do pneumogástrico), produz rouquidão que pode vir a chamar a atenção para um aneurisma.

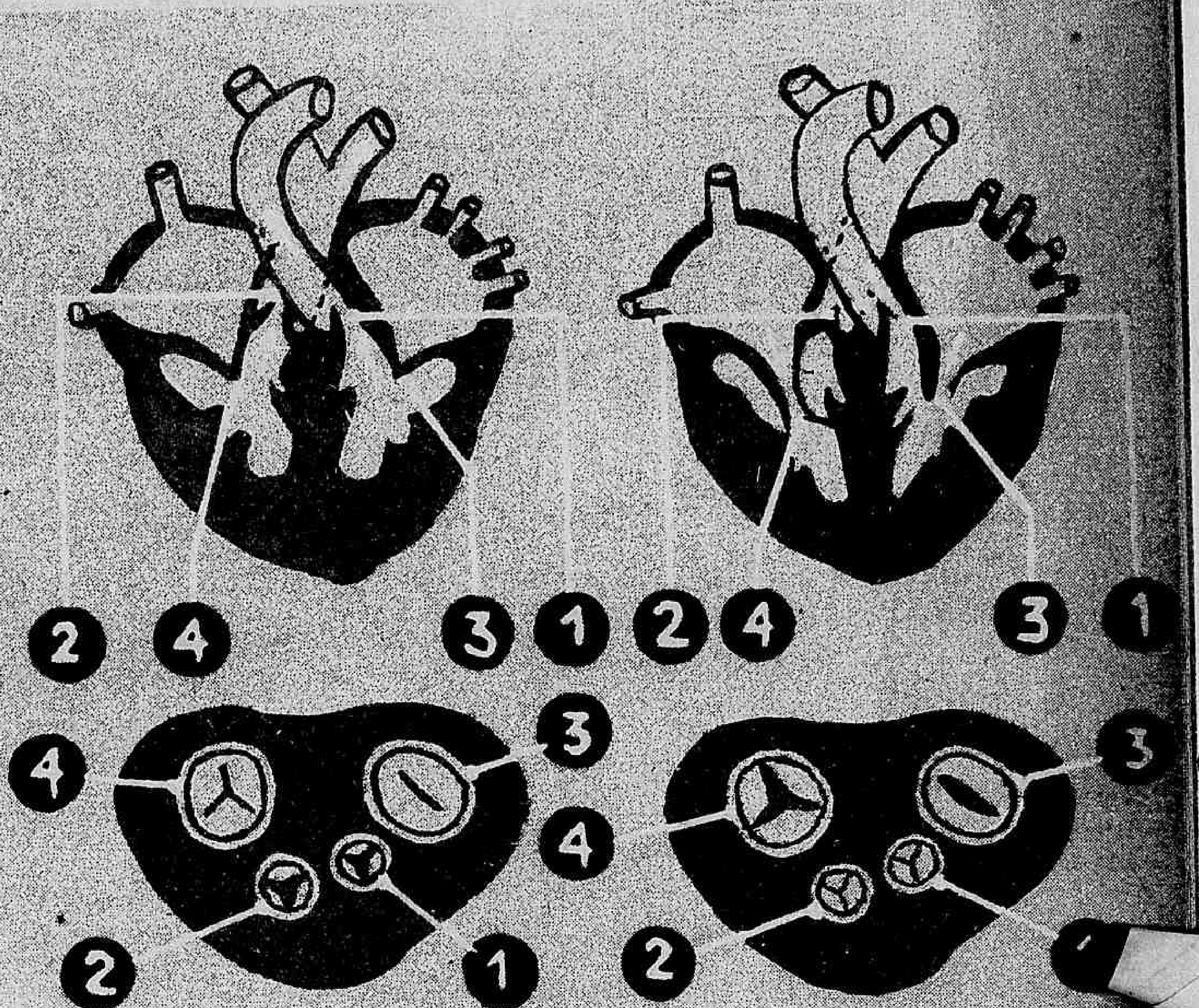
A "DANÇA DAS ARTÉRIAS" REVELA A INSUFICIÊNCIA AÓRTICA, ENFERMIDADE DE UMA VÁLVULA... — Das enfermidades das válvulas aórticas trataremos de início. A mais importante é a insuficiência aórtica: as válvulas aórticas enfêrmas se aproximam mal durante a sístole, isto é: durante o intervalo que separa o segundo do primeiro ruído do coração. E daí? Ocorre que o sangue, lançado na aorta, vai passar, ao recair, entre as válvulas mal fechadas e retornar ao ventrículo esquerdo. Essa passagem num orifício bastante estreito será revelado por um sôpro, isto é, um ruído ligeiro, percebido entre o segundo e o primeiro ruído, entre o "Ta" e o "Pum"... Os médicos de outrora diziam que êsse sôpro era "doce, úmido, macio, aspirativo"...

Êsse sôpro "diastólico" é o sintoma principal da insuficiência aórtica; mas quais são as perturbações que levam o enfêrmo a consultar o médico?

Essas perturbações são variáveis segundo a origem do mal. Com freqüência é a insuficiência aórtica que aparece após uma crise de reumatismo articular agudo; essa curiosa enfermidade que quase só atinge aos que tenham "menos de trinta anos", poderia, à primeira vista, parecer sem grande importância, pois que se traduz, no início, por dores articulares e febre; mas, na verdade, ela ataca, mais correntemente — e gravemente — o coração e por isso já houve quem dissesse, com muita razão que "o reumatismo articular agudo lambe as articulações e morde o

coração". As válvulas aórticas não estão geralmente afetadas. Muitas vêzes, o médico descobre essa afecção logo no correr de uma crise de reumatismo articular; mas, também, pode descobri-la no curso de um exame motivado por qualquer outro motivo. Às vêzes o doente vai consultar o médico, porque se surpreende com a intensa palidez do seu rosto, se impressiona com as constantes dores de cabeça, as vertigens, as síncopes que sofre.

A auscultação do coração revela, então, o signo capital sôbre o qual já discorremos: o sôpro diastólico. Êste, muitas vêzes, é difícil de ouvir e quando o médico duvida de sua realidade, tem todo o interêsse em recomeçar a auscultação após um esfôrço físico do paciente, alguns movimentos rápidos de ginástica, por exemplo.



CORTE ESQUEMATICO DO CORAÇAO: VERTICAL, AO ALTO, E HORIZONTAL, EM BAIXO: À esquerda: primeiro tempo da revolução cardíaca: contração dos ventrículos. O sangue sobe no sentido das flechas pelas válvulas sigmóides (1 e 2) para a circulação geral e os pulmões. Durante êsse tempo, a válvula mitral (3), que comunica o aurículo e o ventrículo esquerdos, fecha-se, assim como a válvula tricúspide (4), que faz comunicar o aurículo e o ventrículo direitos, para impedir o sangue de refluir para os aurículos. À direita: segundo tempo, as válvulas sigmóides se fecham (1 e 2), enquanto que as válvulas mitral (3) e tricúspide (4), se abrem para permitir ao sangue passar dos aurículos esquerdo e direito para os ventrículos correspondentes.

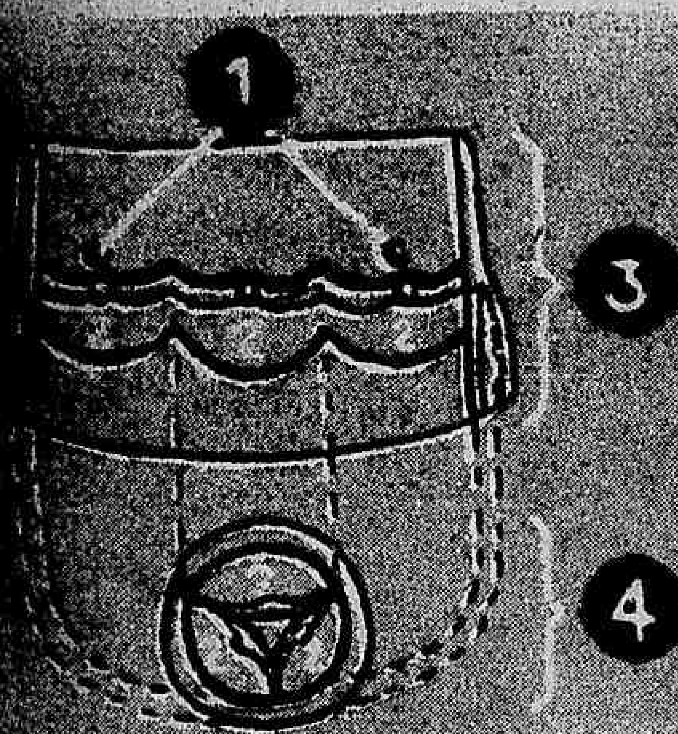
Mas outros sinais revelarão a fuga diastólica do sangue: se a tensão arterial tem sua primeira cifra normal, a segunda cifra, a mínima, é muito baixa. A aorta não pode mais desempenhar seu papel amortecedor das descargas cardíacas e isso vai provocar o que se convencionou chamar de "dança das artérias". As carótidas se mostram "batentes", provocando a cada batida uma oscilação da cabeça; as unhas se coloram e descoloram alternativamente; quando o doente, sentado, cruza as pernas, involuntàriamente bate a ponta do pé, na medida do seu ritmo cardíaco. A radiografia mostra uma aorta de tamanho normal, porém animada por estremecimentos.

Qual será a evolução da enfermidade? A princípio é, em geral, bem tolerada, mas (em geral tardiamente) pelo fato do trabalho suplementar que ela reclama do coração, acaba acarretando uma insuficiência cardíaca progressiva. Aqui nos limitaremos a citar as raras insuficiências aórticas que surgem após as escarlatinas ou uma coréia, mais vulgarmente chamada "Dança de S. Guido". A sífilis ou a ateroma vascular podem também localizar-se nas válvulas aórticas, mas trataremos principalmente essas causas particulares no quadro das aortites generalizadas, como a seguir:

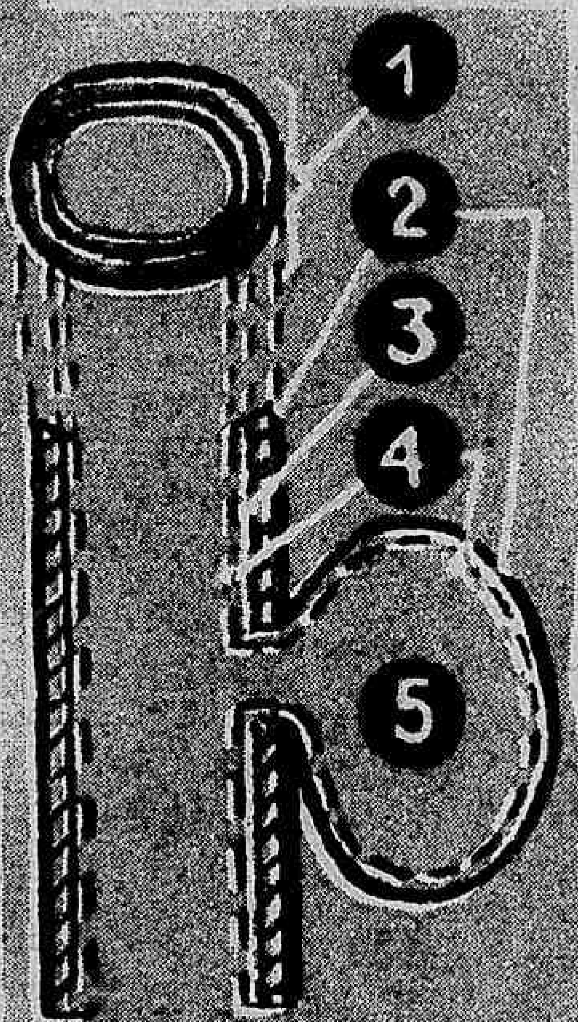
...E A AORTA "PESCOÇO DE CISNE" REVELA A AORTITE OU ENDURECIMENTO DA ARTÉRIA — A insuficiência aórtica, doença da válvula aórtica, é sobretudo uma doença de jovem. A aortite, mal

da aorta muito conhecido, é — ao contrário — uma doença dos indivíduos de mais de cinqüenta anos. Vamos observar êsses enfermos que saem do consultório do seu médico, já avisados de que são portadores de uma aorta dilatada.

Quais tinham sido as perturbações que o levaram a consultar o médico?



A esquerda: — Na base da aorta estão três válvulas sigmóidas, que impedem o sangue de voltar ao coração após a contração do ventrículo; 1 — Orifícios onde nascem as artérias coronárias que formam coroa em tôrno do coração. 2 — Válvulas sigmóides. 3 — Aorta «desdobrada» e aberta. 4 — Corte da aorta no nível das válvulas chamadas sigmóides.



À direita: — Estrutura de grande artéria do tipo aorta: 1 — Artéria vista em corte: vê-se as três túnicas que formam a parede. 2 — Túnica externa, de natureza conjuntiva, onde circulam vasos capilares, que alimentam os tecidos da parede arterial. 3 — Túnica média, formada quase exclusivamente de fibras elásticas. 4 — Túnica interna, formada por um tecido (endothélium), que continua o endocárdio ou membrana interna do coração. 5 — Aneurisma: dilatação da artéria por rutura da túnica-média; a pressão do sangue provoca então a distensão das túnicas interna e externa, que possuem menor resistência.

Estas são sempre variáveis. Ora são dores de cabeça, vertigens, câibras violentas, ora dores semelhantes às da angina de peito, embora não muito fortes, por trás do esterno... Em resumo: êsses doentes são hipertensos, arterio-esclerosos. Nêles a aorta e os vasos em geral, perderam sua elasticidade. Suas paredes se carregaram de sais calcáreos e de colesterol.

Por quê? Por que mecanismo as paredes arteriais assim degeneraram?

Êste é um ponto ainda mal elucidado. Parece que, em muitos casos, a hipertensão arterial é o primeiro fator que provoca, com o tempo a arterio-esclerose; de qualquer maneira, o médico encontra os estigmatas dessa doença arterial generalizada: as artérias são duras, o pulso vibrante, a tensão arterial elevada; a auscultação do coração revela sempre um "sôpro diastólico", embora outros sintomas a êle se juntem, notadamente um "sôpro sistólico". É a sonoridade dura, metálica, do segundo ruído do coração. A radiografia revelará uma imagem anormal. Mas sòmente fazendo o paciente passar por trás da tela e observando-o em várias posições, é que o médico bem apreciará a silhueta aórtica: a aorta está dilatada e "desenrolada", isto é: descreve uma curva muito mais ampla que o normal, o que dá a impressão de um "pescoço de cisne". Essa aorta é mais opaca do que conviria, marcada por placas calcáreas. Na insuficiência aórtica, a aorta bate muito, neste caso, ao contrário, é imobilizada, fixada pela esclerose.

Compreende-se que há numerosos graus nessa "aortite ateromatosa". Algùmas são pouco acentuadas, sendo estas normais nos indivíduos de idade avançada; não se trata mais de uma enfermidade, mas da simples tradução da usura fisiológica do organismo pelo tempo.

De qualquer forma, a aortite é importante e pode provocar desordens sérias, que são, a bem dizer, mais o fato da enfermidade vascular e geral, que a enfermidade aórtica local. Pode, por exemplo, provocar uma hemiplegia, consecutiva a um amolecimento cerebral ou uma insuficiência cardíaca devida à arterio-esclerose dos vasos do coração.

O ANEURISMA, QUE FORMA UMA BÔLSA NA PAREDE DA AORTA, É UMA DISTANTE CONSEQÜÊNCIA DA SÍFILIS

— Um quadro bastante curioso é o da **aortite sifilítica**. A sífilis é uma doença insignificante, hoje em dia, relativamente aos males venéreos, porém extremamente grave pelas conseqüências vasculares ou nervosas que sobrevêm sempre retardadas, após um mal venéreo inicial (que não tenha sido tratado com a energia exigida, no seu início). A aortite sifilítica também é anunciada pelas dores de cabeça, vertigens, crises de angina do peito. Ainda

aqui encontramos o sôpro diastólico e da mesma forma a radiografia da aorta revela uma opacificação, um alargamento com "desenrolamento" e imobilidade. Porém, um exame atento revelará que as demais artérias estão indenes: não há hipertensão.

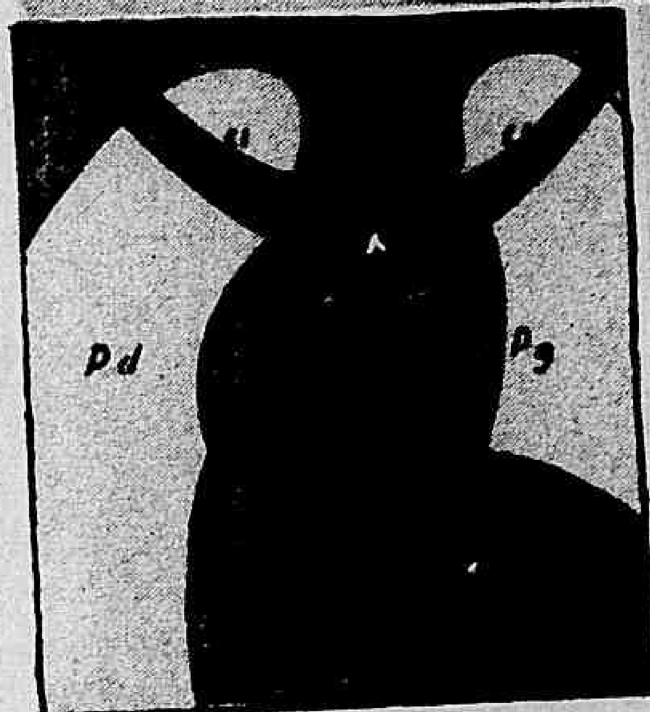
São encontrados ainda outros sinais de sífilis antiga. As reações serológicas são positivas. Não se deve temer, nesse caso, uma hemiplegia, uma uremia consecutiva a uma arterio-esclerose renal, mas convém tratar enèrgicamente a doença, a fim de prevenir a insuficiência cardíaca que é, então, muito rápida. Mas convém estar certo de que se trata de uma aortite apenas e não de um aneurisma da aorta. Chama-se um aneurisma uma bôlsa formada pela parede distendida da artéria.

Essa bôlsa, cheia de sangue e de pedras, em comunicação com o sangue circulante, é limitada por tecidos enfermos, enfraquecidos, prestes a romper-se a qualquer momento. Imagina-se, então, tôda a gravidade dessa afecção que é muito freqüentemente de origem sifilítica. O doente irá consultar o médico algumas vêzes pelos sinais de aortite que já conhecemos, às vêzes, também por outros sintomas devidos à compressão dos órgãos vizinhos pela bôlsa aneurísmica pode comprimir a traquéia, provocando tosse e dificuldade de respirar, ou ainda esmagar os nervos do laringe e o primeiro sinal será, então, uma modificação da voz, que será rouca. Além disso sentirá dores, devidas à irritação dos nervos intercostais ou uma dificuldade de engolir, causada pela compressão do esôfago. O exame poderá acusar apenas sinais da aortite.

Algumas vêzes, a auscultação dá a impressão de que há um segundo coração no peito. Ainda mais raramente, um aneurisma volumoso vem surgir sob a pele, provocando uma tumefação que vibra com as pancadas do coração. A radiografia, nos casos de dores, mostra a dilatação, a deformação da aorta, por uma sombra animada de movimentos. Técnicas especiais são algumas vêzes necessárias para estabelecer o diagnóstico: os progressos da radiologia permitem praticar radiografias muito aproximadas no tempo: são registros gráficos, que analisam as variações de volume dos órgãos torácicos.

O grande perigo dêsses aneurismas é, evidentemente, a rutura, que ocorra num brônquio, numa veia ou no exterior, o que provoca sempre morte rápida.

Tôdas essas enfermidades aórticas são enfermidades adquiridas, mas existem anomalias congenitais da aorta: citaremos apenas a "aorta colocada à direita", sempre



Esta radiografia mostra importante dilatação da aorta, cujo esquema interpretativo (à esquerda) dá idéia mais exata: — A — Aorta; B — Dilatação da aorta; C — Coração; Pd — Pulmão direito; Pe — Pulmão esquerdo; Cl — Articulações que ligam as clavículas ao esterno.

acompanhada de outras malformações cardíacas, agrupadas sob o nome de "moléstia azul".

Mais interessante é o acolhimento da alça aórtica. Sem entrar no detalhe, convém lembrar que desde a iniciativa de um cirurgião sueco, dr. Crawford, êsses enfermos podem hoje ser operados.

O ELETRICISTA VEM EM AJUDA DO CIRURGIÃO PARA OPERAR O ANEURISMA — Os progressos da cirurgia vascular no domínio das enfermidades

congênitas não têm, infelizmente, um corolário tão nítido no domínio das enfermidades aórticas adquiridas do adulto.

É bem verdade, hoje, sabemos melhor prevenir a insuficiência aórtica reumatismal, graças aos novos hormônios como a cortisona e o A.C.T.H., que substituem o clássico salicilato de soda.

A aortite dos homens de cinqüenta anos exige que sejam observadas certas prescrições de higiene: repouso, vida calma e tranqüila, regime pobre de carnes, rica em hidratos de carbono, isto é: açúcares. Alguns medicamentos usuais com base de iôdo, de enxôfre, de amido nicotínico, vitaminas P serão também prescritos, embora, nesse domínio, não haja nada de muito novo.

A aortite sifilítica, hoje muito mais rara que outrora, poderia, ao contrário, ser melhorada por meio de tratamentos modernos da sífilis que deverão, no entanto, ser praticados com muita prudência.

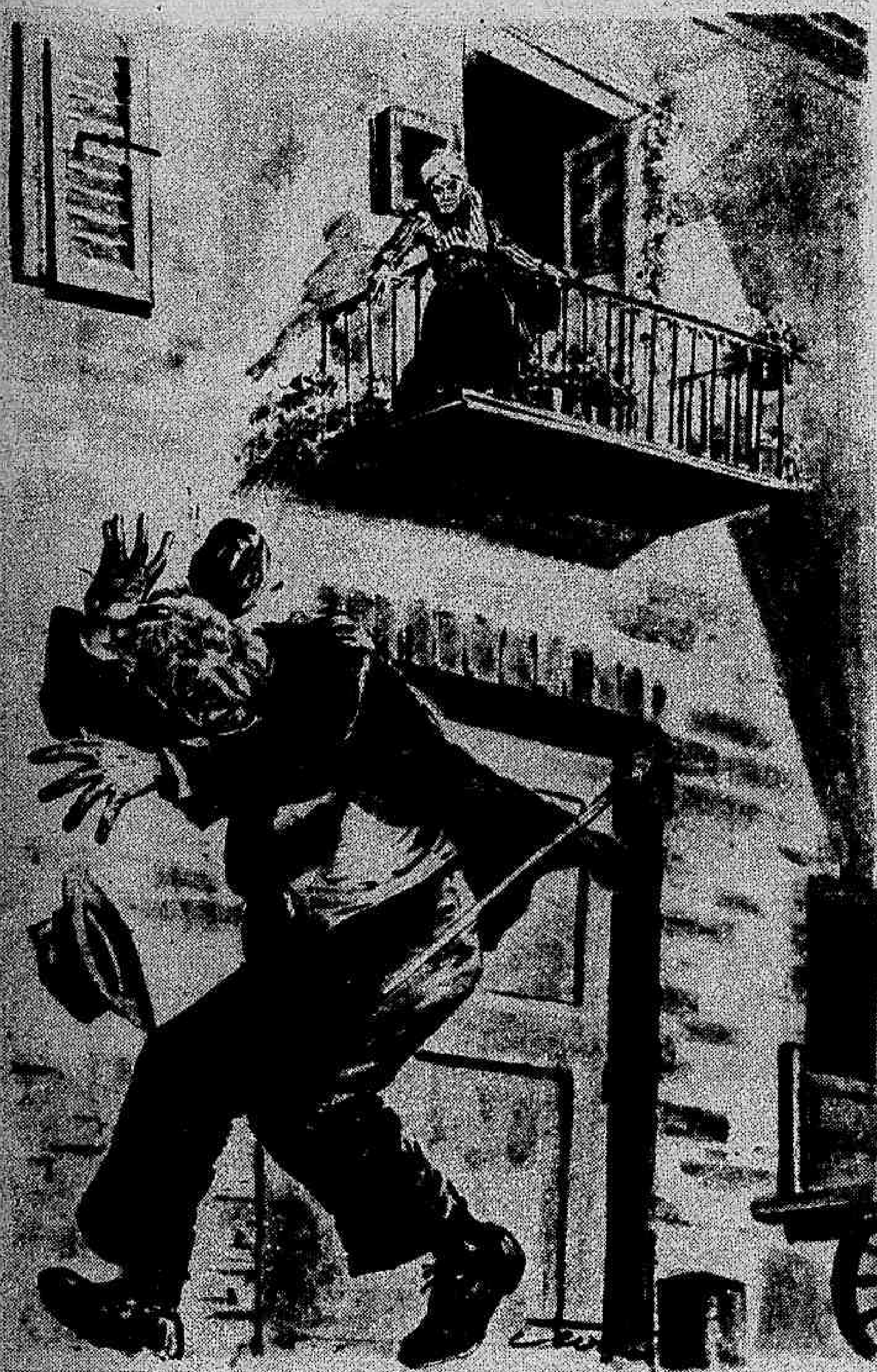
Quanto ao aneurisma, outrora tão temível, processos curiosíssimos procuram agora suprimir as conseqüências.

Alguns cirurgiões audaciosos procuram cercar a bôlsa aneurismal com um refôrço de matéria plástica; outros introduzem no interior da aorta, no saco formado pelas paredes alteradas, um fio metálico trançado no qual fazem passar uma corrente elétrica. O sangue coagulado obstrui então a bôlsa, que perde sua cavidade.

Êsses são os tratamentos de vanguarda com os quais podem já hoje beneficiar-se os mais inquietos.







VINGANÇA TARDIA E TRÁGICA

Foi há cinqüenta anos que Michèle Striscia, agora com setenta e quatro anos de idade, de Castelfranco in Miscano (no Benevenuto, Itália) prometeu a Maria Vincenza Pascalone, que tem hoje setenta e cinco anos, que haveria de desposá-la.

Não cumpriu, porém, a palavra e a mulher jamais pôde esquecer a afronta, mesmo passado meio século.

Recentemente, Maria Vincenza viu o ingrato que passava sob a sua janela. Não hesitou. Apanhou uma grande pedra e com mão certeira lançou-a contra a cabeça de Michele Striscia, que morreu na mesma tarde, vitimado por hemorragia cerebral.



PARA COMBATER O ACNE

A dra. Helen Dexter, do "Colégio de Medicina", da Universidade de Cincinati, recomenda um tratamento para o acne, que, segundo parece, dá excelente resultado:

Ei-lo:

Duas vêzes por dia, pela manhã e à tarde, umedecer a pele com água muito quente. A seguir, aplicar espuma de sabão com um pano suave, assim deixando pelo espaço de 30 minutos a 1 hora. Se a pele fôr escura e gordurosa, melhor será usar um sabão comercial abrasivo. Se a pele fôr branca, melhor será usar sabonete de toucador comum.

Depois, enxaguar o rosto com água fria. A água quente e o sabão já terão eliminado o sebo e a água fria ajuda a diminuir a secreção.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De *NICHOLAS BLACK*

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tharde Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para iss passa a aguardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela represa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente. Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da represa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente.

Mas Nigel já deixara a sala. Subiu a escada sem fazer ruído e deteve-se diante da porta de um quarto onde ouviu uma voz, que reconheceu imediatamente, apesar do tom súplice:

— Você não quer me deixar, não é mesmo Phil? Seu avô jamais fugiu à dor. Não era um cobarde. Você é o único homem desta casa, agora que o pobre George morreu.

— Largue-me! Largue-me! Não gosto da senhora...

A voz de Phil vibrava de terror, como a de uma criança que procura repelir um animal muito grande e ameaçador, que o aterroriza. Nigel conteve com dificuldade o seu desejo de intervir.

— Você está nervoso, Phil, sem o que não falaria assim com a sua boa avòzinha... Ouve, meu querido: você tem que ficar ao lado de sua mãe! Ela vai passar por momentos difíceis... George foi envenenado, compreende? Envenenado!

Nigel reconheceu na voz da sra. Rattery a doçura amolecedora do clorofórmio. Phil chorava, como uma criança que luta contra um anestésico. Alguém, nesse momento, começou a subir a escada atrás de Nigel. Mas a sra. Rattery prosseguia:

— Violeta vai precisar de você, Phil. A polícia pode descobrir a discussão que ela teve com George, há dias, os criados podem ter ouvido e só isso é bastante para que ela seja suspeitada...

"Agora chega!" — murmurou Nigel, torcendo o trinco da porta. Porém Violeta

passou na sua frente e atirou-se como uma fúria para o centro do quarto. A senhora Rattery estava ajoelhada diante de Phil, tendo os dedos gordos enterrados nos braços do menino. Violeta a segurou pelos ombros, tentando afastá-la do filho, mas era o mesmo que tentar remover uma rocha. Então, desesperada, bateu com violência nos braços da sra. Rattery, que finalmente largou sua prêsa.

— Bruta! — gritou ela. — Como se atreveu?... Como se atreveu a tratá-lo dêsse modo? Não chore, Phil... Ela não se aproximará mais de você, juro! Não meterá mais mêdo a ninguém, nesta casa!

O menino lançou para sua mãe um olhar de estupefação e refugiou-se em seus braços. Nigel notou a nudez do quarto: nenhum tapête, um leito de ferro, simples e feio, uma mesinha própria para a cozinha... Uma idéia de George, sem dúvida, "para endurecer" seu filho. Um álbum de selos estava aberto sôbre a mesa, tendo as páginas superiores manchadas de tinta, diluída pelas lágrimas da criança. Nigel teve que fazer um grande esfôrço para não dizer tudo o que sentia, porque não podia ofender, desde o início do seu inquérito, a velha senhora, sempre ajoelhada.

— Quer me ajudar a levantar, senhor Strangeways? — pediu a sra. Rattery, que conservava uma certa dignidade nessa situação incrível.

— Que mulher! — pensou Nigel, oferecendo-lhe a mão. — Positivamente, êste caso promete ser prodigiosamente interessante.

Cinco horas mais tarde, Nigel falava ao inspetor Blount. Phil Rattery tinha sido levado para o "Angler's Arms", onde terminava um **lunch** copioso, ouvindo George, que lhe falava de suas expedições.

— Era realmente estriquinina — disse Blount.

— De onde provinha? As farmácias não vendem isso ao primeiro que aparece para comprar.

— Não, é claro... Mas não qualquer pessoa pode comprar, alegando que se trata de um recurso para a exterminação de animais nocivos... Há uma série infindável dêsses remédios que têm como base a estriquinina, seja dito de passagem, embora eu acredite que o assassino não tenha tido a necessidade de comprar o veneno.

— O que diz me interessa singularmente. Devo compreender que o assassino é o irmão — ou a irmã — de um vendedor de drogas contra os ratos?

— Não é bem isso. Mas Colesby foi à garagem, a fim de interrogar os empregados do assassinado. Essa garagem fica situada junto do rio e está infestada pelos ratos. Colesby notou, no escritório, duas caixas de grãos envenenados, para a destruição dêsses roedores. Qualquer membro da família pode ter entrado ali e apanhado o veneno...

— Colesby perguntou, por acaso, se Felix Cairnes visitou a garagem recentemente.

— Claro que perguntou. Cairnes ali estêve uma ou duas vêzes — respondeu Blount com ligeira má-vontade.

— Mas não no dia do crime? — insistiu Nigel.

— Não foi **visto**, pelo menos, nesse dia.

— Você, meu amigo, não deve ficar hipnotizado pela idéia da culpabilidade de Cairnes. Como sabe, tudo é possível...

— Êsse seu conselho é difícil de ser seguido, quando nos encontramos em presença de um crime e que um homem escreveu sua intenção de assassinar a vítima — respondeu Blount, batendo com os dedos sôbre a mesa.

— No meu modo de ver — disse Nigel, recostando-se na poltrona — Cairnes bem pode ser riscado da lista dos suspeitos.

— Queira explicar-se, por favor, senhor Strangeways.

Nada nos permite duvidar de que Cairnes tenha tido, realmente, a intenção de afogar Rattery, como escreveu. No entanto, verifiquei que êle foi diretamente para o "Angler's Arms", após o fracasso da sua tentativa. Isto foi o que verifiquei com absoluta certeza. O garção se recorda de ter servido chá às cinco horas, no **hall**... quatro minutos depois de haver amarrado a embarcação no pequeno cais de madeira. Depois do chá, Cairnes foi ler no jardim do hotel, à vista de numerosas testemunhas, ali permanecendo até seis e meia. Foi, a seguir, para o bar, onde estêve bebendo coquetéis até à hora do jantar. Não pode ter voltado à residência dos Rattery durante êsse período, temos que reconhecer...

— Mandarei confirmar êsse alibi — respondeu, prudentemente, o inspetor.

— Como quiser. Mas perderá seu tempo, posso afirmar. Se Cairnes envenenou o medicamento, só o pode ter feito entre a refeição do almôço e o tempo decorrido antes de sair para o passeio de barco. Talvez o meu amigo descubra que êle teve tempo de sobra para agir, nesse curto espaço de tempo. Mas, pergunto: por que teria feito isso? Não tinha qualquer razão para imaginar que o "acidente" ia falhar; e mesmo que tivesse decidido colocar outra bala na sua arma, não teria escolhido o veneno, é claro! O projeto do barco prova que é homem de recursos e por isso mesmo teria escolhido qualquer coisa que se assemelhasse a um acidente, em vez de lançar mão do veneno, tendo ainda que fazer desaparecer a garrafa.

— Sim... A garrafa.

— O fato de escamoteá-la imediatamente provava o assassinato, não é mesmo? Ora, seja qual fôr a sua opinião a respeito de Felix Lane ou Cairnes, não poderá imaginar que seja êle tão obtuso que fôsse assim chamar a atenção para o seu crime. De qualquer maneira, creio que será relativamente fácil provar que êle não se aproximou da casa, antes de ser informado da morte de George, por um telefonema de miss Lawson.

— Está tudo provado — declarou Blount de maneira inesperada. — Já tomei minhas informações. O dr. Clarkson telefonou para a polícia depois de haver assistido ao derradeiro suspiro de George. A guarda foi vigiada a partir das vinte e duas horas e quinze. Diversas testemunhas permitiram que reconstituíssemos o emprêgo do tempo de Cairnes entre seu jantar e as vinte e duas horas e quinze... Tem razão. Êle não se aproximou da casa.

— Se Cairnes não pôde praticar o crime...

Porém Nigel foi vivamente interrompido pelo inspetor.

— Nunca disse isso. Disse que êle não podia ter escondido a garrafa de tônico. Seu raciocínio me interessou vivamente — prosseguiu Blount, no tom do professor que se dispõe a elogiar o aluno, embora com reservas. — Infelizmente, está baseado num princípio falso: a saber que uma só e mesma pessoa deve ter envenenado o remédio e dado sumiço à garrafa, em seguida. Que prova tem o senhor? Suponhamos que Cairnes tenha adicionado estriquinina ao tônico após o jantar, a fim de envenenar George durante o jantar, caso êle escapasse com vida ao passeio de barco; suponhamos que não tenha tido, jamais, a intenção de fazer desaparecer a garrafa; suponhamos que uma terceira pessoa tenha agido durante a agonia da vítima... Uma pessoa conhecedora das intenções criminosas de Cairnes ou que delas suspeitava. Essa terceira pessoa, dedicada a Cairnes, pode ter ligado o envenenamento ao conteúdo da garrafa e, num impulso errado, na ânsia de proteger o assassino, tenha escondido a garrafa...

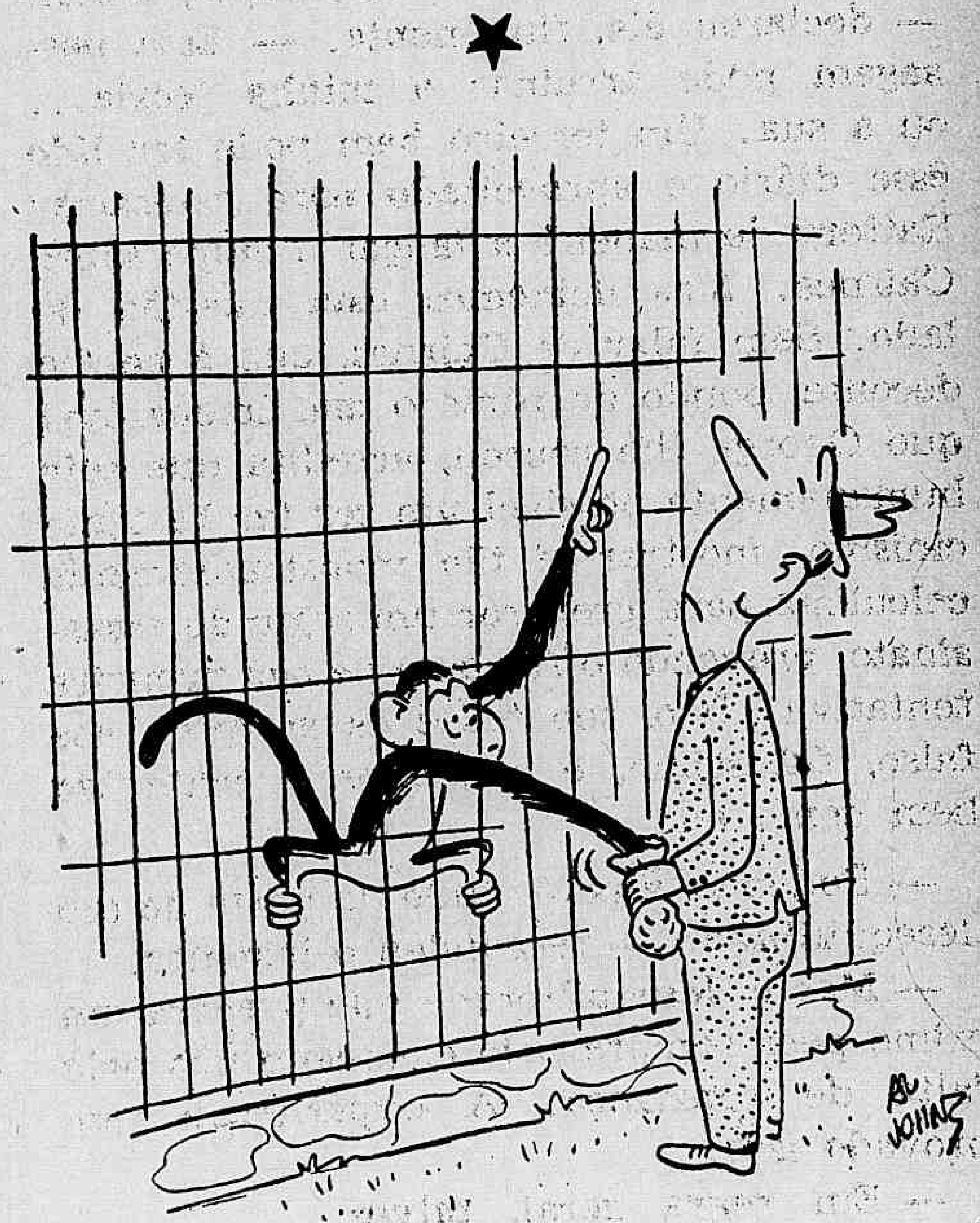
— O senhor está pensando em Lena Lawson? — perguntou Nigel, após um longo silêncio. — Por quê?

— Ela é louca por Cairnes.

— Como pode afirmar?

Minha intuição psicológica me disse isso — respondeu Blount em tom zombeteiro. — E também interroguei os criados, para ser franco. Eram quase oficialmente noivos, segundo me contaram.

Desarvorado por essas palavras inespe-



radas, Nigel murmurou, com ar de desalento:

— Meu trabalho será menos fácil do que esperava! Mas não me queixo...

— Um último detalhe, para o impedir de cair num excesso de confiança prejudicial ao seu trabalho — prosseguiu o inspetor. — O senhor dirá, talvez: "Uma coincidência inacreditável!" Mas eis o fato: o seu cliente mencionou a estriquinina no seu diário. Não acabei de ler todo êsse trabalho, mas essa passagem há de interessá-lo forçosamente.

Blount abriu o caderno pousado sôbre a mesa e Nigel leu o parágrafo que o policial lhe apontava:

— "Eu me prometera a satisfação de assistir a sua agonia... Êle não merece um fim rápido. Gostaria de poder queimá-lo em fogo lento ou vê-lo ser devorado pelas formigas, estando ainda vivo; há também a estriquinina, que verga o corpo de um homem em dores atrozes. Ah! Como gostaria de poder precipitá-lo do alto de uma montanha no mais fundo do inferno!"

Nigel ficou longo tempo em silêncio, depois, levantando-se, começou a caminhar de um lado para outro, em grandes pernadas.

— Permaneço na mesma posição, Blount — declarou êle, finalmente. — Esta passagem pode arruinar a minha teoria... ou a sua. Um terceiro bem pode ter lido êsse diário e aproveitado para assassinar Rattery de maneira a lançar a culpa sôbre Cairnes. Mas deixemos esta questão de lado. Sem falar de Cairnes, que é pessoa decente, pondo de parte o mal irreparável que George lhe causou, acredita que seja humananamente possível um ser ter bastante cinismo, mostrar-se tão monstruosamente calculista para preparar um segundo assassinato, prevendo o fracasso de sua primeira tentativa? Isto, sob todos os aspectos, soa falso, falsíssimo, e o senhor o sente tão bem como eu.

— Podemos esperar tudo da parte de um desequilibrado — respondeu o inspetor.

— Mas o desequilibrado que prepara um crime peca sempre pelo excesso e não pela falta de confiança. A experiência tem provado isso.

— Em regra geral, talvez...

— E que deseja que eu acredite, neste momento? Que Cairnes — o autor de um projeto criminoso que chegou às raias da perfeição — não confiou em si mesmo a ponto de preparar um assassinato suplementar! Isto, meu amigo, considera impossível!

— Sigamos, cada um, o nosso próprio caminho. Não tenho o menor desejo de prender um inocente, pode ter a certeza.

— Acredito sem esfôrço. Poderia ler também êsse diário?

— Mandarei levá-lo à sua casa, esta noite mesmo, tão logo termine sua leitura.

VII

A noite estava quente. Os últimos raios de sol espalhavam um colorido róseo sôbre o gramado que descia em rampa suave do hotel até ao rio. O profundo silêncio inspirou a Geórgia esta observação:

— Seria capaz de ouvir um boi ruminar, a uma légua de distância!

Num canto do bar, pescadores elegantes ouviam a narrativa de uma "fisgada" sensacional, imaginária ou real. O auditório estava em suspensão", prêso aos lábios do narrador e não havia um só que prestasse a menor atenção às quatro pessoas sentadas em redor de uma pequena mesa entulhada de copos de gin e de cerveja.

— Um caniço de pescar é uma vara munida de uma isca numa extremidade e de um imbecil na outra... — declarou Nigel, sem baixar a voz.

— Shh, Nigel — murmurou Geórgia. — Não desejo meter-me numa briga bôba. Aquêles homens são perigosos... Poderiam nos arpoar...

Lena estava sentada sôbre um pequeno banco, apoiada contra Felix. Não pôde conter um movimento de impaciência.

— Vamos até ao jardim, Felix — pediu.

O convite era dirigido ùnicamente a êle. Porém, Felix respondeu:

— Pois não. Esvaziem os copos, vocês também. Desafio a todos para uma partida de "golfinho".

Lena mordeu os lábios, levantando-se com movimentos bruscos. Geórgia lançou um olhar a Nigel, que interpretou corretamente o sentido do mesmo: "Vamos com êles". Não há necessidade de discrição. Mas gostaria de saber por que ela precisa de um tête-à-tête...?

— Sim... Por quê? — pensou Nigel. — Se Blount tem razão (se Lena suspeita Felix de haver assassinado Rattery) era compreensível que ela receiasse estar a sós com êle... receando ver confirmadas as suas suspeitas dos próprios lábios dêle. Mas está ocorrendo justamente o contrário... Durante o jantar, tive quase a impressão de que ela a mantinha à distância; seu tom, principalmente quando se dirigia a ela, parecia significar: "Aproxime-se um pouco mais e se arrependerá". Tudo isto é muito complicado. Mas Felix também é complicado. Creio chegado o momento de arriar as cartas na mesa e observar suas reações."

Terminada a partida do gôlfo-miniatura, os quatro jogadores sentaram ali mesmo, no jardim, tendo quase aos pés a lua luzindo sôbre as águas do rio. Nigel falou repentinamente sôbre o drama:

— O documento comprometedor está nas mãos da polícia, agora. Blount deverá trazê-lo aqui mesmo, para mim, esta noite, depois de o ter lido.

Felix respondeu em tom ligeiro, mas que soava falso.

— Tanto melhor. Prefiro que a polícia conheça o pior. Assim estarei livre para deitar a baixo estas barbas, já que não há mais necessidade de disfarce. Nunca pude me habituar a ela. Para alguma coisa essa desgraça serviu.

Geórgia baixou o olhar. Os gracejos de Felix lhe causavam uma impressão desagradável; indagava a si mesma se o mesmo ainda lhe era simpático ou não. Lena, nesse instante, perguntou:

— Posso pedir explicações? Que vem a ser êsse misterioso "documento comprometedor"? Confesso que nada compreendo...

— Trata-se do Diário de Felix — respondeu vivamente Nigel.

— Um diário? Mas... Por quê? Posso saber?

Lena, ao falar, lançara um olhar de súplica a Felix, que desviou a cabeça. Ela parecia absolutamente surpreendida. "Não devo esquecer que se trata de uma atriz — pensou Nigel. — Mas estou pronto a apostar cem libras em como ela ouve falar nesse diário pela primeira vez em sua vida". Decidiu, então, fazer nova sondagem.

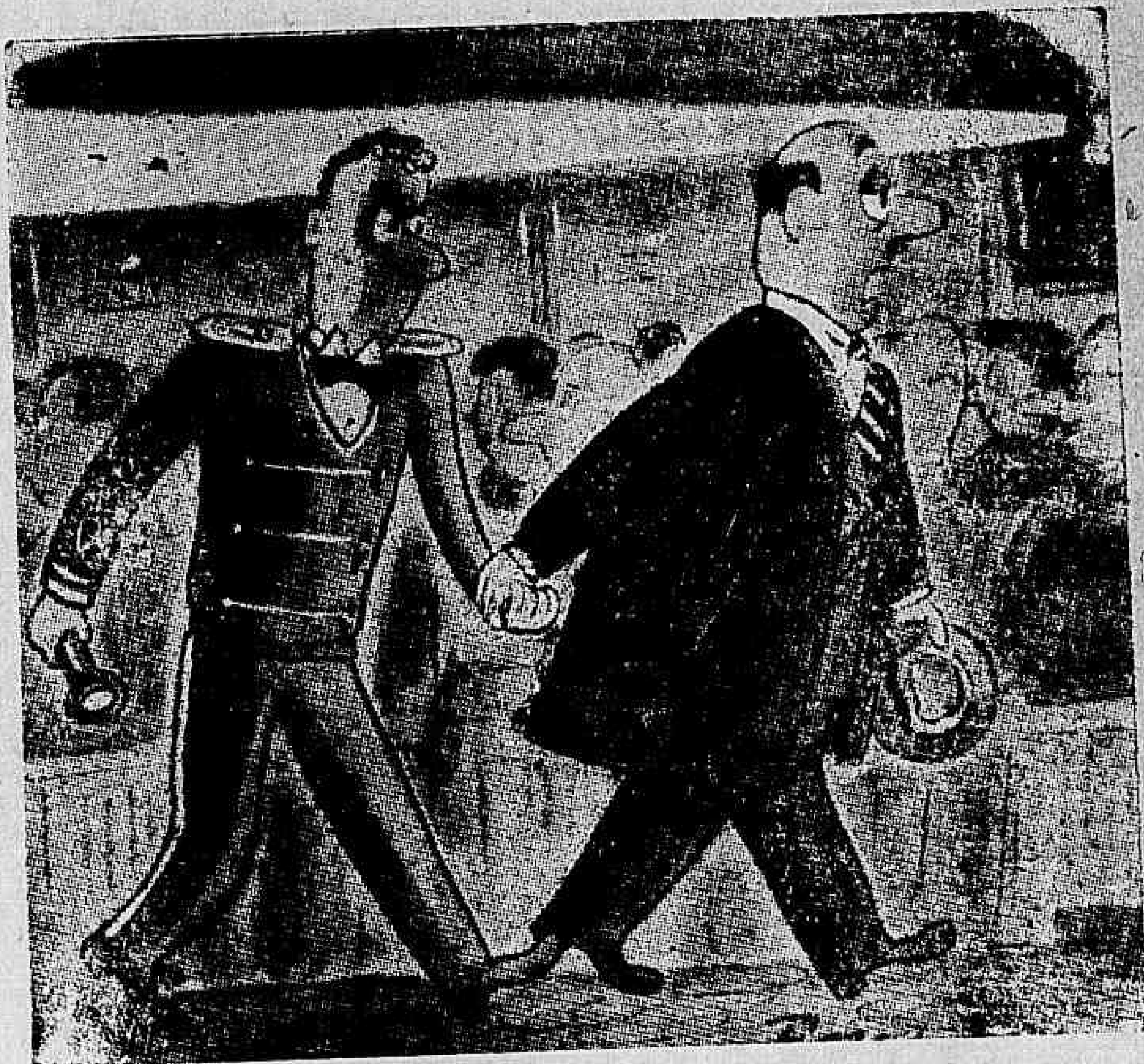
— Os quiproquós servem apenas para embrulhar qualquer situação, Felix. A senhorita Lawson ignorava a existência dêsse diário? Nada sabia a êsse respeito? Não seria melhor que...

Nigel não duvidava, certamente, do resultado dessa "pescaria" em águas turvas. Felix se ajeitou confortàvelmente em sua poltrona e fixando em Lena um olhar em que se misturavam a familiaridade, o cinismo, a ousadia e um frio desprêzo, contou tôda a história da morte de Martie, as buscas empreendidas para encontrar George, a idéia do seu diário (escondido sob uma tábua móvel do soalho no quarto de hóspedes dos Rattery) e sua tentativa de assassinato, no rio.

— Agora, já sabe tudo a meu respeito — concluiu. — Fiz tudo isso, menos matar George.

Sua voz permanecera impassível e objetiva. Porém Nigel notou que todo o corpo de Felix tremia, como após um prolongado mergulho em água fria. Um interminável silêncio seguiu a essa confissão; o rio conversava com a margem, no seu fraseado doce e caprichoso, um pássaro passou, veloz, com um grito tristonho, o rádio do hotel repetia uma proclamação japonêsa, afirmando que o bombardeio das cidades chinesas era uma simples medida de proteção, mas o silêncio continuava a esmagar o pequeno grupo sentado sôbre o relvado. As mãos de Lena se crispavam sôbre os





— Vem comigo depressa, Dorotéia! Vejo ali dois lugares.

braços da cadeira; ouvira Felix com uma imobilidade absoluta, abrindo apenas os lábios, de tempos a tempos, como para tentar adivinhar o que Felix ia dizer ou ajudar a pronunciar certas palavras particularmente penosas. Finalmente, com um estremecimento brusco, os lábios trêmulos, exclamou:

— Felix. Por que não me contou isso mais cedo? Por que, Felix?

Procurava ler no rosto dêle, hermético, ignorando a presença de Nigel e de Geórgia. Felix não respondeu, decidido aparentemente a ignorar a sua presença. Lena se levantou, tendo os olhos cheios de lágrimas e partiu, correndo, na direção do hotel. Felix não fêz qualquer gesto para chamá-la ou segui-la...

....

— Sua diplomacia secreta me intriga — disse Geórgia, quando se viu só com Nigel, no quarto, uma hora mais tarde. — Você provocou de propósito aquela cena terrível?

— Lamento ter feito o que fiz. Como podia prever? Mas sempre adiantou muito, pois que me deu a prova moral de que Lena não assassinou Rattery. Tenho a certeza de que ela ignorava a existência do famoso diário e que ama sinceramente a Felix, o que vem demolir a hipótese de que tenha assassinado o cunhado, abrigando-se por trás de Felix. Evidentemente, se se trata de uma coincidência, o modo como ela exclamou "Por que não me contou isso antes?" estaria explicado... Não sei...

— Tolice! — disse Geórgia, cortando o pensamento de Nigel. — Lena é muito simpática. É uma natureza direita. O veneno não é uma arma feminina, embora os homens afirmem o contrário. É a arma dos cobardes. Se Lena desejasse matar Rattery, teria empregado um revólver ou o punhal... É incapaz de cometer um crime a sangue-frio, tenho a certeza!

— Também penso assim. Agora, queria saber... Por que Felix a trata de maneira tão indelicada? Por que não revelou, a ela ao menos, a existência dêsse diário, logo que ocorreu a morte de Rattery? E por que confessou tudo, friamente, diante de nós?

Geórgia afastou os cabelos da fronte, num gesto nervoso. Parecia um diabinho inteligente e vivo.

— Nós, no caso, éramos a sua salvaguarda — respondeu ela. — Êle retardou a confissão porque esta revelaria a Lena que êle se servira dela — no início, pelo menos — como de uma cúmplice inconsciente para o assassinato que premeditava. Felix é uma natureza sensível; certamente sentiu a sinceridade do amor de Lena e calou com o receio de feri-la profundamente. Creio distinguir nêle essa forma de cobardia moral, que torna odioso o pensamento de ofender seu próximo, menos por espírito de caridade que por egoísmo pessoal. Deve detestar as cenas de emoção; eis porque aproveitou a ocasião de falar a Lena diante de testemunhas, pois nossa presença o colocaria ao abrigo das conseqüências imediatas, das lágrimas, das censuras, das explicações, os rogos, etc...

— Acredita que êle também a ame, então?

— Não sei. Parece procurar persuadi-la — ou convencer a si mesmo — de que ela lhe é indiferente. Lamento, aliás, que tenha simpatia por êle — acrescentou Geórgia, com um certo ilogismo.

— Por quê?

— Você notou sua extraordinária bondade relativamente a Phil? Tem, sem dúvida, profunda afeição pelo garôto e Phil o adora! Sem o quê...

— Você suspeitaria Felix dos piores crimes sem qualquer remorso de consciência — concluiu Nigel.

— Quando você vai parar com essa mania de me tirar as palavras da bôca, inventando coisas que eu não ia dizer? — perguntou Geórgia, amuada. — Êsses truques de mágica me enervam...

— Você é um tesouro, eu gosto muito de você e vou marcar, como faziam os antigos, êste dia com uma pedra branca. Creio que foi esta a primeira mentira flagrante que você disse para o seu marido.

— Não.

— Uma das primeiras, se assim prefere.

— Não disse nenhuma mentira.

— Está bem. Ficaria zangada se lhe acariciasse os cabelos alguns instantes?

— Seria delicioso... Se você não tem outra coisa mais urgente para fazer, é claro.

— Tenho o Diário de Felix Lane para ler, esta noite. Colocarei um jornal diante da luz, para não a impedir de dormir. A propósito, gostaria de apresentar você à sra. Rattery, a mãe do morto. É uma figura de Grã-Guinhol, cem por cento. Ficaria aliviado de um grande pêso, se pudesse encontrar um móvel capaz de apontá-la como assassina do filho.

— Tenho ouvido falar em casos de parricídio; mas o crime inverso deve ser muito raro.

Nigel murmurou, então os versos de uma velha balada inglêsa:

"Oh, receio que estejais envenenado,
[Lord Randall, meu filho!
Oh, receio que estejais envenenado,
[meu belo cavalheiro!
Oh, sim! Estou envenenado: minha
[mãe, preparai depressa meu leito,
Porque tenho mal o coração e dese-
[jaria repousar!"

— Mas, sempre pensei que tinha sido a jovem espôsa de Lord Randal, a sua envenenadora — protestou Geórgia.

— Também êle assim pensava — respondeu Nigel, com ênfase.

VIII

— Não sei quanto daria para apanhar essa famosa garrafa de remédio — disse o inspetor Blount, saindo para visitar a garagem em companhia de Nigel, na manhã imediata. Se foi alguém da própria casa que a escondeu, ela não pode estar longe. Ninguém estêve mais de cinco minutos fora de vigilância de outra testemunha, desde o início da crise que matou Rattery.

— Verificou o depoimento de Lena Lawson? Ela disse ter passado um longo momento no telefone. Não seria difícil verificar...

— Já verifiquei. Estabeleci uma espécie de emprêgo do tempo de todos os membros da família, entre o fim do jantar e a chegada da polícia. Cada um dêles teve ocasião de ir até à sala-de-jantar e apoderar-se da garrafa; mas nenhum teve tempo de levá-la para longe. Os homens de Colesby revistaram tôda a casa, o jardim e os arredores, num raio de algumas centenas de metros, sem nada descobrir.

— Rattery tomava regularmente seu tônico, segundo compreendi. Que foi feito das garrafas vazias?

— Um comprador ambulante as levou, uma semana antes.

— Vejo que não ficou inativo — murmurou Nigel.

— Isso o surpreende?

Blount retirou o chapéu, para enxugar o suor da fronte, depois tornou a colocá-lo com grande cuidado.

— Creio que evitaria muito trabalho e aborrecimento perguntando abertamente a Lena onde ela escondeu a maldita garrafa — declarou Nigel.

— Bem sabe que não uso de maneiras fortes com as testemunhas, sr. Strangeways.

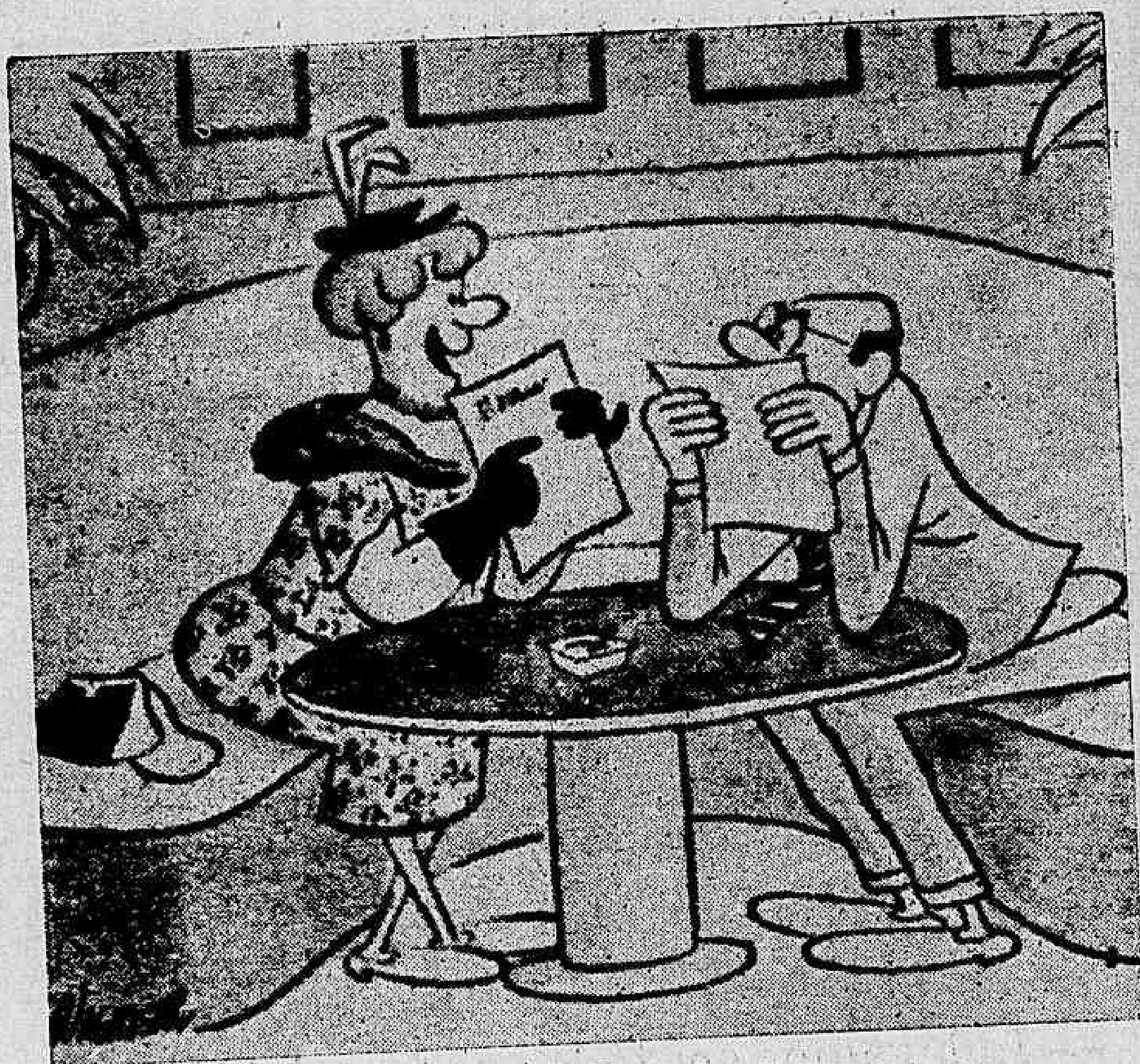
— Como é possível alguém mentir a êsse ponto, sem ser fulminado pela cólera divina? Eu...

— Leu o diário?

— Sim. Pude tirar dêle várias indicações interessantes... Acredito que o mesmo tenha acontecido por seu lado...

— Talvez. Concluí que Rattery não era estimado pelos seus e que flertava com a espôsa dêsse Carfax, fazendo-o aliás abertamente. Mas não devemos esquecer que Cairnes pode ter forçado sôbre certos pontos, no seu diário, para lançar as suspeitas sôbre outras pessoas.





— Vou pedir galinha ao môlho pardo... e você pedirá isto aqui, para eu saber como é.

— Forçar não me parece o têrmo próprio. Cairnes aludiu, de passagem, apenas...

— Oh, sim! Êle é homem inteligente e conhece o perigo de insistir de maneira pesada.

— Essas observações podem ser fàcilmente sondadas. Um fato parece provado: Rattery era um tirano doméstico. Sua mãe e êle pareciam haver esmagado tôdas as pessoas de casa, com exceção de Lena Lawson.

— Aceito o que diz. Mas, insinua, por acaso, que Rattery foi envenenado por Violeta ou uma das empregadas.

— Não estou fazendo qualquer insinuação, salvo que Felix nada exagerou no seu diário, relativamente a Rattery.

O trajeto terminou em silêncio. As ruas de Severnbridge estavam quietas e quase desertas sob o sol forte do meio-dia. Se os raros transeuntes suspeitaram de que o homem alto e bem vestido, de caminhar lento e compassado era o inspetor-chefe mais reputado de Scotland Yard, dissimularam essa desconfiança com docilidade notável. Nigel Strangeways cantarolou uma balada, mezzo forte, cujas notas discordantes, isto sim, perturbaram um pouco a tranqüilidade da rua. O inspetor, ao contrário, ouvindo-o, apressou o passo ligeiramente contrariado. Ao penetrar na velha garagem respirou profundamente, como livre de uma desagradável companhia.

Dois mecânicos discutiam, cigarro nos lábios, sob um cartaz que proibia formalmente fumar. Blount perguntou pelo chefe da oficina e um dos mecânicos o levou até o escritório. Nigel aproveitou a conversação preliminar que o inspetor encetou com Carfax para observar êste último: um homenzinho asseado, insignificante, de gênio tranqüilo e alegre. "Um rapaz enérgico, porém sem ambições" — pensou Nigel. "Gosta de fazer parte da massa popular e nela viver ignorado, boa pessoa realmente e excelente pai de família. Não deve ser criatura acessível às paixões violentas, embora ninguém possa estar certo de tal coisa. Rhoda? Como posso saber?"

— Indagamos em tôdas as farmácias dêste distrito — dizia o inspetor nesse momento. — Nenhum membro da família Rattery comprou estriquinina, fôsse de que forma fôsse. Tratamos logo de alargar o nosso campo de exame, mas devemos admitir, provisòriamente, que o assassino tirou certa quantidade do produto que o senhor possui aqui e usa para matar ratos.

— Assassino? Quer, então, dizer que afastaram a hipótese de um suicídio ou um acidente? — perguntou Carfax.

— Seu associado, pensa o senhor, tinha alguma razão para acabar com a vida?

— Não. Oh, não.

— Alguma dificuldade financeira, por exemplo?

— Não. A garagem vai indo de maneira bastante satisfatória. De qualquer maneira, eu tinha muito mais a perder que Rattery, em caso de fracasso comercial. Êle, como o senhor deve saber, não participou com um "penny" sequer para êste estabelecimento...

— Oh, sim? Não sabia...

Os olhos voltados para a ponta do próprio cigarro, Nigel perguntou bruscamente:

— Rattery era pessoa simpática? O senhor o estimava?

Com um ligeiro movimento, o inspetor revelou que desaprovava uma pergunta tão pouco ortodoxa. Carfax, entretanto, não parecia perturbado.

— O senhor quer saber por que eu o aceitei como sócio, nessas condições, não é mesmo? — disse Carfax. — George salvou-me a vida, durante a guerra; quando o acaso nos reuniu, há sete anos, encontrei-o em situação difícil. A mãe perdera sua fortuna e... Em suma, eu não podia deixar de ajudar Rattery a sair daquela situação de apêrto, não acha?

Sem responder diretamente à pergunta, Carfax deixara Nigel entender claramente que seu negócio com Rattery tinha sido como o pagamento de uma dívida e não o resultado de uma amizade. Blount retomou a direção do interrogatório. A título de pura formalidade, naturalmente, via-se forçado a rogar ao sr. Carfax que lhe descrevesse seu emprêgo do tempo em tôda a tarde do sábado anterior. Carfax reprimiu um sorriso irônico, ao responder:

— Compreendo... Uma simples formalidade. Pois saiba que saí de casa cêrca de duas e quarenta e cinco, para me dirigir à residente dos Rattery.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MARÇO DE 1955

1 — TÊRÇA-FEIRA: — Churchill anuncia nos Comuns que a Rússia precisaria de 4 a 5 anos para chegar onde os Estados Unidos já chegaram no domínio das armas nucleares. — Melhora a situação do café brasileiro. — Explode em Las Vegas a terceira bomba-atômica de 1955. — Violento choque armado entre israelitas e fôrças egípcias, havendo 30 mortos. — Festeja o mundo católico o 79.º aniversário do Papa Pio XII. — Nova onda de terrorismo em Casablanca.

2 — QUARTA-FEIRA: — De extrema gravidade a situação entre Israel e o Egito. — O "premier" Edgar Faure pede ao Parlamento francês poderes especiais para poder cumprir seu programa de govêrno. — Nomeado governador do Território do Acre, o coronel Paulo Francisco. — Chega a esta capital novo embaixador dos Estados Unidos, sr. James C. Dunn. — Treme a terra na Califórnia central, não havendo perdas de vida. — Terrível temporal varre a costa colombiana, fazendo naufragar navios de grande porte e invadindo grandes extensões de terra, com ruína da lavoura e perda de vidas. — Abdicação do rei do Cambodge, Norodom Sinanoum, em favor de seu pai, o príncipe Sumarit.

3 — QUINTA-FEIRA: — Eleito Jean Cocteau para a Academia Francesa. na vaga do novelista Jerome Tharaud. — A O. N. U. envia uma comissão de inquérito, a fim de estabelecer responsabilidades pelo último choque armado entre egípcios e israelenses. — Regressa a Londres, de sua viagem às Antilhas britânicas, a princesa Margaret. — Novas experiências atômicas são realizadas pelos inglêses na Austrália. — Repelido novo ataque comunista a Quemoy. — Segundo dados fornecidos pelo Serviço de Estatística da O.N.U., o Brasil, cuja população, em 1937, era de 38.687.000, contava, em 1954, com 57.098.000 habitantes, com uma densidade de sete pessoas por quilômetro quadrado. — Falece em Manaus o filólogo João Leda, da Academia Amazonense de Letras.

4 — SEXTA-FEIRA: — O delegado brasileiro na Comissão de Segurança da ONU exige medidas severas "para que sejam encontrados e punidos os culpados dos recentes choques armados entre tropas de Israel e do Egito". — Revela-se que foi afundada ou avariada tôda uma esquadra comunista de invasão diante de Quemoy. — Nomeado presidente do IAPI, o senhor Sérgio Bezerra Marinho. — Novamente os "discos voadores" sobressaltam a população de Roma. — Falece em Tóquio a princesa Higashi Fushime, que em 1911 visitou a Inglaterra para assistir a coroação de George V. — Alerta no Hawaii com nova erupção do vulcão Kilauea, que teve início com violência assustadora.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME..

RUA.. Nº...........

CIDADE.............................. ESTADO.....................

5 — SÁBADO: — Evacuadas de Jerusalém, as espôsas e filhos dos observadores da ONU que estudam o último incidente entre Israel e o Egito, devido a grande série de combates entre patrulhas avançadas das duas nações. — Nomeado membro do Conselho Superior das Caixas Econômicas o sr. Heitor da Nóbrega Beltrão. — Revela-se que Haya de La Torre regressará ao Peru como candidato presidencial. — Soldados de serviço no Senado italiano tiveram que agarrar à fôrça vários senadores que travavam violenta luta corporal por motivos do envio da fracassada fôrça motorizada italiana para combater na Rússia. — Queixa-se a Inglaterra de não poder avançar muito na confecção da Bomba-H, "porque os norte-americanos teimam em guardar os seus segredos". — Vários políticos cubanos pedem asilo à embaixada brasileira em Havana.

6 — DOMINGO: — Foster Dulles pronuncia discurso reafirmando a política norte-americana de total apoio ao govêrno de Formosa, em sua luta contra o govêrno de Pequim. — A Federação dos Cientistas Norte-Americanos declara-se "assustada com as conseqüências das experiências atômicas". — Luta o "premier" francês contra a manobra da oposição, que procura retardar a aprovação dos acordos do rearmamento alemão. — O corpo de Fuzileiros Navais comemora o 147.º aniversário da sua fundação.

7 — SEGUNDA-FEIRA: — Contrariando a atitude norte-americana, o govêrno inglês resolve não tomar atitude definitiva quanto à situação entre comunistas e nacionalistas chineses. — Nova explosão atômica em Las Vegas, com a detonação de uma bomba do tipo "AvO". — O Líbano recusa ingressar no recente pacto Egípcio-Sírio-Saudita. - O mal. Tito faz dramático apêlo às grandes potências no sentido de que sejam totalmente destruídas as armas nucleares. — Volta ao cartaz o casa-




"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"
ENO

mento da princesa Margaret com o coronel Townsend. — Segundo técnico industrial norte-americano a energia nuclear poderá modificar inteiramente e a curto prazo o aspecto de Mato Grosso, Amazônia e Nordeste.

8 — TÊRÇA-FEIRA: — Os Estados Unidos estão dispostos a utilizar seu poderio em defesa das liberdades no Sudeste da Ásia "e quer afirmar isto especialmente à Rússia" — declara o senhor Foster Dulles. — A Inglaterra sugere o imediato abandono das ilhas Quemoy e Matsu aos comunistas chineses "como solução do conflito chinês", mas decide aderir ao pacto Turco-Iraniano objetivando fortalecer o Oriente-Médio". — Aneurin Bevan expulso do Partido Trabalhista Inglês. — Chegam a completo acôrdo sôbre suas antigas controvérsias a Nicaragua e a Costa Rica.

9 — QUARTA-FEIRA: — Foster Dulles volta a advertir a China Comunista de que qualquer intuito contra a ilha Formosa será enfrentado com poderosas armas norte-americanas. — Os ocidentais consideram inaceitáveis as propostas russas para a destruição incondicional das armas atômicas. — A França ainda discute, no Senado, com tumultos incessantes, a ratificação dos acordos de Paris. — Lançadas bombas contra a sede do Partido Comunista italiano, em Roma. — Vinte e seis mortos num desastre de avião no México.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

10 — QUINTA-FEIRA: — Reafirma o presidente Eisenhower a intenção do seu país de manter tôdas as suas tropas na Europa. — Nomeado diretor da E.F.C. do Piauí o major Wilson Santa Cruz Caldas. — Empossado como presidente do IAPI o sr. Sérgio Bezerra Marinho. — Luta o govêrno chileno com séria crise ministerial. — Enfêrmo o chanceler da Alemanha Ocidental, Conrado Adenauer. — Detido em Cannes o duque de Edinburgo, marido da rainha Elizabeth da Inglaterra, por infração da lei do tráfego. — Três aviões da Fôrça Aérea norte-americana batem o recorde de velocidade no vôo entre Los Angeles e New York, com média horária de 1.036 quilômetros. — Falece em New York o último sobrevivente da Expedição Peary ao Pólo Norte, em 1909.

11 — SEXTA-FEIRA: — Finalmente ratificado pelo Senado francês, o Tratado de Paris, enquanto nas ruas próximas grupos de comunistas de ambos os sexos, lutavam com a polícia, aos gritos de: "Paz! Paz!". — Nomeado o sr. Olavo Oliveira presidente do IAPC. — Apresenta credenciais o novo embaixador dos Estados Unidos, James C. Dunn. — Estuda-se nos Estados Unidos a aplicação da irradiação atômica para conservação dos alimentos. — Suicídio nos Estados Unidos de Maurício Eugênio Pereira, oficial do exército brasileiro, que estudava Tecnologia num Instituto de Massachussetts. — Rumores de guerra civil no Viet-Nam.

12 — SÁBADO: — Atentado contra o "premier" Nehru, da Índia, que desarma seu assaltante, saindo ileso após arrebatar uma navalha das mãos do seu agressor. — Explode em Las Vegas nova bomba-atômica, "miniatura", com potência equivalente a 100 vagões de TNT, provocando calor abrasador. — Novos abalos sísmicos no Hawaii, ligados à erupção do Kalauea.

— Incidente na fronteira Brasil-Argentina, morrendo dois gendarmes argentinos. — Volta-se a falar na possibilidade de breve noivado da princesa Margaret com o coronel Townsend. — Atinge a safra paulista de café a 7.800.000 sacas. — Falece sir Alexander Fleming, o benemérito descobridor da penicilina, que recebe de todo o mundo homenagens dos governos e dos povos que a êle tanto ficaram devendo. — O senador Neuberger, do Partido Democrata norte-americano, anuncia que "possìvelmente os Estados Unidos tenham, pròximamente, uma presidente".

13 — DOMINGO: — Churchill declara-se de acôrdo com a proposta russa de uma nova conferência entre os Quatro Grandes, pois que em julho do ano último tinha feito igual proposta a Rússia. — O govêrno sueco descobre vasta rêde de espionagem comunista no país. — O presidente da República encerra seu veraneio em Petrópolis. — Invadido o edifício da embaixada britânica em Moscou por um desconhecido armado, que faz fogo contra a guarda britânica. — Os nacionalistas chineses atacam a frota comunista, afundando três canhoneiras e sete juncos.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — O govêrno sueco expulsa três membros da Legação da Tchecoslováquia, em Estocolmo, acusados de atividades de espionagem. — Falece na Suíça, onde se achava em tratamento, o rei Tribhuvana, do Nepal, tendo assumido o trono o príncipe Mahendra. — O vice-presidente Nixon anuncia que o govêrno de Washington está disposto a seguir uma política de mais ação e menos palavras em favor dos países latino-americanos. — Falece nesta capital o deputado Aloysio Fragoso de Lima Campos, do P.S.D. do Maranhão. — O "Times", de Londres, referindo-se à Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, declara que é a maior da América do Sul — Fortes abalos de terra no México, em tôda a costa do Pacífico. — Jornalista alemão da zona russa, refugia-se na Alemanha Ocidental. — Falece em Paris Marcel Rochas, famoso costureiro e perfumista francês.

15 — TÊRÇA-FEIRA: — Foster Dulles anuncia que só aceitará reivindicações dos comunistas quanto a Formosa, se chegarem por vias legais e nunca por meio da fôrça. — Insiste o "premier" Edgard Faure na obtenção de poderes especiais a fim de completar os planos do seu govêrno. — O gal. Gruenther, supremo comandante das Fôrças Aliadas, na Europa, declara que os russos serão derrotados numa guerra atômica. — Designado embaixador do Brasil no Paquistão o sr. João Luís de Guimarães Gomes. — Instalação dos trabalhos da Câmara Legislativa do Distrito Federal. — Eleito presidente da Legião Brasileira de Assistência o sr. Raimundo Martagão Gesteira. — Fabricam os Estados Unidos, em massa, novo tipo de projétil intercontinental. — Cremado na Cripta da Catedral de São Paulo, em Londres, o corpo do cientista sir Alexander Fleming. — Condecorado em Tóquio, pelo embaixador do Brasil, o imperador Hirohito, do Japão.

Um concurso diferente!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

CRS 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e endereço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias: 31-3-55 — 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmio de Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 - sala 616

Telefones: 32-9415 e 32-9309

16 — QUARTA-FEIRA: — Os Estados Unidos usarão suas armas atômicas em grande escala e imediatamente, no caso de nova guerra, anuncia Eisenhower. — Aneurin Bevan excluído do grupo parlamentar trabalhista da Câmara dos Comuns. — Atemorizada ante a ameaça de torpedeamento por parte dos nacionalistas chineses, a tripulação do navio finlandês Aruba, que transportava petróleo para a China Comunista, interrompe sua viagem. — O Vaticano anuncia a excomunhão do vigário geral de Nanquim, por tentar estabelecer uma "Igreja Católica Nacional", na China Comunista. — Penny Rae Raymonds, de 7 anos de idade, foi mantida viva, em Mineapolis, com o coração e os pulmões "emprestados" de um amigo da família, enquanto cirurgiões realizavam rara e delicadíssima operação em seu próprio coração.

17 — QUINTA-FEIRA: — Indignação na Inglaterra com a publicação, nos Estados Unidos, dos famosos documentos de Yalta, alegando que isso foi feito sem prévia consulta ao govêrno britânico. — Prepara-se Portugal para receber o presidente do Brasil, estando sendo organizadas festas e homenagens ao sr. Café Filho. — Festejado o primeiro centenário da fundação de Aracaju. — Grandes capitais estrangeiros serão invertidos na exploração do petróleo argentino. — Tôda a zona da costa ocidental norte-americana sob violentos abalos sísmicos. — Marlene ganha o processo contra o semanário parisiense "France Dimanche", do qual receberá a indenização de 1.200.000 francos. O processo foi motivado por uma reportagem não autorizada pela "estrêla" e intitulada "Minha Vida". — Revelado que o custo da vida aumentou, em quatro anos, mil por cento em São Paulo.

18 — SEXTA-FEIRA: — O parlamento da República Federal Alemã ratifica o acôrdo que permite o rearmamento alemão. — A dieta japonêsa confirma o sr. Hichiro Hayoama nas funções de presidente do Conselho, contra os votos dos socialistas e comunistas. — Falece em São Paulo, o dr. Armando de Arruda Pereira. — Demitido o ministro da agricultura da Alemanha Oriental. — Rumores de revolução no Chile, havendo o govêrno estabelecido rigorosa prontidão militar. — Finalmente, desaparece o "estado de guerra" entre a Hungria e a Alemanha Oriental. — Prossegue acesa a disputa entre Perón e a Igreja Católica.

19 — SÁBADO: — Revela-se que Churchill, dentro de poucas semanas, passará o govêrno a Eden, retirando-se da vida política. — Falece em Moscou o marechal Godorov, vice-ministro da Defesa. — Graves distúrbios nas grandes cidades francesas de protesto contra o anúncio de maiores impostos. — Estuda o govêrno pernambucano a encampação da Pernambuco Tramways. — Revela-se que em 1954, 4.516.843 veículos pagaram pedágio nas estradas de S. Paulo, num total de ...... 102.448.135 cruzeiros. — Os Estados Unidos enviam quinze pulmões de aço para Montevidéu, onde se registra recrudescimento em casos de poliomielite. — Quatro soldados japonêses, que só em setembro último souberam que a guerra havia terminado, revelam como passaram dez anos nas empestadas florestas da Nova Guiné.

20 — DOMINGO — Revela-se que a França teria sido excluída dos Planos Ocidentais, caso não tivesse ratificado os acordos de Paris. — Novas providências do govêrno argentino contra a Igreja Católica. — A China Comunista começa a sentir o rigor do bloqueio nacionalista de seus portos principais. — O govêrno da Colômbia inicia verdadeira guerra contra as histórias em quadrinhos. — A Rússia, pela voz do novo comandante de suas fôrças aéreas ameaça usar suas bombas atômicas e de hidrogênio em caso de conflito na Ásia. — A imprensa indiana reinicia forte campanha contra as possessões portuguêsas. — O "Times", de Londres, espera que com a breve solução da questão petrolífera no Brasil, seja encontrada uma solução para as nossas atuais dificuldades.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — O Arcebispado argentino, presidido pelo cardeal Copello, denuncia atos do govêrno peronista, que atentam contra a liberdade da Igreja Católica. — O govêrno de Lisboa adverte ao govêrno indiano de que não

vacilará na defesa de seus legítimos direitos. — Pequim manda recolher em alto-mar, em juncos, tôda a carga do "Aruba". — Destituído "por incapacidade" o ministro da Cultura do govêrno russo, senhor Alexandrov. — Conflito violento entre cidadãos austríacos e soldados russos em Viena. — Foge da Alemanha oriental o maestro Erich Kleiber, diretor musical da Ópera do Estado de Berlim Oriental. — Perón suprime todos os feriados religiosos na Argentina.

22 — TÊRÇA-FEIRA: — Nas proximidades de Honolulu cai, explodindo, um avião transporte militar norte-americano, perecendo 66 pessoas que viajavam no mesmo. — O Chile aceita ajuda de 200 milhões de dólares da Rússia, através da

A
CENA
MUDA
• Nova
• Moderna
• Diferente
• Colorida
EM TÔDAS
AS BANCAS

Organização Mundial. — Novas experiências atômicas no deserto de Nevada. — Israel acusa a Jordânia de intromissão armada em seu território. — Recebendo poderoso refôrço em armas, a Coréia do Norte viola o armistício, provocando violento protesto da Coréia do Sul. — Vassili Kuznetzov, nomeado novo vice-ministro do Exterior da Rússia. — Grande agitação política no México, com sucessovos choques entre policiais e estudantes. — O explorador americano Edwin Link prepara-se para uma viagem ao Haiti, onde pretende encontrar os restos naufragados da caravela de Cristóvão Colombo. — Gravemente enfêrma a ex-estrêla do cinema silencioso Theda Bara.

23 — QUARTA-FEIRA: — Também Eisenhower disposto a aceitar as propostas russas para uma reunião dos quatro grandes. — O comando da Sétima Esquadra norte-americana anuncia que está iminente grande assalto comunista a Formosa. — Não concretizada "até segunda ordem", a expulsão de Aneurin Bevan do Partido Trabalhista inglês, prevendo-se uma reconciliação do mesmo com o sr. Clement Attlee. — Chiang Kai Shek disposto a defender Quemoy e Matsu encarniçadamente. — Promovido a general-de-exército o general-de-divisão Olímpio Falconiere da Cunha. — Falece nesta capital o deputado Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República. — Falece em Paris o almirante Lagaze, da Academia Francesa. — Agitação comunista na Colômbia. — Também na Bélgica é feita redução dos subsídios para as escolas católicas, ato que provoca ruidosos protestos dos estudantes.

24 — QUINTA-FEIRA: — Assinados em Bonn, pelo presidente Theodore Heuss, os acordos de Paris. — Crise político-militar na Indo-China, perigando o govêrno Ngo Dinh Diem. — Severamente interpelado nos Comuns o "premier" Churchill por motivo da publicação dos documentos de Yalta por Washington. Segundo estatística organizada na Holanda o povo alemão é o que mais bebe e fuma em tôda a Europa. — Canhões comunistas instalados na costa da China continental bombardeiam Quemoy. — Navio espanhol colide na costa portuguêsa com navio russo, pondo-o a pique.

25 — SEXTA-FEIRA: — Moscou afirma estar disposto a unir-se às nações ocidentais para trabalhar sinceramente pela paz. — Empossado na vaga de deputado aberta com a morte do sr. Artur Bernardes, o sr. Dilermando Cruz. — Nomeado reitor da Universidade de Minas Gerais o sr. Lincoln Prates. — Instalado nesta capital o Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro. — A Suécia proibe a entrada de adidos militares da Tchecoslováquia. — Cientista norte-americano consegue isolar um tipo de vírus responsável por certos casos de câncer. — O govêrno de Perón descobre novas "irregularidades" no funcionamento das escolas católicas, decretando o fechamento de alguns estabelecimentos. — Moscou revela que "haveria grande vantagem num ataque de surprêsa, com bombas atômicas e de hidrogênio, numa nova guerra" e com isso deixa assustadíssimos os chefes ocidentais, que já pensam numa segunda Pearl Harbour.

26 — SÁBADO: — A imprensa norte-americana festeja com grandes manchetes o descobrimento do petróleo no Amazonas. — Revela-se que, embora afastado da chefia do govêrno, Churchill não deixará sua cadeira de deputado. — Novas manifestações católicas em Bruxelas contra o ato do govêrno que cortou os subsídios em favor das Escolas Católicas Belgas. — 23 pessoas morrem com a queda de um avião Strato-Cruiser, no Pacífico. — Segue para o Amazonas, onde vai examinar o novo campo petrolífero brasileiro, o presidente Café Filho. — Ratificada pelo Senado Francês a União Ocidental Européia. — Repelida pelos três grandes ocidentais a proposta russa para redução das fôrças armadas. — Agrava-se a situação na Indo-China, onde chegaram duas divisões blindadas francesas, para proteger 20.000 residentes brancos.

27 — DOMINGO: — Segundo declaração do ministro do Exterior da França "é impossível nova guerra entre a França e a Alemanha, havendo mútuo interêsse em que ambas as nações sejam fortes e cada vez mais amigas. — Nomeado mediador o Brasil na recente questão entre Nicarágua e Costa Rica. — O Observatório de Atenas anuncia tremor de terra a 230 quilômetros da capital da Grécia. — Segundo os seus médicos, o Papa Pio XII está quase restabelecido do mal que o prendeu ao leito há quatro meses. — Londres privada de jornais, em razão da greve motivada pelo conflito entre empregadores e técnicos impressores.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — Dispostos os Estados Unidos a comprar 100.000.000 de dólares de café ao Brasil ou fazer empréstimo com garantia dêsse produto. — No Conselho de Segurança, o Uruguai acusa o Equador de se envolver com segundas intenções em assuntos guatemaltecos. — Eden esperançoso de dar pronta solução ao conflito entre o Egito e Israel. — Gravíssimo o estado de saúde do senhor Cordell Hull, antigo secretário do Estado norte-americano. — Lida em todos os templos católicos de Buenos Aires a pastoral da Quaresma, que rebate as acusações do govêrno argentino às atividades religiosas no país — Numerosas prisões nas sedes dos sindicatos chilenos. — Terrível onda de frio desce sôbre New York, atingindo a neve 50 centímetros de espessura, que, varrida pelo vento, acumula-se nos obstáculos até 3 e 4 metros de altura. — Também os portuários inglêses entram em greve. — O govêrno paulista recebe os primeiros lotes de gado dinamarquês para melhorar o rebanho leiteiro do Estado. — Falece, na Califórnia, o vice-almirante Frank J. Lowry, que comandou as fôrças de assalto norte-americanas em Anzio e também as de desembarque na costa mediterrânea da França.

29 — TÊRÇA-FEIRA: — Condenado o ex-presidente do Panamá, José Ramón Guisado a 10 anos de prisão, como inspirador do assassínio do presidente Remón. A pena foi a seguir para 6 anos e 8 meses, por se tratar de delinqüente primário. — Nova explosão atômica no deserto de Nevada a 5.000 metros de altura. — Regressa a esta capital o presidente Café Filho, depois de visitar o campo petrolífero da Amazônia. — A França incrementa a sua indústria atômica. — Em Cuba nascem quíntuplas. — Por decreto da Congregação dos Ritos, Santa Zita é proclamada pa-

droeira das empregadas domésticas. (Santa Zita nasceu na Toscana, em 1218). Com 12 anos empregou-se como criada e sofreu a dureza de seus patrões. Morreu em 1272, em renome de santidade. Seus restos mortais estão inumados na Basílica de San Frediano, em Luca. — Sugerido por um político inglês à ONU que o fundo do mar, fora das águas territoriais, seja declarado "território mundial" e passe a pertencer às Nações Unidas.

30 — QUARTA-FEIRA: — Eisenhower censura os que "atiçam a guerra no Extremo-Oriente, com boatos alarmantes e sugestões inoportunas". — Também a Câmara Holandesa ratifica os acordos de Paris. — Resolvido em definitivo: Aneurin Bevan não será excluído do Partido Trabalhista. — Inaugurada a linha aérea Portugal Brasil, pela Transportes Aéreos Portuguêses. — Novos choques na fronteira de Israel, havendo baixas de ambos os lados. — Novo terremoto na Grécia, não havendo perda de vidas. — A Argentina negocia com as companhias estrangeiras a exploração do seu petróleo. — O govêrno inglês adere ao pacto turco-iraniano. — Segundo um boletim da agência Parlamentar Italiana o Brasil é o melhor cliente e o melhor fornecedor da Itália. — Considerado entre os melhores do mundo o rendimento e a qualidade do poço petrolífero de Nova Olinda, no Amazonas.

31 — QUINTA-FEIRA: — A Inglaterra elabora um plano objetivando uma reunião dos quatro grandes em país neutro. — Interessadíssima a imprensa de New York com a próxima mudança da capital brasileira, publicando extenso noticiário com mapas e detalhes técnicos sôbre a futura capital. — O govêrno comunista alemão estabelece novo bloqueio econômico das rodovias de Berlim. — Oficial russo pede asilo às autoridades inglêsas de Berlim ocidental. — Falece em St. Louis, Estado de Missouri, o jornalista Joseph Pulitzer, cujo jornal patrocina os prêmios Pulitzers para os nomes mais destacados da imprensa e das letras. — Reduz o Brasil suas dívidas com os exportadores norte-americanos num total de 24 e meio milhões de dólares. — Cresce a esperança de êxitos com a vacina antipoliomielítica do dr. Salk. Reaparecem os "discos voadores" em tôda a Espanha.



Todos os homens procuram a paz da alma, mas não a procuram onde ela existe. — Fénelon

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RAPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 RIO

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR
DR. LAVRUDINHO
SECRETARIO

ANO XXXVIII — N.º 12 — MAIO — 1955

DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

SEGUNDO TORNEIO
ABRIL — MAIO — JUNHO

LOGOGRIFOS

Ao meu particular amigo
Hugo Machado Burlamaqui

— 55 —

Tôda **mulher** sincera e ciu-
[menta — 4-1-3-7
Não poderá jamais, viver con-
[tente
Porque o ciúme é a praga
[virulenta
Que **estabelece** o inconve-
[niente. — 2-3-7

É o mal que **matiza** muitos
[lares, — 1-4-5-7
É o vírus oriundo de um beijo
Em **busca** de remédios secula-
[res, — 6-7-3-7
Que a **medicina** até hoje não
deu jeito.

Uedath (Niterói)

Ao confrade Gumercindo Leite
(Aléxis):

— 56 —

Quem fala **demasiado** —
3-9-6-5-7
Do próximo ou da vida alheia
Merece ser castigado,
Com boa dose de peia.
Êsse **remédio eficaz** — 1-2-3-47
Vem servindo muito bem
Tira o **mal costume** e faz —
6-2-3-5-10
Dar vergonha a quem não tem.

Mesmo assim, há muita gente
Que vive só da maldade
E que com ar de **inocente** —
1-10-8-4-7
Demonstra só **santidade**.

Mavicaro

Ao emérito confrade
Conselheiro:

— 57 —

De viver já me sinto fatigado
Nenhum **sentido** para mim tem
[a vida — 3-1-5-4
Que já considero bem vencida
Cumprindo, assim, pois, meu
[triste fado.

Ah! Se voltasse a minha mo-
[cidade
Quando jovem tinha bem pu-
[jança
Todo o vigor do tempo de
[criança,
Quando tudo era só vivacidade.

Mas, hoje velho, vivo na **'in-
[certeza"** — 6-2

A vida para mim não tem
[beleza.
De que me serve, pois, essa
[existência?!

É meu **desejo** a morte por des-
[canso — 5-2-3-4
Pois é **patente** que sofrendo
[canso — 5-4-3-6
Por me achar em franca
[**decadência**.

Mavícaro



CHARADAS CASAIS

58 — Duas:
Se eu **misturo** o sentido
Da frase, do tom, da côr...
Perco, no **agrupamento,**
Da boa forma, o sabor.

Asil (a.c.c.b.)

---

59 — Três — A mulher é **fàcilmente irritável** quando trata com tipo **bisonho**.

Bisilva (Manaus)

60 — Três — Aquêle sujeito de andar **vagaroso** é dono do **lugar onde se secam** frutas.

Beatriz Cardoso — C.E.P.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



61 — Três — Pelo novo convênio internacional ficou compreendido que a antiga moeda holandesa tenha o mesmo valor do cruzeiro.
Cysneirense Júnior (Viçosa)

62 — Três — Faça uma busca é o que eu lhe recomendo com elogio.
Dr. Legnar (Urupês)

63 — Duas — Empreguei grande agilidade para levantar a chapa lisa de ferro com que se arredonda o vidro nas fábricas.
Debrito (Recife)

64 — Três — Eu digo com insistência que um sujeito raivoso deve ser tratado com delicadeza.
Edur Monteiro (Cuiabá)

65 — Quatro — Muito eloquente, ela bem demonstra que não é só o homem que tem linguagem elevada.
Ecebê (Maceió)

66 — Três — Acho mais que perfeito o estudo das coisas divinas ou espirituais.
Heron Silpes (Canavieiras)

67 — Três — Segue de perto através daquela pista.
H. França, G.C.N. (Recife)

68 — Quatro — Colarinho sujo e camisa engordurada, que relaxado!
K.T.Q.Z. (S. Paulo)

69 — Três — Êle arrisca a vida ao recolocar a peça de madeira que reforça o costado do navio.
Malba Tantan (Santos)

70 — Três — O "prestação" me impinge uma pinóia causando-me estôrvo na arrumação da casa.
Oarcim (Rio)

71 — Três — Acho uma ação brilhante e não um ato censurável a atitude do bravo Tiradentes.
Roama (S. Paulo)

72 — Quatro — É falto de siso quem liga a mulher que pensa pouco.
Ruvina (Pôrto)



JUVENTUDE
ALEXANDRE


73 — Duas — Não sei por que chamam a sogra de víbora e de pessoa intratável.
Santorum (Rio)

ENIGMAS

— 74 —

Se o dono da vivenda,
Tem aqui muito prestígio,
É porque, segundo a lenda,
De bom sertanejo tem vestí-
[gio...
P. Del Debbio (S. Paulo)

— 75 —

Emprega precavida
Que, em casa e com comida,
Tem bom emprêgo e seguro,
Necessita de ser boa
Para ser uma pessoa
Que se vê bem no futuro.
Tonnew (Rio)

— 76 —

Com inspiração represento,
A comissão incumbida
De fazer o orçamento,
Do mausoléu do suicida.
Uedath (Niterói)

— 77 —

No mês que está no meio
Do ano logo notei
Sem esfôrço, sem receio
Homem ruim; errei?
Segon (Rio)

— 78 —

Depois do tempo determinado
Concedido por favor,
Houve entrevista secreta
Pra liquidar o vapor.
Paulistinha (Rio)

CHARADAS SINCOPADAS

79 — Três (duas) — O coronel é sempre um homem guerreiro.
Anetomar (João Pessoa)

80 — Três (duas) — Foi criado um impôsto para êste moderno traje para solenidades.
Beatriz Cardoso (S. Paulo)

81 — Três (duas) — Na época atual até o namôro escandaloso provoca a alta de preços dos perfumes.
Cysneirense Júnior (Viçosa)

82 — Três (duas) — A desinteligência entre os dois camaradas originou-se da falta de sopas de pão.
Debrito (Recife)

83 — Três (duas) — **Jôgo de cartas** impera naquela **choça**.
Emidlei, A.C.C.B. (P. Alegre)

84 — Três (duas) — Disseram-me que a **sarna** é transmitida por uma **espécie de tatu de cabeça chata**.
Ecebê (Maceió)

85 — Três (duas) — Quem diz **gracejo** pesado, merece uma **acha** na cabeça.
Fusinho, C.E.C. (Bangu)

86 — Três (duas) — O **homem de pouco siso** é um **pedaço** de asno..
Fiote (Cuiabá)

87 — Três (duas) — **A mó de pedra negra** foi arrematada por uma **ninharia**.
Gomes Júnior, C.E.C. (Maceió)

88 — Três (duas) — Êste sujeito **irrita-se** quando **calcula**.
H. França, G.C.N. (Recife)

89 — Três (duas) — **Corra vinte** quilômetros e serás campeão.
Jorela (Curitiba)

90 — Três (duas) — Tem **facilidade** para fazer bons versos quem possue **estro poético**.
José Coelho Vieira (Maceió)

91 — Três (duas) — **A memória** do sovina só pende para **lucro caviloso**.
Ismênia (Recife)

92 — Três (duas) — Um **coice** de mula foi a causa da **desgraça**.
P. Del Debbio (S. Paulo)

93 — Três (duas) — Uma **pessoa desprezível** poderá regenerar-se, indo para longe e mantendo absoluta **imposição de silêncio** quanto ao seu passado.
Calpetus (Santos)

CHARADAS ANTIGAS

Ao velho amigo Gaspar Celestino:

— 94 —

Conheci lá no nordeste
Um cabra forte, da peste,
Destemido e **valentão**; — 3
Topava qualquer parada
Fôsse a tiro ou a facada
Não respeitava rojão.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Tinha um **jeito** êsse danado - 1
D'enfrentar qualquer malvado
Sem precisar companhias;
No subúrbio onde morava
Desordeiro não pisava
Pra **ostentar valentias**.

Bisilva (Manaus, Amazonas)

— 95 —

Se às vêzes **demoro** a dar — 2
Aos meus alunos a **"nota"**, — 1
Alguns ficam a me encarar
Com ar de **mofa** e chacota.
J.D. Mingo (Senhor do Bonfim)



CHARADAS NOVÍSSIMAS

96 — Duas-duas — O **fim** de pessoa sem **juízo** é ser **mau comediante**.
Antomar (João Pessoa)

97 — Três-uma — O **grangeio** cria amizades políticas, sinto **pena** dizer, mais me sinto **acabado**.
Dr. Legnar (Urupés)

98 — Uma-três — Conheço certo **patife, muito pequeno** e beberrão, que bebe como o **diabo** não.
Dr. Zinho (S. Paulo)

99 — Uma-duas — **Basta!** Êle está **roufenho** e **desmemoriado pela velhice**.
Fiote (Cuiabá)

100 — Uma-duas — **Todo** palhaço de **circo diz futilidades**.
Gomes Júnior, C.E.C. (Maceió)

101 — Uma-duas — Temos **de** ver: De **restos** de saudades é a nossa **queixa**.
Pompeu Júnior (Botucatu)

102 — Três-uma — Um pequeno **estôrvo** desanima, **apenas**, quem é **tímido**.
Seamva (Santos)

103 — Três-uma — **Dominei** minha **tristeza** de modo **soberbo**.
Tonnew (Rio)

104 — Duas-uma — **A falta de elegância** e **dificuldades da** vida, obrigaram-me a **desmanchar** o noivado.
Segon (Rio)

105 — Três-uma — **Discurso burlesco e sem nexo** sôbre **o símbolo do gálio**, foi o que fêz uma **pessoa muito estúpida**.
Eva Dio (Rio)

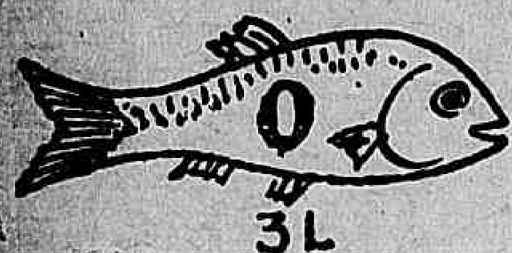
106 — Três-uma — No **bôlso** do casaco há um botão **sem casa**, o que é preciso **acaçalar** com cuidado.
Paulistinha (Rio)

107 — Três-uma — **Num pequeno barco de pesca chega** a esta cidade o fazendeiro que possui uma **manada de gado muar**.
José Bálsamo (Rio)

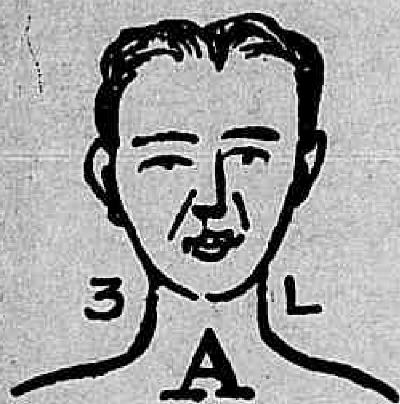
108 — Duas-duas — Foi **falta de sorte** a **valentia** do homem que provocou o **barulho**.
Guilherme Tell (Rio)

109 — Duas-duas — Mui **camarada** é um **"homem" gaúcho**.
Waldemar (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 110









Don Ruy

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

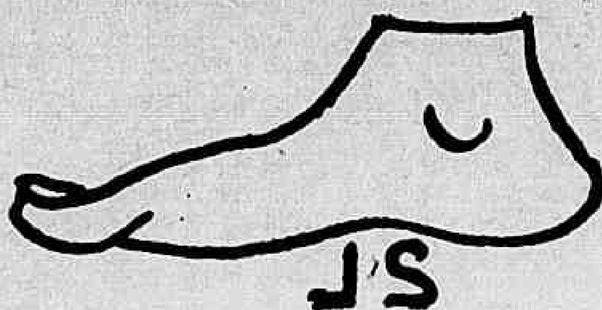
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ENIGMA FIGURADO — 111

Aos confrades alagoanos:



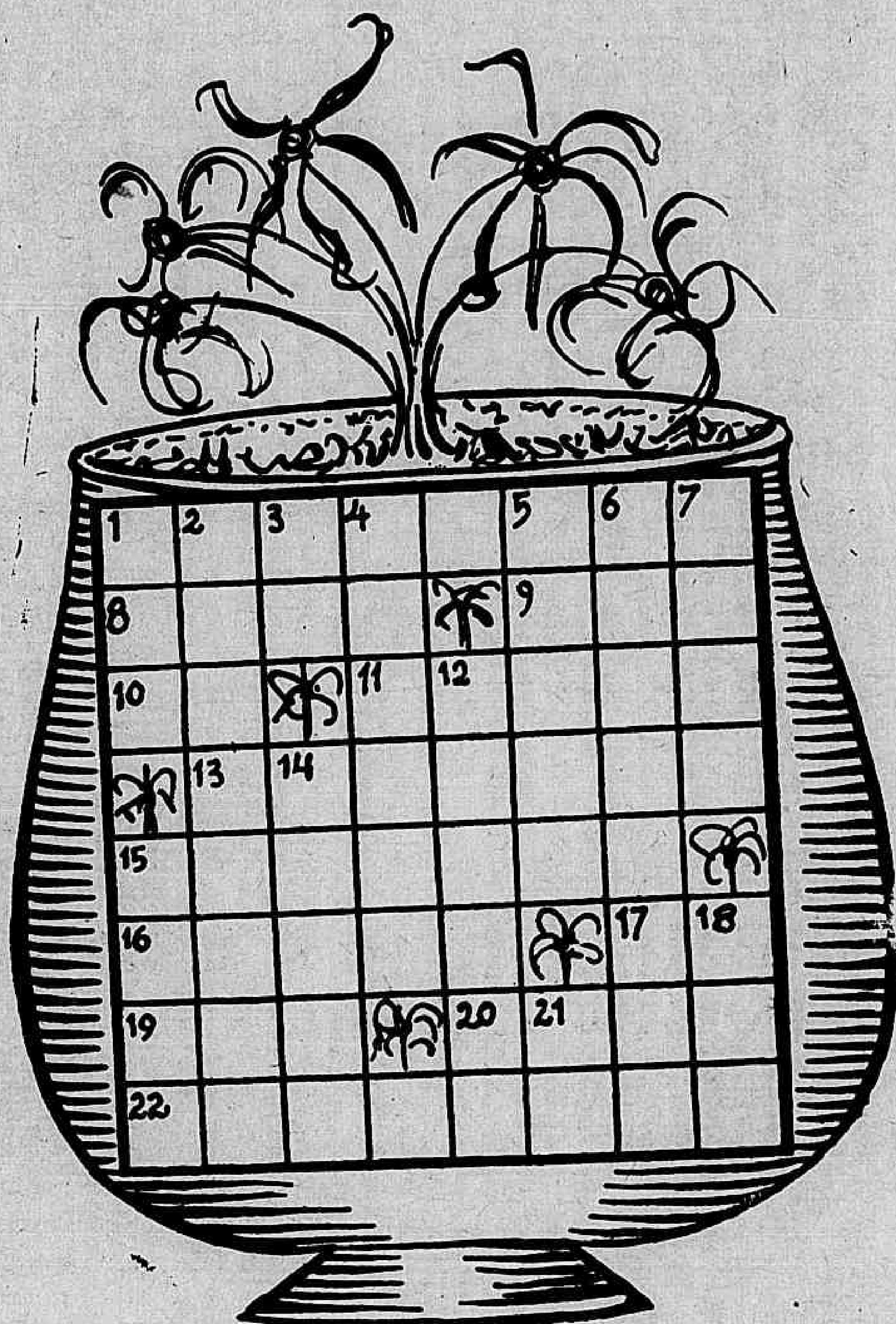




José Coelho Vieira (Maceió)

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 3

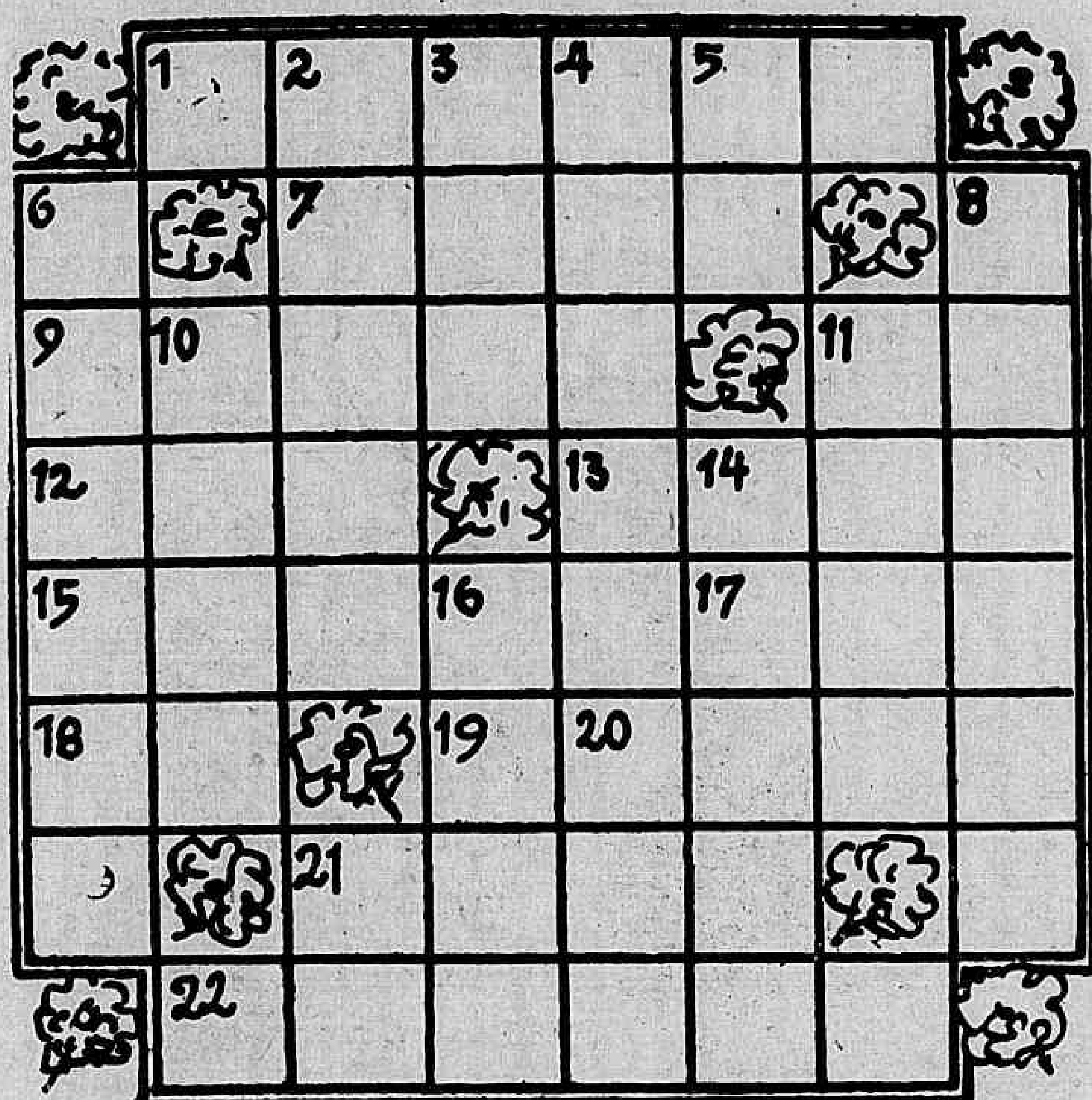


Fusinho (Bangu)

Horizontais: 1 — Rescindira; 8 — Afora; 9 — Abismo; 10 — Palavra expletiva; 11 — Manjericão; 13 — Disparados; 15 — O credor de alguém; 16 — Agregara; 17 — Preguiça; 19 — Med. dinamarquesa, equivalente a 0,867 litros; 20 — Colchão; 22 — Árvore da fam. das rutáceas (pl).

Verticais: 1 — Chefe etíope; 2 — Ascensor; 3 — O poder pontífice; 4 — Prejudicar; 5 — Mete; 6 — Índio da tribo do Rio Machadinho; 7 — Marcos dos portos; 12 — Resposta; 14 — Variedade de mica pardo-amarelada; 15 — Proteção; 18 — Vogavas; 21 — Símbolo do actínio.

Problema n. 4



Eva Dio (Rio)

Horizontais: 1 — Estado do Brasil; 6 — Cem; 7 — Guia; 8 — Valia antigamente 7 ou 70; 9 — Comove; 11 — Glosa; 12 — O ninho; 13 — Despenham-se; 15 — Atrelai; 17 — Olá; 18 — Origem; 19 — Roci; 21 — Nome de mulher; 22 — Totalidade (pl.)

Verticais: 2 — Tatubola; 3 — Inventário; 4 — Viver; 5 — Não; 6 — Emudecido; 8 — Propala; 10 — Pão-de-ló; 11 — Joguete; 14 — Mais uma; 16 — Desejo de vingança (pl); 20 — Estames do jacinto; 21 — Enfim; 22 — Mil.

COLABORAÇÃO

Com a supressão do dicionário Simões da Fonseca, sentimos a falta de colaboração dos seguintes confrades:

Acobar, Arpreta, Alvasco, Alô Tropina, Asclépios, Aril, Anchieta, Antomar, Bigi Neto, Bisilva, Botucarahy, Breque, Bereco, Beatriz Cardoso, Conde de la Fere, Carcioli, Cydac, Cysneirense, Coringa, Conselheiro, Dopasso, Dr. Barreto Cardoso, Dr. Legnar, Dr. Zinho, De Souza, Dr. Kean, Debrito, Donatila Borba, Dr. Zepenha, Delpho, Don Ruy, Edpim, Edur G. Monteiro, El Principe, Emidlej, Édipo, Ecebê, Farani, Fusinho, Frobelo, Gumercindo Leite, Gomes Júnior, Gil Vírio, Heron Silpes, Heliotrópio, H. França, Irahydes Costa, Íris, Gasbor, Florentino, Janota, Jobair Soares, Jayreis, Juca Pirolito, Joleno, Julião Riminot, Jovaniro, Jomaque, J. D. Mingo, Josa, Jofalo, José Coelho Vieira, Laranjeirense, Luferra, Lidaci, Lutércio, Plá, Nilva, Madeco, Malba Tantan, Milon, Mascobei, Mambira da Jiquitaia, Matsuk, Marcus, Mr. Trinquesse; Mavicaro, Manduca, Nomísio Nuno, Ordisi, Oicreal, Ó Sineiro, Oarcim, Olim, Perseu, Paraná, Pele Vermelha, P. Del Debbio, Rodge, R. Kurban, Roazo, Rafinha, Roama, Ruvina, Sotnas, Sertanejo II, Spartaco, Sefton, Seamva, Simplício e Simplório, Santorum, Tartarim, Ueniri, [illegible], Violeta, Zytho, Zorago, Zigomar, Welfrose, Zenon, Sam e outros.



CENTRO ENIGMÍSTICO CARIOCA

Êste Centro ofereceu aos seus associados, no dia 13 de março, um churrasco em comemoração ao aniversário do Centro.

Grande foi o número de confrades que compareceu à festa, onde não faltou muita alegria e cordialidade.



CASAMENTO

Realizou-se no dia 19 de março o casamento da senhorita Gelza Toledo, dileta filha do nosso confrade **Jotoledo** (capitão João Maurício Toledo) com o sr. tenente Raimundo de Morais Quadros.



BRASIL ENIGMISTA

Deve circular no dia 1.º de maio o **Brasil Enigmista**, na sua segunda fase, sob a direção e propriedade de **Ueniri** (**Irineu** VilasBoas Estêves).

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★



TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO 98-A RIO DE JANEIRO FONES 22-6144 42-5563 52-1066

O Brasil Enigmista aparece completamente modificado, terá quatro seções de charadas e mais: palavras cruzadas, passatempo, curiosidades, logogrifos, biografias, anedotas, história, mágicas, poesias, cinema, rádio e outras.

Haverá em cada número cinco torneios com distribuição de brindes.

O seu endereço — Rua Honório, 1441 — casa 2.



FALECIMENTO

Faleceu em Belo Horizonte, no dia 11 de março, o charadista **Zigomar** (Nelson de Vasconcelos Almeida Sobrinho). Era um veterano e muito colaborou nesta seção. **Zigomar**, muito querido por todos os seus confrades, sempre trabalhou por um charadismo são.

DISTINTIVO DE CHARADISTA

Recebemos como oferta um alfinête-distintivo de charadista idealizado por Trica Antônio e lançado pela **Revista de Palavras Cruzadas**, desta capital. Gratos.





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT



TÔNICO DAS GERAÇÕES

PARAÍBA ENIGMÍSTICA

Recebemos o n. 3 da revista **Paraíba Enigmística**, órgão do Grêmio Charadístico Euclides da Cunha, da Paraíba.

O Grêmio tem a seguinte diretoria:

Presidente de Honra — Dr. Apolônio Vilar; Presidente — Bertino do Carmo Lima (**Bercoli**); 1.º Secretário — Dr. João Navarro Filho (**Mister Moto**); 2.º Secretário — Gumercindo Leite (**Alexis**); Tesoureiro — Gerson Jorge dos Santos (**Nosreg**); Conselho Deliberativo: Mário do Rêgo Neto (**X. Neto**); Dr. Agrícola Montenegro (**Agrimonte**); Arnóbio Lins Falcão (**Falcão**).

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 28 de março:

Kinsos (Santos) — Bem aparecido.

Mavicaro (?) — Tudo em

Lega (Buenos Aires) — Recebemos e agradecemos.

Dempey (Uruguai) — Gratos pelas gentilezas publicadas no **"Artigas"**.

José Coelho Vieira (Maceió) — Respondemos pelo correio. Gratos.

Nicola Gonçalves (S. Carlos, S.P.) — Inscrito. Os trabalhos vão ser examinados.

Aydil (Recife) — Inscrito com muito prazer.

Dr. Legnar (Urupês) — Escrevemos pelo correio.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, Rua Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"As letras são o alimento da juventude, a paixão da idade madura e a recreação da velhice." — CÍCERO

PEDRO MÁRIO — Poemeto de Teresa Maria

Rio, 1934

Teresa Regina é nome conhecido pelos que freqüentam esta seção que, sendo de gramática, é de linguagem, e, pois, de literatura também, porque literatura é forma de expressão em que a linguagem se apresenta de maneira mais cuidada e bela. Teresa Regina é autora de — FÉ —, aquêle livrinho de que extraímos os versos com que presenteamos nossos leitores, em janeiro do corrente ano.

Pois bem: recebemos a visita dessa jovem que ora inicia a carreira das letras. Veio agradecer-nos, comovida, o registro literário, e ofertar-nos um exemplar de outro trabalho, o poemeto PEDRO MÁRIO.

Para nós, que não a conhecíamos pessoalmente, trouxe a sua presença agradabilíssima surprêsa. E confessamos a nossa admiração e encantamento, porque Teresa Regina ainda é aquela menina e moça de que nos falou Machado Assis. É menina no trato, na leveza dos gestos, na linguagem simples com que fala da dúvida em que se encontra na escolha da carreira: se a música a seduz, a literatura a escraviza. É moça... nos temas de suas composições, em que se vislumbram manifestações de temperamento que vibra e se emociona, através de versos que assumem todos os matizes, desde a apresentação realista de Angelita até à descrição admirável de uma tarde que desaparece. E quem conversa com Teresa Regina vive, como vivemos, situação desconcertante, mas deliciosa: não sabe se fala à menina, sôbre suas ingênuas preocupações, ou se analisa com a moça aspectos de seus poemas.

Apresentemos ao leitor algumas estrofes de PEDRO MÁRIO.

Um panorama:

"Rola o navio
nas águas.
Ouvem-se estranhos
vagidos,
como o reflexo
de mágoas.
O vento e o mar
confundidos.

Tem uma síncope
a tarde;
no vasto seio
moreno,
fugiu a terra,
covarde,
umedecida
em sereno."

Eis Pedro Mário:

"Há um grumete
afastado,
com o olhar vago,
comprido:

não sabe o que é ser
amado,
nunca foi
compreendido."

"Sentiu-se um dia
abalado;
notou não ser
mais criança.

E seu olhar,
desvairado,
buscava, ao longe,
uma trança."

E Angelita:

"Essa manhosa
Angelita,
a filha do
capitão...

Andava tôda
catita,
gingando o corpo
em botão!"

O amor:

"Pedro Mário a fitou, com uma ponta de mêdo.
...
Deslocava os quadris ao olhar ciumento,
e soltava na praia os cabelos ao vento.

As semanas vazias, velozes, passavam,
e no céu as estrêlas, tranqüilas, brilhavam.

Angelita de longe, brejeira, acenava
e, às vêzes, nem mesmo um aceno lhe dava.

Mas um dia ela veio indecisa, hesitante,
e um estranho torpor invadiu-a num instante.

Pedro Mário tremeu e tomou-a, num impulso,
imprimindo na bôca o desejo convulso.

Deus, de cima, enviou sua luz em cascata:
tôda a terra envolveu-se num banho de prata!

Pareceu-lhes, até, que era a mão do Senhor,
que aprovava e selava o momento de amor."

O destino:

"O navio sucumbe e desfaz-se nas trevas;
um clarão ilumina os minutos fatais,
reunindo num bordo os súditos que leva
para um reino feliz, donde não voltam mais.

O estampido final! Pedro Mário afundou
repetindo a canção que sabia de cor,
abraçado à Angelita ideal, que êle amou
e levava, na dor, para um mundo melhor."

Ao término da leitura, não podemos conter a impressão final: música e poesia se entrelaçam e se confundem. Há poesia na música... há música na poesia: E Teresa Regina — que é violinista também —, deixa transparecer nos seus versos a sinfonia misteriosa dêsse instrumento que nos fala à alma e que, por vêzes, nos dilacera o coração.

JOSÉ RICARDO NETO

O MISTÉRIO DAS AVES FALADORAS

(Continuação da página 8)

"Suponhamos, ainda, que, depois que todos nos recolhêssemos algum ladrão vulgar entrasse pela janela e (enquanto falava De Rose fitava os companheiros) que neste momento a velha despertasse e o surpreendesse... Então, êle, perdendo a cabeça estùpidamente... Sim! Como vocês sabem os ladrões sempre carregam consigo uma faca...

— Não! — cochichou miss Baggott, alarmada.

— Sim! — insistiu o advogado cìnicamente. — A não ser que você queira passar dez anos no xadrez! Eu não quero! Nem o dr. Cooke; não é mesmo?

— O seu diagnóstico me convenceu! — disse o médico falando lentamente e, agora, com ar mais animado: — Vamos tratar de combinar o "modus operandi" antes de que ela volte cá para a sala.

ELLERY e o inspetor Queen invadiram o apartamento da sra. Andrus trinta e cinco segundos tarde demais!

Ellery parou na sala para examinar de perto o corpo ainda sangrando, que estava na cadeira de rodas, enquanto seu pai, de pistola em punho deu um pontapé para abrir a porta do quarto, sendo recepcionado por uma nuvem de asas coloridas e vozes desagradáveis, umas esganiçadas e outras roucas.

Mas o inspetor chegou ainda a tempo de espantar as aves e apanhar o dr. Cooke, De Rose e miss Baggott tentando saltar uma janela para escapar pela escada de incêndio.

A interrupção tinha sido tão rápida e inesperada que o assassino tendo procurado limpar a faca não conseguiu colocá-la de volta na gaveta da cozinha.

Mais tarde, quando o médico-legista transportou o débil corpo da vítima para o quarto, a fim de examiná-lo, as aves esvoaçaram ruidosamente, **tagarelando**, em volta da porta que se fechara, como se soubessem o que se estava passando.

— Corte, corte — esganiçava-se um pássaro extraordinàriamente grande. — Corte, corte.

— Sim, Blackie, sim — disse Ellery, segurando a ave e acariciando-lhe as penas enquanto olhava, muito sério para os três suspeitos. — Qualquer que seja o plano desleal que vocês tenham forjado estava fadado à derrota. A sra. Andrus telefonou-me hoje, à tarde, enquanto miss Baggott saiu para fazer uma compra. Contou-me tudo o que havia descoberto, hoje, sôbre vocês e disse que pretendia acareá-los esta noite. Eu a preveni, aconselhando que nada revelasse do que descobrira até que nós chegássemos, mas creio que ela estava demais enfurecida para conter-se. E vocês a mataram!

— Corte, corte — insistiu a ave faladora.

— Você está com a razão, bichinho — replicou o inspetor. — Qual de vocês teria dado o... **corte**?

— Vocês estão muito enganados a nosso respeito — falou De Rose, pálido de raiva. — O doutor e eu chegamos tarde a esta casa e miss Baggott acabava de chegar de um pequeno passeio a pé. Todos nós vimos, então, um homem mascarado que fugia pela janela; logo depois vocês chegaram... e ficamos em pânico...

— Não diga, senhor advogado de defesa! — disse o inspetor, com ironia.

— Deve haver meio de saber — resmungava a êsse tempo Ellery, caminhando em direção à mesa de jôgo. — Êles vieram aqui aparentemente para jogar **bridge**...

— Espere, meu filho! — disse o inspetor, vendo o médico-legista que saía do quarto da vítima. — Então, dr. Prouty?

— Quatro ferimentos a faca no peito, lado esquerdo... — deteve-se para fitar os três suspeitos e depois continuou, falando pausadamente e com sarcasmo: — Nenhum dos ferimentos, porém, suficiente para provocar a morte instantânea. Apenas a idade avançada e as condições precárias de saúde somaram para provocar o fim. E... Que foi o que êle disse?

— Corte, corte, corte — insistiu a ave faladora, debatendo-se na mão de Ellery, que finalmente a soltou.

A ave foi pousar na mesa de **bridge** e começou a bicar uma carta. Depois, desinteressou-se e voou para o alto de um armário.

— Êle disse "corte" — murmurou o dr. Prouty. — Talvez tenha testemunhado o crime — acrescentou com ar pensativo.

— O crime foi presenciado por trinta e oito pares de olhos! — comentou Ellery, roendo as unhas. — Papai, talvez seja melhor interrogá-los!

— Já pensei nisso — respondeu o inspetor. — Acontece, porém, que êles não estavam presentes.

— Não estavam? — indagou Ellery, com ar de grande curiosidade.

— Não estavam aqui, no **living-room,** onde se deu o crime. Êles voaram para cima de mim, quando abri a porta do quarto.

— Mas se "Blackie" não estava na cena do crime por que continua insistindo... "corte, corte"?

— Como é que eu vou saber? — perguntou o inspetor irritado. — É uma palavra como outra qualquer, que êle aprendeu. Escute, meu filho...

— Não, papai; espere! — exclamou Ellery; depois, baixando a voz: — Você tem razão! É uma palavra que êle aprendeu porque a sra. Andrus gostava de jogar **bridge**. Ela própria me contou que jogava cartas com estas pessoas, regularmente... **As cartas!**

E momentos depois, quando Ellery se levantou da mesa de **bridge** o tom de sua voz fêz com que De Rose, miss Bagott e dr. Cooke ficassem ainda mais pálidos do que já estavam. Então falou, como se ditasse um relatório.

"A uma certa hora, esta noite, vocês três estiveram sentados aqui, nestas três cadeiras; a sra. Andrus usava mesmo a cadeira de rodas. Que faziam vocês? Estas cartas contam tôda a história. O baralho, no centro da mesa, tem quarenta e nove cartas. As outras três cartas estão sôbre a mesa: cada uma em frente de um dos lugares ocupados por vocês. O três de copas, o rei de espadas e o nove de copas.

— Sim, êles **cortaram**... as cartas! — disse o inspetor. — Carniceiros! Tirando **a sorte** para ver quem mataria a velhinha.

— E êste barulho, que vocês não tiveram tempo de esconder, conta até quem tirou e o que tirou! Pelos charutos, no bôlso externo do paletó e pela ponta de charuto, no cinzeiro, diante do "rei de espadas", vejo que foi o dr. Cooke quem tirou — disse Ellery. O cigarro, no cinzeiro, diante do nove de copas, indica qual a carta tirada por De Rose, porque se os cigarros fôssem de miss Baggott teriam a mancha do **baton** que ela usa. E, assim sendo, miss Baggott, a senhora mesma tirou o três de copas!

— Três, nove, rei — falou o inspetor. — Está tudo aí!

— Está sim! — confirmou Ellery.

— Foi o miserável que tirou o rei de espadas o assassino! — trovejou o inspetor. — Foi você, Cooke!

— Não! — atalhou o médico, nervosamente.

— Não, realmente — concordou Ellery.

E como seu pai se voltasse para êle, admirado, explicou:

— Ninguém, com os conhecimentos de anatomia que um médico deve ter, papai, precisaria de esfaquear quatro vêzes a área onde está o coração e, ainda assim, não atingir o ponto vital!

— O dr. Cooke teria exterminado aquela vida com um único e seguro golpe **cirúrgico**!

— Mas foi Cooke quem tirou a carta maior! — rebateu o inspetor.

— Possìvelmente a combinação era para sortear **o que tirasse a carta menor!** O escolhido seria **o perdedor** e não **o vencedor!** — explicou, pacientemente, Ellery. — Assim, pois, não foi a carta **mais alta** que apontou o assassino, mas a carta **mais baixa!**

"E, já que sabemos, também, que De Rose tirou no sorteio o nove de copas... e você o três de copas — aqui Ellery se voltou para miss Baggott que, rígida de pânico, nada dizia — ... tôdas as evidências conferem a execução dêste horrível crime a você, miss Baggott!

Neste momento, o grande pássaro falador voou ruidosamente, pousando depois na cabeça da apavorada miss Baggott, que o espantou como pôde.

— Baixar um — esganiçou a ave.

— Ora, Blackie; isso é que não! Êste é o seu primeiro êrro! — disse Ellery, sorrindo para a ave. — Segundo as leis dêste Estado, todos os três cúmplices são igualmente culpados! Logo, podemos dizer: — Baixar três!

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

(Continuação da página 59)

As primeiras se deslocam com a velocidade de sete a quatorze quilômetros por segundo. As segundas, dotadas de velocidade dupla, podem alcançar até trinta quilômetros por segundo. Os primeiros frêmitos da crosta terrestre parecem partir das ondas longitudinais, enquanto os impulsos posteriores deflagram, engendrados pelas ondas transversais. O cálculo da distância, entre a região sacudida e o observatório sismográfico, procede-se sôbre a diferença de tempo das duas velocidades.

Quando a fase preliminar marcou dez minutos, o terremoto deve ter atingido uma região afastada, num perímetro de nove mil quilômetros. A intensidade das pulsações não se manifesta idêntica em tôda a superfície percorrida pelo fenômeno, porque existe uma região mais sensível, onde os efeitos se produzem de modo mais violento. A zona de maior sensibilidade recebe o nome de epicentro, representando a área que se encontra superposta ao centro.

Geralmente, as convulsões partem de seis a sessenta quilômetros de profundidade, variando a média de trinta a quarenta quilômetros. Para Georges Drioux o epicentro nem sempre significa um simples ponto, em determinado local do globo, compreendendo, na maioria dos casos, uma região ampla e variável.

A TERRA PULSA PORQUE VIVE — A sismologia recolhe os fatos geológicos para esboçar uma teoria dos terremotos, que possa um dia fornecer dados para as suas previsões científicas. Montessus de Ballore e Georges Drioux estabelecem três períodos na marcha das vibrações: — a fase inicial, a fase principal e a fase final. Quando o abalo se vai afastando da zona do epicentro, a intensidade das comoções decresce e os estragos diminuem de importância. Os geólogos traçam com facilidade curvas, descriminando as zonas do fenômeno, no interior das quais os tremores ocorrem sensìvelmente iguais. Essas curvas, chamadas **isosistas,** não podem ser confundidas com as curvas **humosistas,** que reúnem os pontos do território local, onde se efetuou o registro. O desenho das duas espécies de curvas, irregularmente concêntricas, serve para determinar o epicentro e o foco interior do terremoto.

O exame das curvas fornece preciosas indicações acêrca do caminho dos movimentos sísmicos. O tremor se propaga do ponto gerador, vibrando em várias direções, sendo a sua propagação comparável àquela do som, no ar. Daí, o nome de **onda sísmica** dada à difusão do fenômeno. tectônica — e a sua freqüência — muda com a extensão atingível. Em certos casos, a experiência verificou, no mínimo, que a velocidade não supera os cem metros por segundo, enquanto se observam mais de cinco quilômetros por segundo em outros movimentos. Pelas observações executadas, Georges Drioux concluiu que a geologia deve tomar, como base de medida, o quilômetro por segundo para os deslocamentos das grandes massas da superfície do planêta.

Numerosas influências modificam o percurso da onda sísmica. Certos terrenos dotados de certa estrutura favorecem a difusão do fenômeno, enquanto outros opõem resistência, quebram a fôrça da propagação e, mesmo, constituem barreiras intransponíveis. Nos terrenos de aluvião, com as camadas geológicas, formadas pelas águas, os terremotos se propagam com dificuldade e, nas rochas duras, fortemente compactas, os efeitos telúricos percutem intensos.

As fendas e as cavernas oferecem bastante resistência à propagação do abalo. Relata Alexander Humboldt que os habitantes de São Domingos, compreendendo a benéfica vantagem das fendas, executavam, nas vizinhanças das suas casas, escavações largas e profundas, a fim de garantir a estabilidade dos edifícios contra as pulsações do globo.

Salienta K. Fuchs que os rios caudalosos e as cadeias de montanhas amortecem e até atuam como barreiras à passagem do fenômeno. Assim, nos terremotos de 1783 e de 1870, a linha montanhosa dos Apeninos protegeu os territórios ocidentais da Itália. Na comoção terrestre de 1872, que assolou as minas californianas de Lone-Pine, as Montanhas Rochosas se interpuseram como obstáculos.

De todos os exemplos, o mais notável vem da Cordilheira dos Andes, que protege as terras do Brasil e do litoral do Oceano Atlântico dos freqüentes cataclismos do litoral do Oceano Pacífico.

Revistando-se as crônicas do passado, encontram-se exceções dessa lei sísmica. Os terremotos de 25 de dezembro de 1212, de 25 de janeiro de 1348, de 17 de julho de 1670, de 26 de dezembro de 1810, de 25 de outubro de 1812 e de 20 de julho de 1836, ultrapassaram, todos êles, a barreira dos Alpes, sem encontrar resistência nos acidentes orográficos.

Depois do exame das ruínas **de terremotos** em Nápoles, verificou o sismologista B. Malet, **que os tremores causam mais danos nos edifícios, cujas fachadas ficam perpendiculares à direção do deslocamento tectônico**. Quando a linha das paredes coincide com a direção das ondas sísmicas, os desmoronamentos são menos consideráveis e, se o choque vibra a fachada **em diagonal,** separam-se dois ângulos opostos, limitados cada um por uma fenda em forma de "V". As diferenças de estrutura dos terrenos alteram a velocidade do terremoto, e, muitas vêzes, as pêndulas sismográficas assinalam orientações diversas daquelas que deveriam ser inscritas. A causa da anomalia se explica pela alteração brusca porque passa o abalo nas múltiplas camadas geológicas, desde a partida do epicentro, até o ponto final do fenômeno.

Há estremecimentos da crosta terrestre, em que a direção das ondas sísmicas se movimenta **desorientada,** como se imprevistos obstáculos houvessem deslocado a linha primitiva do tremor. Notava o geólogo e petrologista Ferdinand André Fouqué, que os desvios na direção são observados, sobretudo, nos países ricos em acidentes orográficos, onde variam as camadas minerais do subsolo. Insistia um sismologista suíço, François-Alphonse Forel, sôbre as causas das variações das ondas tectônicas. Declarou Montessus de Ballore que "em grande número de terremotos surge a impossibilidade de determinar a propagação do fenômeno" e atribuía o fato "à heterogeneidade das camadas do solo, onde o tremor passa por reflexões e refrações". Georges Drioux compara a superfície da Terra a uma imensa abóbada circular, em que as partes dependem entre si e reagem umas sôbre as outras. Os movimentos **verticais** provocam abalos e as compressões **laterais** provocam resvalamento das camadas. A comoção gerada pela rutura do equilíbrio propaga-se através do globo: — eis as ondas sísmicas!

Penetramos na teoria bastante conhecida do geólogo austríaco Eduard Suess, que recebeu o nome de "hipótese tectônica". Pela mesma concluímos que os terremotos deflagram **como efeitos da transformação lenta, progressiva e permanente da terra**.

O globo pulsa violentamente **porque vive com intensidade das suas energias físicas**.

Êsses e outros fatos exaltam o movimento sísmico do nosso mundo, como um problema digno da filosofia e da civilização. Contém o mistério do planêta que habitamos, de cuja existência depende tôda a obra industrial do homem.

Espanta, realmente, a vitalidade da Terra, quando o físico Charles Noel Martin estimou a idade do nosso orbe em dois biliões e oitocentos milhões de anos, estimativa essa deduzida das medidas da radioatividade das rochas.

Baseando-se no mesmo gênero de estudo (a radioatividade das camadas internas do globo) o geólogo russo Beranov atribui o calor central da Terra **à presença de materiais radioativos**. E, para elucidar as temperaturas crescentes das rochas profundas, admite-se — ainda nos tempos atuais, — **processos de fissão no centro do planêta**.

Beranov elevou para cinco biliões de anos a idade da Terra. O físico inglês O. R. Frisch expôs, por sua vez, que um terremoto comum desprende uma energia equivalente a milhões de bombas de hidrogênio! A verdade é que as reservas de energia da Natureza superam tôdas as hipóteses audaciosas que possam ser formuladas pelo gênio humano.



SÔBRE O DIVÓRCIO

É preferível romper o matrimônio que curvar-se e mentir. Ouçam o que me disse uma mulher: "É verdade que quebrei os laços do matrimônio; porém os laços do matrimônio, antes, haviam quebrado a mim." — **Nietzche**

PESTE NO PANTANO

(Continuação da página 48)

— Acho que a corrente carregou o barco — concluiu McAmes, com pasmo para todos.

Todos tinham, agora, a consciência do perigo em que se encontravam. Não tinham uma arma. Os medicamentos contra picadas de cobras estavam com o resto do material dentro do barco.

McAmes decidiu sair à procura da embarcação. Talvez tivesse empacado em alguma coisa. Do contrário teria descido a correnteza... até ninguém sabe onde!

— Se McAmes não encontrar o barco? — perguntou Louise.

— Neste caso teremos que permanecer aqui até que alguém nos descubra — respondeu-lhe o pai. — Talvez leve muito tempo para que tal aconteça — concluiu com um olhar de censura para Garry.

A gravidade da situação era extrema. McAmes desaparecera de vista, à procura do barco. Podia voltar com êle, podia voltar sòzinho, podia nem sequer voltar!

— Tôda esta situação só por causa do descuido de Garry! — recriminou o doutor Walters.

— Papai, por favor... — pediu a moça.

— Quero ver como vai você sair desta, Garry! — continuou o velho. — Isto aqui não é nada que você pode abandonar a qualquer momento, quando se sentir cansado!

— Sei o que quer dizer... Era o que o senhor vinha desejando, desde o comêço! Apenas aconteceu de maneira mais trágica.

— Quê? — perguntou o dr. Walters.

— Sim! Foi por isso que o senhor quis trazer Louise conosco, com a esperança de que nesta viagem eu fizesse alguma coisa que revelasse ser apenas **filho de papai rico,** um homem sem coragem, e um imperturbável e indigno. Foi por isso que o senhor persuadiu Louise a não se casar comigo em New York.

— Eu queria que ela se casasse com você quando tivesse certeza...

— Certeza de quê?

— De que o amava. De que deviam realmente casar. Não havia pressa.

— Eu queria casar com Louise sem demora. Era esta a vontade dela também, mas não queriá magoá-lo por que o senhor era seu pai.

— Garry! — repreendeu a moça. — Não...

O rapaz, sem obedecer à moça, continuou:

— Não precisa dissuadi-la mais, doutor. O senhor ganhou! Era a êste respeito que estivemos falando, ontem à noite e hoje, quando tiramos o barco do lugar. Eu queria que Louise lhe dissesse que iríamos casar imediatamente, enquanto que ela preferia esperar até que o senhor não fôsse tão contrário. O senhor sempre se oporá a qualquer pretendente de Louise...

— Isso não é verdade!

— Não? — continuou Garry. — Que tal McAmes? Êle está apaixonado por Louise — e iria longe... caso entrevisse alguma possibilidade...

— McAmes?

— Não diga o senhor que não notou... Mas isso talvez tenha explicação: seu interêsse está inteiramente voltado para a bôtanica! Se tivesse observado o como êle olha para ela! E êle não é filho de papai rico! E é honesto, decente, trabalhador... Aprovaria o casamento dêle com sua filha?

— Garry! — gritou Louise, nervosamente. — Por favor...

— Era isto o que estávamos conversando, no barco. Eu dizia a Louise que o senhor jamais há de encontrar alguém que, na sua opinião, seja suficientemente bom para ser o marido de Louise. O senhor quer ser **o único** na vida dela! Esta é a verdade, doa a quem doer! Louise, porém, ficou zangada por me ouvir falar dêsse modo. Zanguei-me também com ela... e essa foi a razão pela qual, nervoso como me achava, esqueci de baixar a âncora...

O dr. Walters ficou mudo, sem saber o que dizer, nem mesmo o que pensar. Então... McAmes também queria casar com a sua Louise? Jamais teria suspeitado... Tudo o que acabava de ouvir calara fundo em sua consciência. Tôdas aquelas revelações, tôdas aquelas **verdades,** apontadas abertamente pelo rapaz, tinham abalado seus nervos. Olhando em redor viu uma orquídea, quase à beira d'água. Instintivamente caminhou na direção da planta.

Era uma **habenaria distans**, pensava êle enquanto estendia o braço para apanhá-la. Mas, nesse instante, viu que ao lado da

planta uma serpente estava enrodilhada, pronta para atacar. O cientista ficou imobilizado. Compreendeu que ao menor movimento que fizesse, mesmo que recuasse com rapidez, o venenoso réptil atacaria com velocidade duas vêzes superior e o alcançaria fatalmente. Pensou imediatamente em Garry...

Sim. Um pouco atrás, como estava, devia também ter visto o perigo e já devia estar tremendo de mêdo. Lembrou-se, com amargura, da frase que êle havia pronunciado, na noite anterior, ao redor da fogueira.

— Ao menos deve haver bastante quantidade de serpentes, para não morrermos de fome. Dizem que carne de serpente é muito boa...

Morreria de mêdo, se visse uma serpente e, portanto, era até ridículo falar em comer êsses venenosos animais. Dissera aquilo, sem dúvida, para dissimular o próprio mêdo, êsse mêdo que já agora tinha petrificado o seu próprio corpo... O suor descia, farto, pelo rosto do dr. Walters, que pensou em gritar por auxílio; mas os músculos da sua garganta estavam como paralisados. Pensou, a seguir, quão horrível seria morrer envenenado por uma serpente, à míngua de recursos. Os medicamentos contraveneno estavam no barco. Não... Não havia recurso.

— Enquanto pensava em tudo isso e num milhão de coisas mais, onde a imagem de Louise se repetia tenazmente, ouviu a voz de Howell pedindo-lhe que não se movesse. E, sem mover um só músculo em todo o corpo, pôde ver o rapaz caminhar cautelosamente, executando uma grande volta, até colocar-se justamente por trás da serpente e, bruscamente, com um movimento estudado e decidido, segurar o réptil pela garganta e, a seguir, atirá-lo longe, dentro d'água.

A seguir, com esgares que lhe torciam todo o rosto, o ar enojado, curvou-se e lavou repetidamente as mãos, enquanto os seus braços tremiam e o suor também lhe inundava o peito, fazendo colar a camisa contra a carne trêmula.

O dr. Walters viu tudo isso e continuava estupefato, sem poder mover-se, ainda subjugado pela violenta emoção que o imobilizara. Ouvia, como num sonho, Garry dizer-lhe que a serpente não o havia mordido, que êle a havia segurado — a nojenta! — e atirado longe. Agora, tendo caminhado mais para junto dêle e sempre mostrando um ar de desgôsto e nojo, o rapaz repetia que o perigo tinha passado, que a serpente não o havia mordido, nem ao professor... e que agora, com o pescoço quebrado devia seguir na correnteza do canal. O professor não parecia acreditar, parecia não ouvir...

O dr. Walter começou a recuperar o ânimo e a sentir um grande alívio, uma sensação de alegria e de felicidade... Reconhecia, afinal, que errara completamente ao julgar Garry. Sabia que um homem capaz de tamanha demonstração de coragem e de calma, capaz de vencer, acima de tudo, o mêdo que instintivamente lhe infundiam as serpentes e, vencendo-o, raciocinar, a fim de dominar êsse inimigo detestado, êsse homem podia suportar todos os reveses, assumir quaisquer responsabilidades sem delas fugir, até mesmo aquelas que decorrem de um casamento. Não podia haver noivo melhor para sua filha.

Louise conservava a cabeça baixa, olhando para o chão, mas seu pai estava certo de que ela compreendia... que aquela viagem valera como um teste para seu noivo.

Ao longe já se podia ouvir o ruído do motor do barco, que McAmes trazia de volta. Sim. Estavam todos fora de perigo e a vida podia continuar, cheia de promessas maravilhosas...



CINEMA

FRANÇOIS Mauriac, que confiou sua obra "O Pão Vivente" a um produtor, diretor e intérpretes desconhecidos, ficou tão agradàvelmente surpreendido, que se sentia como se presenciasse um milagre:

"É o argumento que imaginei — exclamou. — São os meus personagens e o que subsiste do diálogo foi realmente escrito por minha pena... Talvez a falta de fama dos intérpretes os tenha mantido em seu justo lugar, com o que todos saíram ganhando!"

DEFENSOR

DOIS rapazes, em New York, foram presos sob a acusação de haver roubado um automóvel. Mas trataram de arranjar um advogado que os defendesse, recaindo sua escolha em William Fair, justamente o dono do auto.

FILHA DO TZAR

(Continuação da página 59)

ção da posse das 200.000 libras esterlinas depositadas em nome da família imperial nos bancos de Londres.

Esta declaração determinou o aparecimento de um novo personagem: Gleb Botkin (filho do dr. Botkin, médico da côrte). Começou por negar o direito de mrs. Leeds intrometer-se no caso, acrescentando que Anastácia deveria continuar a demanda judicial **se não quisesse que todo o depósito bancário fôsse parar nas mãos das irmãs do Czar**.

O ANTAGONISMO — A intervenção de mr. Botkin não alterou, porém, a marcha dos acontecimentos. Enquanto isso a controvérsia, num constante crescendo, mais e mais se agravava, a despeito dos rumores de que os pareceres eram sumários e de que **logo mais** chegaria da Europa um "advogado-detetive" com o fim de arrancar maiores esclarecimentos.

Em 1931, Anastácia deixou os Estados Unidos, fugindo, aparentemente, de um desastre doméstico que se avizinhava. E isso realmente aconteceu quando o marido de mr. Leeds requereu divórcio, anunciando pùblicamente que "Anastácia não mais se encontrava em sua casa e que por hipótese alguma desejaria tornar a vê-la."

De volta à Europa, Anastácia teve que ingressar num sanatório, a fim de cuidar de uma tuberculose que de há muito lhe minava o organismo; e foi neste período que a luta pelo seu reconhecimento foi reiniciada, desta vez na Alemanha. Um mundo de provas e evidências, em forma de documentos e declarações confidenciais foram coligidas por seu advogado, em Hamburgo; não obstante, em 1939, a côrte de Justiça considerou improcedente a demanda de Anastácia. E entre outras refutações, demonstrou-se que **as medidas e a forma de suas orelhas não coincidiam com as da grã-duquesa**. Ao que os seus partidários argumentaram afirmando que o veredicto havia tido **"um caráter essencialmente político, pois que uma côrte germânica jamais daria uma sentença que pudesse prejudicar o pacto germano-soviético!"**

E aí cessaram — não se sabe se temporàriamente — os debates sôbre o rumoroso caso de Anastácia Romanov, que atualmente tem 52 anos e vive em completo retiro, na sua semi-invalidez.

Sua identidade continua um segrêdo, embora tenha ela própria inteira convicção de que é a grã-duquesa, pouco importando que lhe aceitem ou não, como tal.

Seus advogados e partidários acham que as condições físicas de Anastácia não mais suportariam uma ampla batalha judicial, embora, a despeito de sua indiferença, alguns ainda se articulem, baseados nos testemunhos de um diplomata sueco e do cônsul britânico, que se encontrava em Ekatarinburgo, quando do assassínio da família imperial.

Não resta dúvida de que testemunhas existem, e bem conclusivas, que sonham algum dia poder entregar o caso a uma sóbria e desapaixonada côrte inglêsa.

Êste entusiasmo representa um desejo quase universal de ver que o impossível pode tornar-se realidade. E até mesmo suas próprias dúvidas são dissipadas porque o que êles querem **é crer na autenticidade absoluta!**

E aqui fica a interrogação. Não será muito mais aceitável — e romântica — a idéia de que ela é realmente a grã-duquesa, que escapou miraculosamente às mãos sanguinárias dos bolchevistas do que a simples alternativa de que ela não passa de um joguete nas mãos de criminosos interessados nas 200 mil libras ou de uma charlatã?



O URÂNIO ESTÁ EM TÔDA PARTE

EM recente conferência, o dr. Michel Fleiher, do "United States Geological Survey", afirmou que o urânio, longe de ser um elemento raro na terra, apesar do que acredita muita gente, pode ser encontrado em qualquer parte da terra, no máximo a uma milha de profundidade.

A dificuldade está em encontrar ricas jazidas que possam ser minadas com proveito.

Aquêle instituto tem atualmente várias dezenas de geólogos procurando urânio em todos os Estados Unidos, essencialmente na desolada planície do Colorado, que parece ser a mais prometedora naquele país.

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

(Continuação da página 80)

trando-se com problemas se veja só ou faça confidências a suas companheiras da mesma idade. Para isso ali estão as "donas da casa", que são sempre compreensivas e amigas, mais que professôras ranzinzas. Às vêzes, sua boa-vontade as leva a exageros que produzem efeitos contraproducentes.

Segundo relatou ao repórter uma aluna, numa das "palestras" que semanalmente a "dona de casa" do seu grupo organiza para suas alunas, contou-lhe uma história verídica. "Uma mocinha que não bebia nem fumava foi a um baile. Ali encontrou um rapaz simpático e rico, que se casou com ela imediatamente."

As estudantes, que estavam muito atentas na narrativa, pensando no que ocorreria no final, respiraram enfastiadas ante um final tão ingênuo e côr-de-rosa. E a "mãe", estupefata, teve que admitir que os tempos mudam, apesar de que, nos Estados Unidos, os velhos se esforcem por entrar no passo dos moços.

A vida extra-universitária da norte-americana, assim como a extralaboral, baseia-se em grande parte no desejo de subir, de destacar-se. Com sorrisos cordiais, com simpatia nunca desmentida, as mocinhas lutam entre si pela supremacia, da mesma forma que os negociantes por um pedido. Distinguir-se sôbre as demais é um sonho que se alberga em qualquer cabeça que tenha uma certa beleza. Todo o exame publicitário norte-americano para encontrar as mais belas, as mais inteligentes, as mais graciosas, provocou insensìvelmente êsse desejo de figurar, de distanciar-se da massa. Uma mocinha bonita é admirada, uma atriz também; porém isso é normal em tôdas as latitudes. Não será tanto que se tenha orgulho, por exemplo, de que sua filha tenha sido dama de honor — umas vinte — da rainha da primavera, nomeada pelo colégio. Um dia, nas cercanias da casa onde residia um observador estrangeiro, uma mocinha de uns dezessete anos passeava executando as mais estranhas piruetas. Levava um bastão na mão e o lançava para o alto, fazendo-o dar muitas voltas em redor dos dedos, passava-o pelas costas e o lançava novamente ao ar...

Enquanto isso não parava de caminhar com passo de marcha.

Surpreendido, levantou-se e foi chamar a dona da pensão, indicando-lhe o espetáculo inesperado.

— Sim — disse ela. — Não é mesmo uma lindeza? Foi eleita para "baliza" do desfile juvenil. Irá à frente de tôdas. É uma grande honra, não acha? Seus pais, principalmente sua mãe, não cabem em si de júbilo.

No entanto, como as mocinhas são mocinhas mesmo em tôdas as partes do mundo, a garôta mais admirada por suas companheiras, é a que tem êxito com os rapazes; isto é: a que tem "dates", encontros, convites...

É êsse o tipo da mocinha que quando é chamada por telefone, para marcar datas de saída indica uma para quinze ou vinte dias depois. E o rapaz que convida aceita contentíssimo. Cada vez que a encontra, na rua, com outro, diz para si mesmo:

— Um dia sairá comigo!



ESTRANHO ENTERRAMENTO

O escritor e poeta inglês Ben Johnson está enterrado na célebre Abadia de Westminster, de acôrdo com uma promessa que lhe fôra feita pelo então rei Carlos I, da Inglaterra. Porém o mais curioso é que Johnson foi enterrado... de pé! Isto porque, quando o rei Carlos lhe prometeu enterrar na abadia, consentiu que êle próprio escolhesse o lugar. O poeta indicou um pedaço de terra, num cantinho e, anos mais tarde, ao morrer, surgiu uma dificuldade. Do local escolhido pelo poeta, restava apenas um espaço de 18 polegadas, vazio. Que fazer? O rei tinha que cumprir sua palavra! Mas havia espaço insuficiente! Entretanto, essas 18 polegadas eram... **de superfície,** apenas! Para baixo podiam cavar até não mais acabar... Assim tudo ficou resolvido. Fizeram um buraco com oito pés de profundidade e nêle meteram o caixão de Johnson, que ficou de cabeça para cima.

E o monarca comentou:

— Não só cumpri minha promessa como Johnson ficou em posição privilegiada!



A MULHER IDEAL

SEGUNDO um escritor francês, é aquela que, embora fiel, é tão gentil e amável como se fôsse infiel. — **Oscar Wilde**

EU SEI TUDO

N.º 456 — Ano XXXVIII N.º 12 — Maio — 1955

SUMÁRIO:

O mistério das aves faladoras (conto) 5
Estranhos projetos da segunda grande guerra (Capturar aviões com um raio de luz — Gêlo, nova arma de guerra — O que era o Habakkuk — Sensacionais revelações de um jornal londrino) . 9
Conselhos de uma quituteira 13
Madrasta (conto) 14
Uma que não esquece 18
O novo mapa-mundi das enfermidades 19
A "barbeira" que renunciou ao cinema 24
Segrêdo naval 24
O tesouro dos piratas (A verdadeira história da galera misteriosa e uma sentença memorável da côrte de justiça de Dublin) 25
A "boa-resposta" do mês 27
De Mille sempre sensacional 27
Economia doméstica 28
Cortisona para as vítimas da apoplexia 28
Um homem egoísta 28
Habitamos uma esfera tremente! As pulsações secretas do orbe 29
A fôrça de um juramento (romance, continuação) 35
Teste no pântano (conto) 44
Quase devorado pelas formigas 49
É a lei! 43
Disfarce 43
Diferença 43
Definição 43
Que fome! 43
Experiência 43
Êste mundo louco 54
Neblinas da História: Filha do Tzar (Episódio Histórico) 55
Lutem contra o ruído, mas não contra a vida 60
Ora! Deixe de fumar! 63
Tudo se explica — Que quer dizer abúlico? 65
Mil quilos na ponta de um fio 66
Por que teimam em voltar? (Que fôrça misteriosa impele os veteranos a voltar... para ser surrados?) 69
Mesa de grande utilidade 71
Que fariam vocês (conto) 72
Viagem frustrada 75
Peixe com pelúcia 75
Represálias 75
Da idade de "brôto" ao casamento (Estampas norte-americanas) 76
Doente do coração é, quase sempre, doente da aorta 81
Vingança tardia e trágica 86
Para combater o acne 86
O diário de Felix Lane 87
Memento de EU SEI TUDO 95
Charadas — Quebra-cabeças 103
Nos domínios da gramática 109

CORRESPONDÊNCIA

Antoine Marie Sittoz (Salvador, Bahia) — Leia o amigo o artigo publicado nesta mesma edição e estará muito bem informado (por um ilustre médico francês) sôbre o assunto que lhe interessa de forma tão urgente.

Almério da Cunha (Belém, Pará) — Não está enquadrado nos moldes desta revista, dado que poderá ser mal recebido pela grande massa de nossos leitores. De acôrdo?

José Venosa (S. Paulo) — Sua sugestão será estudada com muito interêsse. Voltaremos ao assunto. Gratos.

Albertina Miranda Soares (D. Federal) — Não recebemos. Também gostaríamos de ter mais e mais trabalhos dêsse autor. Sem sombra de dúvida, publicamos cêrca de oito romances dessa escritora. Há outros, sim, mas êstes não são do mesmo valor dos publicados.

A CAPA — Bem a propósito o assunto da nossa capa. "O Mapa-mundi das Enfermidades" (ver artigo no presente número) nesta hora em que, graças ao gênio e a tenacidade do dr. Jonas Salk, a ciência conta, agora, com uma arma poderosa contra o flagelo da poliomielite. Possa ela, breve, ser também varrida do mundo, alterando mais uma vez, em favor da Humanidade, o mapa geral das enfermidades em nosso planêta.

AOS NOSSOS LEITORES: — Vem de muitos meses a nossa luta. Procuramos com todo empenho superar os obstáculos surgidos dia a dia com o encarecimento geral das utilidades indispensáveis aos nossos variados labôres, com o intuito de evitar qualquer aumento no preço de EU SEI TUDO. Infelizmente, perdemos a grande batalha e não nos coube outro recurso, para manter esta tradicional publicação nos moldes em que sempre nos orgulhamos de oferecê-la ao público, senão o de elevar o preço de venda do exemplar para SETE CRUZEIROS, pelo qual passará a ser editado a partir dêste mês. Estamos seguros de que os nossos leitores compreenderão essa medida extrema como um ato absolutamente forçado e inadiável e continuem a nos dispensar o bom agasalho que sempre temos merecido e muito agradecemos.